UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE RIO CLARO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA E CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DA FESTA AO TERRITÓRIO: O RODEIO NO ESTADO DE SÃO PAULO E SUA MERCANTILIZAÇÃO

Cesar Gomes da Silva

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutor em Geografia.
Área de Concentração: Organização do Espaço.
Linha de Pesquisa: Espaço, Cultura e Sociedade.
Orientação: Prof. Dr. José Gilberto de Souza.

RIO CLARO
2016

910.1
S586d

Silva, Cesar Gomes da
Da festa ao território : o rodeio no estado de São Paulo e sua mercantilização / Cesar Gomes da Silva. - Rio Claro, 2016
352 f. : il., gráfs., tabs., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: José Gilberto de Souza

1. Geografia humana. 2. Brasil. 3. Estados Unidos da América. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

CESAR GOMES DA SILVA

DA FESTA AO TERRITÓRIO: O RODEIO NO ESTADO DE SÃO PAULO E SUA MERCANTILIZAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutor em Geografia.

COMISSÃO EXAMINADORA

01. Prof. Dr. José Gilberto de Souza (IGCE-Unesp Rio Claro – SP) – orientador.

02. Prof. Dr. Jairo Gonçalves Melo (FCT-Unesp C. P. Prudente - SP)

03. Profa. Dra. Bernadete A. C. Castro (IGCE-Unesp Rio Claro – SP).

04. Profa. Dra. Natália Freire Bellentani (UFSCar São Carlos - SP).

05. Prof(a). Dr(a). Ana Claudia Giannini Borges (IGCE- Unesp Rio Claro – SP).

À Patrícia, esposa fiel e amiga, a meus filhos, razão da minha vida e de toda luta para meu crescimento profissional e pessoal, e a todos que partilharam de minhas angústias, regozijos, e acreditaram na concretização deste projeto e sonho.

AGRADECIMENTOS

No período de elaboração de um trabalho como este, inúmeras são as pessoas com quem entramos em contato e que, de maneiras distintas, nos aproximamos. Por vezes, acabamos por torná-las próximas às nossas relações de convivência. Além das pessoas, diversos também são os lugares que visitamos tanto na busca de fontes tão dispersas para formalizar e compreender nosso objeto de pesquisa, quanto para observar e registrar seu movimento. Assim, com receio de esquecer a contribuição de cada uma das pessoas que foram tão caras à realização deste trabalho cito, nominalmente, apenas aquelas que tiveram relação direta com a pesquisa e com meu retorno ao doutoramento.

Deste modo, agradeço ao **prof. Dr. José Gilberto de Souza** que aceitou o desafio e o risco da orientação. Embora, por muitas vezes, distantes fisicamente, a densidade técnica do espaço e a atualidade do meio técnico científico informacional nos aproximava permitindo que o silêncio fosse quebrado. Como pessoa e profissional, sua postura sempre foi a de abertura ao diálogo e ao convívio ao mesmo tempo em que não permitia que essas práticas e ações cotidianas interferissem em sua postura como orientador firme, leitor nevrálgico e provocador da crítica aos discursos e ao instituído.

Também, de maneira semelhante, torno público meu agradecimento e admiração ao **prof. Dr. Jayro Gonçalves Melo** que, mesmo tendo sido orientador do mestrado, suas idéias sempre estiveram presentes em minhas reflexões, pois, tornou-se amigo e interlocutor. Sua crítica aos discursos e a leitura dialética do cotidiano se fizeram presentes e constantes em nossos encontros. Além disso, nossos diálogos encorajaram-me a retomar ao doutorado, agradecimento esse que se estende igualmente ao prof. Dr. José Gilberto de Souza.

Às docentes e pesquisadoras profªs. Dras. **Ana Cláudia Gianinni Borges** e **Bernardete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira** pela leitura atenta, críticas e sugestões ao comporem a banca para o exame de qualificação deste trabalho. Devo enfatizar que caso algumas de suas sugestões não tenham sido incorporadas ao texto não significa menosprezo ou

que as mesmas não tenham sido pertinentes. Pelo contrário. Ocorre que tanto o tempo para a redação quanto a para a realização da vida cotidiana inviabiliza maiores ousadias intelectuais. Deixo à vocês minha plena gratidão.

Ressalto, ainda, meus agradecimentos ao **corpo técnico-administrativo** tanto do **Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE)** quanto da **Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT)**, ambos ligados às bibliotecas e às seções técnicas dos programas de pós-graduação em Geografia oferecidos pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Em lugar proeminente, agradeço à **Patrícia**, minha esposa, que sempre esteve à meu lado encorajando-me nos momentos mais difíceis e partilhando sorrisos mesmo em ocasiões tristes de nossas vidas. Obrigado por sua compreensão pelas horas em que me ausentei, tanto física quanto espiritualmente. Ao carinho dispensado em meus momentos de angústia e à ajuda com as solicitações do lar e dos filhos, essenciais para que este estudo chegasse a esse ponto.

Por fim, mas, em primeiro lugar, agradeço, sobretudo a Deus, pois, sem ele, não teria chegado até aqui e muito menos conhecido todos vocês. E é para sua honra e glória que trago um pouco de cada um de vocês dentro de mim ao mesmo tempo em que levo os frutos dessas relações de convivência para minha vida, meu trabalho e minhas obras. Saibam que sem vocês esta tese não teria sido concluída.

Fecho essa parte com palavras do orientador e amigo José Gilberto de Souza, enviada a seus orientandos em dezembro de 2014, que sintetiza os sentimentos desse momento ao considerar que “apesar de nossas dificuldades, de nossos desafios, perdas profundas sempre ganhamos esclarecimentos sobre nossa trajetória no mundo e nosso papel na relação com os demais. Aprendemos sempre a amadurecer e a olhar o mundo com o sentido de humanidade e não como mercadorias, como passageiros. As pessoas permanecem em nós e nós permanecemos nos outros e temos sempre a possibilidade de decidir se permanecemos como algo bom ou como algo que não valeu a pena, como algo que o outro quer esquecer. Tenho para mim que todos vocês são processos bons e importantes em minha vida e por isso permanecem em mim, comigo”

*Eficácia, competitividade, sentido de tempo, espírito prático, achievement, performance, neutralidade afetiva, ascetismo, racionalidade e muitos outros são os valores da ideologia burguesa que aparecem nas relações que organizam tanto a produção material como a espiritual. No processo de socialização das pessoas na família, na escola, fábrica, banco, quartel ou outros lugares, esses são alguns dos valores que preparam e induzem as pessoas a harmonizar e automatizar as suas relações e atividades, da mesma forma que a crer na possibilidade do sucesso pessoal (**Octavio Ianni. Imperialismo e Cultura**).*

RESUMO

Surgido no âmbito da cultura europeia do século XVIII, foi nos Estados Unidos da América (EUA) que a concepção de negócio privado destinado a um mercado consumidor primeiramente adentrou o campo dos esportes. Diversos jogos, suscetíveis de organização e comercialização, foram regulamentados e convertidos em espetáculos esportivos em fins do século XIX. A lógica empresarial que direcionava a formação das equipes e a organização dos campeonatos foi fortalecida no século seguinte com a emergência de uma sociedade de produção e consumo massificados. Quanto ao rodeio, embora existisse como competição desde a década de 1860, somente em 1929, foi regulamentado e convertido em espetáculo esportivo com a criação da *Rodeo Association of America* (RAA). Seu formato serviu de modelo às demais organizações que a sucederam criando condições para a constituição do território do rodeio naquele país. No caso brasileiro o modelo empresarial e esportivo de rodeio, iniciado com a RAA, será adotado somente em 2001. Embora recente, a constituição do território esportivo do rodeio brasileiro é resultado de um longo processo de "americanização" de suas modalidades iniciado em fins da década de 1970 com a introdução da montaria em touros e consolidado com a territorialização da *Professional Bull Riders* (PBR), *Incorporation* em 2006. Assim, pautado no materialismo histórico-geográfico como método de abordagem, o presente trabalho procura compreender o processo que originou o território esportivo do rodeio tanto nos EUA quanto no Brasil e suas relações. Propõe, com isso, contribuir com a revisão da história e da geografia do rodeio brasileiro. Em síntese, busca demonstrar que a constituição de um território esportivo do rodeio brasileiro faz parte de um movimento mais geral de transformação do território esportivo do rodeio nos EUA, que por sua vez, é produto da difusão da indústria do entretenimento, da globalização, e reflete o desenvolvimento geográfico desigual do rodeio.

PALAVRAS-CHAVE

Território, Rodeio, Brasil, EUA, São Paulo

ABSTRACT

Born in the European culture of the eighteenth century, it was in the United States of America (USA) that the concept of private business for the consumer market first entered the sports field. Several games, capable of organization and marketing, were regulated and converted to sporting events in the late nineteenth century. The business logic that directed the formation of teams and the organization of the championships was strengthened in the next century with the emergence of a society which produces mass consumption. The rodeo, although happening since the 1860s, only in 1929, was regulated and converted to sporting spectacle with the creation of the Rodeo Association of America (RAA). Its format was a model for other new organizations creating conditions for the formation of the rodeo sport territory in that country. In relation to Brazil, the sporty model business, started with the RAA, will be adopted only in 2001. Although new, the constitution of the Brazilian rodeo territory is the result of a long process of "Americanization" of their arrangements initiated in the late 1970s with the introduction of riding bulls and consolidated with the distribution of the Professional Bull Riders (PBR), Incorporation in 2006. Thus, guided by the historical-geographical materialism as a method of approach, this paper seeks to understand the process that created the rodeo territory both in Brazil. Proposes, therefore, to contribute to the revision of history and geography of the rodeo in those countries. In short, seeks to show that the formation of a Brazilian rodeo sport territory is part of a wider movement to transform the rodeo sport territory in the U.S., which in turn is the product of the diffusion of the entertainment industry, of the globalization, and reflects the uneven geographical development of the rodeo.

KEYWORDS

Territory, Rodeo, Brazil, USA, São Paulo

PRÓLOGO:

Do Campo à Academia: a trajetória pesquisador-pesquisa-pesquisador

Desenvolver uma tese pressupõe a efetivação de um exercício intelectual realizado, na maior parte das vezes, na reclusão e no silêncio da companhia de pessoas que amamos; no distanciamento dos familiares, dos amigos, e das reuniões festivas. É resultado, também, dos deslocamentos físicos, da poeira e da solidão das estradas percorridas, muitas vezes desconhecidas. Embora seja essa, uma fase da vida marcada por períodos de isolamento e reflexões científicas, é também um momento no qual o cientista social se enfrenta, se defronta consigo mesmo, com sua trajetória de vida, com suas forças e fraquezas.

Assim, se por um lado, os anos de doutoramento, tanto na FCT quanto no IGCE, me possibilitaram avançar e amadurecer teórica e conceitualmente no âmbito da ciência geográfica, por outro, permitiram-me melhor conhecer certos aspectos de minha própria vida e, por conseqüência, a respeito do meu próprio ser social. Durante esse tempo, por diversas vezes me defrontei com meu passado. Um passado que, embora vivido, estava oculto pela “poeira do tempo”, esquecido nas “encruzilhadas da vida”. Deixado de lado em função dos compromissos profissionais e familiares, da racionalidade e a materialidade da vida cotidiana.

Enquanto realizava a pesquisa de campo e redigia este relatório, todo um passado que estava guardado e empoeirado por diversos anos emergiu e se fez presente em momentos de ponderação acerca de minha vida pessoal e dos caminhos por mim tomados até então. Nesse sentido, mergulhar objetivamente nos “territórios do rodeio” me fez recordar de fatos, sons, cheiros, gostos e episódios estocados em minha história de vida que se fizeram presentes em minha infância e juventude.

Mesmo ciente da relação objetiva entre pesquisador-objeto, meu ser social foi sendo constantemente questionado e, ao mesmo tempo, revisto tanto temporal quanto espacialmente. Nesse movimento pude tomar consciência de que, da mesma forma como a dialética orientava meu plano intelectual, científico e acadêmico, outras áreas de minha vida também a refletiam. Angústias e júbilos,

fracassos e êxitos, imaturidade e maturidade, receio e segurança, novas e velhas amizades constituíram os principais pares dialéticos presentes na revisão não apenas dos meus papéis sociais, mas, de toda minha trajetória de vida.

Na esteira de tensões que se expressavam, tanto interna quanto externamente, o professor, o aluno, o pesquisador, o amigo, o pai, o filho, e o marido, foram questionados e repensados intensamente de tal modo que, nesses últimos anos, senti-me semelhante a um odre que, para receber o vinho novo, deve ser primeiramente esvaziado do vinho velho.

No desenrolar desse processo, uma questão se fazia cada vez mais redundante: a previsibilidade e a imprevisibilidade da vida. Mesmo considerando que, como eu, muitos também não sabem com exatidão a razão de certos acontecimentos em suas vidas, o caminho que deverão seguir, ou mesmo onde estão ou para onde irão, reconhece que a vida tem um jeito próprio de fazer as coisas mais previsíveis não acontecerem ao mesmo tempo em que coloca as imprevisíveis em nossos caminhos e as tornam razão e sentido de nossas vidas. Desse modo, ao juntar e alinhavar os diversos retalhos de minha história acadêmica aos de minha história pessoal, a vida retomava seu sentido.

Mas, porque estou dizendo isso? Em primeiro lugar porque boa parte da minha história de vida foi construída direta ou indiretamente pelo rodeio e, em segundo lugar, porque, embora os caminhos profissionais por mim tomados tenham me distanciado do rodeio, foi a pesquisa científica quem me redirecionou a ele. Assim, considero que a escolha do rodeio como objeto deste estudo desenvolveu-se a partir de dois momentos: minha história de vida e a teoria. Mais claramente, ele passou a existir primeiro no plano afetivo, ou seja, em mim e, só posteriormente, no plano científico, teórico e conceitual, haja vista o rodeio ter entrado em minha história de vida muito antes da ciência ter tomado corpo e sentido para mim.

Isso porque, entre os dois e dezessete anos de idade, residi com meus pais na zona rural do município de Clementina/SP. Durante aqueles dezesseis anos, salvo as idas à cidade para comprar mantimentos, meu universo lúdico atava-se diretamente ao trabalho e à lida diária com o gado e com os animais de trabalho na fazenda. Assim, desde a infância minhas diversões tenderam a se ligar cada vez mais ao tempo do gado, ou seja, aos períodos de apartação, manejo, vacinação, castração, cura e descorna.

Outros momentos de diversão na fazenda eram as domas de animais para o trabalho e, nas tardes de sábado, as brincadeiras no curral. As domas eram realizadas, costumeiramente, aos finais de tarde e, nelas aprendi, desde garoto sob a orientação de meu pai, a lidar com animais xucros, a como domá-los e, o mais importante, a como amá-los. Já, as brincadeiras, eram feitas por peões das fazendas vizinhas que, nas tardes de sábado, afluíam para o grande curral da propriedade onde brincavam de tourear, montar bois, ou auxiliar em nosso trabalho da doma dos animais para a lida.

Além desses, que se mostravam praticamente cotidianos, havia outros momentos extraordinários e, por isso mesmo, sempre aguardados por mim. Ocasiões em que tropas e tropeiros que, de tempos em tempos, passavam pelas fazendas da região comprando, vendendo, ou trocando eqüinos e muares. De fato, esses eram momentos extraordinários, pois, ao chegarem à fazenda pediam "pouso" para suas tropas e, naquele dia, durante o fim da tarde e boa parte da noite, reunidos no grande terreiro à frente à casa em que morávamos e ao som da noite do sertão e do violão tocado por meu pai, aqueles peões contavam inúmeras estórias, histórias e *causos*. Além disso, aqueles homens eram e tinham sempre novidades de "lugares distantes" para um garoto. Suas roupas, botas, cintos e chapéus eram muito diferentes dos nossos, daqueles que eu conhecia. Suas narrativas, sempre cativantes, giravam continuamente em torno do transporte de tropas, de boiadas, e de suas idas e vindas da "distante" e "fascinante" cidade de Barretos e da grandiosidade de sua festa do peão.

De minha meninice convertia as narrativas em algo distante e colossal. Enquanto ouvia as estórias, perguntava-me: "algum dia conhecerei Barretos, a 'cidade dos peões'?". "Verei algum dia uma festa do peão de que tanto falam esses tropeiros?". Ao mesmo tempo em que ouvia as histórias meus questionamentos misturavam-se à minha fantasia, à minha imaginação elaborando e reelaborando meu imaginário acerca daquele universo de narrações. Dialeticamente passado, presente e futuro se relacionavam em meus pensamentos levando-me a imaginar e projetar Barretos como uma cidade onde os peões ficavam nas calçadas; nas portas dos bares; cruzando as ruas a cavalo ou a pé; de braços cruzados encostados nas paredes dos estabelecimentos comerciais aguardando contrato de trabalho ou mesmo para serem vistos por quem naquela cidade viesse passar.

Por dez anos elaborei e reelaborei mentalmente Barretos e a festa do peão. Mas, em setembro de 1984 algumas incertezas foram dirimidas e minha história de vida tendeu a ligar-se mais íntima e objetivamente ao rodeio. Naquele ano, a Prefeitura Municipal de Clementina, juntamente com um grupo de munícipes que deram origem ao *Clube de Rodeio Sela de Prata*, realizou no estádio municipal a sua primeira festa do peão de boiadeiro – exemplo que foi seguido por boa parte das cidades da região como, Rinópolis, Braúna, Santópolis do Aguapeí, Coroados, Glicério, Gabriel Monteiro, Piacatu, Luisiânia, Penápolis, Iacri.

Recordo-me que meses antes da realização da festa a cidade foi pontilhada por cartazes que anunciavam o evento. Praticamente todos estabelecimentos comerciais, industriais ou de serviços serviram como espaços de divulgação daquele evento. Uma semana antes da festa começaram a chegar as estruturas, alguns animais, e alguns poucos peões responsáveis pela montagem das estruturas e pelo manejo dos animais. Os dias se passavam e, ao passo que a festa se aproximava, o número de peões aumentava e fazia com que a pequena cidade de três mil habitantes mudasse sua fisionomia por alguns dias. O clima de festa tomava conta da cidade. Nos três dias que antecederam à festa naquela semana, pude presenciar, pelos vidros laterais do transporte escolar, aproximadamente duzentos peões com trajes que remetiam aos *cowboys* do Oeste estadunidense distribuindo-se entre a praça central, a rua principal e os bares da cidade denunciando claramente que a cidade estava em festa.

Ainda está registrada em minha memória a tão esperada quinta-feira, dia da abertura oficial da festa do peão de boiadeiro. Eu, um garoto de doze anos, criado em meio à lida pecuária e estórias de tropeiros, contava com apenas o poder da imaginação para pensar como seria a “distante” Barretos e sua festa do peão. Em que pese todo meu esforço em construir uma imagem sobre a festa, minha imaginação ficava muito aquém daquilo que meus sentidos puderam trazer-me ao entrar, naquele dia, na festa do peão de boiadeiro.

Recordo-me que a pequena, porém densa caminhada, desde os portões de entrada do estádio municipal onde a festa aconteceu até as arquibancadas estive atônito, boquiaberto. Não conseguiria imaginar como tudo aquilo era colorido, sinestésico. Algo completamente diferente de tudo que já havia conhecido. Tudo era realmente novo, grandioso, intenso. Ainda que todos meus

sentidos estivessem aflorados, ainda assim não conseguiam captar a multiplicidade e polifonia daquele lugar. Certo estranhamento tomou conta de minhas emoções e pude reconhecer que minha imaginação de menino era, ainda, muito limitada para ter pensado a concretude da festa do peão de boiadeiro como realmente era.

Todavia, foi naquele ano que tive a oportunidade de ver, pela primeira vez, peões que não eram trabalhadores de fazendas como nós, mas, que viviam dos prêmios pagos pelos rodeios e que, ao som ensurdecedor de músicas sertanejas, e que à voz gutural de um locutor, montavam equinos e muares xucros de uma maneira completamente diferente da que conhecíamos. Além disso, não eram brincadeiras ou simples exibições como fazíamos nos currais aos sábados, pois, disputavam o prêmio de "melhor cavaleiro" da festa. Também não era necessário domar o animal. Bastavam apenas 8 segundos em seus lombos para serem aplaudidos pelos espectadores.

No ano seguinte, aos treze anos de idade, durante a 2ª Festa do Peão de Boiadeiro de Clementina, foi introduzida a montaria em touros. Devido à premiação para essa modalidade ser praticamente a metade da oferecida às montarias em cavalos, contou com reduzido número de peões, bem como de animais para a apresentação. Mesmo assim, a brutalidade dos saltos, a rusticidade dos animais bem como as músicas de fundo utilizadas para essas montarias provocaram meus sentidos. Dessa forma, fui atraído para essa modalidade passando a conhecer e estreitar relações de amizade com os peões que montavam em touros. Ao final de quatro dias de festa e intenso diálogo com os peões, me decidi: direcionaria minhas forças físicas e motivações pessoais para ser *cowboy* de touros.

Paralelamente à definição do "projeto de vida", aos quatorze anos tive meu primeiro "emprego": ser responsável pelo manejo de uma boiada de engorda na propriedade vizinha a que morávamos. Todos os dias o mesmo ritual se repetia. Às 13 horas, quando retornava da escola, almoçava, calçava as botas, colocava o chapéu, e, entre as 15 e 18 horas, selava o cavalo e percorria as pastagens para contagem do gado, verificava as condições das cercas de arame farpado e identificava se havia alguma cabeça de gado a ser curada. Embora desgastante em termos físicos, era prazeroso, uma vez que foi por meio desse trabalho que consegui os meios materiais para freqüentar as várias festas de peão

que aconteciam nas cidades próximas. Além disso, essa ocupação também proporcionou recursos suficientes para a aquisição de uma "tralha" (corda americana, esporas, polacos, luva) com a qual poderia treinar todos os dias a montaria em touros.

Os animais existiam. Eram os mesmos que se encontravam sob meus cuidados diários. Era só conduzi-los ao curral, fechá-los e montá-los. Se por um lado, já possuía os equipamentos básicos e os animais para treinar, por outro, restava assimilar as técnicas da montaria. Era com esse objetivo, o de aprender a arte da montaria que, ao contrário de ir às festas para assistir as montarias das arquibancadas, frequentar as barracas, passear pelo parque ou brincar, dirigia-me às "querências" [1], ou melhor, ao fundo dos bretes[2]. Naquele espaço, por meio da observação e diálogo assimilei as técnicas básicas e necessárias para iniciar minha "trajetória como peão de touros".

Após dois anos pude experimentar e demonstrar o que havia aprendido: aos dezesseis anos estava montando em touros como *cowboy* amador na Festa do Peão de Boiadeiro de Iacri/SP. A partir dessa festa, outras vieram: Água Limpa, Araçatuba/SP, Piacatu/SP; Braúna/SP; Glicério/SP; Rinópolis/SP; Parapuã/SP. Mas, os estudos não deveriam ser esquecidos e o rodeio "atrapalhava" a concretização do Ensino Médio. Em outros termos, era necessário priorizar e concluir os estudos em detrimento da "profissão" de peão de rodeio.

Em 1989, minha família mudou-se para a cidade. Vida urbana. Nesse novo ambiente tornou-se imprescindível um emprego que rendesse salário fixo para auxiliar nas despesas mensais. Solução: empregar-me como "fiscal de corte-de-cana" na destilaria do município. Por ser um trabalho que concedia apenas o domingo de folga, tornou-se impossível continuar a treinar ou mesmo montar. Além disso, o elevado índice de contusões daquela modalidade também me induziu a abandonar o rodeio, mesmo porque, os acidentes não relacionados ao trabalho não eram "bem vistos" pela empresa e a manutenção do emprego era fundamental. Assim, entre os dezoito e dezenove anos, respondi por diferentes turmas de cortadores de cana. Mesmo lidando com o meio agrícola, não me desfiz

[1] Área entre os currais ao fundo da arena na qual os peões arrumam seus equipamentos de trabalho. Também serve como vestiário e espaço de orações.

[2] Boxe onde o cavalo e o touro são fechados e preparados antes de serem montados e sair para a arena.

de meu *habitus* que vinha sendo construído. Nos “talhões”, durante o corte ou mesmo no arranque de pragas, continuava a ser chamado de *cowboy* pelos trabalhadores rurais.

Buscando melhorar de emprego e renda em 1992, por concurso público, ingressei na função de Oficial de Escola (Escola Estadual de Clementina). As condições de horário e salários desse novo trabalho garantiram-me as condições para continuar os estudos. Em 1994 ingressei na Faculdade de História mantida, na época, pelo Instituto Toledo de Ensino de Araçatuba/SP, concluindo o curso em 1997. Durante esse período um profundo distanciamento físico entre mim e o rodeio ocorreu. Não que eu deixasse de frequentar as festas de peão. Pelo contrário. Mas, não havia tempo e eu já não era mais o mesmo de outrora que pretendia unicamente ser peão de touros. Em outros termos, as coisas haviam mudado.

Esse distanciamento perdurou até aproximadamente 2001 quando ingressei no mestrado em Geografia, FCT/UNESP, Presidente Prudente. A partir de então, o contato com aquele mundo foi aos poucos retomado. Não a relação direta, mas, indireta, dada por meio do contato com pesquisas e trabalhos científicos que, embora não tivessem uma preocupação maior com o aprofundamento acerca desses eventos, buscavam analisa-los cientificamente. Tendo vivido e conhecido de dentro para fora esse universo, no qual me sentia um “nativo”, aos poucos fui sendo provocado, instigado e atraído pelo tema.

A questão latente e que importunava meus pensamentos baseava-se na relação entre senso comum e pensamento científico. O conhecimento vulgar que possuía desses eventos chocava-se com as análises e conclusões da parca produção científica que tomava o rodeio como objeto, Consequentemente, já fazendo parte de minha vida social, o rodeio adentrou, gradativamente, no universo de minhas preocupações como pesquisador. Gradualmente meu interesse ampliou-se a ponto de tentar compreender as representações que os sujeitos sociais ligados diretamente ao rodeio possuíam acerca daquele fenômeno.

Como se pode observar, o interesse pelo rodeio não surgiu, primeiramente, da necessidade científica. Antes mesmo de formalizá-lo concretamente como objeto de estudo, ele era para mim o lugar do afeto, da alegria, da amizade, do companheirismo, da festa, da música, das disputas, da

memória de um tempo que só me trazia saudades. Quando decidi compreender formalmente o rodeio, preocupei-me se, com essa reflexão científica, de mim fosse retirado o encanto, a magia, os sonhos e rompesse essa poesia, escrita pelo verde das pastagens, e declamada nos risos dos peões e nos aboios de meu pai ao gado que tangia, enquanto eu, menino de calça curtas, os admirava do alto do curral ou da janela da casa onde morávamos.

Pesquisar e escrever sobre o rodeio é, em parte, relembrar um passado que não é apenas meu, mas de muitos que compartilharam comigo a experiência de ter nascido e vivido em fazendas de pecuária do Brasil Central, principalmente, aquelas do interior do estado de São Paulo[3], pois, foi nessa região que o rodeio moderno, em especial, o de touros e o cutiano, se desenvolveu, espacializou e se territorializou por boa parte do Brasil. Portanto, reconstruir-se pela saudade não é apenas lembrar-se de um tempo distante que já passou, mas, é poder dar sentido a um presente a partir de elementos estocados no passado, resultado de nossas experiências. Em outros termos, fazer ciência é, também, realizar-se enquanto homem.

[3] Dentre vários companheiros de lida, devo mencionar dois amigos que, mesmo tendo seguido caminhos distintos, partilharam comigo direta e no mesmo tempo e espaço essa experiência: os atuais *cowboys* de touros Erasmo de Jesus e Jéferson Mota que ainda montam e conquistam suas vitórias tanto nas arenas quanto na vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1.1.	Festa do peão de boiadeiro e rodeio: distinções necessárias	**20**
1.2.	Espaço, Território e Territorialidade	**26**
1.3.	A espacialidade do fenômeno e suas interpretações.....	**33**
1.4.	Objetivos	**50**
1.5.	Metodologia	**51**
1.6.	A organização dos capítulos	**60**
CAPÍTULO I	"**ERA UMA VEZ NO OESTE": DAS PRÁTICAS RURAIS AO TERRITÓRIO DO RODEIO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**	**63**
1.1.	Das *fiestas* ao esporte: territórios e territorialidades do rodeio	**63**
1.1.1.	E era uma vez no México: espaço e território da *fiesta* hispano-americana.....	**65**
1.1.2.	A marcha para o Oeste e a mitificação do *cowboy*	**71**
1.1.3.	O *wild west show* e a consolidação da base do rodeio nos EUA.	**85**
1.2.	O território esportivo nos EUA e sua relação com o rodeio ..	**90**
1.2.1.	Gênese e consolidação do território esportivo nos EUA	**91**
1.2.2.	A constituição e as metamorfoses do território do rodeio nos EUA	**102**
1.3	A internacionalização do rodeio	**118**
CAPÍTULO II	**SOBRE TROPAS, BOIADAS, CIRCOS-TOURADA E EXPOSIÇÕES AGROPECUÁRIAS: PRÁTICAS SÓCIO-ESPACIAIS NA BASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO**	**123**
2.1.	Os antecedentes: em busca de outra narrativa que não a oficial..	**129**

2.2.	Estradas, Gado e Sociabilidade Pastoril: o substrato (i)material da festa do peão e do rodeio do BCP	**134**
2.3.	De cidade em cidade: os circos-tourada e a difusão de novas práticas culturais	**155**
2.4.	A Feira e Exposição de Gado: a reafirmação da centralidade de Barretos na cultura pastoril da região, ou a celebração de uma época.....	**153**
CAPÍTULO III	**LOCALISMO, LUDICIDADE E AMADORISMO: A PRIMEIRA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (1950-1970)**	**162**
3.1.	Quem fazia o rodeio era o povo da cidade!	**163**
3.2.	Quem fazia os rodeios eram os fazendeiros que se sentiam satisfeitos simplesmente por realizar o rodeio.	**172**
3.3.	E tudo era amadorzão mesmo! E as coisas iam acontecendo!	**178**
CAPÍTULO IV	**DIFUSÃO, PROFISSIONALISMO E NEGÓCIO: A SEGUNDA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (1971-1999)**	**187**
4.1.	A lógica de mercado e a difusão do rodeio: o papel de tropeiros, boiadeiros, e companhias de rodeio na difusão e constituição	**191**
4.1.1.	Prefeituras, Clubes de Rodeio e Sindicatos Rurais: a ordem local e sua contribuição para a difusão da festa do peão de boiadeiro.	**201**
4.2.	Das experiências ao sistema de regras e profissionalismo: do cutiano à montaria em touros	**207**
4.2.1.	Na década de 1980 a “turma do boi” foi chegando devagar e foi mudando o rodeio.	**216**
CAPÍTULO V	**EXPANSÃO, PROFISSIONALISMO E EMPRESA: A TERCEIRA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (1991-2000)**	**222**
5.1.	As redes de TV e a indústria fonográfica descobrem o rodeio .	**226**
5.2.	Profissionalismo e empresa: tensões e conflitos pela	

	hegemonia no território do rodeio	**232**
5.3.	Experiência, classe e poder no processo de regulamentação da profissão de peão de rodeio	**256**
CAPÍTULO VI	**DA REGULAMENTAÇÃO À INTERNACIONALIZAÇÃO DO RODEIO: A QUARTA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (2001-2006)**	**288**
6.1.	A PBR nos EUA: formação, desenvolvimento e expansão	**291**
6.2.	A PBR e suas estratégias no Brasil	**301**
6.3.	Os corpos de peões e touros e sua mercantilização	**305**
6.4.	Corpos no território. Território nos corpos	**307**
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	**312**
	BIBLIOGRAFIA	**327**
	APÊNDICE	**355**

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

> O que eu quero dizer é que temos que defender a festa do peão. A festa do peão que tem música sertaneja, que tem as roupas tradicionais dos peões, que resgata a cultura caipira do nosso país, do nosso Estado, que tem os shows com as grandes duplas que eu gosto, que tem todos aqui que de certa maneira também gostamos. Mas a gente tem que trabalhar pra acabar não é pra acabar com aquele rodeio que em tese não tem maus tratos, mas, com o que acontece antes de ter rodeio. Porque o problema não é o rodeio profissional como é o de Barretos, mas o antes, como são os casos dos treinamentos dos peões que não são profissionais, e pra isso eles tem que montar até chegar ao nível do profissionalismo. Então a gente tem que defender a festa do peão mas sem esse tipo de atividade esportiva que na verdade não dá opção pra um dos instrumentos do esporte saber ou dizer se ele quer ou não praticar essa atividade. Quem é que lucra com o rodeio? (João Farias)[1]

> O rodeio é um senhor de 120 anos de idade que nasceu nos Estados Unidos. E ele teve vários filhos. Um foi pro Canadá, outro pra Austrália, um pra Nova Zelândia, um pro México, um pra Guatemala, e assim por diante, e um veio para a América do Sul e ele ficou um dos filhos mais poderosos. Esse é um senhor de 60 anos e nesse tempo já fomos oito vezes campeões mundiais (Esnar Ribeiro)[2].

> No Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, ainda é a cultura da festa que impera. Não é o rodeio. Lá os rodeios são tidos como qualquer outro esporte. Você compra sua entrada com cadeira numerada, compra seu cachorro quente, seu refrigerante, se acomoda com sua família e torce para os atletas. Aqui não. Aqui ainda é a festa que movimenta o público e isso limita o fortalecimento do rodeio como esporte aqui no Brasil[3].

1. 1. Festa do peão de boiadeiro e rodeio: distinções necessárias

As citações acima servem como porta de entrada ao trabalho ora apresentado. Nelas podemos reconhecer que, embora sejam tomados

[1] Vereador PRB – Araraquara/SP - MTV Debate - Discussão sobre o uso de animais para montaria em rodeios. Debate, na íntegra, ocorrido dia 11 de maio de 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=COJ6oejmIQs.

[2] Ex-peão de touros, comentarista de rodeios e apresentador do programa Arena em Debate do canal brasilruraltv.com. 1º Encontro de Defensores do Rodeio – São José do Rio Preto, 17 de setembro de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iq6e6KNR-a4

[3] Flávio Junqueira, diretor da Professional Bull Riders Incorporation (PBR) Brasil. Entrevista realizada em 07 de dezembro de 2007 em São José do Rio Preto/SP.

como sinônimos pelo senso comum, festa do peão de boiadeiro e o rodeio moderno[4] são eventos específicos, promovidos, organizados e realizados por sujeitos sociais dotados de poder e objetivos distintos – fato que sugere a existência de certas tensões que podem ser identificadas nos discursos acima.

Todavia, não é esse entendimento que comparece tanto na maior parte das pesquisas analisadas quanto no senso comum. Ao que parece o fato do rodeio ocorrer como o principal evento da festa do peão é a razão que leva tanto o senso comum quanto alguns pesquisadores a tomarem esses eventos como sinônimos ou partes de um mesmo fenômeno. mbora a festa do peão de boiadeiro e o rodeio continuem acontecendo vinculados, partilhando de um mesmo espaço-tempo e, em razão disso, sejam tomados pelo senso comum como sinônimos ou análogos, cabe reiterar que em suas trajetórias históricas vieram constituir territórios específicos, dotados de sujeitos sociais e territorialidades próprias[5].

---

[4] A partir desse momento passaremos a utilizar somente o termo rodeio para fazer referência às competições que envolvem bovinos e equinos. O termo rodeio moderno para fazer distinção entre as competições realizadas antes e após a regulamentação do rodeio como esporte no Brasil em 2001. Essa definição é fundamental para nossa pesquisa, pois, ao trabalharmos com o conceito de esporte moderno para compreender a atualidade do rodeio do Brasil Central Pecuário (BCP) optamos por seccioná-lo em duas categorias: o rodeio tradicional e o moderno. O primeiro é definido pelo caráter lúdico de jogo presente nas competições nas quais a espontaneidade dos competidores estava atrelada ao localismo dos eventos. Além d a ausência ou ineficiência de organizações específicas em estruturar uma sólida rede de eventos que pudessem se retroalimentar por meio de campeonatos e circuitos de rodeios tanto em escala nacional quanto internacional, caracterizam o primeiro. O segundo é marcado pela definitiva conversão do rodeio em uma atividade esportiva racionalmente organizada e orientada pela lógica empresarial, dotada de regulamentos, regras e profissionais próprios, com campeonatos regidos por diferentes organizações que operam tanto em escala nacional quanto mundial e a crescente presença do capital financeiro em seu funcionamento. Esclarecemos, ainda, que a categorização adotada não pressupõe que desconsideremos o movimento e a processualidade das mudanças pelas quais o rodeio transitou nesse pouco tempo de existência, pois, conforme procuramos demonstrar ao hip longo do trabalho, nossas reflexões levam em consideração a existência de fases de transição em cada uma delas.

[5] Durante a pesquisa de campo, realizada entre 2007 e 2008, aplicamos um mesmo questionário (Anexo 1) a 1691 (um mil seiscentos e noventa e uma) pessoas. Embora o número de colaboradores possa ser pequeno, se comparado ao número de pessoas que freqüentam as festas de peão, acreditamos que o volume de pessoas abordadas sirva para esclarecer a visão que o público tem acerca de festa do peão e rodeio. Isso porque, durante a pesquisa, procuramos selecionar um conjunto de pessoas que possuíssem faixas etárias, graus de instrução e origens sociais diferentes. Também nos preocupamos em aplicar o questionário a pessoas de diferentes cidades. Esse conjunto de entrevistados foi organizado da seguinte forma: nas festas de peão visitadas aplicamos 736 (setecentos e trinta e seis) questionários; em três escolas privadas aplicamos o mesmo questionário a 335 (trezentos e trinta e cinco) alunos do Ensino Médio de Araçatuba, Birigui, e Buritama; também aplicamos o mesmo questionário a 560 (quinhentos e sessenta) alunos de graduação dos cursos de História, Letras, Educação Física, Design de Moda, Comunicação Social, e Administração de

Mesmo que essa distinção tenha se tornado mais visível nas últimas décadas, sobretudo após a regulamentação do rodeio como esporte no Brasil em 2001, seus distanciamentos derivam de um longo e intricado processo de transformações iniciado, principalmente, nas últimas três décadas do tempo coevo e ainda em andamento.

Se em suas origens o rodeio bem como a festa do peão de boiadeiro eram organizadas e promovidas pelos mesmos sujeitos sociais, ao longo de suas trajetórias foram apropriados por diferentes sujeitos e agentes econômicos dotados de interesses, objetivos, ações, práticas e poder de maneira específica.

Conforme procuramos demonstrar ao longo deste trabalho, tanto os rodeios quanto as festas do peão boiadeiro foram difundidos primeiramente para cidades vizinhas à Barretos. Ao mesmo tempo em que esse movimento ocorria, nos anos e décadas seguintes também alcançaram boa parte do Brasil central Pecuário onde passariam a ocupar espaços importantes nos calendários festivos das pequenas e médias cidades dessa região.

Essa característica nos permite inferir ou mesmo categorizar a festa do peão boiadeiro como um evento local realizado anualmente em diferentes cidades do BCP[6] tal como as festas de aniversário da cidade e do padroeiro. Isso porque, em sua maioria são organizadas e realizadas por clubes ou associações de rodeio compostos por membros da sociedade local na qual a festa se realiza[7]. Dependendo de seu aporte financeiro, importância simbólica no conjunto de eventos desse tipo, ou pelo apelo midiático adotado

---

uma Instituição de Ensino Superior de Araçatuba; na mesma instituição, aplicamos o questionário a 60 (sessenta) alunos de pós-graduação (Especialização em História e Cultura).

[6] Nosso levantamento de informações a respeito dos estados nos quais a festa do peão é realizada assemelha-se àquele apontado por Pimentel (1997): Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.

[7] Durante pesquisa de campo pudemos constatar que a festa do peão disputa espaço com a festa do padroeiro ou aniversários das cidades, isso quando não são realizados concomitantemente. Também pudemos verificar que enquanto as festas religiosas envolvem famílias, mas, principalmente mulheres em sua realização, e as festas cívicas contam com a forte presença do poder público municipal, as festas do peão são tratadas como “coisas de homem”, de pessoas que “conhecem o mundo e a vida rural e da lida com a pecuária”. Entretanto, ainda que existam distinções entre as formas, os sentidos e os sujeitos sociais envolvidos em suas realizações, é possível reconhecer o sentimento de pertencimento local tanto antes quanto durante o acontecimento das diferentes festas.

podem repercutir e atrair consumidores de diferentes escalas geográficas desde o regional ou nacional e, por vezes, o internacional[8].

Quanto às suas dimensões simbólicas e materiais a festa do peão de boiadeiro procura, por meio de um conjunto de procedimentos simbólicos ou não, ritualizar e atualizar tanto as práticas pastoris do Brasil Central Pecuário (BCP) quanto o peão de boiadas. Esse apelo é visível já em sua primeira versão oficial (1956), pois, seu acontecimento esteve intimamente ligado à imagem e à memória de um lugar, no caso, Barretos/SP, e à sua trajetória ligada à pecuária de corte (PERINELLI NETO, 2002; TONON, 2000).

A partir de Barretos esses eventos foram elaborados e atualizados conforme as novas demandas e a densidade técnica do espaço geográfico. Majoritariamente realizada entra as noites de quinta-feira e domingo, a festa realizada no recinto pode ser tratada como um evento estruturado, demarcado com procedimentos, discursos e narrativas que buscam, pela repetição e pelo acionamento de símbolos e práticas ligadas ao transporte de boiadas, ritualizar a "ideia de resgate da tradição pecuarista em moldes modernos" (PIMENTEL, 1997, p.41).

De modo geral as festas do peão de boiadeiro seguem uma mesma sequência de eventos. Em razão disso, nela podem ser encontrados os elementos que a constituem como um enredo, isto é, "como uma via pela qual uma sequência de eventos modelados numa estória gradativamente se revela como sendo uma estória de um tipo determinado" (PIMENTEL, 1997, p.51).

Essa sequência de eventos pode ser dividida em dois grandes momentos: a abertura e o encerramento do evento. O primeiro momento é marcado pela ocorrência de uma cerimônia cívico-religiosa, com a participação ou não de um representante do clero católico. Nela a dimensão religiosa tem a função de "abençoar" os competidores e, por isso mesmo, está centrada no

[8] Durante pesquisa de campo pudemos reconhecer que o aporte financeiro, a publicidade e propaganda, bem como a importância histórica do evento resultam na existência de festas do peão que acionam uma ou mais escalas geográficas. Clementina/SP e eventos semelhantes encontram-se no nível regional. Jaguariúna e Americana/SP operam no nível nacional e, Barretos/SP aciona es três escalas geográficas. Ao que parece a posição que uma festa ocupa no campo de poder pode ser interpretado pelo conceito de capital simbólico proposto por Bourdieu (1998) o qual depende diretamente da soma dos diferentes capitais (o social, o político, o econômico e o cultural) presentes e manifestos tanto nas ações dos sujeitos sociais que a organiza quanto na trajetória histórica do evento (BOURDIEU, 1998).

culto à Nossa Senhora Aparecida e à São Sebastião, cognominado no mundo dos rodeios de São Sebastião do Rodeio. Em seguida ao ato religioso, ocorre uma cerimônia cívica pela qual os responsáveis pela organização além de usarem da palavra para dar boas-vindas a todos os participantes e visitantes e declarar aberta a festa, relembram o passado do evento por meio de discursos e homenagens aos fundadores do clube de rodeio ou idealizadores das primeiras festas do peão.

Embora tenham sofrido grandes mudanças em suas formas, sentidos e funcionamento, tornando-se eventos de consumo e fruição de massa, não perderam esse apelo inicial. Tanto que é comum na maioria dos eventos ocorrer o "desfile de encerramento" ou de "abertura". Nesses o enredo reforça a dimensão do passado, pois, contam com elementos da cultura material e simbólica do "tempo das tropas e boiadas". São os casos das "comitivas" e da "queima do alho". O apelo a essa dimensão nas vozes de locutores de rodeio que, de maneiras distintas, referenciam o peão de boiadas como "herói anônimo do sertão", versos e trechos de músicas sertanejas que enaltecem o peão de boiadeiro.

Realizadas majoritariamente em recintos construídos especificamente para a realização de rodeios em touros e cavalos, a festa do peão tornou-se opção de lazer para os habitantes das pequenas e médias cidades do BCP[9]. Com isso, passaram a ocupar espaço definitivo no calendário cívico e religioso de boa parte das cidades desta região[10].

Por sua vez, o rodeio – peça-central da festa do peão – pode ser compreendido como um conjunto de competições envolvendo peões de rodeio, touros e equinos, segundo cada uma de suas modalidades: cutiano, sela americana, *bareback*, montaria em touros, e as provas funcionais.

[9] Conforme informações obtidas durante a pesquisa, até meados da década de 1980 a festa do peão era realizada, em sua grande maioria, em campos e estádios de futebol. Pouquíssimas eram as cidades que contavam com recintos próprios. Já, na segunda metade dessa década, há um forte movimento de grupos sociais locais para a construção de estádios ou recintos dedicados exclusivamente à festa do peão e ao rodeio em suas cidades.

[10] Ao longo de nossa pesquisa pudemos constatar que enquanto a "festa da igreja" pode ser compreendida como um ritual da comunidade e, o "aniversário da cidade" um evento político local, a festa do peão de boiadeiro organizada mais como um festival tornando-se um evento social total. Isso porque nela são encontradas tanto a comunidade e o poder político local quanto sujeitos sociais estranhos ao lugar.

Seguindo um rígido padrão de regras que visam dotar as competições do caráter esportivo e profissional, os rodeios tenderam a aproximar-se gradativamente dos padrões estadunidenses tanto em termos de formato quanto de organização e funcionamento. Em razão disso, passaram por profundas transformações em seu sentido, forma, e formato originais.

Dentre as mudanças, as quais tornaram-se mais visíveis durante as últimas três décadas, podemos mencionar: i) a constituição dos primeiros circuitos nacionais de rodeio (Espora de Ouro e Fivela de Ouro, promovidos respectivamente pelas Organizações Globo e Grupo Bloch) na década de 1990; ii) a formação das primeiras associações, confederações e federações de rodeio, também na década mencionada; iii) o início da internacionalização da montaria em touros com *I Internacional Rodeo* em Barretos (1993); iv) a profissionalização das competições e a regulamentação da profissão do peão de rodeio por meio da Lei Federal 10.220/2001; e v) a consolidação da internacionalização das competições em touros com a entrada da PBR no Brasil em 2006.

Muito distante de suas formas e sentidos originais as competições de rodeio bem como seus profissionais passaram por profundas mudanças tanto em suas formas quanto em suas representações, desde sua primeira realização formal em Barretos (1956). Realizadas inicialmente sob a forma livre de montarias em cavalos atualmente as competições contam com complexa organização que aciona diferentes profissionais durante sua realização (fiscal de brete, juiz de prova, salva-vidas, comentarista, locutor, sonoplasta, tropeiro, boiadeiro).

As tropas e boiadas que até recentemente eram obtidas, em sua grande maioria, mediante “descarte” de fazendas também passaram por significativo refinamento e melhoramento genético. A partir da adoção de certa visão empresarial na formação e seleção de animais para o rodeio, tropeiros e boiadeiros passaram a se preocupar com a seleção e aprimoramento genético de seus animais. Nesse caso, a Companhia de Rodeio Paulo Emílio é o grande exemplo. Paulo Emílio além de contar com acompanhamento veterinário e genético proporcionado, principalmente, pelo curso de medicina veterinária do Centro Universitário de Rio Preto/SP (Unirp), também produziu clones de seu

touro Bandido. Importante também destacar que em 2010 a *American Bucking Bulls Incorporation* (ABBI) entra no Brasil e inicia os trabalhos de registro de touros de pulo no Brasil, traçando e preservando as linhagens dos principais touros de rodeio bem como unificando e promovendo a "indústria de touros de rodeio" no país.

Seus peões, dantes considerados "arruaceiros" e "baderneiros", passaram a ser tratados como "astros milionários" e "heróis do rodeio" brasileiro com direito à entrevistas em *talk shows* e outros programas televisivos. Esses são os casos de Adriano da Silva Moraes, Silvano Alves, e Guilherme Marchi[11]. Se em sua origem o peão de rodeio foi inspirado no peão de boiadas do BCP atualmente em muito dele se distanciou. Das botas de cano alto, bombachas, guaiacas na cintura, camisas de manga longa de algodão, lenço no pescoço, e chapéu de feltro de abas largas o peão de rodeio passou a vestir-se e comportar-se como um *cowboy* de rodeio dos Estados Unidos da América (EUA): botas *Justin*, calças jeans e camisas *Wrangler*, e chapéus *Resistol*.

Embora sucinta, acreditamos que essa breve explanação acerca das diferenças entre festa do peão de boiadeiro e rodeio permita reconhecê-los e, consequentemente, tomá-los como eventos específicos. É nesse sentido que os tomamos, neste trabalho, como territórios específicos. Ainda que complementares e de relação umbilical, constituem territórios autônomos, singulares, dotados de sujeitos, normas, práticas e relações sociais bem como símbolos próprios.

1.2. Espaço, Território e Territorialidades[12]

[11] Até o término de nossa redação (12/2015) Silvano Alves e Guilherme Marchi haviam alcançado mais de US$ 4 milhões de dólares em premiação pela PBR e Adriano Moraes mais de US$ 3 milhões de dólares.

[12] Não obstante, ainda que reconheçamos a polissemia e o intenso debate em torno dos termos espaço e território, salientamos que não é de nosso interesse aprofundar ou mesmo abordar tal questão epistemológica. Também esclarecemos que embora admitamos a necessidade e importância do debate acadêmico teórico-conceitual, ou mesmo da episteme da Geografia, entendemos que adentrar tal debate nos levaria a fugir da proposta deste trabalho. Nosso entendimento está pautado, essencialmente, nas contribuições de Milton Santos (1978, 1994, 1998, 1999), José Gilberto de Souza (2009), Marcelo José Lopes de Souza (1995),

Os homens vivem sua experiência integralmente como ideias, necessidades, aspirações, emoções, sentimentos, razão, desejos, como sujeitos sociais que improvisam, forjam saídas, resistindo, se submetendo, vivendo por fim, numa relação contraditória, o que nos faz considerar essa experiência como experiência de luta e de luta política (KOURY; PEIXOTO; VIEIRA; 1995). Nesse sentido a luta de classe é, ao mesmo tempo e na mesma medida, luta de interesses e de valores expressa e plasmada nas relações de poder estabelecidas entre os diferentes sujeitos históricos que produzem e reproduzem o espaço dando forma, sentido, historicidade e conteúdo ao(s) território(s).

Compreendendo o espaço como resultado dialético dessa experiência humana de constante tensão e que é vivida integral e socialmente, o território "deixa de ser um conceito que explica [...], para se tornar um fenômeno que [ao mesmo tempo em que] exige uma explicação [...] produz conhecimento" (SOUZA, 2009, p.99). Por sua vez, o espaço, embora seja palco no qual a história das lutas de desenvolve e se projeta, é produto humano, resultado da ação concreta dos homens e das relações sociais estabelecidas entre si. É, portanto, a objetivação das relações de produção ou, como quer Souza (2009, p. 105), "é campo [de poder na leitura bourdiesiana], materialidade e representação da ação humana [...]. [Resultado] do trabalho percebido como ação material e imaterial sobre a realidade e sobre si".

Se por um lado é no espaço que as lutas são travadas, por outro, é o resultado desses embates que produzem os territórios. É, portanto, no quadro de diferentes disputas estabelecidas entre distintos sujeitos sociais que, dotados de intensidades desiguais de poder e de intencionalidades de

---

Rogério Haesbaert da Costa (2004), Claude Raffestin (1993), David Harvey (1992, 2006a, 2006b), Edward W. Soja (1993), e Marcos Aurélio Saquet (2007). Antecipamos que é de nosso conhecimento a existência, mesmo que mínima, de divergências ou discordâncias entre os teóricos mencionados em torno dos conceitos apontados – ainda que nossos interlocutores partilhem de uma teoria social crítica, fundada no materialismo histórico e na dialética, para compreenderem o espaço geográfico – o que para nós não significa empecilho, quando sua leitura se vincula à materialidade social. Desse feito, conforme apontado anteriormente, chegamos ao entendimento que converge para aquele proposto por Souza (2009) de termos o espaço como categoria geográfica enquanto o território como fenômeno a ser interpretado.

ações diversas que parcelas do espaço, prenhe de territórios[13], são apropriadas de maneira distinta e desigualmente pelos sujeitos históricos gerando os territórios.

Dessa forma, o campo da ação política e do fazer política ultrapassa o âmbito estritamente institucional, os limites da presença e da ação do Estado para se colocar na multiplicidade de formas, graus e intensidades de poder presentes e manifestas nas estratégias de controle e de subordinação no social, para não dizer, do capital. Tal entendimento não exclui o Estado enquanto agente de poder e de organização do espaço. Pelo contrário. Coloca-o como instrumento de classe que ordena o mundo adequando institucionalmente a supraestrutura às mudanças infraestruturais.

Dito de outra forma é por meio do Estado, sintetizado sob a forma de governos, que diferentes grupos de poder materializam suas forças no espaço. Por meio de ações institucionais pode reestruturar o ordenamento político-jurídico e, dessa maneira, atender às diferentes demandas e acomodar as tensões ao atender os interesses de classe ou do modo-de-produção vigente. Serve, portanto, como instituinte e legitimador das diferenças sociais e da dominação.

Assim, se a dominação permeia e plasma todo o conjunto da vida social, a resistência está aí igualmente presente, não apenas de forma organizada, mas também de maneira “surda”. Daí a importância que adquire a interpretação dos modos de como a população organiza seus divertimentos, suas festividades, suas formas de representar e ironizar a luta do cotidiano e que certamente se articulam, dentre outras formas, com as literárias, a música, a poesia, as religiosas, as lúdicas e esportivas (KOURY; PEIXOTO; VIEIRA; 1995).

A leitura atenta e crítica a essas manifestações é que nos permitem identificar e localizar por meio das classes, dos sistemas de produção, dos níveis de desenvolvimento tecnológico, das relações de trabalho estabelecidas, das representações sociais produzidas, das identidades

[13] O termo é de José Gilberto de Souza para fazer referência à fecundidade do espaço a ser apropriado e gerar territórios. (Notas de Aula da disciplina Estado e Agricultura no Brasil oferecida em 2006 junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT-Unesp/Presidente Prudente).

partilhadas e suas ancoragens, das intencionalidades e, consequentemente, a emergência dos territórios.

Compreender o espaço geográfico e o território sob esse viés é admitir que o poder e a dominação não se localizam apenas no aparelho de Estado ou no nível do econômico, mas, que engendra mecanismos de controle os quais se materializam em todo um processo de disciplinarização da população que é, por sua vez, direcionado por e a partir de sujeitos dotados de poder e interesses muitas vezes divergentes, mas, ligados à lógica normativa do capital (THOMPSON, 1998).

Compete, portanto, ao pesquisador mostrar que o corpo está submerso num campo de poder. Na dimensão política do território deve mostrar como as relações de poder investem sobre ele, para torna-lo dócil e obediente. Na dimensão econômica evidenciar como o mesmo se torna útil e produtivo. Se consideramos o poder como um dos elementos do território é porque nele reconhecemos que o corpo, imerso em seu interior, deve tornar-se obediente e produtivo. Logo, produzido, transformado e reformado por meio de técnicas que o levam à sujeição (FOUCAULT, 1979, 1988).

Se a disciplina produz indivíduos produtivos e, ao mesmo tempo obedientes, torna-se necessário não só identificar os meios que precederam à disciplinarização como, também, entender de que maneira tais meios objetivaram sua concretização e provocaram a subjetivação que sujeitaram os indivíduos. Nesse caso os corpos que sofrem a ação das tramas do poder denunciam o processo de disciplina sofrido pelo peão ao longo da história do rodeio.

De peão de fazendas ou boiadas, marginalizado socialmente, foi transformado em atleta de rodeio. Para isso seu corpo teve que ser controlado, treinado, adestrado para tornar-se produtivo e fundamental à reprodução do território do rodeio.

Entendida dessa maneira a dominação, enquanto relação desigual de forças acaba por atravessar toda a atividade social, desde o trabalho, escola, família, até as formas aparentemente mais ingênuas de lazer e diversão (FOUCAULT, 1979, 1995, 1998; KHOURY, PEIXOTO, VIEIRA, 1995). Ao mesmo tempo em que disciplina a população, o poder é convertido e se manifesta sob a forma de dominação, historicamente expressa nos

diferentes modos-de-produção. Nesse diapasão podemos concordar com Raffestin (1993, p.52) quando afirma que o poder está “presente em cada relação, na curva de cada ação: insidioso, ele se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se até no coração do homem”.

Logo, acreditamos ter esclarecido que não entendemos o espaço geográfico como mero espelho ou receptáculo externo da sociedade, mas, como espaço social resultante de processos sociais que dialeticamente integram forma e conteúdo. Por conseguinte, iremos analisá-lo enquanto uma construção e condicionante integrado no desenvolvimento dos processos sociais.

Sob esse entendimento o espaço geográfico será aqui tratado como reflexo e condicionante das ações humanas. Expressão sincrônica e diacrônica dos tempos e espaços. Resultado e objeto das relações de produção de um dado momento histórico. Síntese do modo de produção hegemônico vigente. Das ideologias. Dos projetos concretizados e das possibilidades de superação do que está posto e instituído. Projeção humana, objetivação da vida e, por isso mesmo, material e imaterial.

Dessa maneira esclarecemos que espaço comparece, neste trabalho, como categoria de análise, enquanto território emerge como fenômeno que reivindica sua explicação, conforme salienta Souza (2009, p.112) ao sugerir que a “análise [geográfica] precisa reconhecer que as relações sociais produzem o espaço e, por sua vez, a diferencialidade destas relações produz o território”. O espaço, nesse sentido, é campo, materialidade e representação da ação humana, logo, histórico-social e resultado do trabalho enquanto o território é processo social.

Melhor esclarecendo, para nós o território se diferencia do espaço do ponto de vista em que o compreendemos como “o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático, [sujeito] que realiza um programa em qualquer nível” (RAFFESTIN, 1993, p.143). Se nossa concepção de território converge para aquela proposta pelo citado geógrafo francês torna-se evidente que neste trabalho o território é compreendido enquanto processo de apropriação de uma parcela do espaço pela ação de um ou mais sujeitos sociais. Assim, além de nos ocupar em compreender a maneira como essa

apropriação ocorre (concreta ou abstratamente) também nos preocupa reconhecer por quais ações e relações sociais (assimétricas ou não) o território do rodeio se constitui.

Compreendido como parte diferenciada do espaço geográfico, nesse sentido o território não existe em si, senão a partir das ações concretas de homens concretos. Portanto, fenômeno histórico e elemento constitutivo das relações sociais (SOUZA, 2009). A justaposição das atividades humanas cotidianas: do trabalho, do lazer, das normas e das leis que regulam a vida em sociedade. Do tempo ordinário e extraordinário que reforça ou subverte – mesmo que momentaneamente – o cotidiano. É, por conseguinte, a concretização, a objetivação do mundo sensível, das visões de mundo e de classe. Estabelecido e materializado nas lutas, nos conflitos, nos embates sociais e nas disputas espaciais. Desse modo, o espaço geográfico é, portanto, anterior ao território e é prenhe deste.

Desse entendimento podemos argumentar que o território não se constitui como conceito em si, mas, como construção histórica que reivindica sua interpretação. Como “consciência e matéria que exige uma explicação” (SOUZA, 2009, p.112). Logo, como unidade diferenciada do espaço, pois, envolve identidades, relações de poder, atividades econômicas ou não, organizações e representações sociais específicas e historicamente situadas no espaço.

Desse ponto de vista o território pode ser definido como parte específica e única do todo geográfico. Resultado do jogo desigual de forças firmado entre sujeitos sociais interessados no território (RAFFESTIN, 1993). Campo no qual diferentes sujeitos históricos, dotados de distintas intensidades e magnitudes de poder, escalas de atuação e objetivos se relacionam; estabelecem ou rompem alianças; compactuam ou divergem em termos de projetos políticos (RAFFESTIN, 1993). Ademais, não é campo apenas em termos de abordagem ou ferramenta de interpretação científica, mas, expressão de grupo social.

Por seu turno, entendemos a territorialidade como resultado e resumo de concepções elaboradas e reelaboradas historicamente pelos grupos sociais que constituem ou se apropriam de um território. A exteriorização de

práticas, representações e relações sociais estabelecidas e difundidas historicamente resultando em territorialidades.

Produto do entrelaçamento, da imbricação dessas relações de produção, que são ao mesmo tempo de poder entre indivíduos, classes e culturas de grupos sociais; de apropriação que geram o sentimento de pertença ou posse as territorialidades ensejam identidades territoriais. Nesse sentido, a territorialidade faz referência ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um território por um determinado sujeito social, o Estado, os diferentes grupos sociais ou as empresas (SANTOS, 1978).

À vista disso, a territorialidade diz respeito às relações entre um indivíduo ou grupo social e o seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas como uma localidade, uma região ou um país e, dessa maneira, expressando sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado território.

Supõe, enfim, o vivido territorial, em toda sua abrangência e em suas múltiplas dimensões cultural, política, econômica e social. Como atributo humano, ela é primariamente condicionada por normas sociais e por valores culturais, que variam de sociedade para sociedade no espaço e no tempo.

É a partir do entendimento do espaço geográfico enquanto projeção das ações e relações cotidianas estabelecidas e mediadas pelo/no trabalho; do território como campo no qual o poder se articula e se move e; da territorialidade como o conjunto de práticas e representações desenvolvido por instituições ou grupos, no sentido de controlar um território, que aventamos a ideia de que o rodeio constitua um território uma vez que expressa plenamente os quatro elementos que o explicitam e lhes dão forma e conteúdo: i) relações de poder; b) os símbolos; c) as normas; d) a identidade coletiva.

Por fim, é a partir desse conceito – território – que reconhecemos a viabilidade de identificar tanto a espacialização[14] do rodeio

[14] Adiantamos que espacialização é aqui entendida enquanto movimento concreto das ações e sua reprodução no espaço geográfico e no território. Do ponto de vista do movimento a espacialização é

quanto sua territorialização no estado de São Paulo[15]. Além disso, torna-se também possível identificar, em suas mudanças, a transposição escalar, considerando sua articulação com aqueles realizados nos Estados Unidos da América.

1.3 – A espacialidade do fenômeno e suas interpretações

Estima-se que no Brasil sejam realizados anualmente 1800 rodeios e festas do peão de boiadeiro. Desses, acredita-se que somente no estado de São Paulo sejam cerca de 600 eventos do gênero a cada ano[16], fato que nos permite afirmar que tais festas e competições ganharam receptividade e importância no BCP. Além desses números podemos concordar com outros também apresentados pela Confederação Nacional do Rodeio (CNAR) de que outros 1200 ocorram difundidos pelos estados de Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, e Paraná[17]. Em termos econômicos acredita-se que anualmente o conjunto desses eventos movimente de maneira direta e indireta aproximadamente 3 bilhões de reais anuais, gere 320 mil empregos diretor e indiretos, e sejam frequentadas por 30 milhões de pessoas[18].

---

circunstancial, é o presente (SANTOS, 1988). É, portanto, o conceito que nos permite mapear e cartografar a difusão espacial do rodeio no estado de São Paulo.

[15] Embora o formato do rodeio abordado neste trabalho seja comum em boa parte das pequenas e médias cidades do Brasil central Pecuário (BCP) optamos por concentrar nossas pesquisas no estado de São Paulo tanto em razão da quantidade de eventos anuais quanto por encontrarmos a gênese de seu formato atual na região de Barretos/SP. Todavia, a delimitação geográfica não impede que estabeleçamos relações de proximidade, analogia ou reciprocidade com eventos que ocorrem com maior frequência nos estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e, com Paraná, Tocantins e demais estados brasileiros.

[16] Dados obtidos junto à CNAR e comparados com aqueles por nós obtidos durante levantamento de informações realizado entre 2010 e 2014. Os dados coincidem com os indícios sugeridos Dos 645 municípios paulistas apenas 32 proíbem formalmente a realização de rodeios em suas áreas.

[17] Dados obtidos junto à CNAR e confrontados conforme levantamento realizado entre 2010 e 2014.

[18] Ainda que as informações apresentadas sejam provenientes de fonte ligada diretamente ao rodeio, no caso a CNAR, dificilmente conseguiríamos ter acesso e sistematizar um conjunto de dados semelhantes para confrontar os números apresentados por essa entidade. Não obstante, os dados fornecidos servem para demonstrar a relevância econômica e a espacialidade desses eventos no Brasil.

Para aquilatar ainda mais a importância e ubiquidade que essas festas e competições alcançaram no estado de São Paulo, basta um mirar panorâmico sobre qualquer porção do interior paulista. Na maioria das pequenas e médias cidades podemos notar a existência de um recinto de exposições e rodeio, objetos geográficos construídos a partir da década de 1980 por meio da articulação entre os diferentes níveis de poder: municipal, estadual, e federal[19]. Em razão disso, não há como ignorar a presença e a ubiquidade desses eventos no calendário de festas e comemorações anuais dessas cidades.

Todavia, em que pese essas evidências denunciarem a redundância que esses eventos assumiram nas últimas três décadas, ainda são parcos os trabalhos acadêmicos que se ocupam em interpretá-los. Ao buscarmos na produção científica brasileira trabalhos acadêmicos que tratassem do rodeio ou da festa do peão de boiadeiro no Brasil, acabamos nos deparando com parco número de pesquisas sobre o tema. Nesse conjunto, a produção insere-se, essencialmente, no âmbito da História e da Sociologia. Com isso, se por um lado, pudemos constatar - em larga medida – o silêncio da Geografia quanto ao rodeio, por outro, observamos que a maioria dos trabalhos insere esses eventos na compreensão da atual relação cidade-campo, urbano-rural, e não provavelmente por essa razão não se preocupa no aprofundamento de suas dimensões, sujeitos, práticas e estruturas sociais vigentes.

Desse modo, esclarecemos que grande parte das teses e dissertações analisada não se ocupa em compreender específica ou isoladamente o rodeio, a festa do peão de boiadeiro ou as exposições agropecuárias. Esses são temas de menor importância na maioria dos trabalhos e aparecem sob a forma de referências ao longo dos trabalhos. Quando isso não ocorre constituem motivo para a elaboração de um capítulo que aborde linearmente a trajetória desses eventos.

---

[19] Essa afirmação está pautada tanto na observação realizada durante a pesquisa de campo quanto nas informações obtidas junto às prefeituras municipais que responderam ao questionário por nós enviado.

Na medida em que a revisão bibliográfica se aprofundava denunciando essa primeira lacuna, outras também se tornavam evidentes e reivindicavam sua compreensão. Nesse caso, mesmo levando em conta as devidas contribuições pontuais e individuais de cada pesquisa científica, boa parte dos trabalhos que tratavam unicamente sobre o rodeio ou festa do peão de boiadeiro se caracterizavam, segundo nosso ponto de vista, como descritivos, folcloristas, economicistas, etnográficos, historiográficos com recortes temporais pretéritos, ou se restringiam a abordar e compreender exclusivamente a história da Festa do Peão Boiadeiro de Barretos/SP. Além disso, como a abordagem adotada e os objetivos desta pesquisa distanciam-se daqueles, os trabalhos com maior aprofundamento teórico-conceitual a respeito do rodeio perderam grande parte de sua capacidade explicativa às nossas indagações.

No conjunto desses trabalhos encontramos a dissertação de mestrado em Educação Física, defendida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) por Rhodes Albernaz de Almeida Serra, publicada como livro em 2000. Embora o autor aborde exclusivamente o rodeio de Barretos e defenda sua prática enquanto manifestação esportiva, nesse trabalho esteve preocupado em levantar e difundir informações sobre a prática do rodeio limitando-se, em função dessa intenção, a descrever sua organização e funcionamento.

Uma acurada descrição do rodeio, ou melhor, uma verdadeira etnografia é encontrada nessa obra. O detalhamento do rodeio desde o local para sua prática, passando por suas regras, equipamentos para montarias, até apresentar minuciosamente quais são os animais utilizados. Ainda nesse trabalho, procura apresentar algumas curiosidades sobre o rodeio, aborda a religiosidade do peão, define o estilo musical desses eventos, apresenta a relação dos campeões (1996-1999) das diferentes modalidades do extinto Campeonato Nacional de Rodeio Completo (CNRC) e conclui sua pesquisa com a descrição dos diversos profissionais envolvidos nesse evento e suas respectivas funções no rodeio.

É um trabalho, inegavelmente rico em imagens e detalhado sobre a organização e ocorrência do rodeio. Todavia, por ser essencialmente

descritivo, consideramos que a obra pode auxiliar àqueles que estão se iniciando no entendimento do “que é” e como se organiza o rodeio ou a festa do peão de boiadeiro. Não contribui, portanto, com uma abordagem e análise mais elaborada e crítica acerca desse fenômeno.

Isso talvez tenha advindo de alguns fatores ou certas limitações que podemos aventar. A primeira delas foi certamente a carência de um aporte teórico-conceitual sólido e crítico que lhe possibilitasse a leitura das contradições internas e inerentes a esses eventos – certamente esse não foi o interesse da pesquisa. A outra é a possível relação da pesquisa com o contexto histórico em que foi realizada e publicada sob o formato de livro.

Sobre esse aspecto, esclarecemos que, desde os primeiros anos de 1990, diferentes sujeitos sociais ligados diretamente ao rodeio sentiram-se profundamente ameaçados frente à gradativa intensificação das ações da Sociedade Protetora dos Animais (SPA) que via na prática dos rodeios maus-tratos impostos aos animais. Desde 1991 cidades como Santo André, São Bernardo e Diadema contavam com leis que impediam a realização desses eventos em seus municípios. A tensão tornou-se mais evidente em 1998 quando foi aprovada a Lei Federal número 9603, de 12 de fevereiro tornando "crime ambiental" a prática de atos de abuso, maus-tratos, mutilações ou ferimentos praticados contra os animais.

Com base nessa norma jurídica, promotores e juízes usaram essa lei para enquadrar os rodeios como atividades "lesivas ao meio ambiente". A justificativa estava na avaliação de que os animais que participavam das provas montarias, submetidos a esporas e sedéns, bem como das chamadas "provas funcionais" passavam por maus-tratos. O resultado foi o embargo de várias festas durante o primeiro semestre daquele ano. O receio do embargo também recaía sobre a maior festa do gênero na América Latina: Barretos, que realiza seu evento anual tradicionalmente na segunda quinzena do mês de agosto.

Assim, a produção de trabalhos científicos que defendessem o rodeio como prática esportiva e a difusão desse conhecimento a um público leitor poderia reforçar e salvaguardar os interesses e práticas dos empresários do rodeio. Nesse jogo de forças o Clube de Rodeio “Os Independentes” de

Barretos custeou a pesquisa desenvolvida (R$ 75.000,00) junto à Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Jaboticabal, liderada pelo prof. Dr. Tenório Vasconcelos[20], intitulada "Projeto Sedem". A pesquisa resultou em laudo denominado "Avaliação técnico-científica da utilização do sedem em bovinos de rodeio" e foi publicado em 2000 na Revista Educação Continuada do Conselho Regional de Medicina Veterinária/SP[21].

O laudo serviu como instrumento de reforço e validação científica à aprovação da Lei Federal 10.220/2001[22] que regulamentou a atividade de peão de boiadeiro como atividade esportiva profissional naquele ano. A partir de então, certos entraves e limitações impostas às festas de peão e rodeios foram superadas e os empresários desse segmento passavam a ter, tal como a SPA, respaldo jurídico.

Por fim, outra limitação e, possivelmente a maior, tenha sido a "paixão do autor" pelo rodeio. Provavelmente a relação afetiva do autor com o rodeio possa ter contribuído para inviabilizar uma leitura mais apurada e crítica acerca do tema. Isso porque, durante seu trabalho de campo, segundo palavras do próprio autor, "ao entrar pela primeira vez no Parque do Peão, sinto meu coração *cowboy* palpitar de emoção; à medida que avançamos em

---

[20] Até a conclusão de nossos trabalhos de campo o prof. Dr. Tenório Vasconcelos, já aposentado como docente da Unesp Jaboticabal, era o veterinário responsável pelo Centro de Convivência com Animais (ECOA). O centro é mantido pelo clube "Os Independentes" de Barretos nas dependências do Parque do Peão. Tenório Vasconcelos, além de ter sido contratado pelo clube é, também, membro honorário dos "Os Independentes". Outro aspecto que surtiu interesse foi a posição de pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), também da veterinária, que se opõem aos resultados da pesquisa desenvolvida na Unesp Jaboticabal. Essa questão será melhor apresentada no decorrer deste trabalho em momento oportuno.

[21] O referido projeto está registrado no Ministério da Cultura sob o nº 136.725, livro nº 218 e folha nº 209, disponível para consulta na FUNEP – Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia – Unesp – Campus de Jaboticabal. O resultado foi publicado em: VASCONCELOS, O. T.; ALESSI, A. C.; ESPER, C. R.; FRANCESCHINI, P. H. Avaliação técnico-científica da utilização do sedém em bovinos de rodeio. In: **Revista Educação Continuada CRMV/SP**. São Paulo: volume 3, fascículo 2, p.72-77, 2000. A publicação pode ser consultada em: www.revistas.bvs-vet.org.br/recmvz/article/download/3370/2575.

[22] A citada lei federal resultou da tramitação no Congresso Nacional de um total de seis projetos de lei acerca do tema apresentados por diferentes deputados ao longo de praticamente dez anos (1992-2001).

direção à arena esta emoção aumenta. Sentimento tão forte que me distancio de meus amigos e choro" (SERRA, 2000, s/p)[23].

Em suma, é um trabalho que, ao contrário de perscrutar as relações e os jogos de poder no interior desse evento, acaba servindo como veículo propagandístico da festa do peão de boiadeiro de Barretos e legitimador do discurso e das práticas sociais do rodeio brasileiro, omitindo as contradições, as desigualdades, e as lutas sociais geradas pelo desenvolvimento dessa atividade econômica e social. Ao mesmo tempo em que funciona como "cartilha" àqueles que não possuem intimidade com o rodeio serviu como instrumento para reforçar, no jogo de poder, as reivindicações daqueles sujeitos sociais ligados direta ou indiretamente ao rodeio.

Seguindo essa mesma linha descritiva, porém, somada ao viés folclorista, encontramos o trabalho de Ednéia de F. Nogueira. O trabalho monográfico de conclusão do curso de Turismo, realizado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), foi publicado como livro em 1989. É uma obra pioneira, pois, é reconhecido como o primeiro trabalho a tratar da festa do peão de boiadeiro como tema acadêmico. Porém, e muito embora a pesquisa prime pela ampla e intensa coleta de dados e informações da época nos jornais de Barretos, a autora desenvolve certa visão nostálgica e apologética da festa do peão de boiadeiro de Barretos.

Enaltecendo a ação dos "Os Independentes" de Barretos – talvez pela razão que foi elaborada: veículo de *marcketing* e propaganda turística, a pesquisa distorce o processo de constituição daquela festa ao desconsiderar a relação dos membros do clube com os saberes locais e a

---

[23] Com essa crítica não estamos postulando um total e artificial distanciamento do pesquisador em relação a seu objeto de pesquisa, mesmo porque, esse distanciamento foi construído sobre parâmetros de uma ideia de ciência do século XIX na qual os historiadores, direcionados pelos paradigmas daquele século, preconizavam a busca da verdade contida nos documentos, e sonhavam com a interpretação correta do que realmente se dera. Entendemos que esse distanciamento artificial, bem como essa idéia de ciência positiva, há muito tempo vem sendo desconsiderada pelos movimentos de renovação do pensamento social. Todavia, também entendemos que a reflexão científica passa, necessariamente, pela objetivação do tema, pela racionalidade, pelo uso adequado de teorias, categorias de análise, conceitos e metodologia.

cultura estadunidense na época, marcada pela “política da boa vizinhança”. Ao mesmo tempo em que narra a história da festa, a autora a realiza ocultando as causalidades, as arbitrariedades, omite e oculta as relações de poder estabelecidas entre o referido clube de rodeio, a cidade, e a política local.

Ocultando-as, transforma o fato em grande feito como, se todo começo e toda origem tivessem sido planejados e edificados por atos heroicos. Assim, ao contar a história da festa de Barretos a autora atribui, a esse fato, significados profundos, essências virtuosas e constrói uma narrativa constituída por processos lineares e contínuos. Sob esse entendimento, o referido estudo tem sua contribuição limitada em nossa pesquisa, pois, não é objetivo de nosso trabalho compreender a festa de Barretos, como também, não é nosso intento contribuir para a reprodução de visões e abordagens acríticas acerca dos eventos de Barretos bem como do rodeio brasileiro.

A dissertação de mestrado em Administração de Empresas, realizado por Álvaro Pequeno da Silva (2000), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), resultou em uma dissertação que, embora tenha rompido com certa visão descritiva, folclorista ou acrítica, também se preocupou direta e exclusivamente com Barretos.

Todavia, é um trabalho dotado de consideráveis informações estatísticas, gráficos e tabelas a respeito da cidade e da festa de Barretos. Ao priorizar em sua abordagem o caráter empresarial da festa o referido pesquisador consegue demonstrar, claramente, como os *Independentes* se apropriaram do saber e de um fato da cultura local e os transformaram em um negócio altamente rentável e de repercussão mundial.

Nesse sentido, ainda que o trabalho de Silva (2000) esteja vinculado a outra área do conhecimento e aborde exclusivamente a festa do peão de boiadeiro de Barretos, consideramos sua contribuição significativa, pois, aponta para um período histórico que anunciava a tendência de massificação e mercadorização da festa. Em outros termos, a pesquisa indica o provável caminho que seria tomado pelas grandes festas de peão de boiadeiro e as conseqüências desse processo para aquelas das pequenas cidades: a lógica liberal de mercado estava sendo incorporada por aqueles sujeitos sociais.

Já, a pesquisa de doutorado em Antropologia, realizada por Sidney Valadares Pimentel, na Universidade de Brasília (UnB), e publicada como livro em 1997, é rica na interpretação do discurso simbólico que envolve o sertão e sua "domesticação". O autor, com o objetivo de entender a noção de sertão predominante no Brasil, parte da festa do peão de boiadeiro, entendida como instrumento de mediação entre os signos sertanejos e urbanos, para propor uma reinterpretação do sertão.

Ocorre que, em seu trabalho, Pimentel (1997) parte de Barretos, considerado "evento fundador" das festas de peão de boiadeiro do Brasil, para analisar a festa do peão de boiadeiro da pequena Pirajuba/MG. Além disso, também associou essa festa local a outras instâncias de valorização desse espaço imaginário, o sertão, bem como os gêneros musicais caipira e sertanejo e a estrutura performática das festas religiosas, em diálogo com as festas do peão de boiadeiro. Em síntese, o trabalho de Pimentel (1997), ainda que seja de longe o de maior densidade e aprofundamento teórico-conceitual em relação aos anteriores, se insere no conjunto maior de pesquisas acerca do imaginário e das representações sociais, abordagens que não são adotadas por nós no presente trabalho.

Em outro trabalho, o de Rita de Cássia Amaral (1998), encontramos um capítulo dedicado ao rodeio, especificamente, a Barretos. Esse trabalho, resultado de pesquisa de doutorado em Antropologia Social, defendido na USP, procura compreender o sentido e o significado da "festa à brasileira". Para tanto, a pesquisadora realiza em seu estudo a interpretação de algumas grandes festas no Brasil, como o Círio de Nazaré, Parintins, Oktoberfest, Nossa Senhora de Achiropita, São João do Nordeste, Festas do Divino Espírito Santo no Centro-Oeste e a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos.

A pesquisa realizada pela citada antropóloga enfoca a capacidade que a festa possui em operar como mediadora das diferenças sociais e culturais dos diversos atores sociais e seus projetos presentes no "tempo da festa". É um trabalho denso, vivo, que aborda e analisa as diferentes concepções teóricas acerca da festa e da festa no Brasil. Todavia, quanto à festa do peão, seu estudo se orientou basicamente por informações coletadas

no *site* oficial do clube “Os Independentes” e priorizou sua importância filantrópica junto à cidade de Barretos, ou seja, como a festa se tornou um “meio de concentração e redistribuição de bens” ao contribuir, direta e indiretamente, para a fundação, ampliação e manutenção do Hospital do Câncer de Barretos.

Quanto à dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com o título “Ações motrizes e representações sociais no jogo do laço no Vale do Itabapoana”, Giuliano de Assis Gomes Pimentel (1999) procura identificar nos competidores do “jogo do laço” as ações motrizes e suas representações sociais.

Ainda que distantes de nossa abordagem, em razão dos temas, objetivos, e opções teóricas, alguns pesquisadores e seus respectivos trabalhos tornaram-se nossas maiores referências. Esses são os casos de João Marcos Alem (1996) que defendeu tese de doutorado em Sociologia; Humberto Perinelli Neto (2002) que elaborou dissertação de mestrado em História; Simone Pereira da Costa (2003) que desenvolveu tese de doutorado em Ciências Sociais; Álvaro Pequeno da Silva (2007) que abordou o tema em sua tese de doutorado em Ciências Sociais; e Magno de Lara Madeira Filho (2011) que desenvolveu dissertação de mestrado em Geografia.

Embora distintos em suas propostas e enfoques os pesquisadores mencionados contribuíram significativamente para que pudéssemos interpretar a construção da festa do peão de boiadeiro de Barretos (PERINELLI NETO, 2002); a incorporação dessas festas pela indústria cultural[24] (ALEM, 1996); o processo de esportivização do rodeio

[24] A expressão indústria cultural é utilizada para definir o sistema de produção industrial e mercantil de bens culturais disseminados através dos meios de comunicação de massa e consumidos em larga escala nos contextos históricos e sociais contemporâneos. Essa interpretação se encontra em consonância com a aquela dada por Theodor W. Adorno: “Em todos os seus ramos fazem-se,mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo”. *In*: Gabriel Cohn (1973, p.287). Interessante notar que, no nordeste, o processo de massificação da vaquejada contribuiu, também, para o surgimento de um novo tipo de forró: o “forró universitário”. Na região do Brasil Central pecuário, a industrialização das Festas de Peão de Boiadeiro, se desenvolve a música pop-sertaneja e, no sul, mesmo com a resistência dos Centros de

(COSTA, 2003); a ressignificação da figura do peão de boiadeiro em peão de rodeio e as consequências advindas desse processo (SILVA, 2007); e a conversão do espaço da festa em espaço do consumo (MADEIRA FILHO, 2011).

Analisando o discurso da modernização brasileira e a ideia de nação, o trabalho de Perinelli Neto (2002) demonstra intensa dedicação na busca (e produção) de fontes escritas e orais. Também rico em suas análises, pois, para dar conta de seus objetivos o autor busca diferentes referenciais das Ciências Humanas, não se restringindo à historiografia. Seu aporte teórico, ainda que assentado essencialmente na História Cultural dialoga profundamente com a Antropologia, a Sociologia e a Geografia. Todavia, ainda que o consideremos um dos trabalhos com maior densidade teórica e melhor elaborado o mesmo ainda se restringe a analisar a festa do peão de boiadeiro de Barretos entre 1956 e 1972.

Diferentemente das abordagens essencialmente descritivas, folcloristas, economicistas, ou antropológicas, Perinelli Neto (2002) evidencia a existência tanto de jogo de forças quanto de uma multidimensionalidade no processo de constituição da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos/SP. Ao identificar os diferentes sujeitos sociais, agentes, objetivos, práticas e representações sociais produzidas e disseminadas por esse evento este pesquisador enfatiza a necessidade de um pensamento complexo para abordar tal fenômeno. Em seu entendimento para que o cientista possa compreender esses eventos deve, além de buscar no passado o estoque material e simbólico que dá corpo, forma e sentido ao fenômeno, pensa-lo a partir de diversos elementos e processos históricos que vão, desde o local até o global.

Quanto ao trabalho de Alem (1996), sua contribuição está assentada no conceito *capira-sertanejo-country* elaborado pelo autor para interpretar a atual configuração do *neoruralismo* no Brasil. Contando, também, com amplo e sólido referencial teórico, dedica extenso capítulo (p.153-242) à análise do rodeio como *lócus* de produção e reprodução do discurso *neoruralista*. Mais que contribuir com o entendimento da *nova ruralidade*

Tradição, um novo tipo de música gaúcha se dissemina e incorpora o ritmo, os acordes e os instrumentos do meio urbano.

brasileira, esse pesquisador lança luz e abre caminhos para novas pesquisas que tenham o rodeio e a festa do peão de boiadeiro como temas. Mesmo que a base empírica também esteja restrita à Barretos, suas conclusões apontam para a gênese que deu origem à atual forma e sentido do rodeio brasileiro, no caso, o rodeio moderno.

Ainda que suas análises situem-se em período anterior ao reconhecimento do rodeio como esporte (2001) e não exista preocupação com o processo de espacialização desses eventos no BCP, é possível encontrar em seu estudo certa preocupação com a tendência à racionalização do rodeio e a presença, cada vez maior, da lógica concentracionista e monopolista na organização e reprodução dos eventos.

Com relação à tese de Simone Pereira da Costa (2003), esclarecemos que sua contribuição foi crucial para a construção de nosso entendimento a respeito do rodeio brasileiro. Tendo trabalhado com o Circuito de Rodeio Universitário, a pesquisadora buscou compreender primeiramente como, e porque, a cidade de Maringá/PR foi o berço dessa modalidade de rodeio.

Em sua tese de doutorado, nos capítulos 3 e 4, respectivamente, “Festas do Peão: a consolidação dos rodeios como uma mania nacional” e “Esporte e Paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil”, Costa procura esclarecer o processo, as vias e os mecanismos que levaram o rodeio ao seu reconhecimento como esporte no Brasil. Logo, sua contribuição foi direta em nosso trabalho. Além da tese, a pesquisadora produziu e publicou artigos derivados de sua pesquisa de doutorado. Neles, Costa sintetiza a discussão travada em 2003 e abre possibilidades para novas pesquisas acerca do tema.

Todavia, nossas abordagens começam a se distanciar quanto as teorias utilizadas para compreender o processo de “esportização” do rodeio. Costa adota a perspectiva da teoria dos processos civilizadores e da individualização elaborada por Norbert Elias (1992; 1994) e aprofundada em trabalhos sobre o esporte produzidos juntamente com Eric Dunning (1992; 1995). Mesmo reconhecendo a validade e importância desta corrente teórica para compreender os processos de desenvolvimento dos esportes, nossa

opção teórica se assenta principalmente na perspectiva da Geografia Crítica em dialogo com a História Cultural do Esporte (MANDELL, 2006) e a Sociologia Crítica do Esporte (BROHN, 1976; VINNAI, 2003).

Além do aspecto teórico, certamente por razões do enfoque, bem como dos recortes temporal e espacial adotados, a autora não avança no processo de circulação e formação de uma rede mundial do rodeio, mesmo que durante o período de sua realização, já existisse o campeonato mundial de rodeio universitário. Nesse sentido, a cientista social é clara ao definir seu objeto: o rodeio universitário brasileiro. Possivelmente, em razão disso, não tenha se proposto a perscrutar a potencialidade do rodeio universitário em escala internacional.

Outro trabalho, o mais recente acerca do tema, foi elaborado por Álvaro Pequeno da Silva (2007). Em sua tese de doutorado o autor retoma uma das faces de seu objeto de dissertação de mestrado: o lugar do peão de boiadeiro na festa do peão. Nesse novo trabalho o autor demonstra refinamento teórico-conceitual e amadurecimento temático, possivelmente proporcionado pela abordagem sociológica. Em seu estudo, consegue esclarecer a estrutura social em que estão inseridos o peão de boiadas e o peão de rodeio. Operando suas análises a partir dessas duas categorias sociais, também explica o “por que” e o “como” se desenvolve o processo de inserção dessas categorias na estrutura social dos rodeios.

Por ter sua pesquisa sustentada em ampla e sólida pesquisa de campo seus resultados e conclusões puderam contribuir diretamente com o presente estudo. Os dados apresentados – festas de peão de Americana, Araçariguana, Barretos, Jaguariúna, Mairinque e São João da Boa Vista, cidades localizadas no Estado de São Paulo – puderam ser comparados e cruzados aos levantados em nossa pesquisa. Tal procedimento permitiu corroborar a afirmação do autor em destaque quando considera que embora o rodeio tenha sido regulamentado como esporte, poucos ainda são os peões que possuem plena consciência de seus direitos e garantias trabalhistas.

Logo, o trabalho foi de grande valia, haja vista que pudemos reconhecer a existência de certa unanimidade quanto à forma como o peão de rodeio se vê e como é visto pelo público; além de constatar o desconhecimento

por parte do peão acerca da legislação que regulamenta o rodeio e o entendimento que o peão de rodeio tem acerca do rodeio como esporte ou profissão. Além disso, o autor centra seus objetivos na identificação e análise do papel do peão de boiadeiro no surgimento, efetivação e realização da festa do peão de boiadeiro na década de 1950. Ao trabalhar com recortes temporais distintos (primeira fase ou período embrionário: entre o século XVII e XIX; segunda fase ou período exibicionista: entre as décadas de 1940-1960; e terceira fase ou período da profissionalização: desde a década de 1970 até o momento atual), Silva (2007) caracteriza as atividades do peão de boiadeiro e do peão das arenas de rodeio.

Ainda que coerentes, em razão da abordagem e das dimensões recortadas para a pesquisa, as fases apontadas pelo autor quanto à história da festa do peão de boiadeiro estas não condizem com nosso entendimento. Para nós, a festa do peão de boiadeiro, entendida como evento de práticas rurais, organizado e promovido para consumo no urbano, tem seu evento fundador (Barretos) localizado em 1956 e, a partir dele, difundiu-se em ondas de maior ou menor intensidade por boa parte do Brasil Central Pecuário[25].

Portanto, em nosso entender, a primeira fase ou período da festa do peão de boiadeiro deve ser situada entre as décadas de 1950 e 1970, momento em que a ludicidade, o amadorismo e o localismo caracterizam esses eventos. A segunda fase, marcada por certa tendência de profissionalismo, ruptura com os localismos e autonomia do rodeio em relação às festas e exposições agropecuárias pode ser encontrada entre 1971 e 1999. E, a terceira e atual fase, iniciada a partir dos primeiros anos de 2000, contando como elementos definidores a regulamentação do rodeio como esporte, a profissionalização da atividade de peão de rodeio e demais profissionais do rodeio, e a tendência cada vez maior da “americanização” das competições,

[25] Utilizamos o termo Brasil Central Pecuário conforme Perinelli Neto (2009) que o concebe não como um espaço rigidamente definido e delimitado, mas, como uma região fluída constituída por laços espaciais e temporais tecidos entre fins do século XVIII e primeira metade do XX. É sob esse ponto de vista que definimos o BCP como uma área formada histórica e culturalmente a partir de práticas econômicas e sociabilidades específicas de tropeiros, criadores de gado e boiadeiros. às quais marcariam tanto material quanto imaterialmente as áreas pastoris do sul de Minas Gerais, nordeste paulista, triângulo mineiro, sul de Goiás, sul de Mato Grosso, noroeste paulista e quase a totalidade do Mato Grosso do Sul.

das ações corporativas (capital nacional e internacional) e da conversão de competições amadoras em campeonatos com organização e lógica esportivas modernas[26].

Seguindo a linha de pesquisa – *caipira-sertanejo-country: a nova ruralidade brasileira* – aberta por Alem (1996), encontramos a pesquisa desenvolvida pela antropóloga Silvana Gonçalves de Paula (1999) que, em sua tese de doutorado, defendida no Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), trabalhou com o "estilo de vida *country*" no Brasil. Ao concentrar sua pesquisa na região de Presidente Prudente/SP, entre 1993 e 1998, e realizar pesquisa de campo nos estados norte-americanos do *Texas*, *Oklahoma* e *Nevada* (setembro de 1996 a setembro de 1997), a pesquisadora fornece amplo material de consulta acerca do *habitus country* nos EUA e a forma por ele assumida no Brasil.

A esse respeito, a referida pesquisadora demonstra que o estilo de vida *country* no Brasil não configura cópia ou uma imitação do que existe nos EUA. Em seu entendimento, é inegável que a emergência do fenômeno *country* no Brasil guarda estreita conexão com a experiência norte-americana. Todavia, na sociedade norte-americana o estilo de vida *country* está associado ao labor e a não-sofisticação, ou seja, à conjugação das ideias de rusticidade e simplicidade. Assim, o ideário do *cowboy* norte-americano é construído a partir de uma identidade cujo conteúdo celebra a ideia de um indivíduo simples, digno e respeitoso, mas, avesso aos maneirismos da vida refinada das cidades e dos ambientes sofisticados e ao consumo.

Em contraposição a esse *ethos* simples e rústico, no Brasil, o *country* dialoga abertamente em favor de uma inserção da ruralidade nos critérios de civilidade urbana, uma inserção que se faz mediante o pleito da dignificação aristocratizante do ser humano. Em outras palavras, o *country* no Brasil introduz e dilui o rural no urbano. Esse fenômeno se contrapõe as fronteiras tradicionais que delimitam as áreas do campo e da cidade. Assim, o *country* estabelece uma importante área de interseção ou mesmo um

[26] Para Brohn (1982) o esporte moderno é produto da sociedade burguesa industrial e é inseparável de suas estruturas e funcionamento; evolui estruturando-se e organizando-se internamente de acordo com a evolução do capitalismo mundial; e assume forma e conteúdo que refletem essencialmente a ideologia burguesa.

continuum entre ambos. Ademais, no Brasil esse estilo de vida se baseia em valores que sejam capazes de evocar a ideia de distinção, de classe.

Ao trabalhar com essa perspectiva e apontar para esses resultados, o trabalho de Paula (1999) contribui para refletirmos a respeito da influência norte-americana sobre o rodeio brasileiro. Em boa medida, nos possibilitou abordar o rodeio brasileiro não como simples cópia norte-americana, mas, como resultado das transformações conjunturais pelas quais o Brasil, e os EUA passavam na década de 1990.

Outro trabalho que chamou nossa atenção foi o livro-reportagem “Além dos Oito Segundos” produzido pelos jornalistas Alisson Lopes e Thais Perregil[27]. Resultado do Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, junto ao curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru em 2013, é de longe um dos trabalhos com maior aprofundamento a respeito da história do rodeio em touros no Brasil. Seu ponto forte está na pesquisa de campo, realizada tanto no Brasil quanto nos EUA.

Por meio de entrevistas realizadas com profissionais ligados direta ou indiretamente com essa modalidade de montarias os autores proporcionam uma sólida e cativante narrativa acerca do tema. Todavia – e provavelmente em razão do objetivo da pesquisa – não conseguimos reconhecer uma maior preocupação com a problematização do tema. Embora localizem no tempo os momentos em que a montaria em touros tem início no Brasil, se fortalece, e se articula com as competições nos EUA, não há qualquer indício de problematização ou maior reflexão teórica para dar conta da essência desse fenômeno. Em função dessa característica o trabalho em foco pode ser considerado um dos melhores livros que narram a história e a trajetória da montaria em touros no Brasil, mas, deixa a desejar quanto a qualquer esforço crítico ao percorrer a aparência do fenômeno.

Por fim, as dissertações de Magno de Lara Madeira Filho (2011), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do IGCE, UNESP Rio Claro; e de Andréa Firmino Gonçalves (2013), defendida junto ao

[27] O livro-reportagem foi publicado em formato digital e lançado em agosto de 2015 durante a Festa do Peão de Barretos/SP

Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Ambos trabalhos inovadores e pioneiros quanto ao tema e abordagem, haja vista, serem recentes e tratarem-se de trabalhos geográficos.

Madeira Filho (2011), orientado pela abordagem da Geografia do Consumo aborda criticamente a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos a partir da constituição e a transmutação do espaço simbólico da vida em signo de consumo, fato que, segundo suas palavras, faz com que esse espaço transmutado adquira valor de troca, o que inclui a entrada em cena do capital imaterial, como ocorre nas festas de peão de boiadeiro, em que o espaço tornado mercadoria na contemporaneidade, sofre diversas metamorfoses.

Ao utilizar a questão do consumo como central em seu trabalho, a produção capitalista do espaço bem como o método histórico para compreender a historicidade e os tempos da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos seu trabalho contribuiu diretamente para corroborar tanto questões temporais quanto sociais acerca daquele evento. Entretanto, se por um lado a contribuição foi direta no que tange às questões apontadas, por outro, o trabalho de Madeira Filho aproxima-se de nossa dissertação de mestrado (2003).

Embora não tenhamos abordado a questão do consumo como o fez o referido geógrafo – pois nossa proposta era a de identificar a constituição de territórios no interior do evento analisado – ainda assim, nossos trabalhos aproximam-se, pois, naquele momento, embora estivéssemos preocupados em compreender a Exposição Agropecuária de Araçatuba/SP como lócus de reprodução do cotidiano, das tensões estabelecidas entre sujeitos em disputas pelo/no território, não deixamos de proceder à compreensão da transformação daquele evento de valor de uso para valor de troca. Ou seja, a discussão procedida por Madeira Filho (2011) encontra-se subjacente à nossa (2003).

Quanto ao trabalho de Gonçalves (2013), há significativa preocupação com o presente da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Partindo do “evento fundador” ocorrido em 1956, sua pesquisa aborda o imbricamento entre “cultura raiz” e a “cultura *country*” como resultado do processo de “ou mundialização de capitais” que tendeu a incorporar as mais

diferentes áreas sociais. Em seu entender, há, em Barretos, “espaços de resistência da cultura caipira” que podem ser encontrados no Memorial do Peão, no Rancho Ponto de Pouso e na Queima do Alho.

Em nosso entender, embora façam referência a um passado, esse não é um passado que possua seus elementos de resistência à cultura e ao modo de produção dominante. Pelo contrário. Preferimos entender esses espaços e manifestações que ocorrem durante a festa do peão como apropriação de práticas e símbolos da cultura popular, ligada à pecuária, por parte de uma elite local que a reelaborou e a devolveu para as camadas populares segundo a lógica e o intento da reprodução do evento. Em suma, o peão que ali está não é o peão que existiu, mas, um simulacro daquilo que outrora viveu.

Divergimos do entendimento de Gonçalves (2013) em razão de uma compreensão de que o rodeio não passou de uma atração cuja inspiração foi encontrada junto aos peões de lida, tendo em vista que o ato de montar seria uma prática derivada da necessidade de domar os animais xucros, empregados nas fazendas criadoras de gado. Isso porque, boa parte dos fundadores de “Os Independentes” era composta por fazendeiros ou filhos de fazendeiros e que, por sua vez, residiam na cidade. Podemos sugerir, portanto, que a prática das montarias que viria a ser base do rodeio, teria sido resultado da observação desses jovens barretenses nos afazeres ligados aos homens que lhes estavam próximos, mas que não são os mesmos sujeitos sociais.

Além disso, ainda que exista no discurso dos fundadores a “homenagem ao herói anônimo do sertão” – o peão de boiadas, não foi esse sujeito e sua relação com o fazendeiro quem serviu de elemento essencial à festa do peão e ao rodeio. Ao que tudo indica, embora a cultura pastoril do BCP esteja na base sobre a qual serão constituídos a festa do peão e o rodeio, foram os peões da lida, aqueles que mais próximos estavam dos fazendeiros quem serviram como peça-chave para a organização do rodeio na festa do peão de boiadeiro em Barretos.

Na análise aqui empreendida a figura do peão de boiadas e sua presença no imaginário e sociabilidade de Barretos e região funcionaram como elemento discursivo, uma narrativa que, embora distante de suas

práticas cotidianas, pode buscar na figura análoga, ao gaúcho e ao vaqueiro nordestino, elementos materiais e simbólicos que poderiam proporcionar ao BCP seu “tipo e aspecto” regional. Considerando que até a década de 1950, Barretos concentrou as atividades frigoríficas do BCP e, nas décadas seguintes perdeu sua hegemonia para outras regiões como, Araçatuba/SP, Presidente Prudente/SP e Andradina/SP, a construção de uma imagem de sertão e de seu domador serviriam, também, para sintetizar aquilo que certa parcela da sociedade barretense pretendia que Barretos fosse convertida: o centro dinâmico pioneiro da pecuária brasileira e do qual formou-se e difundiu-se uma economia, cultura e sociabilidade pastoril específica e que caracterizaria o BCP (PERINELLI NETO, 2002).

Assim, como se pode perceber, os trabalhos existentes acerca do tema são parcos e não mantêm grande proximidade teórica ou conceitual. Em nossa jornada – que não é curta – nos deparamos com um conjunto multifacetado de pesquisas que, em razão da riqueza do tema, sugerem a necessidade da realização de trabalhos científicos tanto sobre o rodeio e quanto a festa do peão.

1.4. Objetivos

Considerando o significado e a importância que tanto as festas do peão de boiadeiro quanto o rodeio assumiram ao longo de seus 60 anos de existência procuramos, nesta tese, verificar em que medida as transformações ocorridas principalmente nos últimos trinta anos, tanto nas festas de peão de boiadeiro quanto nos rodeios do Brasil Central Pecuário (BCP), guardam relações ou não com as mudanças ocorridas nos rodeios dos Estados Unidos da América (EUA). Assim, o objetivo geral deste trabalho é abordar trajetória geográfica do rodeio a partir dos EUA para, então, analisar compreender de que maneira as mudanças ocorridas nos eventos do BCP relacionam-se com um movimento maior de transformações desse território em nível mundial.

Para tanto, como objetivos específicos priorizamos: i) compreender a história do rodeio nos EUA. Procuramos, dessa maneira, identificar e analisar as diferentes fases e processos de constituição, estruturação, e funcionamento do território esportivo nos EUA; ii) buscar nas

práticas laborais e festivas do BCP os elementos que constituirão a base bem como fornecerão os elementos materiais e simbólicos para o acontecimento da festa do peão de boiadeiro e o rodeio; iii) identificar nos primeiros eventos ocorridos no estado de São Paulo o valor de uso, a ludicidade e o amadorismo presentes tanto da festa quanto do rodeio; iv) entender a relação entre difusão desses eventos no interior de São Paulo e a tendência à profissionalização do rodeio; v) analisar a relação entre os primeiros circuitos de rodeio, novos agentes e sujeitos sociais, as relações de poder estabelecidas e a regulamentação do rodeio como esporte profissional no Brasil; vi) entender a atualidade desse fenômeno, em todas as suas dimensões, a partir da territorialização da PBR no Brasil.

1.5. Metodologia

Como método de abordagem do fenômeno optamos pela teoria crítica associada à lógica histórica elaborada por Edward Palmer Thompson (1979; 1981; 1997). Na busca de uma definição/distinção entre espaço e território, nossas reflexões foram pautadas nas propostas e entendimentos sugeridos, dentre outros autores, por Milton Santos (1988; 1994; 1997; 1998; 1999), Claude Raffestin (1993), Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1997) e José Gilberto de Souza (2009).

A escolha pela lógica histórica está baseada no alerta deixado pelo referido historiador inglês de que a recusa pela investigação empírica confina a mente a seus próprios limites, daí a relevância do diálogo constante entre conceituação e confrontação empírica, interrogando invariavelmente os “silêncios reais”, uma vez que é no processo histórico, a partir das experiências do cotidiano, que se dá a elaboração dos valores, da cultura. É no silêncio, nas lacunas daquilo que muitas vezes não foi dito que podemos encontrar os nexos que darão elementos ao pesquisador elucidar o fenômeno abordado em sua totalidade.

Além de valorizar o diálogo entre teoria e trabalho de campo optamos por esse método de abordagem (e interpretação) na medida em que,

sendo revisionista da teoria marxista, não abandona seus fundamentos. Pelo contrário. Entre 1950 e 1970 a insatisfação com as abordagens deterministas, características do marxismo da época, levou Thompson (1979; 1981; 1997) a ocupar-se em questionar e revisar criteriosamente tanto a teoria quanto os conceitos do materialismo histórico.

Seus trabalhos, além de contribuírem para reforçar a envergadura do materialismo histórico enquanto método de abordagem dos fenômenos sociais (historicidade, diacronia, totalidade, contradição, superação) e ratificarem o potencial explicativo de seus conceitos e categorias (classe social, luta de classes, consciência de classe, relações de produção) atualizaram o arcabouço teórico-conceitual herdado. Ao introduzir em seus estudos as categorias *experiência* e *cultura*, articuladas aos conceitos já existentes, aprimorou o materialismo histórico como teoria ao mesmo tempo em que ampliou sua capacidade explicativa tornando seus conceitos mais operacionalizáveis e, consequentemente, aplicáveis a diferentes temas que não a tradicional luta de classes.

Mais claramente, a teoria thompsoniana, ao defender a necessidade do diálogo permanente entre teoria e evidências no processo de construção do conhecimento científico, portanto, valorizar a dialética entre teoria e trabalho de campo; considerar a categoria experiência como ponto-chave para a compreensão de que a classe social não existe somente a partir de sua posição em relação aos meios de produção, mas, que efetivamente se constrói a partir das experiências históricas, conquistas e derrotas apreendidas por homens e mulheres concretas; e compreender que a cultura, enquanto resultado da experiência vivida, além de pensada, é também sentida pelos sujeitos em seu cotidiano de normas, costumes, práticas e representações sociais, que optamos por essa abordagem.

Dessa maneira acreditamos na possibilidade de tomar o território do rodeio não como algo pronto, acabado e absoluto, mas, como fenômeno histórico produzido por homens reais, em suas relações sociais cotidianas e que, ao contrário do que apregoa o determinismo econômico, pensam, agem, aspiram e reagem histórica e socialmente. Ainda que perpassados pela ideologia dominante é por meio de suas experiências

cotidianas que os homens vivem, sentem, constroem e incorporam valores, normas, costumes, logo, fazem-se em sua cultura. Em outros termos, é no cotidiano, em suas relações sociais, que os homens produzem e reproduzem o espaço geográfico e os territórios.

Compreender o espaço geográfico e o território sob esse viés é admitir que o poder e a dominação não se localizam apenas no aparelho de Estado ou no nível do econômico, mas, engendra mecanismos de controle que se materializam em todo um processo de disciplinarização da população que é, por sua vez, direcionado por e a partir de sujeitos dotados de poder e interesses muitas vezes divergentes, mas, ligados à lógica do capital (THOMPSON, 1998).

Sob esse entendimento a dominação, enquanto relação desigual de forças acaba por atravessar toda a atividade social, desde o trabalho, escola, família, até as formas aparentemente mais ingênuas de lazer e diversão (FOUCAULT, 1979, 1995, 1998; KHOURY, PEIXOTO, VIEIRA, 1995). Ao mesmo tempo em que disciplina a população, o poder é convertido e se manifesta sob a forma de dominação, historicamente expressa nos diferentes modos-de-produção.

Desse feito, podemos vislumbrar que a complexidade do real abre vasto campo de possibilidades ao pesquisador, pois passamos a entender que os papéis sociais desempenhados pelos sujeitos não são fixos ou determinados. A nosso ver são improvisados e ultrapassam uma suposta racionalidade que muitas vezes o pesquisador atribui ao processo histórico. O pesquisador, pensando assim o espaço geográfico e os territórios, se defronta com o desconhecido e o inesperado. Em razão disso, o instrumental com que vai trabalhar ajuda-o muito mais a perguntar que responder (THOMPSON, 2010).

Logo, para nós o processo de investigação, embora careça de um arcabouço teórico-metodológico que o direcione e que esteja à disposição para o desenvolvimento da investigação acreditamos que o mesmo não cabe em esquemas prévios, rígidos ou pré-estabelecidos. Também quanto às categorias, asseveramos que as mesmas servem de apoio ao trabalho, mas, que serão construídas e reconstruídas no decorrer da pesquisa em um

movimento espiralado no qual os dados da pesquisa de campo dialogam com a teoria levando à sua expansão, revisão ou mesmo em sua substituição (GUIMARÃES, 2003; KHOURY; PEIXOTO; VIEIRA, 1995; MINAYO, 2011; THOMPSON, 1981; 2010).

Ao passo que o pesquisador reconhece que o espaço e os territórios são construídos por sujeitos históricos em luta, em relações de poder de intensidade e magnitude distintas, e que seu objeto não é estático, mas, está em constante movimento e que esse movimento é contraditório, esperamos que recuse a ideia de que o acontecer histórico – no caso, os territórios – obedece a uma lógica rígida. Desse modo poderá buscar outra lógica que dê conta do movimento e da contradição: a lógica histórica (THOMPSON, 1981).

Priorizar categorias fixas, abstratas, instituídas, puramente analíticas, em detrimento da leitura e do fluir do movimento real significa perder de vista os processos que dão corpo, forma, sentido e função a esse real. Isso porque, todo conceito deve ser pensado historicamente, pois é constituído, em determinado momento do processo histórico, por homens reais, concretos, com interesses, valores que também são reais e concretos. Desta sorte, não poderemos falar em “condições objetivas” como sendo forças externas, independentes da vontade humana. Isso daria margem para uma visão mecanicista da história.

Em contrapartida, se considerarmos que os homens modificam o processo social ao mesmo tempo em que são por ele modificados, ou que os homens modificam o espaço geográfico ao mesmo tempo em que são por eles modificados, não mais falaremos em leis determinantes, mas, em pressões exercidas pelos próprios homens. Pressões determinantes, isto é, localizadas, determinadas e não determinantes. Nessa perspectiva, “condições objetivas” passam a ser entendidas como resultado do processo histórico da ação humana no mundo material e imaterial, na produção e reprodução do espaço geográfico e da vida humana.

Na constituição da “consciência, [da] objetivação e [da] vida: projeção humana, incursão perpétua para o devir, o que necessariamente implica a relação com os outros homens e produz o território” (SOUZA, 2009,

p.110). Isso conduz a operar com uma noção de objetividade histórica pensada como as condições particulares específicas em que os homens empreendem suas atividades cotidianas.

Seguindo a orientação da lógica histórica os procedimentos metodológicos – conceitos, categorias, técnicas – não são evidentes passo a passo. Pelo contrário. São construídos, forjados no diálogo entre pesquisador, objeto e suas fontes. Em suma, são formulados, mais claramente, no decorrer da pesquisa com o intuito de fazer com que o objeto emerja no emaranhado de suas mediações e contradições. É, portanto, a busca por recuperar, mesmo que parcialmente, a maneira como o fenômeno abordado foi constituído historicamente, tentando reconstituir ao mesmo tempo sua razão de ser ou a de aparecer a nós segundo seu movimento de constituição.

Não existindo em si e com sentido próprio é no processo de investigação, do qual fazem parte o pesquisador e sua experiência social – ao invés de determiná-lo em classificações e compartimentos fragmentados – que o objeto passará a existir (BLOCH, 1941; THOMPSON, 1987; 2010). Portanto, assumir a lógica histórica como norteadora de nossas abordagens significa adotar uma postura científica que busque “recuperar caminhadas, programas fracassados, derrotas e utopias, pois nada nos garante que o que ganhou foi sempre o melhor” (THOMPSON, 1987, p.13).

Nessa empreitada o pesquisador se coloca como sujeito ativo no processo de formalização de seu objeto, pois deve posicionar-se ininterruptamente fazendo opções, escolhendo e forjando caminhos no diálogo contínuo com os sujeitos sociais envolvidos em seu estudo, com os autores de seu referencial teórico e com sua própria visão de mundo. Desse modo, compreender a atualidade do espaço geográfico, a constituição e o funcionamento dos territórios pressupõe buscarmos no passado as diversas formas de dominação e resistência humanas expressas nas diferentes relações de poder e que foram estabelecidas entre os sujeitos históricos.

Por esse viés acreditamos ser possível identificarmos como e por quais meios a dominação e a resistência foram realizadas ao mesmo tempo em que possamos localizar o(s) momento(s) da constituição, de mudança(s), de transformações do(s) território(s), ou seja, que consigamos

conceber “as diferenças de poder e as mudanças nas organizações sociais que representam as mudanças nas representações de poder” (SOUZA, 2009, p.114).

Ao compreender o processo, incorporá-lo como experiência e pensá-lo no presente como síntese histórica, o pesquisador coloca-se como ser político que busca possibilidades para o futuro ao mesmo tempo em que se constitui como sujeito do conhecimento. Isso porque, ao tentar recuperar uma dimensão do passado para ler o presente o pesquisador dialoga com sujeitos sociais ativos naquele tempo e outros atuais envolvidos na questão sobre a qual se debruça.

Enfim, é nesse movimento que o espaço pode revelar seus territórios e suas diferenças. Sua multiplicidade de tempos e suas rugosidades (SANTOS, 1999). Não que venha a falar por si, mas, por meio da investigação que pode trazer à tona os sujeitos, os interesses, as relações de poder, as instituições e as normas que conformam as diferenças dos territórios. Diferenças essas que não são apenas culturais ou identitárias, mas, institucionais e econômicas.

São diferenças plasmadas pelos tempos do capital. Pela sobreposição ou coexistência de tempos em termos de técnica, de capital morto e de sua relação direta com o trabalho, o que altera sobremaneira sua composição técnica e orgânica. O tempo é materializado no espaço por meio do trabalho,

> as técnicas que são datadas e incluem tempo, qualitativamente e quantitativamente. As técnicas são uma medida do tempo: o tempo do processo direto de trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho (SANTOS, 1999, p.45).

Não obstante, ainda que reconheçamos a polissemia e o intenso debate em torno dos termos espaço e território, salientamos que não é de nosso interesse aprofundar ou mesmo abordar tal questão epistemológica. Também esclarecemos – conforme exposto anteriormente – que embora admitamos a necessidade e importância do debate acadêmico teórico-conceitual, ou mesmo da episteme da Geografia, entendemos que assumir tal querela nos levaria a fugir da proposta deste trabalho.

Mesmo acontecendo em concomitância e, em constante diálogo, podemos concordar com Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1997, p,2) quando afirma que “a estrada é a raiz da práxis”. Trata-se de um trabalho teórico-empírico. Em complementação a esse argumento, nos reportamos aos apontamentos de Antonio Thomaz Júnior (1991, p.17), quando esclarece que o trabalho de campo é a “alternativa concreta de se viabilizar teoricamente o propósito de ultrapassar a reflexão intra-sala de aula, como forma de executar/praticizar a ‘leitura’ do real, sendo assim, um momento ímpar da práxis teórica”.

Para nós, a importância do trabalho de campo apontada pelos citados geógrafos foi demonstrada desde a realização das primeiras viagens de reconhecimento nos rodeios. Foi durante essa etapa de trabalho que os conceitos e teorias inicialmente adotados se mostraram insuficientes ou frágeis para dar conta da envergadura do objeto que se revelava a nossos olhos. Em outras palavras, foi a partir dos primeiros contatos empíricos com o tema que percebemos que o mesmo se mostrava impermeável, impenetrável, inacessível, intangível, refratário às categorias e conceitos que estávamos utilizando para abordá-lo.

Como resultado desses primeiros contatos, tornou-se claro que precisávamos, primeiramente, compreender o processo em curso quanto ao tema para, posteriormente, retornar à sua formalização. Daí a importância da lógica histórica. É nesse momento que o levantamento, seleção e análise de fontes se mostrou crucial. Em boa medida, sentíamos a necessidade de buscar indícios, subsídios, fontes, que pudessem nos auxiliar na compreensão das mudanças pelas quais o rodeio passava. Assim, selecionamos e organizamos as fontes em dois conjuntos: as escritas e as orais.

No primeiro conjunto de fontes estão as publicações de revistas brasileiras especializadas (*Rodeo Country*, *Rodeo News*, *Rodeo Life*, Terra Nativa, *Rodeo Country Magazine*, e Revista do Cavaleiro); *sites* (PBR, CNAR, PRCA, LNR, TVRodeio), Guia PBR-EUA com informações sobre atletas, patrocinadores, circuitos, touros, recordes (*PBR Media Guide* 2007, 2008, 2009); e obra biográfica (Adriano da Silva Moraes) ligados ao tema da

pesquisa[28]. Também fazem parte desse grupo notícias e reportagens publicadas na imprensa, como jornais (O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo) e revistas diversas de circulação nacional (Globo Rural, Veja, Manchete, Placar).

O segundo grupo é composto por documentos elaborados a partir do trabalho de campo e foi dividido em entrevistas abertas[29], questionários fechados e registros etnográficos. As entrevistas abertas foram dirigidos à pessoas com histórias de vida ligadas diretamente ao rodeio e às mudanças pelas quais passou. Os questionários fechados foram dirigidos tanto aos diversos profissionais do rodeio (Anexo 2) quanto às pessoas que frequentam ou não esses eventos. Quanto aos documentos etnográficos, esses são resultado da observação e registro detalhado dos comportamentos das pessoas e funcionamento das festas visitadas em nosso trabalho de campo.

Quanto à sistematização desses dois conjuntos de fontes – escritas e orais, as primeiras a serem sistematizadas e organizadas foram as escritas. Nessas, realizamos a leitura, seleção e catalogação de artigos; notas; entrevistas; calendários de eventos; campeonatos; circuitos e *ranking* de competidores. Paralelamente à leitura das fontes escritas, ainda em 2007, frequentamos duas festas de peão de boiadeiro – Bilac/SP (05 a 08 de abril) e Clementina/SP (20 a 23 de setembro) – com a finalidade de observarmos preliminarmente, desde a abertura até o encerramento dos eventos, seus mecanismos e funcionamento, os sujeitos sociais envolvidos e estabelecermos os primeiros contatos com os profissionais do rodeio.

Realizadas as primeiras observações e diálogos com as fontes existentes, notamos a necessidade de recorrer a um segundo conjunto de

---

[28] A fonte escrita mais antiga de que dispomos é de fevereiro de 1992 (**Rodeio News**. São José do Rio Preto, Enigma, ano I, n.1, jan/fev, 1992) e a mais recente, de fevereiro de 2009 (**Rodeo Country**. São Paulo, ArtPrinter, ano XI, n. 80, fev/mar, 2009). Assim, em termos de fontes escritas, conseguimos abordar boa parte das transformações pelas quais o rodeio brasileiro passou.

[29] Optamos por transcrever os depoimentos sem adequá-los à norma culta da linguagem. Assim, todos os depoimentos de nossos informantes foram utilizados em sua forma original. Tal opção se justifica pela heterogeneidade social, econômica e cultural verificada em nossos colaboradores durante os contatos e as entrevistas realizadas. Acreditamos que, assim, podemos identificar e melhor compreender a visão de mundo e o universo social de cada informante. Além disso, pode demonstrar a desigualdade social existente nesse universo relacional.

fontes. Assim, optamos pela história oral temática[30] como base para a sistematização, orientação da coleta de dados e elaboração de documentos. Optamos por esse ramo da história oral em razão da capacidade explicativa que esse tipo de abordagem possui, pois, ao possibilitar que o pesquisador estabeleça questionamentos específicos a determinados sujeitos sociais que, direta ou indiretamente, mantiveram relação com o evento, contribui direta e decisivamente para a compreensão e análise do evento ou situação a ser esclarecida (MEYHI, 1996).

Nesse processo de levantamento e seleção de nossos informantes, levamos em conta suas trajetórias de vida no "mundo do rodeio"[31]. Esse procedimento foi realizado com base nas informações e dados obtidos pela leitura de nossas fontes escritas. A partir de um conjunto prévio de colaboradores selecionados, preparamos e organizamos nossos procedimentos metodológicos para a realização das entrevistas. Nosso conhecimento anterior da cultura que envolve o "mundo do rodeio", dos grupos e da cultura que compõem esse universo social também serviu como ponto de apoio à escolha dos entrevistados, na formulação do problema e no encaminhamento das entrevistas.

Mais precisamente, nossa história de vida proporcionou familiaridade com o objeto de pesquisa, facilitando e possibilitando maior segurança na elaboração do roteiro de entrevistas bem como no contato com nossos informantes e na interpretação de palavras, comportamentos e símbolos próprios daquele universo social e cultural. Além disso, em nosso caderno de campo estão registradas nossas impressões sobre os

---

[30] Considerando a existência de três principais ramos da história oral: história oral de vida, história oral temática e tradição oral, nossa opção central foi pelo segundo ramo. Todavia, não excluímos o uso da história oral de vida em nossas entrevistas. Contudo, não é do escopo de nossa pesquisa adentrar no debate em torno da definição do *status* científico da história oral. Isso porque é de nosso conhecimento o acirrado debate que atualmente se trava no âmbito da pesquisa em história oral quanto a defini-la enquanto método, disciplina ou técnica de pesquisa (MEIHY, 1996). Enquanto elemento constituinte de nossa metodologia consideramos fundamental seu uso na presente pesquisa. Isso porque, possibilitou meios necessários e eficientes para a seleção dos colaboradores, coleta dos depoimentos, produção de documentos e interpretação dos mesmos.

[31] Utilizamos a ideia de "mundo dos rodeios" conforme aquela utilizada por Costa (2003, p.9) que, baseada em Becker (1977), o considerou como "a totalidade de pessoas e organizações cuja ação é necessária à produção do tipo de acontecimento e objetos caracteristicamente produzidos por aquele mundo".

comportamentos, as reações, os silêncios, as preocupações e as formas como fomos recebidos por nossos colaboradores.

Durante essa fase, pudemos reconhecer a existência de uma multiplicidade de sujeitos sociais que dão forma, sentido e conteúdo ao território do rodeio no BCP. Acreditamos que essa diversidade de colaboradores é, ao mesmo tempo, uma necessidade e uma das qualidades da história oral temática. Mesmo porque, “a lição importante é [...] estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios. Os significados mais simples são provavelmente os mais convincentes” (THOMPSON, 1992, p.32).

Para nós, mais que os silêncios, foram as redundâncias de palavras e frases nas vozes de nossas fontes orais que incidiram diretamente pelo repensar e, posterior, redirecionamento da pesquisa. Isso porque, alguns termos eram constante e intensamente frisados, repetidos, ecoados nas vozes de nossos entrevistados – esporte, profissionalismo, atletas do rodeio, *bull riding*, globalização do rodeio, profissão lucrativa, uniformização e padronização de regras – que apontavam para uma diversidade de formas, sentidos, significados e práticas do que se denominava “rodeio” no Brasil.

De certo modo, nesse percurso não somente nos deparávamos com a alteridade, mas, também, com a similaridade, reciprocidade e complementaridade existente entre certos eventos em nível nacional e internacional. Ao mesmo tempo em que as primeiras investigações de campo foram desvendando a realidade atual do rodeio, em sua dinâmica própria, pudemos perceber que o moderno não é o novo, mas, o velho reelaborado, ressignificado.

1.6. A organização dos capítulos

Além desta parte introdutória a tese está dividida em seis capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo intitulado “Era uma vez no Oeste: das práticas rurais ao território do rodeio nos Estados Unidos da

América” abordamos a forma pela qual os elementos da cultura pastoril hispano-americana foram apropriados, reelaborados e ressignificados na cultura estadunidense no processo denominado “Marcha para Oeste”. Em seguida, procuramos demonstrar o processo de conversão dos espetáculos do “Oeste Selvagem” em competições formalizadas sob a lógica organizacional dos esportes nos EUA. Por fim, ainda nesta parte do trabalho discorremos acerca da formação e transformação do território rodeio naquele país.

No capítulo 2 intitulado “Sobre tropas, boiadas, circos-tourada e exposições agropecuárias: práticas sócio-espaciais na base do rodeio do Brasil Central Pecuário” procuramos identificar os elementos materiais e simbólicos bem como as práticas sociais do BCP que forneceram a base sobre a qual tanto a festa do peão de boiadeiro quanto o rodeio foram estruturados.

Na sequência, no capítulo 3, denominado “Localismo, ludicidade e amadorismo: a primeira fase do rodeio do Brasil Central Pecuário (1950-1970) procuramos evidenciar as dimensões que caracterizaram esse primeiro momento da festa do peão e do rodeio.

No capítulo seguinte, “Difusão, trabalho e mercado: a segunda fase do rodeio no Brasil Central Pecuário (1971-1990)” analisamos o processo de difusão espacial das festas do peão de boiadeiro. Procuramos identificar, a partir das práticas, ações e objetivos dos diferentes sujeitos sociais envolvidos os desdobramentos desse processo para os sentidos, os significados do território do rodeio.

No capítulo 5, intitulado “Expansão, profissionalismo e empresa: a terceira fase do rodeio do Brasil Central Pecuário (1991-2000)”, refletimos tanto sobre as novas formas de apropriação do território do rodeio quanto a respeito da tensão entre os “profissionais do rodeio” e os “ambientalistas”. Procuramos, nessa parte do trabalho, demonstrar de que maneira a entrada de novos sujeitos sociais estranhos ao “mundo do rodeio” proporcionou às principais diretorias de clubes de rodeio a experiência necessária para imprimir uma nova lógica organizacional e operacional no território.

Já, no capítulo final, nomeado “Da regulamentação à internacionalização do rodeio: a quarta fase do território do rodeio do Brasil

Central Pecuário (2001-2006)" analisamos as condições tanto supra quanto infraestruturais criadas pela aprovação da lei federal 10.220/2001 para a entrada da PBR no Brasil em 2005.

Contudo, cabe a ressalva de que essa é apenas uma tentativa de formalizar uma reflexão iniciada há vários anos e ainda não encerrada. Se é que um dia o será. O uso do artigo indefinido (uma) enfatiza que este trabalho não pretende responder a outras questões que se fizerem presentes a partir de sua leitura. Pelo contrário. Cabe a ressalva que possivelmente nem todas as questões por nós propostas podem ter sido plenamente respondidas a contento, restando admitir como sempre é preciso, que outros estudos serão necessários para um maior conhecimento a respeito do tema.

CAPÍTULO I

“ERA UMA VEZ NO OESTE”: DAS PRÁTICAS RURAIS AO TERRITÓRIO DO RODEIO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Visitar as origens e escrever sobre a gênese e o desenvolvimento do rodeio nos Estados Unidos da América (EUA) não constitui, como talvez possa sugerir, exercício intelectual superficial ou de curiosidade gratuita. Se nossa pretensão foi estudar a gênese, as mudanças, e consequentemente, os tempos do território do rodeio no estado de São Paulo, consideramos pertinente conhecer as condições, o processo histórico e os sujeitos sociais que deram origem ao território do rodeio naquele país. Mesmo porque, o que o rodeio paulista em definitivo importou – especialmente a partir da década de 1980, na chamada “Era da Globalização” – dos EUA não foi apenas um conjunto de regras e modalidades. Em seu bojo veio todo um conjunto de símbolos e práticas sociais que, apoiado em um amplo e competente discurso articulado à modernidade, pode ser apropriado e manipulado para dar sentido e formas às diferentes modalidades e competições estranhas às práticas rurais brasileiras.

Além deste, outro motivo para esta visita à história do rodeio naquele país reside no fato de entendermos que o surgimento da *Professional Bull Riders Association* (PBR) e sua expansão em nível mundial evidencia um novo tempo do território do rodeio tanto no Brasil quanto nos EUA. Sendo assim, torna-se evidente que sem esse procedimento não conseguiríamos elaborar uma geografia histórica do rodeio que nos permitisse apreender a diacronia e a sincronia do(s) território(s); os sujeitos sociais que nele(s) opera(m) bem como as escalas geográficas que acionam e articulam segundo projetos e ações de poder.

Para tanto, dividimos este capítulo em duas partes. Na primeira enfocamos a gênese e o desenvolvimento do rodeio como prática laboral e lúdica do mundo rural pecuário do atual sudoeste dos EUA. Em seguida, analisamos a constituição do território do rodeio e sua relação com o processo de formação e consolidação dos esportes modernos nos EUA.

1.1. Das *fiestas* ao esporte: territórios e territorialidades do rodeio

O breve histórico que adiante apresentaremos contêm elementos novos, em boa medida distintos daqueles que comparecem nos estudos sobre a

história do rodeio nos EUA. A razão desse procedimento reside no fato de que, ao longo da pesquisa, pudemos observar que os pesquisadores brasileiros, ao se defrontarem com a memória do rodeio mundial, simplesmente repetem uma narrativa sucinta e cronológica que tende a simplificar todo o processo de formação, institucionalização, codificação, e expansão deste esporte nos EUA. E quando remetem à formação das associações e empresas organizadoras e promotoras do rodeio naquele país, desconsideram a tensão, a luta, e os conflitos de interesse gerados pelo controle e domínio daquele território.

Se por um lado, as pesquisas existentes desconsideram a dimensão econômica e social bem como o contexto no qual se deu o processo de constituição do rodeio moderno nos EUA, por outro, acabam reforçando, mesmo que inconscientemente, o "mito do *cowboy*" – romanceado e imortalizado no cinema e televisão pelos filmes do *far west* – e a crença de que o rodeio e suas modalidades são genuinamente um esporte surgido naquele país como consequência direta e natural das disputas travadas entre *cowboys* durante os transportes de rebanhos pelas longas trilhas que ligavam as áreas criatórias do sudoeste americano aos centros de comercialização (*cow towns)*, como *Dodge City* e *Abilene*, entre 1860 e 1890 (LECOMPTE, 1985).

Além disso, por não se tratarem de trabalhos geográficos, mas, de outras áreas do conhecimento, não privilegiam as dimensões geográficas somo espaço e território na gênese e institucionalização do rodeio e as implicações sociais e econômicas derivadas desse movimento. Ou seja, não levam em consideração as relações de poder estabelecidas entre diferentes sujeitos sociais no processo de formação do território do rodeio nos EUA.

Deste modo, para efetivarmos nossa proposta, dividimos este subcapítulo em dois segmentos. O primeiro insere a origem e o desenvolvimento do rodeio norte-americano no movimento de expansão e ocupação do atual território dos EUA pela pecuária. Procuramos visualizar esse processo no âmbito da "Conquista e Marcha para o Oeste", iniciada, e concluída, no século XIX. Mais claramente, tentamos demonstrar de que maneira a expansão territorial dos EUA, e a incorporação de vastos territórios ao desenvolvimento da pecuária naquela nação colocou *cowboys* norte-americanos em contato com *vaqueros* mexicanos e suas práticas lúdicas rurais como, as *fiestas* - herança medieval espanhola – e as *charreadas* mexicanas que, reelaboradas no contexto da conquista do "Oeste

Selvagem", serviram de alicerce à organização dos *stampedes*, *cowboy tournaments*, *frontier* e *pionner days*.

No segundo momento, nosso objetivo foi expor a transformação dessas práticas lúdicas do Meio-Oeste estadunidense em espetáculos de entretenimento para o público das cidades do leste daquele país a partir das últimas décadas do século XIX. Relacionando o desenvolvimento econômico-industrial daquele país ao "fechamento e desaparecimento da fronteira de colonização" (BURCHELL, GRAY, 1981, p.150) bem como à ritualização e mitificação da fronteira (SANTOS, 2008). Buscamos entender o significado e o papel que tiveram *William Frederick Cody* (*Buffalo Bill*) e seu *Wild West Show* no processo de disseminação e, consequentemente, fornecimento dos principais elementos materiais e simbólicos necessários à constituição do território do rodeio naquele país.

1.1.1. E era uma vez no México: espaço e território da *fiesta* hispano-americana

Registros de espetáculos e competições envolvendo homens e animais – eqüinos e bovinos – com sentido lúdico, festivo, de caráter agonístico ou religioso, podem ser encontrados em diferentes povos da Antiguidade (cretenses, gregos, romanos), como também durante a Idade Média (as justas e os torneios de cavalaria, corridas de cavalos e a tauromaquia). Ao longo do século XVI e XVII tais competições e disputas foram trazidas para a América pelos colonizadores que adaptadas às novas condições materiais e imateriais fizeram-se presentes sob a forma de jogos e passatempos do cotidiano de diferentes colônias do Velho Mundo (MANDELL, 2006).

A Espanha, nação que dominou grande parte do continente americano entre os séculos XVI e XIX, foi responsável por disseminar no México e no atual sudoeste dos EUA a prática das touradas e das corridas de touros (*fiesta brava*). Firmemente apoiadas pelo Estado e Igreja que as tornaram populares, Conforme aponta Ramos (2004), as corridas de touros foram introduzidas pelos conquistadores espanhóis em 24 de junho de 1526 como forma de celebrar a festa católica de São João bem como o retorno das viagens de Hernán Cortéz.

Três anos mais tarde, a administração do vice-reino instituiu a *fiesta brava* como comemoração anual de São Hipólito. A partir de 1535, a chegada de

cada novo vice-rei era festejada com corridas de touros, promovidas pela elite dirigente da Nova Espanha. Envolvendo música, dança, fogos de artifício, jogos, e bebidas, misturados com orações, missas e badalar de sinos das igrejas, essa prática tornou-se a forma mais popular de celebrar acontecimentos importantes tais como a paz entre Espanha e França (1538), bem como importantes nascimentos, óbitos, casamentos e coroações (LECOMPTE, 1985; MARVIN, 1994, RAMOS, 2004).

Tais comemorações e jogos, tradicionais na metrópole, funcionaram como "modo de ação"[1] pelo qual Estado e Igreja poderiam demonstrar seu poder junto aos súditos. À Coroa, segundo Almeida (1992), os festejos serviram à propagação do absolutismo e ao reconhecimento do poder real e da burocracia que o representava na Colônia. Para a Igreja elas serviram ao investimento catequético e pastoral tendo sido um dos elementos facilitadores do transplante de um modelo social europeu para o Novo Mundo (ALMEIDA, 1992; LÓPEZ CANTOS, 1992, RIVERA, 2008).

Não obstante, ao mesmo tempo em que serviam aos objetivos da Metrópole, também proporcionaram momentos especiais para que as trocas culturais entre os mais diferentes grupos e segmentos sociais que compunham a estrutura social da Nova Espanha fossem realizadas (ALMEIDA, 1992). Mesmo porque, conforme demonstram os diferentes estudos acerca da festa, os espectadores não se constituem como uma massa passiva e alheia às celebrações. Há, por parte daqueles que dela participam, a elaboração de sua própria leitura e significação (ALMEIDA, 1992; AMARAL, 1998; BALANDIER, 1982; BRANDÃO, 1989; CANCLINI, 1983; DA MATTA, 1986; DEL PRIORE, 1994; DURKHÉIM, 1983; DUVIGNAUD, 1983; LÓPEZ CANTOS, 1992; MAIA, 1999; PASSOS, 2002; TEIXEIRA, 1988; TINHORÃO, 2000)

Assim, mesmo que esses torneios fossem promovidos pela Coroa e Igreja com o intuito de difundir e legitimar o Antigo Regime em terras tropicais, os súditos as reinterpretavam e as reelaboravam segundo seus cotidianos e modos de vida (ALMEIDA, 1992; GARCÍA, 2006; LÓPEZ CANTOS, 1992). Traçando paralelo com as festas no Brasil Colonial podemos inferir que é na "festa-dentro-da-festa que colonizados, colonizadores, vencidos e vencedores, tristes e alegres, estabelecem

[1] O termo "modo de ação" está em conformidade com aquele utilizado por Amaral (1998).

um canal eficiente de circulação de ideias" (DEL PRIORE, 1994, p.50) e projetos de tal modo que, além das corridas de touros e touradas, outras práticas lúdicas equestres originárias das práticas laborais nas fazendas criatórias da Nova Espanha foram incorporadas gradativamente às "festas do poder".

Operando como importante mediação simbólica, pois, constituía uma linguagem na qual diferentes povos e culturas conseguiam se comunicar, as festas do Império espanhol serviram de elo e espaço de trocas culturais entre os mais diferentes grupos e segmentos sociais. Embora nas primeiras décadas de colonização espanhola tais jogos fossem praticados somente pela nobreza espanhola (*chapetones*), o chamado da festa recaía sobre o povo. Lentamente o hábito das corridas de touros passou a ser incorporado pelas populações colonizadas (GARCÍA, 2006; LÓPEZ CANTOS, 1992).

Índios e mestiços passaram a realizar pequenas corridas de touros com motivo de celebração religiosa em seus núcleos populacionais (GARCÍA, 2006). Ao mesmo tempo em que esse costume alcançava as camadas populares, o crescimento do rebanho bovino na Nova Espanha, atrelado ao desprezo do espanhol pelos trabalhos manuais, forçou a Coroa espanhola a permitir que índios e mestiços ocupassem a função de *vaqueros* para executar as tarefas nas *haciendas* e pequenos ranchos (GARCÍA, 2006; PALOMAR, 2004).

Essa concessão levou as camadas populares (brancos sem posses, índios e mestiços) e os *criollos* a reivindicarem sua participação ativa nos folguedos constantes do calendário de festas oficiais na Nova Espanha[2]. Por sua vez, a entrada de grupos sociais sem títulos de nobreza ou nascimento na Metrópole colocou em cena novos personagens – como o *vaquero* – em novas competições e exibições – como a *charreada*.

Entendemos, no entanto, que o direito à participação ativa na festa por grupos sociais não pertencentes à elite colonial de origem espanhola não foi uma conquista alcançada a partir das lutas e pressões sobre o poder instituído na colônia, mas, uma concessão do Estado metropolitano. Isso porque, não podemos perder de vista que a "festa como prática de poder não só deixava em suspenso

[2] Até 1619 somente nobres espanhóis possuíam o direito de possuir cavalos e montá-los. Existia no vice-reino da Nova Espanha, legislação proibindo que *criollos*, índios e mestiços possuíssem ou montassem cavalos. A pena aos infratores era a pena de morte (LECOMPTE, 1985; PALOMAR, 2004; RAMOS, 2004).

como tornava mais suportável o trabalho e as penalidades impostas aos que se submetiam ao Estado metropolitano" (AMARAL, 1998, p.45).

Assim, ao que parece, o objetivo final da Coroa espanhola nas festas era atrair e seduzir o público ao mesmo tempo em que granjeava popularidade junto a seus súditos, ou seja, a festa tornava-se um meio de instituição política e manifestação do poder do Estado espanhol. Tudo era feito no sentido de atrair a população para a festa, pois, conforme explica Georges Balandier (1982) a dinâmica do poder possui vários desdobramentos dentre os quais o de se assemelhar a apresentações teatrais. De tal modo, o poder somente poderia se expressar pela teatralização em eventos e circunstâncias massivas.

Conquista ou concessão, de qualquer modo o que importa é compreender que, as festas da Coroa foram, aos pouco, abrindo brechas de extravasamento no interior de uma sociedade extremamente desigual, colocando em contato diferentes grupos, igualmente dominados e que, gradativamente, foram introduzindo sua festa – a festa popular – dentro da festa oficial e lentamente se apropriando dela, transformando-a, gestando em seu interior alguns dos principais elementos da identidade e do nacionalismo mexicano nos séculos XIX e XX: os *charros* e as *charreadas* (PALOMAR, 2004; RAMOS, 2004).

Mesmo que nas primeiras décadas do século XX, nos EUA, o termo *rodeo* tenha recebido o sentido de competições sistematizadas sob a lógica esportiva, e com isso, desvencilhou-o de sua conotação com o trabalho, em sua origem possuía significado muito diverso e ligava-se diretamente às práticas laborais da pecuária na Nova Espanha. Sobre esse aspecto Ramos (2004) explica que desde meados do século XVI são encontrados, no México, registros da prática dos *rodeos* durante a primavera. Essa prática, realizada por índios e mestiços (*arrieros* ou *charros*), tinha o propósito de separar o gado, criado em campos abertos, entre os respectivos proprietários. De acordo o pesquisador, o *rodeo*,

> reglamentado en 1574, era una batida circular que hacía los vaqueros montados en sus caballos para bajar el ganado de las serranías y concentrarlo en un punto donde harían la selección de los animales ayudados, de largas puyas con punta de hierro similares a la garrocha. Los aninales con marcas y orejones, se los repartían entre los distintos señores de ganado, y los de marca desconocida eran entregados a los representantes de las autoridades virreinales como bienes mostrencos (RAMOS, 2004, p.36-37).

Portanto, se por um lado, em sua origem, o termo *rodeo* não possuía qualquer conotação ou sentido lúdico para o mundo rural pecuário da Nova Espanha, por outro, suas técnicas e práticas serviram de base para que, no interior da festa "oficial", surgisse a festa popular. Esta, por seu turno, emergiu no contexto histórico da colonização da Nova Espanha como forma de demonstração das técnicas e praticas dos *vaqueros* em suas relações cotidianas da lida com o rebanho. Foi, portanto, nas fazendas e pequenos ranchos originados pelas concessões das *encomiendas* e *mercedes* que emergiram as práticas lúdicas do mundo rural hispano-americano. Não obstante, vale salientar, conforme esclarece Canclini (1998), que as inúmeras celebrações populares que surgiram e se reproduziram nos países latino-americanos tiveram sua origem em comemorações empreendidas pela simples iniciativa das comunidades locais.

Para realizarem o trabalho nas fazendas dedicadas à pecuária, os *vaqueros* desenvolveram e aperfeiçoaram as técnicas de laçar, *colear* (derrubar a rês pela cauda), e domar cavalos para a faina diária nos campos. Tais práticas foram incorporadas, ainda no século XVI, às festas do império espanhol tornando-se, no século XVII, juntamente com a tauromaquia, atrações centrais das celebrações políticas e religiosas naquele vice-reino. Deste modo, enquanto *rodeo* estava relacionado ao trabalho nas fazendas de gado, a *charreria* passava a incorporar e expressar o sentido lúdico das práticas pecuárias na Nova Espanha ao mesmo tempo em que desenvolvia seu caráter comunitário e integrador (LECOMPTE, 1985; RAMOS, 2004).

Ao mesmo tempo em que a festa espanhola, transportada da metrópole para a colônia, passava por transformações, pois, era apropriada por novos sujeitos sociais que introduziam suas práticas e exibições, a Coroa estendia seus domínios no Novo Mundo expandindo sua área de colonização a partir da região central do México. Nas primeiras décadas do século XVII o império espanhol estendeu seu controle, a partir da região central do México, e passou a ocupar boa parte do atual sudoeste dos EUA (PALOMAR, 2004).

Como Estado e Igreja estavam atrelados nesse processo, entre o início do século XVII e última década do XVIII, foram estabelecidas, na área compreendida entre os atuais estados do Texas e Califórnia[3], um conjunto de

[3] A pecuária no sul do Texas teve início em 1749 quando José de Escandón, governador de *Nuevo Leon*, assentou 3.000 civis das comunidades de *Queretaro*, *Nuevo Leon* e *Coahuila* e 146 soldados

missões católicas com o objetivo de difundir a fé entre os indígenas, mestiços, e espanhóis leigos proprietários de terra. Além das *missiones*, também foram instalados os *presídios* para atividades militares, e os *pueblos* formados por imigrantes civis, com funções econômicas, pois, dedicavam-se às atividades comerciais e ao artesanato. Em torno desses primeiros núcleos de povoamento espanhol, mais especificamente nas *missiones* e *pueblos*, a produção agrícola e pecuária tendeu a crescer em função de um florescente mercado consumidor (JORDAN, 1977).

Durante a primavera, nessa vasta região de colonização espanhola, eram realizados anualmente os *rodeos*, os quais culminavam nas *fiestas* e *jaripeos*, antecedentes das *charreadas*. Com muita música, dança, disputas e demonstrações de habilidades e atos de coragem, essas *fiestas* duravam dias e funcionavam como elo entre os diversos segmentos sociais, conforme descreve Ramos (2004):

> en las primeiras décadas del siglo XX tenían lugar los rodeos, entonces nombrados jarípeos, aunque estos últimos solo eran la parte final aquellos, es decir, la concentración de los animales em el corral mayor para iniciar la selección de dos pequeños anexos y realizar las tareas de conteo,herraje y capazón, entre otras acciones, que multiplicaba la participación de experimentadosjinetes, muy hábiles em el manejo de las reatas para las lazadas de los animales. A los jaripeos se invitaba a connotados charros, expertos en las lides de lanzar, colear y jinetear el ganado. También, participaban los señores hacendados y el espetáculo era presenciao por los familiares de éstos y por la población ranchera de los alredores. Regularmente, para dar de comer a toda esa concurrencia, eram sacrificados cuatro novillos y sepreparaba uma suculenta carne acompañada de las populares tortilhas recién echadas em comal. No faltaba el tequila em botellas bules que se acostumbrava beber ‘a boca de botella’, y que ésta pasaba de mano en mano; la singular bebida era traída de las tabernas de las haciendas cercanas que lo producían. La música daba el últmo toque a la fiesta campirana,amenizada por um conjunto de mariachi de alguno de los ranchos próximos. Entre los de a caballo n falaben los desafis de tiar una botella al suelo y, a Carrera tendida, levantaria sin caer del caballo (RAMOS, 2004, p.37).

Embora o relato do autor faça referência ao *rodeo* da primavera que, por sua vez, era o mais difícil e durava quase dois meses, a prática do *jaripeo* tornou-se generalizada como forma de distração entre os colonos durante as tardes de sábado, domingo, e feriados civis e religiosos nas áreas de colonização

---

para ocupar a área limítrofe do Rio Bravo (Rio Grande). Esses primeiros colonos já conheciam as técnicas e práticas da criação de gado. A ocupação da Califórnia pelos espanhóis teve início em 1609 com a fundação de Santa Fé, repetindo a organização econômica, social, e política do Texas (JORDAN, 1977, 1981).

espanhola. Diferentemente do sábado e dias santos dos puritanos ingleses e seus sucessores nos EUA (LECOMPTE, 1985; PALOMAR, 2004).

Nesse sentido, é inegável que durante esse período a *fiesta* mexicana se enquadrava perfeitamente na compreensão de Nestor Garcia Canclini (1983), pois, para esse antropólogo, as festas e celebrações populares se encontram relacionadas à organização produtiva dos grupos que as realizam e por sua vez, expressam seu cotidiano. São, portanto, eventos que sintetizam a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudança.

Espanhola em sua forma de origem, uma festa de representação do poder, do espetáculo e do reforço da ordem social instituída. Nativa em suas práticas e demonstrações rurais, uma festa de participação comunitária, de "destruição criativa" (AMARAL, 1998). Seja como for, o que importa é perceber que as atividades lúdicas rurais no México colonial, ainda que estivessem sob o controle do Estado e Igreja, logo, orientadas segundo os interesses daqueles que conquistaram e colonizaram aquela porção do Novo Mundo, foram resultado da mescla e das idiossincrasias de cada povo e região nos quais se realizava

Dito de outra forma, "deve-se ter em vista que no plano das representações simbólicas pertinentes ao domínio da cultura, os subalternos/populares tanto incorporam valores, crenças, ritos e hábitos da classe hegemônica quanto exportam elementos culturais 'populares' para a cultura dominante, que os absorve e metaboliza" (PESAVENTO, 1998, p.15). Portanto, devemos considerar que, apesar de ter sido nos EUA que o rodeio recebeu foi convertido em competição sistematizada, as origens de suas modalidades e práticas remontam à formação da primeira sociedade colonial espanhola no Novo Mundo.

1.1.2. A marcha para o Oeste e a mitificação do *cowboy*

Conforme nos lembra Santos (2008) ao falarmos em oeste dos EUA, inevitavelmente somos levados a pensar no "velho oeste", ou seja, impelidos a pensar sobre certos aspectos do último oeste, aquele imortalizado e difundido pela cultura popular. Segundo sugere a autora em referência este oeste foi introduzido na história dos EUA com a incorporação do *Texas* à União (1845), da partilha do

Oregon com a Inglaterra (1846) e do Tratado de Guadalupe Hidalgo com o México (1848). Embora o oeste dos EUA compreenda as áreas do sudoeste, a costa oeste e a fronteira (ao sul e ao norte), uma área que se estende por onze estados a oeste do rio Mississipi, cortados pelas Montanhas Rochosas – na banda oeste, banhados pelo Pacífico, estão os estados de *Washington*, *Oregon* e *Califórnia*, e a leste, *Montana*, *Idaho*, *Wyoming*, *Colorado*, *Novo México*, *Arizona*, *Utah* e *Nevada*, no século XVII, o termo oeste designava toda extensão de terras que se estendia para além dos *Apalaches*. No século XVIII, já incluía os estados de *Kentucky* e *Tenesse*. E apenas no século XIX alcança o Mississipi e avança até o Pacífico (BURCHELL, GRAY, 1981).

Ainda que a expansão para o oeste seja vista, pelo senso comum, como um processo que se desenrolou de maneira linear e uniforme, Burchell & Gray (1981) apontam que não ocorreu dessa forma, mas, foi afetado por circunstâncias circundantes que se alteraram à medida das transformações econômicas e sociais pelas quais os EUA passaram. Brevemente, os autores apontam que a história da Fronteira de Colonização Oeste pode ser dividida em quatro fases.

> A primeira reside no período colonial, a segunda a era pré-ferroviária do período nacional inicial, a terceira nas décadas compreendidas entre a criação das ferrovias e a declaração, feita pelo censo em 1890, de que não havia mais qualquer linha de fronteira de colonização [...], e a quarta cobrindo o período iniciado com o censo de 1890 e durante o qual as áreas de colonização em Oklahoma, Montana, Wyoming, Novo México, Arizona, Nevada, Idaho e Alaska avançaram no rumo da 'civilização' (BURCHELL, GRAY, 1981, p.140).

Mesmo que a região a oeste das Treze Colônias já estivesse sendo lentamente reconhecida pelos colonos ingleses no século XVIII, a expansão oficial teve início após a Revolução Americana (1776-1781) quando, em 1803, o governo dos EUA comprou a *Louisiana* (região com mais de 600 milhas entre o Mississipi e as Rochosas e o Golfo do México e o Canadá) da França napoleônica.

Com a compra, os EUA dobraram sua extensão territorial na época. A área além da *Lousiana*, conhecida como *Oregon*, estendia-se do *Alaska* à *Califórnia* e era reclamada por Rússia, Inglaterra, Espanha, e EUA. A Rússia dominava o *Alaska* e a Espanha controlava a *Califórnia*, mas, no *Oregon* colonos estadunidenses e britânicos encontravam-se em supremacia numérica e haviam estabelecido entrepostos nos quais comercializavam peles com índios e caçadores. Como os britânicos haviam estabelecido maior quantidade de postos de troca, o

governo nos EUA concentrou esforços para colonizar a área com fazendas de criação de gado, abrindo longa trilha de cerca de 2.000 milhas até a embocadura do rio Colúmbia, que ficou conhecida como *Oregon Trail* (BURCHELL, GRAY, 1981; JUNQUEIRA, 2000).

Mesmo que as condições naturais da região não fossem atrativas, pois, eram comuns as enchentes, os incêndios nas pradarias, dos acidentes, a fome e as doenças, por volta de 1843 uma "febre" do *Oregon* levou milhares de fazendeiros pobres a migrarem para o oeste. Como, em 1846, os Estados Unidos já se encontravam em guerra contra o México, o presidente James Polk propôs ao império britânico a divisão do território em duas partes quase iguais, na altura do paralelo 49, atual fronteira canadense (BURCHELL, GRAY, 1981; JUNQUEIRA, 2000; KARNAL, 2007).

No sul, com a independência mexicana, em 1821, e a venda de terras por parte daquele governo a empresários e companhias de colonização americanas, sucessivas e intensas ondas migratórias de colonos originários dos estados da *Lousiana*, *Alabama*, *Mississipi*, *Tennessee*, *Arkansas*, *Missouri* e *Kentucky*, afluíram para o Texas. Se por um lado, a venda de terras a colonos anglo-americanos possibilitou a ocupação efetiva do Texas, por outro, trouxe tensões envolvendo colonos e Estado mexicano bem como entre colonos mexicanos, tribos indígenas e colonos provenientes dos EUA (JORDAN, 1977).

A resistência à imposição do catolicismo por parte dos colonos anglo-americanos, atrelada a uma certa hispanofobia – possivelmente derivada do século XVI, à forma ditatorial de governo de Antonio López de Santa Anna bem como a superioridade numérica de colonos anglo-americanos, levou esses últimos a questionarem sua submissão ao poder central mexicano[4]. Tal reação levou o governo mexicano a proibir a entrada de americanos e, a partir dessa medida, os movimentos pró-secessão se fortaleceram nessa região. Em 1836, após sangrentas batalhas, o *Texas* se tornava uma República, sendo incorporado como Estado americano em 1845 (JORDAN, 1981; LECOMPTE; 1985).

A incorporação do Texas à União aguçou ainda mais as tensões entre os governos mexicano e estadunidense desembocando na invasão e derrota do México em 1846. Com a derrota no conflito, o governo mexicano foi forçado, pela

[4] Em 1835, a população anglo-americana de *San Antonio* e *Goliad* era de 35.000 em comparação com os 4.000 hispano-americanos, também chamados de *Tejanos* (JORDAN, 1977; 1981).

assinatura do Tratado Guadalupe Hidalgo, a reconhecer a fronteira do Rio Grande e a vender a metade de seu território aos EUA: a Alta Califórnia e o Novo México (JORDAN, 1977)

A partir de 1848, momento em que John Marshall descobriu ouro em *Coloma*, *Califórnia*, iniciou-se o deslocamento de exploradores para a região. *San Francisco*, então um pequeno porto, e *Sacramento*, centro das atividades de prospecção, tornaram-se grandes centros urbanos ocupados por mineiros provenientes do leste e também do México, China e Europa. A “corrida do ouro” acontecida na *Califórnia* repetiu-se em outras regiões do oeste como, em 1859 no *Colorado* e um pouco mais tarde no *Arizona* (LECOMPTE 1985; SANTOS, 2008).

Atraídos pela possibilidade de enriquecimento rápido, grandes levas de aventureiros chegavam e, após exploração intensiva e decepção, partiam para outras áreas mineradoras ou passavam a dedicarem-se a atividades ligadas à pecuária ou agricultura. Embora o movimento para o oeste tenha sido intenso no período compreendido entre 1848 e 1860, havia ainda em 1850, no leste, áreas que estavam sendo abertas à colonização branca e que eram, certamente, fronteiras de colonização – partes do *Maine*, da *Flórida* e da *Georgia* (JORDAN, 1977).

Dessa forma, a partir de 1840, os EUA abriram, de fato, duas fronteiras de colonização, uma para leste e outra para oeste. Como consequência, a população começou a se espalhar de ambas as costas para a terra não colonizada existente entre elas. Esse movimento foi intensificado e acelerado logo após a Guerra Civil Americana (1861-1865) em razão do *Homestead Act* (1862) (BURCHELL, GRAY, 1981; DA COSTA, 1998; MOOG, 1983).

Desse feito, após 1865, o oeste começa a ser aberto à colonização e, com essa abertura, também tem início o “fim da fronteira”. Em aproximadamente 30 anos, os colonos fizeram sua aprendizagem do oeste – a mineração, a criação de gado, a agricultura, a luta com os índios. No período de praticamente um século os pioneiros recriaram sua cultura, em larga medida em razão da heterogeneidade étnica e cultural existente na fronteira oeste, mas, principalmente, devido a distância em relação às raízes britânicas (BURCHELL, GRAY, 1981; KARNAL, 2007). Todavia, o importante nesse movimento é reconhecer, conforme propõem Jordan (1977) e LeCompte (1985) que a cultura da *fiesta* mexicana, mesmo após os EUA terem o controle sobre o vasto território mexicano, sobreviveu como prática e

atividade lúdica rural ao mesmo tempo em que tendeu a ser incorporada ao cotidiano daqueles que se aventuravam para o oeste.

Na Califórnia, de acordo com LeCompte (1985), quando aventureiros, viajantes e colonos anglo-americanos chegaram à *San Antonio* e seus arredores, encontraram as *charrerias* e os *jaripeos* em franco desenvolvimento e ocorrência. Para a autora em referência, muitas das práticas e técnicas ligadas à pecuária foram copiadas pelos homens e mulheres que haviam se deslocado para trabalhar e viver no sudoeste, tornando-se assim, parte da sua cultura e estilo de vida.

Ao que parece, após a vitória dos EUA sobre o México, embora virtualmente estrangeiros em suas próprias terras, os *vaqueros* continuaram a trabalhar nos ranchos e fazendas juntamente com seus homólogos americanos. Esses últimos, a partir dos contatos com os primeiros, acabaram por assimilar os conhecimentos, técnicas e tradições populares rurais mexicanas. Desses contatos, muitos costumes foram assimilados e reelaborados pelos pioneiros norte-americanos que se lançavam rumo ao Oeste (LECOMPTE, 1985).

Dentre os costumes, como apontado anteriormente, a prática dos *jaripeos* e das *fiestas* foi incorporada pelos pioneiros funcionando como elo entre os diversos grupos sociais e étnicos presentes no processo de ocupação do oeste pelos EUA. Ainda que inicialmente circunscritos aos próprios ranchos, os desafios e jogos entre *vaqueros* ou *cowboys* tenderam a se espacializar e a articular o local ao regional por meio de disputas entre diferentes ranchos (LECOMPTE, 1985; PALOMAR, 2004).

Essas competições, articuladas entre os vários ranchos de diferentes regiões, se tornaram uma constante no cotidiano pastoril daquela vasta região. Todavia, ainda não havia premiações em dinheiro aos competidores e as disputas se fundavam, basicamente, na busca de reconhecimento, honra e prestígio aos *ranchos e rancheros* para os quais trabalhavam. Entretanto, mesmo não existindo ganhos em espécie, era comum a realização de apostas entre fazendeiros, os quais concediam parte do ganho aos vencedores (WOODEN, EHRINGER, 1996).

Apesar das críticas de parte das comunidades do leste em relação à "brutalidade e crueldade com os animais bem como pela violação do domingo"[5] (LE

[5] Ainda que a relação entre credo protestante e esporte nos EUA não seja assunto abordado neste trabalho, preferimos esclarecerr nossa compreensão a respeito desse movimento e apontar, conforme explicam Karnal (2007) e Lewis (1985) que, entre fins do século XVIII e os anos que

COMPTE, 1985, p.25), as práticas lúdicas mexicanas ganhavam força e eram incorporadas à sociabilidade das comunidades que se desenvolviam no oeste, posto que, nem todas as práticas contra as quais os reformadores conservadores dirigiram suas críticas “pareciam, porém, para seus concidadãos, tão perniciosas quanto o duelo. [Logo], tomar parte em várias diversões leves aos domingos, não parecia especialmente abominável para muitas pessoas que trabalhavam longas e estafantes horas nos outros seis dias da semana” (LEWIS, 1985, p.123).

Deste modo, ao mesmo tempo em que esse movimento de troca cultural acontecia, a pecuária, conforme apontam Burchel e Gray (1981), ante sua constante expansão nas Grandes Planícies, ampliava, também, o número de empregos e absorvia a mão-de-obra disponível tanto do leste quanto do próprio oeste. Porém, logo nos primeiros anos de 1870, com a invenção do arame farpado, os fazendeiros abandonaram os costumes tradicionais, cercaram suas pastagens e passaram a contratar funcionários fixos para o manejo do gado, conserto de cercas e plantio de forragens. Atrelada aos cercamentos das pastagens, a expansão da malha ferroviária ao reduzir as distâncias entre as regiões, também contribuiu incisivamente para as mudanças operadas na organização social e econômica da pecuária norte-americana[6] (BURCHELL, GRAY, 1981; KARNAL, 2007; LECOMPTE, 1985).

Nesse sentido, vale registrar que as ferrovias também colaboraram diretamente para o desenvolvimento do rodeio nas primeiras décadas do século XX.

---

antecederam à Guerra Civil Americana (1861-1865), os EUA vivenciaram uma verdadeira efervescência de conservadorismo religioso. A ofensiva protestante ramificada numa variedade de atividades e correntes reformistas buscava, por meio se uma série de técnicas, que iam desde a persuasão sutil à coerção direta, manter a ordem e a estabilidade moral e social numa nação que se abria a um novo momento histórico-social – a expansão para o oeste e a ocupação definitiva da fronteira de colonização – ao incorporar um considerável número de hispano-americanos (mexicanos), ao mesmo tempo em que recebia levas de imigrantes (irlandeses, chineses), bem como de migrantes oriundos dos núcleos urbanos do leste que se dirigiam para áreas ainda não ocupadas. Considerando que naquela jovem república o discurso de liberdade, igualdade, e individualidade era tomado como sinônimo de nação democrática e, que a diversidade étnica, cultural, e social característica da conquista e ocupação do oeste ameaçava os sólidos valores morais, diversas foram as correntes reformistas de caráter conservador que se deslocaram para aquelas regiões durante o período em foco.

[6] De acordo com Thomas C. Cochran (1972, p.193-194), “entre 1830 e 1851, construiu-se uma rede de trilhos, que cobria a região leste do Rio Mississippi e, na década de 1850, as estradas, estendendo-se ainda mais para o oeste, tinham uma extensão de trilhos igual à de toda a Europa ocidental. Em 1870, os Estados Unidos possuíam, aproximadamente 50.000 milhas de trilhos de estradas de ferro; em segundo lugar, no mundo inteiro, vinha a Grã-Bretanha, com 15.000 seguida pela Alemanha, com 12.000 e pela França, com 10.500”.

Se por um lado, o desenvolvimento da malha ferroviária reduzia as vagas de emprego na pecuária, por outro, articulava uma rede de cidades e, consequentemente, distintas regiões, que puderam se aproveitar das facilidades de locomoção para a realização dessas competições[7].

Em decorrência dessa nova dinâmica sócio-espacial da economia pecuária, a procura pelos trabalhos do *cowboy* diminuiu sensivelmente. Muitos desses desempregados tiveram de procurar uma nova ocupação para sua sobrevivência. Alguns migraram para o leste e norte à busca de trabalhos urbanos. Outros permaneceram no Meio-Oeste se dedicando a trabalhos temporários em ranchos ou mesmo nas pequenas e médias cidades (KARNAL, 2007; STRATTON, 2006; WESTERMEIER, 1987; WOODEN, EHRINGER, 1996).

Ainda que as competições entre homens e animais (touros e cavalos) tenham surgido de forma espontânea nos ranchos e fazendas do atual oeste americano e, em razão desse fato, partilhar de uma origem comum, os localismos se faziam presentes nesses eventos. Conforme aponta LeCompte (1985), entre 1880 e 1900, centenas senão milhares, de eventos aconteceram no oeste. Ainda em 1869, sob o modelo e formato que os tornariam populares naquele país, o de rememoração e ritualização da fronteira, em comemoração ao Quatro de Julho, no *Deer Trail*, *Colorado*, ocorre uma das primeiras competições do "*bronco-busting contests"* que se tem registro (STRATON, 2006; WESTERMEIER, 1987; WOODEN, EHRINGER, 1996)

Em *Cheyenne*, no Estado do *Wyoming,* no ano de 1872, acontece a primeira disputa com divulgação para boa parte da rede de eventos e *cowboys* constituída no oeste [8] (STRATTON, 2006; WESTERMEIER, 1987). Em que pese o *Cheyenne Frontier Days*, ter sido o primeiro evento a ritualizar oficialmente a Fronteira, conforme aponta LeCompte (1985), seu modelo e formato serviram de base para que outras localidades e cidades do oeste organizassem suas

[7] A ideia da ferrovia como elemento fundamental para articulação das localidades e consequente difusão do esporte é encontrada em Gilmar Mascarenhas de Jesus (2001). Mesmo se ocupando em analisar o futebol, as análises desse geógrafo foram fecundas ao entendimento da formação da rede de cidades que realizavam os rodeios no século XIX.

[8] Embora exista grande debate sobre quando e onde ocorreu o primeiro rodeio formal nos Estados Unidos da América, os historiadores geralmente reconhecem que, *Pecos* (*Texas),* em 1883, foi o primeiro a oferecer prêmios[8] e que, *Prescott* (Arizona), em 1888, foi o primeiro a cobrar inscrição (FREDRIKSSON, 1993; MOSES, 1996).

comemorações e perpetuassem seus patrimônios históricos de uma época que estava deixando de existir.

Não obstante, LeCompte (1985) prossegue apontando que, no período indicado (1880-1900), as competições entre *cowboys* eram, ainda, atrações inseridas no interior de outros eventos maiores como, as feiras ou mostras pecuárias, os *frontier days*, e festas civis ou religiosas. Além disso, por serem eventos organizados e promovidos quase que exclusivamente pelas comunidades que as realizavam, os participantes bem como as regras eram, também, locais.

Assim, conforme esclarecem Westermeier (1987) e Lawrence (1984) mesmo que ocorressem mais de vinte eventos em um único dia, nenhum dos festivais era similar em sua organização, normas, e regras. Aos competidores, após pagarem as inscrições, lhes eram entregues cópias das regras do evento. Apesar das competições terem se popularizado junto às comunidades do oeste, principalmente nos eventos da "fronteira", o fato de possuírem aspectos folclóricos, bem como inexistirem regras padronizadas, dificultava a profissionalização dessas disputas.

Não obstante, a implantação e o crescimento da rede ferroviária naquele país, ocorrida ao longo do século XIX, aproximou os lugares. Reduziu as distâncias e permitiu que as regiões e localidades pudessem constituir uma verdadeira rede de competições que viessem se interligar, se interrelacionar e se complementar. Desse feito, a integração que se processava entre as regiões e eventos imposta pelas ferrovias pressionava as competições pelo fim do localismo. Assim, se por um lado as ferrovias abriam novas possibilidades, por outro ainda existiam certas limitações. Apesar de inseridos num novo contexto, não mais aquele das práticas lúdicas em fazendas, ainda não havia a lógica dessa prática se tornar uma profissão para os *cowboys* que se encontravam à margem do processo de modernização norte-americano[9].

Mediante os desdobramentos da reestruturação produtiva da pecuária e do desenvolvimento da malha ferroviária, os rodeios passaram a se tornar alternativas aos *cowboys* que se encontravam desempregados. Iniciava-se,

[9] Mesmo que ainda não esteja presente a ideia do profissionalismo e do esporte, isso não nos impede de depreendermos desse processo que as bases para a territorialização do rodeio como profissão já se encontravam postas. Ou seja, a rede estava constituída, os sujeitos sociais e seus respectivos objetivos também se encontravam naquele campo de forças, e suas ações de poder, entendidas como territorialidades, já se projetavam naquele espaço.

assim, um novo formato de rodeio nos Estados Unidos da América, agora vinculado à ideia de dedicação exclusiva como possibilidade e meio de sobrevivência. Assim, mesmo desconectados, a nova formatação das competições possibilitou o surgimento e o desenvolvimento de eventos em diferentes espaços e com denominações variadas.

A respeito dessa característica das competições realizadas nas últimas décadas do século XIX LeCompte (1985) afirma que os torneios que se estabeleciam entre *cowboys* durante os *Frontier Days* tornaram-se populares em todo oeste sendo amplamente copiadas e realizadas em diversas localidades em eventos semelhantes, mas, com denominações diversas como, s*tampedes* (estouro), c*owboys tounaments* (torneio de vaqueiros), e *Roundup* (rodeio).

De qualquer forma, ou sob a denominação que recebesse, o fato é que os eventos do oeste americano, em razão da conotação e do apelo popular que possuíam, acabaram criando uma espécie de circuito no qual os eventos se retroalimentavam permitindo aos competidores dedicarem-se exclusivamente à essa prática. Dessa forma, conforme expõe Allem (1998), embora ainda vinculados aos aspectos da cultura popular e do folclore, esses eventos tiveram a capacidade de absorver boa parte da mão-de-obra excedente das fazendas pecuárias, amenizando a questão do desemprego rural e possibilitando seu fortalecimento enquanto atividade exclusiva para alguns *cowboys* (STRATON, 2006, WESTERMEYER, 1987).

Ademais, sua expansão também contou com um elemento nacionalista que o vinculou à vida e à imagem do *cowboy*, personagem central da cultura popular e responsável pela elasticidade das fronteiras americanas e ocupação do “oeste selvagem” [10] (LECOMPTE, 1985; STRATTON, 2006; WESTERMEIER, 1987; WOODEN & EHRINGER, 1996).

Não obstante, e embora tais eventos e competições ganhassem projeção e interesse junto ao público durante as duas últimas décadas do século XIX, necessário se faz apontar que nos EUA a palavra *cowboy* raramente foi utilizada, exceto de forma depreciativa, pelo menos até a década de 1880. A ressignificação do campo e, por desdobramento, desse personagem bem como das

[10] A respeito do uso que os Estados nacionais fizeram das manifestações populares como elemento de coesão nacional e cristalização do ideal nacionalista por meio da política de massas, ver Eric Hobsbawm (1984).

exibições de suas técnicas junto ao conjunto maior da sociedade estadunidense, estão associadas diretamente ao processo de modernização da economia e deterioração das condições de trabalho e vida do proletariado industrial do norte e dos agricultores do sul (WELCH, 2003).

Para Taylor e Maar (*apud* LECOMPTE, 1985) a situação econômica e social dos EUA de meados da década de 1880 abriu necessidades e possibilidades para a criação de novos "heróis". Nessa esteira, segundo os referidos historiadores, surgiria uma nova figura jefersoniana nos EUA: o *cowboy*. Esse personagem – retratado pela imprensa como jovem de personalidade aventureira e heroica, independente e inexoravelmente branco e anglo-saxão – sintetizava e alimentava perfeitamente o espírito daquela jovem nação que completava um século de existência naquele período. Segundo Cohcran (1972), ideia corroborada por Santos (2008), o retorno aos ideais e valores fundadores da nação fez com que o *cowboy* e o oeste incorporassem todas as antigas virtudes americanas, emergentes mais uma vez em tempos de profundas transformações sociais, econômicas e culturais pelas quais passavam os EUA naquele tempo e, em razão disso, viessem a constituir um mito[11].

Contudo, há que considerar que esta mitificação, fosse do oeste, fosse do *cowboy*, pressupunha, entre outras coisas, esvaziá-lo de referências negativas, como as que o associavam às ideias de desordeiro, fora-da-lei, violento, hispano-americano, e íntimo das mulheres "desonradas" (SANTOS, 2008). Embora a produção desse mito trouxesse consigo a omissão de certos elementos, tal questão traz consigo a afirmação de que os mitos não são, como pensavam os estudiosos vinculados ao Iluminismo, frutos da ignorância, do engano, "verdadeiros equívocos" produzidos pelas sociedades humanas.

Seja como for, devemos levar em consideração, conforme ressalta Georges Balandier (1997, p.18), a concepção grega a respeito do mito, ou seja, é fundamental considerarmos que o mito se refere "tanto à palavra enganadora, que gera ilusão, quanto à palavra capaz de atingir a verdade". Seja como engano ou verdade, o mito aborda, em sua linguagem própria, a ambiguidade do social e as

[11] Segundo Mircea Eliade (1989; 1992), são mitos, principalmente, os deuses ou os heróis civilizadores. O mito se relaciona com afigura do herói quando existem estórias em torno de homens cuja vida é narrada segundo acontecimentos grandiosos e um passado glorioso, que em parte pode ser recuperável, por meio do ritual e suas práticas.

forças que o afetam, “daí, normalmente, [o mito] tratar do começo, da origem, remeter a um tempo fundador e estar ligado à memória que informa sobre realidades ocultas” (BALANDIER, 1997, p.17).

Na condição de mito, podemos pensar a construção da imagem do *cowboy* segundo a valorização do mundo natural frente aos efeitos da modernidade que levava os EUA tanto ao “fim da fronteira” quanto à desintegração do mundo e da sociabilidade rural. Nesse sentido, o historiador Keith Thomas (1989), ao demonstrar que a partir do período de industrialização e urbanização ocorridas na Inglaterra oitocentista, nos ensina que os sentimentos e aspirações relacionados às imagens, paisagens e símbolos referentes ao campo ganharam valor e foram ressignificados de maneira positiva naquele contexto histórico-social.

Acerca da relação entre as mudanças provocadas pela modernização e a revalorização do oeste bem como do *cowboy* na cultura estadunidense, outra contribuição pode ser encontrada na interpretação do historiador Léo Marx (1976) ao destacar que as imagens pastoris – referentes ao campo enquanto cenário aprazível, virtuoso e relacionado à felicidade – ganharam maior força naquele país a partir de sua modernização[12], estando então vinculadas a tal fenômeno na condição de seu “contraste de consciência e espírito”. Assim, tais imagens e sentimentos seriam importantes “símbolos culturais”, capazes de revelarem o posicionamento dos homens frente aos diversos efeitos derivados da modernidade como a expansão das cidades e o encurtamento das distâncias promovidas pelas ferrovias e rodovias.

Aprofundando a compreensão acerca da ressignificação pela qual passaram o rural e o *cowboy* nos EUA, as análises de Canclini (1998, p.159) se mostram fecundas, pois, ao sugerir que “o mundo moderno não se faz apenas com aqueles que têm projetos modernizadores” permite reconhecer a heterogeneidade de grupos, projetos e sujeitos sociais presentes nesse processo. A compreensão de Canclini (1998) é a de que os modernizadores – poderes públicos, cientistas, tecnólogos, e empresários – procurando englobar todos os segmentos sociais, necessariamente tem de lidar com bens tradicionais populares, de modo que

[12] Em que pese esse historiador considerar o período de modernização dos EUA em 1840, o que discordamos, haja vista o processo de incorporação e ocupação de imensas “áreas vazias” tanto a leste quanto a oeste naquela nação, consideramos sua compreensão acerca dos efeitos da modernidade nos EUA como válida para nosso estudo.

possam transmitir a impressão de que a estão renovando, ao mesmo tempo em que prolongam os sentidos e significados já compartilhados.

Para tanto, os modernizadores buscam apoio nos tradicionalistas, quem em muitos casos, propõem-lhes uma aliança com o objetivo de ter a oportunidade de divulgar em larga escala as mensagens contidas no patrimônio cultural ao qual estão vinculados. Nessa comunhão de interesses, inaugura-se entre o que podemos denominar de uma cultura massiva e outra que chamaríamos de popular, um espaço de trocas de símbolos e de estruturas de compreensão de mundo que origina um produto híbrido.

Dessa forma, se, por um lado, o mito do *cowboy* possibilitou a territorialização dessas competições a partir da ressignificação do oeste americano (movimento que foi auxiliado pelo avanço das ferrovias que desbravaram, articularam e organizaram o território norte-americano permitindo que esses eventos desenvolvessem certa identidade ao imprimir a articulação de lugares em torno de um mesmo tipo e formato de evento), por outro, na transição do século XIX para o XX, essas disputas tenderam a se desligar do seu sentido, função, forma e conteúdo originais.

Similarmente ao que ocorria em outros aspectos sociais da vida americana, as competições de *cowboys* foram lenta e gradualmente cooptadas e incorporadas pelo capitalismo. Se até finais da década de 1870, tais competições eram organizadas e promovidas pelas comunidades nas quais ocorriam, na década seguinte, passarão a contar com outros sujeitos sociais, no caso, empresários, promotores e produtores profissionais ligados a espetáculos e entretenimento público. Em outros termos, os *frontier days*, *cowboys tournaments*, *roundups*, ou *stampedes* passaram a serem vistos como negócio, de modo a dar a maior rentabilidade possível a seus promotores e produtores.

Ainda que não fossem organizados e difundidos como atividades e competições esportivas, em boa medida, a partir da década de 1880, esses eventos tenderam a se descolar do sentido de festas locais ou comunitárias para se tornarem espetáculos de consumo e fruição urbanos. Assim, ao serem incorporadas à lógica capitalista de produção, as festas se transformaram em espetáculos e atrações urbanas que poderiam ser encenados e representados para um público tanto no país quanto fora dele.

De acordo com Wooden e Ehringer (1996), a prova de que esses eventos, entre fins do século XIX e início do XX, vinham se tornando espetáculos pode ser verificada no número de público presente durante o *Cheyenne Frontier Day* de 1902. Naquele ano, o *Cheynne's Frontier Park* recebeu cerca de 20.000 visitantes somente em um dia. A popularidade e expressão desse evento serviram de modelo e inspiração para que diversas cidades do oeste organizassem seus eventos. Em *Denver, Colorado*, no ano de 1906, foi organizada a primeira versão do *National West Stock Show* (NWSS). Tendo se iniciado como uma exposição de gado, esse evento tendeu a incorporar e misturar elementos tanto dos espetáculos do WWS quanto aqueles dos *cowboys tournaments.*

Por se tratar de um grande evento no qual outros eventos ocorriam em seu interior, o NWSS nutriu-se plena e amplamente nas práticas e discursos de modernização do campo características desse período. Outras cidades como, *Calgary*, no Canadá, e *Pendleton,* no estado do *Oregon*, também servem para ilustrar as transformações pelas quais as competições de *cowboys* passavam nesse período. No ano de 1913, em somente um dia de rodeio o *Pendleton Round-Up* recebeu mais de 50.000 pessoas. Um número expressivo considerando que, na época, a cidade contava com cerca de 5.000 habitantes. Quanto a *Calgary*, no Canadá, o *Calgary Stampede*, organizado em 1912 pelo *cowboy* Guy Weadick, foi o primeiro evento de competição entre *cowboys* a oferecer US$100.000 em premiação aos competidores.

Dessa forma, gradativamente as festas e as competições lúdicas de origem pecuária passaram a incorporar a lógica e os valores mercantis e utilitaristas de uma sociedade de massa que era gestada e se desenvolvia naquele país. Assim, deixaram de ser fenômenos e celebrações de uma comunidade para tornarem-se, conforme indica Canclini (1983, p.125), "um espetáculo interurbano, nacional e mesmo internacional". Em sua organização, produção e reprodução, ao contrário de homens ligados às comunidades nas quais se realizavam, novos sujeitos sociais – empresários – dela se apropriam e "as converteram em festas para os outros". Nos espetáculos, ao contrário das festas, "são separados os espectadores dos atores e é entregue a profissionais a organização do divertimento"[13].

[13] Em corroboração à interpretação de Canclini (1983) buscamos em Amaral (1998, p.29) a afirmação de que "como toda festa é um ato coletivo, ela supõe não só a presença de um grupo, mas, também, sua participação, o que diferencia a festa do puro espetáculo. Por esta razão é que certos

A partir desse momento, as festas e as competições teriam suas territorialidades originais abaladas e alteradas por outras novas que passariam a gerar um novo território: o do espetáculo. Em que pese considerar que o formato dos *frontier days* tenha servido de base para a organização de eventos análogos em cidades e comunidades do oeste e, em razão disso, esses eventos tenham se reproduzido e expandido nos EUA, necessário se faz apontar que outros espetáculos, com apelo às mesmas condições de vida na Fronteira que se diluía na modernidade, seriam elaborados naquela nação.

Em outros termos, vale dizer que, além das competições e eventos acima mencionados, um novo tipo de espetáculo será organizado nos EUA e, a partir de seu desenvolvimento, passará a disputar espaço e popularidade com as demais competições. Isso porque, embora os eventos sejam diferentes e reflitam as condições histórico-sociais locais ou regionais, o território disputado é resultado de interesses diversos de novos e velhos sujeitos sociais que se inseriram no interior desse campo de poder, como os promotores, produtores e organizadores profissionais de *shows*.

Ainda que esses sujeitos sociais possuam campos de atuação diferentes, pois, de certa forma as cidades do leste eram refratárias às competições de *cowboys*, seus objetivos convergem para os mesmos interesses, ou seja, embora suas ações e práticas de poder sejam conflituosas, os interesses em elevar as competições, técnicas e práticas lúdicas da pecuária norte-americana à condição de entretenimento público e espetáculo são convergentes. Além disso, devemos mencionar que, sejam os *cowboys tournaments*, os *frontier days*, ou mesmo os *wild west shows*, mesmo sendo diferentes em escopo e magnitude, os interesses de diversos sujeitos sociais presentes na organização e reprodução desses eventos contribuíram para a formação da base esportiva do rodeio nos EUA.

Deste modo, após reconhecermos que o movimento de ressignificação do oeste bem como do *cowboy* contou com suas mitificações e ritualizações e, em função desse movimento, as competições de *cowboys* ganhavam espaço e se tornavam populares pelo oeste dos EUA, resta-nos compreender o

---

acontecimentos (como os festivais, os shows, etc) não podem ser considerados como festas stricto sensu. O critério da participação parece ser fundamental na definição das festas e, historicamente, negociações de vários tipos, entre diferentes classes sociais, estamentos, gêneros etc. têm sido realizadas a fim de obter maior adesão às festas".

papel e a contribuição dos *Wild West Shows* para a consolidação da base esportiva do rodeio naquela nação.

1.1.3. O *Wild West Show* e a consolidação da base do rodeio nos EUA

Com sua primeira grande apresentação pública inserida nas comemorações do Quatro de Julho de 1882, em *North Plate*, *Nebraska*, os *Wild West Shows* (WWS), organizados primeiramente por Willian Frederick Cody, o *Buffalo Bill*, foram fundamentais tanto para o movimento de ressignificação e mitificação do oeste e do *cowboy* quanto para o fornecimento de elementos básicos à constituição definitiva de uma base esportiva do rodeio naquele país[14]. Juntamente com os *cowboys tournaments*, *roundups*, *frontier days* e *stampeds*, os WWS disseminaram e difundiram no leste dos EUA, bem como na Europa e Oriente a maioria das provas e competições que iriam compor, nas primeiras décadas do século XX, o rodeio moderno.

Fundindo elementos materiais e simbólicos que ritualizavam a vida na Fronteira que desaparecia a aspectos e números de espetáculos circenses, os WWS se tornaram, a partir da década de 1890, tais quais as diversas competições de *cowboys,* eventos que proporcionaram trabalho e renda a seus competidores e participantes[15] (FREDRIKSSON, 1993; LECOMPTE, 1985). Contando com apresentações de danças indígenas, encenações de ataques a diligências, simulações de batalhas entre nativos e cavalaria, provas e truques com laço, demonstrações de tiro, malabarismo e montarias em cavalos selvagens e bisões, tais espetáculos trouxeram consigo uma nova lógica e formato para as competições. Diferentemente das competições e eventos anteriores, pois, nos EUA dessa época se consolidava indústria cultural, a divulgação e a propaganda desses espetáculos passaram a ser realizadas por empresas especializadas nesse setor.

---

[14] Em que pese a apresentação de 1882 ser considerada como o marco inicial dos WWS, importante apontar que *Buffallo Bill* já vinha apresentando seu *show* desde 1872 em pequenas e grandes cidades do país. Entre 1872 e 1882, suas maiores apresentações aconteceram em *Chicago* (1872) e na *Broadway* (1873). Entretanto, nesse período, conforme apontam Woden & Ehringer (1996), *Cody* ainda não era um grande produtor e promotor de espetáculos.

[15] Além do WWS de *Buffallo Bill*, diversos produtores e empresários também organizaram apresentações e espetáculos do Oeste Selvagem. Segundo Fredrikson (1993), somente em 1885, foram registradas mais de cinqüenta companhias que vendiam esse tipo de espetáculo nos EUA.

Ainda que a *American Society for the Prevention of Cruelty to Animals* (ASPCA) tecesse duras críticas aos espetáculos, a profissionalização e a especialização da propaganda nesse setor permitiram, aos WWS, significativa e duradoura popularidade junto ao conjunto maior da sociedade norte-americana. Isso porque, tanto *Cody* quanto outros empresários do ramo, souberam utilizar o contexto histórico em seu benefício. Enquanto no sudoeste as forças conservadoras denunciavam as *fiestas*, de tradição hispânica, como frívolas e depravadas e, em razão disso, eram vistas como um dos elementos da corrupção dos padrões morais da sociedade, em outras localidades do leste e meio-oeste, "guardiães da moralidade vitoriana" exigiam que os espetáculos públicos apresentassem e difundissem valores morais, culturais, ou educativos.

Nesse sentido, tanto *Cody* quanto outro empresário bem-sucedido do ramo do espetáculo, *Phineas Taylor Barnum*[16], souberam captar o imaginário da época, os desejos e anseios da sociedade norte-americana naquele momento histórico. Utilizando-se da retórica, e da propaganda que divulgava os espetáculos de *Buffallo Bill* como um "entretenimento nacional no qual não existe nenhuma imitação. Toda e qualquer encenação é a mais pura verdade" (LECOMPTE, 1985, p12).

Apesar destes apelos, os *cowboys* do WWS não eram descritos como trabalhadores de fazendas ou mão-de-obra contratada para o transporte de boiadas. Mesmo que muitos dos *vaqueros* originais de *Cody* fossem mexicanos, ao que parece, suas origens étnico-culturais eram omitidas enquanto os artistas do espetáculo eram projetados como super-homens que podiam laçar, montar, domar, e atirar com habilidades surpreendentes; executar acrobacias e malabarismos sobre cavalos em movimento ao mesmo tempo em que conseguiam salvar mulheres e crianças do perigo (LECOMPTE, 1985).

Concomitante ao fortalecimento e popularização dos WWS, os *cowboys tournaments* e eventos análogos também continuavam operando nesse espaço. Apesar da ausência de uniformidade de regras e normas, conforme indicado

[16] A história de Phienas Taylor Barnum se confunde com a trajetória do circo nos EUA. Possuidor de reconhecida retórica iniciou sua carreira no circo norte-americano como apresentador. Em 1871, associou-se a *William Cameron Coup* abrindo um grande circo em Nova Iorque. A propaganda dizia que era "o maior espetáculo da Terra". Em 1881, uniram-se a *James Anthony Bailey*, fazendo surgir um circo ainda maior, o *Barnum and Bailey*, com três picadeiros simultâneos. Em 1884, surgiu o circo dos irmãos *Ringling* que, em 1906, acabou adquirindo o *Barnum and Bailey* (.

anteriormente, tais eventos representaram a transição do espetáculo de caráter folclórico para o moderno esporte profissional naquele país. Essa transição, porém, deve ser entendida como um processo e, por isso, envolve a noção de tempo.

Contrariamente ao que apregoa o senso comum, bem como boa parte dos trabalhos brasileiros sobre a história do rodeio nos EUA, o processo não avançou em ritmo uniforme. Para LeCompte (1985) a transição, compreendida entre 1890 e 1930 deu-se segundo as condições históricas de cada década. Assim, mesmo que nos EUA a ressignificação do oeste tenha se utilizado da ritualização das técnicas e práticas lúdicas da Fronteira, no período que se estende de 1890 até 1920, as semelhanças entre os *cowboys tournaments* e as *charrerias* eram tão grandes que os competidores participavam em eventos tanto no México quanto nos EUA.

Todavia, conforme indica LeCompte (1985), devido ao alto custo de produção e montagem das apresentações, por volta de 1917 os espetáculos do WWS começaram a desaparecer. Diante dessa nova realidade que se impunha aos espetáculos circenses do oeste, muitos de seus promotores migraram desse tipo de evento para uma nova forma de atividade. Aproveitando-se do vácuo deixado pelos WWS, muitos novos produtores e promotores já ligados ao negócio de competição de *cowboys* passaram a organizar competições menos dispendiosas tanto em nível local quanto regional.

Ao redirecionarem suas atenções para a promoção e organização de torneios de *cowboys*, esses empresários também trouxeram para esse território, um considerável número de *cowboys* interessados em viver das competições, alguns provenientes dos WWS. Desse feito, iniciava-se a emancipação das competições de *cowboys*, em relação aos eventos análogos, para se tornar um espetáculo único com território e territorialidades próprias.

Ao se emancipar das apresentações do Oeste Selvagem, podemos perceber que o território do rodeio sofreu consideráveis alterações. Novos interesses, ações e relações de poder, logo, novas territorialidades foram projetadas nesse campo. Surgem novos organizadores e produtores profissionais desses eventos com idéias, projetos, perspectivas, e objetivos inovadores. Aproveitando-se da existência de um espaço social e historicamente construído, esses novos sujeitos sociais dele se apropriaram e deram, a esse território, novos sentidos, formas, funções e significados.

Deste modo, novos e importantes torneios com significativos prêmios aos vencedores foram organizados nos grandes centros urbanos do leste. Esses eventos representam as primeiras tentativas de profissionalização e esportivização dos torneios de *cowboys*. Não obstante, enquanto no leste, o embrião do profissionalismo era gestado, no oeste, as competições de caráter local e regional com participação de trabalhadores das fazendas de gado continuavam a proliferar, porém, com diminutos ganhos aos vitoriosos (LECOMPTE, 1985). A tensão entre profissionalismo e amadorismo começava a ganhar corpo e forma nesse período.

Refletindo o que acontecia com os diversos esportes populares da época nos EUA, no *Madison Square Garden*, *Chicago*, durante os anos de 1926 e 1932, o promotor de torneios de *cowboys*, *Tex Austin*, organizou o *Annual World's Champioship Rodeo*, também conhecido como *Annual World Series Rodeo*. Projetado para um reduzido público urbano do leste dos EUA, os promotores desses eventos buscaram construir e difundir uma imagem de esporte nacional para as competições. Para tanto, era necessário descolar, definitivamente, suas provas de qualquer elemento que pudesse vinculá-las às *fiestas*, aos *shows*, circos, ou entretenimento público, diversão cotidiana de *cowboys* ou manifestação folclórica. Dentre as competições organizadas nas sete edições que se seguiram à *World Series Rodeo* de 1926, cinco modalidades – todos com origem na *charreria* – foram incorporadas à lógica esportiva: *calf roping, saddle bronc, bull riding, bareback,* e *bulldog* (FREDRIKSSON, 1993; LECOMPTE, 1985).

Entretanto, após 1926, as competições organizadas no leste passaram a se antagonizar com os *frontier days*. A luta que se travou em torno do controle desse território se desdobrou em uma nova configuração de múltiplas territorialidades envolvendo os objetivos e ações já existentes às novas que se projetavam em seu interior. Em outros termos, as relações sociais se tornaram mais complexas em relação às anteriores. Por meio de múltiplas ações, derivadas de objetivos de atores sociais diversos, que iam desde os *cowboys*, organizadores, promotores, produtores, publicidade, até os espectadores, um novo território foi estruturado, sem que o anterior tenha desaparecido por completo. Pelo contrário. Esse novo irá conter vários elementos definidores do velho e, este, daquele. Tomando Marc Bloch (1941) para melhor compreender esse movimento, podemos afirmar que desviar nossa atenção para a captação desta "tensão" entre o que é

inovado e o que é preservado, implica enveredar por uma perspectiva temporal associada a ideia de dialética da duração, em que o tempo é constituído por mudança, mas também continuidades, devendo o historiador esforçar-se por captar na continuidade a mudança e vice-versa.

A respeito da relação dialética entre o velho e o novo, Fredriksson (1993) esclarece que, semelhantes aos *frontier days* e os espetáculos dos WWS, os rodeios passaram a contar com diversos elementos alheios à pecuária, bem como à sua territorialidade original. Em sua ocorrência, incorporou a grande entrada triunfal de *cowboys* nas aberturas dos rodeios, os mestres de cerimônia e a presença de palhaços salva-vidas, elementos da velha territorialidade. Além disso, conforme esclarece LeCompte (1985, p.1) “todas as competições do rodeio moderno são populares de alguma forma no México, incluindo Texas até Califórnia, no século XIX. Conhecido comumente como *charreria*, estas competições equestres incluem provas de laço, montarias em touros e cavalos selvagens e o *bulldog*”.

De qualquer forma, relevante é compreender que, concomitante ao desaparecimento do “estilo de vida da fronteira”, o rodeio cresceu em popularidade nos EUA vindo a constituir circuitos e campeonatos de rodeio nas mais diversas regiões e Estados daquele país. Os *cowboys*, que em fins do século XIX haviam enfrentado sombrias perspectivas de trabalho, poderiam, agora, viajar e fazer do rodeio sua principal atividade. Durante as primeiras décadas do século XX o rodeio emergiu como uma competição esportiva contando com seus próprios espectadores, regras, normas e atores sociais próprios. Ao romper definitivamente com os espetáculos do Oeste e se tornar autônomo, com organização própria, o rodeio trouxe à tona sua dimensão econômica, social e política que poderia ser amplamente explorada (FREDRIKSSON, 1993; MOSES, 1996).

Portanto, este foi o nascimento do atual rodeio profissional e do território que, neste trabalho, denominamos de território do rodeio. Entretanto, mesmo avançando no caminho de sua profissionalização e, consequentemente, de sua esportivização, o rodeio ainda não contava com regras e normas padronizadas que permitissem a organização de campeonatos e circuitos nacionais. A primeira tentativa para a solução das divergências e incompatibilidades de regras entre os diversos eventos pode ser encontrada em 1929, com a criação da *Rodeo Association of America* (RAA), conforme será visto adiante.

Para o momento, importa reconhecer que, inversamente ao apregoado pelo senso comum, os primeiros *cowboys* não foram vaqueiros de origem anglo-americana, mas, hispano-americana. Mais precisamente, trabalhadores índios e mestiços mexicanos de fazendas criatórias da Nova Espanha. Da mesma forma, o termo *rodeo* e a maioria das modalidades que compõem atualmente esse esporte como, *saddle bronc* (sela americana), *calf roping* (laço em bezerro), *steer wrestling* (derrubar o boi à unha), *bull riding* (montaria em touro) e *team roping* (laço em dupla), também possuem suas matrizes nas práticas laborais empregadas na lida diária com os rebanhos nas fazendas de gado dos atuais México e sudoeste dos EUA.

De maneira mais clara, resta dizer que, tal como a sociedade norte-americana em geral, o rodeio é produto de diversas tradições culturais e étnicas. Resultado, portanto, da fusão entre as práticas laborais e culturais mexicanas e norte-americanas.

1.2. O território esportivo nos EUA e sua relação com o rodeio

Os esportes nos EUA são uma parte importante da cultura daquela nação. Todavia, a cultura esportiva estadunidense difere consideravelmente da de outros países. Comparado a qualquer outra nação, os norte-americanos preferem um conjunto único de esportes. Por exemplo, o futebol, o esporte mais popular do mundo, não possui a mesma representação e significado nos EUA em comparação com os quatro mais populares esportes de equipe como, o futebol americano, o basquete, o beisebol, e o hóquei sobre o gelo. Além disso, as grandes ligas de cada um desses esportes – *National Footbal League* (NFL), *National Basquet Association* (NBA), *Major League Baseball* (MLB), *National Hockey League* (NHL) – desfrutam de maciça exposição na mídia e suas competições são consideradas mundialmente os principais campeonatos nos seus respectivos territórios. A proeminência dessas grandes ligas é parcialmente atribuída à sua forte capacidade financeira e ao enorme mercado interno, bem como pelo fato de que relativamente poucos outros países reproduzem de forma significativa alguns de seus esportes dominantes, como o futebol americano (CALDEIRA, 2002; MANDELL, 2006; PRONI, 1998).

Além da diferença entre as modalidades dos esportes populares, os esportes também são organizados diferentemente nos EUA. Não existe qualquer sistema de regulamentação ou desregulamentação esportiva, como na Europa e Brasil, e as principais ligas esportivas funcionam como associações de franquias, ou seja, empresas de capital privado. Assim, não são as federações, confederações, ou o poder público quem legitima e reconhece as modalidades esportivas, mas, o mercado é quem detêm o poder de tornar as práticas lúdicas corporais e competições físicas em modalidades esportivas.

Sendo assim, não existe naquele país uma ampla e hierarquizada rede de associações e confederações que organizam e sistematizam os campeonatos. Pelo contrário. Em razão de serem criadas e operarem como empresas, as grandes ligas tem suas decisões tomadas pelas leis de mercado, ou seja, pelas possibilidades de reprodução ampliada do capital investido no sistema de ações. Além disso, todas as principais ligas esportivas utilizam o mesmo sistema de programação com um *playoff* após a temporada regular. Outro aspecto relevante e distinto dos esportes nos EUA está no papel desempenhado pelas competições esportivas estabelecidas entre os colégios, faculdades e universidades. Dessa forma, as competições entre seleções nacionais são muito menos importantes do que os campeonatos nacionais, também denominados *World Series* (CALDEIRA, 2002; PRONI, 1998).

1.2.1. Gênese e consolidação do território esportivo nos EUA

Segundo o historiador Richard Mandell (2006), os fatores condicionantes da forma e o desenvolvimento do esporte norte-americano são similares aos outros aspectos da vida social daquele país. Em boa medida, esse historiador esclarece que foi, naquela nação, onde primeiramente o esporte moderno e as diversas modalidades esportivas “originalmente americanas” receberam a conotação de espetáculo, e consagraram nos *Halls of Fames*, seus atletas como ídolos nacionais. Ao mesmo tempo, também foi nos EUA que pioneiramente a lógica liberal de mercado adentrou as arenas, campos e ginásios de esporte com o sentido de reprodução ampliada do capital. Além disso, foi também, nos EUA que primeiramente se desenvolveu uma sociedade cujas aspirações cotidianas se

assentavam na produção e no consumo massificados, não apenas de bens materiais, mas, também, do lazer de massas.

Porém, se comparado ao processo de formação e desenvolvimento do território esportivo na Inglaterra, os EUA contam com uma recente história esportiva que remonta ao século XIX. Enquanto as primeiras competições já se encontravam em franco processo de sistematização e esportivização pela *gentry* na Inglaterra do século XVII, na América seus colonos tentavam reconstruir suas vidas e histórias. Quanto às origens desses colonos, Mandell (2006) explica que os mesmos raramente descendiam de classes abastadas.

Logo, a prática de determinadas competições inglesas como, as corridas de cavalos, nas colônias era, de certa forma, inviabilizada. Porém, ao adentrar o século XVIII, quando uma pequena parte daqueles colonos já se encontrava estabilizada em termos econômicos e sociais, e sua riqueza e ambição o permitiram, procuraram imitar o estilo “elegante e distintivo da alta burguesia de seu país de origem”. Mais que construírem suas igrejas, edifícios públicos, mansões coloniais, e mobiliários inspirados no modelo arquitetônico e nos desenhos ingleses, os colonos também procuraram reproduzir no Novo Mundo as práticas corporais e competições esportivas inglesas.

Ainda que em certa medida as competições esportivas coloniais estivessem distante das formas metropolitanas, essa imitação pode ser entendida, conforme explica Robert M. Crundem (1990, p.167), como um elemento característico das tentativas de transplantação cultural dos padrões ingleses para o Novo Mundo. Em sua compreensão, os colonos não copiaram somente os hábitos, costumes, e práticas de distinção inglesas, mas, “desde o vestuário até a religião, [...] até mesmo o estabelecimento da independência política fez muito pouco para terminar a dependência cultural da nova nação em relação ao seu ponto de origem na Europa”. Assim, do mesmo modo que os colonos tentavam reproduzir em novas condições os velhos padrões de seu país de origem, o mesmo sucedeu com o esporte durante essa fase da história norte-americana (séculos XVII e XVIII).

De acordo com Mandell (2006) até princípios do século XIX as competições esportivas estiveram alicerçadas nas modalidades e competições praticadas na Inglaterra, como as corridas de cavalos, a caça esportiva, a briga e corrida de cães, o boxe, e o remo. Nesse período (XVII-XVIII) as corridas de cavalo tornaram-se significativas e passíveis de promover a distinção social entre os

colonos, pois, levaram alguns poucos colonos, em condições econômicas seguras, a importarem cavalos de corrida e reprodutores puro sangue inglês (PSI).

Destarte, aqueles que dispunham de riqueza e desenvoltura para copiar a etiqueta e o cerimonial ingleses em torno da caça, importavam valiosos cavalos de montaria e trote, cães de raça, livros e revistas sobre o esporte de caça bem como outros equipamentos necessários à realização dessa prática esportiva. Esse movimento, na compreensão de Mandel (2006, p.188), deixava clara a desigualdade social que se desenvolvia naquela jovem nação, pois, "poco a poco se implantaban el clima y el tono adecuados al gusto y a los medios de quienes podían costear esas demostraciones públicas de refinamiento y distinción".

Juntamente com as corridas de cavalos e a prática da caça esportiva praticadas principalmente na Nova Inglaterra, na parte Sul das Treze Colônias também foram desenvolvidas competições de remo e boxe[17]. Deste modo, durante muito tempo o esporte americano foi sinônimo, transmissão, e adaptação do esporte inglês em novas condições econômicas, sociais, culturais, geográficas, e políticas – com exceção do beisebol que evoluiu de forma independente, e foi reconhecido como um esporte "genuinamente americano" em princípios do século XIX.

Embora o autor entenda que nos séculos XVII e XVIII o esporte americano tenha se organizado segundo a lógica da "transplantação cultural" das práticas esportivas inglesas, devemos ter certas precauções ao analisar a gênese do território esportivo naquela nação sob esse prisma. Isso porque, diferentemente de sua nação colonizadora, nos EUA se desenvolveu uma sociedade burguesa[18] sem

[17] A existência de rios tranqüilos e navegáveis, bem como de escravos negros, permitiram que essas competições se desenvolvessem largamente naquela região (MANDELL, 2006).

[18] Antes de tudo, gostaríamos de esclarecer nosso entendimento sobre a definição de sociedade burguesa, para então, podermos compreender o espaço ocupado e o papel assumido pelos esportes nos EUA. Costumeiramente associa-se a constituição plena da sociedade burguesa a dois processos e fatos históricos que abalaram as estruturas do mundo ocidental: a Revolução Industrial (1780-1830) e a Revolução Francesa (1789). Enquanto a primeira transformou completamente a base econômica e a organização social na Inglaterra; a segunda trouxe uma brusca e profunda ruptura na vida política e institucional francesa. Certamente que ambas tiveram desdobramentos que incidiram direta e profundamente sobre a vida das pessoas e, em razão disso, resultaram em mudanças socioculturais que não se limitaram àquelas nações, pois com o tempo seus efeitos se espalharam por outras regiões e nações, inaugurando uma nova era para as sociedades ditas "civilizadas". Todavia, uma definição tão ampla como essa tende a simplificar a dinâmica e o entendimento acerca dos aspectos econômicos, sociais, e culturais definidores desse processo. Levando em conta as feições definitivas de uma sociedade urbano-industrial – marcada pelo crescimento das cidades, a industrialização, e pelo surgimento de novas classes sociais com valores nitidamente distintos de tempos anteriores – como representativa da sociedade burguesa, consideramos que somente a partir de meados do século XIX que esse tipo de organização social plenamente se consolidaria na Inglaterra enquanto nos EUA, esse movimento seria efetivado ainda no último quarto daquele século.

que tivesse existido uma nobreza ou algo parecido com o estilo de vida aristocrático inglês[19].

Em nosso entendimento, por mais que as competições realizadas nas Treze Colônias se assemelhassem àquelas que deram origem ao território esportivo inglês, os EUA seguiram um caminho distinto de sua nação original. Isso se explica, primordialmente, a partir do tipo e da forma de sociedade que emergiu nas colônias inglesas do Novo Mundo até o século XVIII e, principalmente pela negação dos padrões ingleses após sua emancipação política.

A despeito dos EUA terem sido colonizados por uma grande diversidade de grupos sociais e culturais, foram os protestantes que permaneceram mais fortemente presentes no imaginário norte-americano. Esses protestantes, vinculados à sua versão mais radical (puritana), responsáveis pela ação colonizadora da Nova Inglaterra, legaram à posteridade tanto seus textos sobre a travessia do Oceano Atlântico – "Pacto do Mayflower", quanto a narrativa das dificuldades encontradas no início da colonização – "Dia de Ação de Graças". Constituído por indivíduos brancos, anglo-saxões, e protestantes (*white anglo-saxon protestant* – WASP), esse grupo acabou sendo tomado como "fundadores dos EUA"[20], mas, embora partilhassem certas características étnicas e religiosas com seus "irmãos ingleses", em nada se assemelhavam ao comportamento da aristocracia inglesa ou ao seu estilo de vida.

A vida cotidiana nas colônias inglesas da América do Norte, ao contrário daquela aristocrática na Metrópole, revelava uma cultura voltada à função e não à forma. Em um mundo que se dedicava pouco às diversões, os anglo-saxões costumavam ligar trabalho e lazer. Naquele mundo, segundo Leandro Karnal (2006), a festa misturava-se ao trabalho, haja vista que as reuniões festivas dos colonos

---

[19] Uma análise comparativa entre as classes privilegiadas da Inglaterra e EUA bem como de suas práticas sociais, políticas e econômicas, é encontrada em Domenico Losurdo (2006).

[20] Embora em minoria numérica no processo de formação das Treze Colônias, em geral a historiografia costuma consagrar os "pais peregrinos" de Massachussets como os modelos de colonos. Além dos puritanos também vieram para a América inglesa crianças órfãs ou raptadas na Inglaterra para serem vendidas como empregados na América, mulheres dispostas a atravessar o oceano e serem vendidas na América como esposas, escravos negros, e toda sorte de "sobrecarga de pessoas necessitadas, material ou combustível para perigosas insurreições". Apesar de toda diversidade, construiu-se uma memória que identificava os peregrinos, o Mayflower e o Dia de Ação de Graças como as bases sobre as quais a nação havia sido edificada. Como toda memória, esta também precisa obscurecer alguns pontos e destacar outros.

tinham, quase sempre, um objetivo prático: construir um celeiro, preparar conservas, ou em época de assembleias, quando a população rural se dirigia às cidades.

Todavia, para Christine Bolt e A. Robert Lee (1981, p.89) o puritanismo – mesmo ameaçado por dissensões em meados do século XVII – foi o grande responsável pela coesão dessa nova sociedade e formação da cultura americana. No intuito de reestabelecer as idéias e as formas sociais inglesas no Novo Mundo, opuseram-se a “muitas coisas que mais tarde seriam encaradas como requintadamente americanas”: a tolerância religiosa, a separação entre a Igreja e o Estado, a educação progressista, e o individualismo inflexível.

O puritanismo não serviu única e exclusivamente à construção de um modo de vida norte-americano. Inconscientemente, segundo James Henretta (apud BOLT, LEE, 1981, p.90), o puritanismo representou uma fase de “transição na longa e lenta evolução de uma concepção tradicional para uma concepção moderna de vida, da autoridade e da personalidade”. A educação e a criação de crianças puritanas “destinavam-se a produzir conformidade, veneração pela Lei e pela sociedade, um forte código moral”. Todavia, o resultado final “da ênfase puritana no auto-exame, no autoconhecimento e no autodomínio foi substituir as instituições externas ao indivíduo por uma consciência interior como árbitro das decisões morais”.

Embora existissem significativas variações locais e regionais que eram mais de forma do que de substância, no final do século XVIII a cultura predominante da América inglesa colonial possuía um sólido núcleo de características partilhadas, como o idioma, a literatura, o Direito, a teologia, as ideias e instituições políticas e as oportunidades econômicas (VAUGHAN, 1985).

Além disso, embora o puritanismo acreditasse numa Igreja forte que tivesse poderes civis, exercesse o controle sobre as diversas atividades dos indivíduos sob a justificativa de moldar uma moral coletiva onde o erro de um indivíduo poderia comprometer o grupo, foi favorável a uma comunidade estratificada e organizada. No interior dessa comunidade, apesar de profundas limitações individuais, em suas congregações autônomas e com a considerável participação que elas permitiam, se desenvolveu uma tendência democrática que exerceria poderosa influência sobre as atitudes do século XIX (BOLT, LEE, 1981).

Em outros termos, juntamente como o aprofundamento do credo protestante que marcou notadamente a sociedade norte-americana no século XIX[21], havia outro ingrediente britânico muito presente na cultura norte-americana: o liberalismo. Sua influência ultrapassava a esfera da política e da economia, pois a livre-concorrência tomada como princípio básico da democracia e dos mercados, direcionou também as relações sociais e o conceito de liberdade individual naquela nação.

Quanto ao primeiro, o credo protestante, para uma sociedade burguesa que se esboçava solidamente alicerçada em valores e ética protestantes, a ociosidade e o desperdício de tempo com "atividades fúteis" eram veementemente condenados. Deste modo, os jogos e brincadeiras eram criticados e mesmo proibidos em determinadas circunstâncias e dias da semana[22]. Assim, em boa medida, podemos reconhecer que ao se abrir o século XIX, nos EUA as limitações impostas às práticas e competições esportivas foram intensas. Vejamos como o historiador e crítico social Christopher Lasch (1983) expõe essa faceta da sociedade norte-americana do século XIX. Para ele

> a história recente dos esportes é a história de sua submissão regular às demanda da realidade cotidiana. A burguesia do século dezenove reprimiu os esportes e festivais populares como parte de sua campanha para estabelecer o reino da sobriedade. As feiras e o futebol, o esporte de açular cães contra touros, as brigas de galos e o boxe ofendiam os reformistas da classe média, devido à sua crueldade e porque bloqueavam as vias públicas, interrompiam a rotina diária dos negócios, distraíam o povo de seu trabalho, encorajavam hábitos de preguiça, de extravagância e de insubordinação, e dava origem à licenciosidade e ao deboche. Em nome do prazer racional e do espírito do desenvolvimento, estes reformistas exortavam o homem que trabalhava a renunciar a seus

[21] Referimo-nos aos movimentos reformistas protestantes conservadores conhecidos como "Grande Despertar" (Great Awakening), iniciado no século XVIII e que atingiu seu pico na década de 1830 (BRADBURY, TEMPERLEY,1981; COBEN, RATNER, 1985).

[22] Nas primeiras décadas do século XIX, em função da intensificação dos movimentos reformistas conservadores, "tomar parte em várias diversões leves aos domingos, por exemplo, não parecia especialmente abominável para muitas pessoas que trabalhavam longas e estafantes horas nos outros seis dias da semana. Apesar disto, para muitos ministros e leigos, a rigorosa observância do dia religioso de descanso era matéria de vital preocupação para que os Estados Unidos dessem exemplo adequado como uma nação verdadeiramente cristã. Na Nova Inglaterra haviam existido, desde os tempos coloniais, leis que exigiam a cessação de muitas atividades comuns dos dias de semana aos domingos e elas existiam também em outras partes da União. No nível local, a luta por estrita observância do dia religioso de descanso consistia, na maior parte, no uso de várias pressões sócias para que os cidadãos observassem domingo de maneira tranqüila e decorosa, encorajando o comparecimento aos cultos públicos e empregando meios legais e outros meios para impedir transações comerciais ou outras atividades – especialmente de recreação e diversão" (LEWIS, 1985, p.121-124).

> esportes e passeios públicos desordeiros, e a ação política. Nos Estados Unidos, a campanha contra as diversões populares, intimamente associada à cruzada contra o álcool e ao movimento para uma observação mais estrita do dia de descanso, assumiu o caráter de um conflito, tanto ético como de classes. O espírito da primitiva sociedade burguesa era profundamente antitético quanto ao jogo. Não só os jogos em nada contribuíam para a acumulação de capital, não só encorajavam a jogatina e os gastos estouvados, como continham um importante elemento de fingimento, ilusão, mimetismo e faz-de-conta (LASCH, 1983, p.144-146).

O autor esclarece que, de um modo geral, a burguesia norte-americana das primeiras décadas do século XIX era refratária não somente aos jogos e diversões populares, mas também, às práticas recreativas e às formas civilizadas de competição esportiva que se desenvolviam na Inglaterra. Sobre esse último aspecto, o autor comenta que, nesse período, a aversão norte-americana às práticas esportivas inglesas se explica tanto pela oposição da classe dirigente dos EUA em relação ao modo de vida aristocrático europeu quanto pela perspectiva de que o bom trabalhador protestante ao envolver Deus em seus negócios, deve trabalhar de sol a sol, não desperdiçar, poupar e acumular[23].

De modo semelhante ao autor invocado, Lewis (1985, p.121-123) explica que o movimento reformista, iniciado no leste, entre fins do século XVIII até a primeira metade do século XIX buscava impor tanto aos cidadãos norte-americanos quanto aos estrangeiros em geral, padrões de comportamento social em consonância com valores considerados “adequados”. Para tanto, o “jogo de cartas, a dança, o fumo, as corridas de cavalos e outras práticas, que antes haviam sido vistas como diversões inofensivas, eram agora estigmatizadas como formas frívolas ou nocivas de satisfação de apetites que ao tinham lugar numa nação temente a Deus”. Em que pese o movimento reformista ter sido marcado por um intenso conservadorismo, os efeitos sociais dessas ideias difundiram-se por muitas partes dos EUA, especialmente em povoações e pequenas cidades onde as “censuras do conservadorismo protestante mantiveram força até muito tempo depois de sua influência ser enfraquecida nos centros urbanos”. Seja como for, os padrões de

[23] Em 1748, ainda longe do destaque que o movimento de independência lhe traria, Benjamin Franklin dava instruções a um jovem aprendiz: “Recorda que tempo é dinheiro. Recorda que crédito é dinheiro. O dinheiro pode gear dinheiro e tua prole pode gerar mais. O caminho da riqueza depende principalmente de duas palavras: diligência e frugalidade; isto é, não desperdices tempo nem dinheiro, mas os emprega da melhor forma possível. Quem ganha tudo o que pode honradamente e guarda tudo o que ganha (excetuando os gastos necessários), sem dúvida alguma chegará a ser rico, se este Ser que governa o mundo a quem todos devemos pedir a bênção para nossas empresas honestas não determina o contrário na Sua sábia providência (apud KARNAL, 2007, p.91).

comportamento pregados e difundidos por aquele movimento de temperança tornaram-se símbolo de respeitabilidade da classe média para muitas pessoas e “eram aceitos não somente pelos crentes de herança calvinista como também pelos membros de vários grupos sectários, cujo crescimento numérico foi acompanhado do desejo de escapar às anteriores associações com a classe baixa”. Mais do que alcançar a emergente classe média daquela nação, aqueles valores foram, também, difundidos e incorporados pelos “ambiciosos comerciantes jovens, que podiam manter seus olhos mais firmemente fixados na meta do êxito financeiro, se sua atenção não era desviada por várias formas de extravagância e dissipação”.

Portanto, até pouco antes da Guerra Civil (1861-1865), o processo civilizador e o desenvolvimento de mecanismos de autocontrole social nos EUA não estavam fundados em uma nítida organização social burguesa, se bem que é preciso ressalvar que o germe e a lógica burguesa já se encontravam em franco processo de gestação naquele país. Sendo assim, o desenvolvimento dos esportes nos EUA também não foi alimentado pelos princípios burgueses, mas, nutrido nos preceitos da religião protestante – puritana – que condenava o desperdício de tempo e energia com atividades lúdicas ou não produtivas. Deste modo, parecia inviável que nos EUA pudesse se desenvolver uma lógica esportiva. Contudo, o liberalismo – juntamente com o credo protestante, muito presente na cultura americana – certamente tenha possibilitado o desenvolvimento de uma mentalidade marcadamente competitiva bem como a introjeção de hábitos esportivos naquela nação (PRONI, 1998). Procurando esclarecer o significado do liberalismo e suas características assumidas nos EUA do século XIX, o sociólogo Charles Wright Mills (1979) explica que

> a concorrência era o processo pelo qual os homens ascendiam e caíam, e a economia se mantinha harmônica. No entanto, nessa era de liberalismo clássico, a concorrência não foi apenas um mecanismo impessoal de regulamentação da economia capitalista ou somente uma garantia da liberdade política. A concorrência era um meio de produzir indivíduos livres, o campo de prova para os heróis, em que cada um vivia a legenda do homem independente. Em todos os setores da vida, além do mercado econômico, o liberalismo imaginou homens independentes competindo livremente para a vitória do mérito e o desenvolvimento do caráter: o casamento por contrato livre, a igreja protestante, a associação voluntária, o Estado democrático, com seu sistema de partidos competitivos (MILLS, 1979, p.33).

Assim, enquanto na Inglaterra, o liberalismo foi ao mesmo tempo produto e catalisador do capitalismo industrial, nos EUA o liberalismo, ao que parece, está presente desde a formação da Nova Inglaterra, do desenvolvimento do comércio triangular, e serviu de base sobre a qual foi fundamentada sua emancipação política, ou seja, nos ideais liberais do inglês John Locke. Destarte, é possível afirmar que na primeira metade do século XIX, na sociedade norte-americana já existiam elementos característicos de uma sociedade burguesa liberal, cabendo a ressalva de que os estados do Norte eram muito mais liberais em relação ao conservadorismo dos estados do sul. Assim, não surpreende que os esportes modernos tenham sido organizados inicialmente em cidades industrializadas como Nova Iorque. Assim, igualmente à Inglaterra, foi nas regiões mais industrializadas dos EUA que os esportes modernos encontraram terreno fértil para seu desenvolvimento, como é o caso do beisebol. Esse esporte, "genuinamente americano", surgiu em 1839 e serviu para adaptar a população rural à vida urbana moderna das cidades do leste que, naquele momento, sofriam os impactos da industrialização (MANDELL, 2006).

Adotado inicialmente como atividade fortuita das massas populares americanas, o beisebol conheceu ampla e intensa adesão da população norte-americana sendo convertido rapidamente em algo mais que passatempo, ou seja, em um dos esportes mais populares do país e símbolo da cultura norte-americana. A rapidez pela qual esse esporte recebeu o reconhecimento social deve ser considerada, pois, em 1845 o beisebol já adotava seu primeiro regulamento com competições racionalmente organizadas, com regras escritas e universais[24]. Em menos de vinte anos após sua codificação (década de 1860), já contava com seus próprios empresários, ligas, sindicatos de jogadores, boletins informativos e dirigidos às conferências de normatização e interpretação dos regulamentos, tanto para os jogadores quanto espectadores. (MANDELL, 2006).

Todavia, conforme esclarece Gregory Stone (1979, p.118), no século XIX o esporte norte-americano foi "única e exclusivamente privilégio de uma classe ociosa de gente refinada [branca], e não ocupação de uma massa ociosa". Isso porque, naquele período, muitos filhos da elite norte-americana que frequentava os principais "*colleges*" e universidades norte-americanas aderiam à prática esportiva,

[24] Apenas três anos após as primeiras regras do cricket e do futebol ingleses terem sido codificadas.

enquanto os filhos das famílias operárias não tinham tempo para se dedicar a jogos e competições físicas. Ao que parece desde seu nascedouro o esporte moderno incorpora, sintetiza e expressa mudanças sociais, econômicas, e culturais refletindo a tensão, as contradições e a luta de classes. Nesse sentido, podemos dizer que na próspera sociedade burguesa a tensão fundamental encontrava-se na polarização da sociedade entre proprietários dos meios-de-produção e proletariado bem como na estruturação do esporte e na apropriação social das modalidades esportivas, fato que refletia certo vetor ideológico de diferenciação social.

A esse respeito Mandell (2006) explica que semelhantemente à Inglaterra, boa parte dos esportes norte-americanos surgiu e foi sistematizada no âmbito das práticas culturais de uma elite econômica e social americana. A prática esportiva era a forma pela qual os estudantes do ensino superior ocupavam seu tempo com o chamado "currículo-extra", formado pelos centros de debates, irmandades masculinas e femininas, clubes e associações atléticas. Desse modo, antes mesmo da Guerra Civil (1861-1865) já eram realizadas competições entre os "*colleges*"[25]. Contudo, foi somente após o conflito da secessão que outros esportes "genuinamente americanos" praticados e desenvolvidos nas universidades foram regulamentados, organizados, e suas disputas passíveis de serem comercializadas. Isso demonstra que "la integración, en parte parasitaria y en parte simbiótica, de algunos juegos y algunas competiciones de alto nivel em la vida académica americana es un ejemplo de la integración orgánica de los nuevos deportes en la vida americana en general" (MANDELL, 2006, p.197).

A partir desse entendimento, podemos concordar com o historiador Jean-Jacques Courtine (1995) quando este afirma que a antiga desconfiança puritana a respeito dos jogos e a condenação do ócio encontraram no exercício físico disciplinado e no esporte organizado a possibilidade de instaurar no âmbito do lazer o combate à ociosidade e à desocupação. Ao que tudo indica, podemos considerar que a constituição do território esportivo nos EUA se deu atrelado aos preceitos do liberalismo e do credo protestante. Essa relação é explicitada pelo referido autor que, ao analisar a conformação de uma "cristandade muscular" preconizada pela Associação Cristã de Moços (YMCA), aponta para a ideia de que para essa associação era preciso reformar a sociedade, purificando e fortalecendo

[25] Segundo o autor o primeiro acontecimento esportivo "intercollege" foi uma regata de remo disputada entre Harvard e Yale em Lake Winnepesaukee em 1852.

os corpos, e gerando verdadeiros “atletas espirituais”. Procurando confirmar a importância da doutrina puritana na formação de hábios e valores esportivos na sociedade norte-americana, o referido historiador explica que

> as crenças religiosas vêm, deste modo, investir no terreno esportivo, e comprova a precocidade e a velocidade de sua secularização. Tudo isso sublinha as origens religiosas da cultura esportiva de massa nos Estados Unidos. O pensamento puritano não se contentava em acompanhar a transformação dos modos de vida: assim, alistando a ginástica a serviço de Deus, ou pelo menos a uma educação moral, ele favorecia os hábitos de ordem, de exatidão, de disciplina, essenciais ao bom funcionamento de uma sociedade. Ele contribuiu para incluir o cuidado com o corpo entre as obrigações morais, à maneira de um dever cristão. Ele estabeleceu os fundamentos psicológicos dessa obsessão esportiva que se mantém como um dos traços da mentalidade americana (COURTINE, 1995, p.92-93).

Em outros termos, a polarização ideológica refletia as funções e significados sociais do esporte na sociedade norte-americana da época. Para as classes populares daquele país o esporte foi convertido em uma obrigação cívica, um benefício moral, e em algo de significado semi-sagrado. Para tanto, a (YMCA) desempenhou um papel fundamental, pois, foi a primeira instituição a propor entretenimento sistemático às camadas populares e a utilizar os jogos de equipe como instrumentos para empregar o tempo ocioso dos jovens pobres da cidade ao mesmo tempo em que lhes inculcava os hábitos de higiene, autodisciplina e respeito aos superiores.

Esses aspectos, segundo Proni (1998), fizeram com que o esporte nos EUA emergisse num cenário de individualismo disciplinado, exigindo auto-sacrifício e devoção a uma causa coletiva. Nesse sentido, a ética puritana do trabalho se infiltrou na atividade esportiva, condicionando a utilidade social do esporte a uma organização racional e a uma ordem moral estrita. Embora as igrejas protestantes tenham suavizado suas normas em relação ao esporte somente na década de 1920, a mudança nas atitudes em relação ao esporte, durante o século XIX, demonstra uma transformação no pensamento das elites que comandavam a nação. Ainda para esse autor, a partir da década de 1870, o capitalismo norte-americano não mais se basearia na poupança individual e na empresa familiar, e as elites norte-americanas não mais se pautariam pela contenção dos desejos e da abstenção dos prazeres.

Uma explicação para a mudança no comportamento da burguesia norte-americana pode ser encontrada no enriquecimento pelo qual essa classe passava naquele período e, em razão do maior acúmulo de riqueza, o seu padrão de consumo passaria a ser ostensivamente diferenciado. Se por um lado, na transição do século XIX adentrando nas primeiras décadas do XX, as feições definitivas de uma sociedade burguesa estavam plenamente consolidadas nos EUA, pois, a nova burguesia havia introduzido e disseminado um comportamento menos austero e mais direcionado à lógica distintiva do consumo, por outro, essa mesma burguesia mantinha-se fiel aos seus princípios morais, bem como ao utilitarismo e à racionalidade que impregnavam suas atividades de lazer. Dessa maneira, podemos concordar com Proni (1998, p.53) quando diz que naquela nação "o esporte assumiria uma função de escola do caráter, marcado pela exaltação da busca da vitória e da grandeza da pátria, de forma semelhante ao que vinha ocorrendo na Europa[26].

1.2.2. A constituição e as metamorfoses do território do rodeio nos EUA

Desde suas primeiras competições destinadas a um público pagante até 1929 nos EUA, as provas e competições entre *cowboys*, fosse aconteciam em pistas de corrida de cavalos nos pequenos ranchos e fazendas, estando intimamente ligados aos feriados religiosos e/ou públicos – civis ou militares. Não existiam currais, portões ou bretes para o encilhamento e montaria do animal[27]. Os cavalos eram levados vendados até o centro da pista, em frente ao público e,

[26] Embora a compreensão de Proni acerca das características assumidas por esse movimento nos EUA seja clara e precisa, acreditamos que a análise de Lasch (1983, p.146-147) sobe o mesmo assunto pode contribuir para melhor entendermos o fenômeno em questão. Segundo o historiador mencionado, "na América, onde o lazer encontrou sua única justificativa na capacidade de renovar a mente e o corpo para o trabalho, a classe alta recusou-se a se transformar em uma classe do lazer. [Todavia], os esportes desempenharam uma parte importante nesta reabilitação moral da classe dominante. Tendo reprimido ou marginalizado muitas das recreações do povo, a *haute bourgesosie* prosseguiu adaptando os jogos de classes inimigas a seus próprios propósitos. Nas escolas particulares, que preparavam seus filhos para as responsabilidades dos negócios e do império, os esportes foram postos a serviço da formação do caráter. A nova ideologia do imperialismo, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, glorificava o campo dos jogos como a fonte de qualidades essenciais à grandeza e ao sucesso marcial da nação. Longe de cultivar o esporte como uma forma de exibição e de futilidade esplêndida, a nova burguesia da nação – a qual, no fim do século, sbsttuiu as elites locais mais antigas – celebrou precisamente sua capacidade de instigar a 'vontade de vencer'"

[27] O primeiro rodeio realizado em recinto próprio nos Estados Unidos data de 1917 e ocorreu em *Fort Worth*, *Texas* (WESTERMEIER, 1987).

quando o competidor montava, o animal era solto. Cada montaria levava, em média, 10 minutos e o público perdia o competidor de vista. O objetivo nessas competições era “parar” no lombo do xucro[28]. (FREDRIKSSON, 1993; STRATTON, 2006; WESTERMEIER, 1987; WOODEN & EHRINGER, 1996)

Por essa época, tratava-se ainda de disputas sem regulamentação escrita e com intenso uso de força e brutalidade, que, na época, eram sinônimos de virilidade. Com essas características, as competições do rodeio não poderiam, ainda, ser qualificadas como esporte no sentido moderno do termo. A oralidade das regras bem como as constantes lesões em animais e *cowboys* demonstrava a brutalidade e o amadorismo desses eventos. Somado a esses elementos havia, ainda, a desobediência dos *cowboys* em relação à regras. Além disso, muitas de suas divergências eram resolvidas por meio do uso da violência[29].

Outro entrave ao pleno reconhecimento do rodeio como atividade profissional e esportiva era, segundo Kristine Fredriksson (1993), a ambigüidade com que o *cowboy* era visto pela sociedade americana. Ao mesmo tempo em que era visto como herói e responsável pela elasticidade e ocupação das fronteiras americanas, também era tomado pela imagem de bruto, indolente, beberrão, corrupto, selvagem, fora-da-lei e adepto da luxúria. Essa ambigüidade, em boa parte, foi elaborada, produzida e disseminada pelos *Wild West Shows*.

Analisando dois artigos de jornais diferentes, Fredriksson (1993) demonstra essa imprecisão conceitual acerca do *cowboy*. O primeiro, publicado no *Cheyenne Daily Leader* em 1882 e, o segundo, em 1912, no *Calgary Daily Herald*, Canadá.

> Como se misturar com estes rapazes, pois, neles se encontra uma estranha mistura de bondade e imprudência natural. Você está tão seguro com eles nas planícies como qualquer classe de homens, desde que você não os incomode. Moralmente, como classe, eles são profanos, blasfemos, bêbados, lascivos, totalmente corrupta . [...]

[28] Interessante apontar que essa forma de montaria foi, também, a dos primórdios da festa do peão de Barretos conforme será tratado no capítulo seguinte.

[29] Ponto comum entre os diversos autores consultados a respeito da história do rodeio norte-americano está nessa questão: a violência. Existe um consenso nas diversas obras em atribuir essa característica à sociabilidade da “fronteira”; ou seja, a “lei do oeste”, a “do mais forte”. Há também uma outra convergência a esse respeito, quando os autores apontam que as brigas e a violência eram formas próprias dos *cowboys* se divertirem.

> Empregados como vaqueiros de apenas seis meses no ano. (FREDRIKSSON, 1993, p.13).[30]

> A imagem deles é distorcida e imprudente. [...] As qualidades pessoais dos cowboys são visíveis o suficiente, mas os seus serviços para a civilização são pouco revelados [...] O desconhecido, quente e sombrio país sobre o qual muitos dos vaqueiros percorreram ainda aguarda o seu grito sagrado, e nenhuma grande mão ainda escreveu a vida de cowboy viril e generoso sob e as estrelas. (FREDRIKSSON, 1993, p.15)[31].

Mesmo assim, ao final dos anos de 1920, o rodeio tinha se tornado um evento do calendário anual de algumas importantes cidades do leste. Anualmente, nesse período, na cidade de *New York*, as exibições e competições realizadas no *Madison Square Garden Rodeo* perduravam por aproximadamente trinta dias. *New York* foi seguida por Boston que passou a realizar o rodeio anual com duração de duas semanas. Essas ações proporcionaram condições suficientes para que os rodeios auferissem popularidade e publicidade em seus eventos. Não obstante, embora tenham se construído como eventos de aceitação e identificação popular, tanto no leste quanto no oeste desse país, portanto, tendo crescido em importância e significação social, cultural e econômica, seus problemas e contradições internos também se avolumaram.

Por não contarem com regras, normas, sistema de pontuação e campeonatos organizados, muitos desses eventos se auto-proclamaram “campeonatos mundiais”. Portanto, é fácil reconhecer que a todo ano surgissem inúmeros requerentes para o título de “campeão mundial”. Ademais, tendo se originado primeiramente como território derivado das ações e práticas pastoris; incorporado posteriormente o sentido de entretenimento público, veículo de disseminação de um ideário nacionalista, dotado de calendário próprio e granjeador de publicidade, que implica em novas territorialidades, ações e práticas territoriais, mesmo assim, o rodeio ainda não era reconhecido como uma atividade profissional (FREDRIKSSON, 1993).

---

[30] As you mingle with these boys, you find them a strange mixture of good nature nad recklessness. You are as safe with them on the plains as witth any class of men, so long as you do not impose on them … Morally, as a class, they are foulmouthed, blasphemous, drunken, lecherous, utterly corrupt. […] Employed as cow-boys only six months in the year. (FREDRIKSSON, 1993, p.13).

[31] These rises up the distorted image of him in his most reckless moment. […] The personal qualities of the cowboys are visible enough, but their services to civilization are scarcely thought of […] The strange, burned and gloomy country over which many of the cowboys roamed yet awaits its sacred bard, and no master’s hand has yet set down the manly and generous cowboy life under the sun and the stars. (FREDRIKSSON, 1993, p.15)

Em boa medida, podemos compreender que o rodeio, nesse período, se conformava como um território em processo de mutação, transformação, continuidade-descontinuidade, resultado das transformações materiais e imateriais pelas quais estava passando. Para tanto, abria-se a necessidade de torná-lo uma atividade profissional, um esporte e uma atividade econômica que pudesse ser reconhecida perante o público.

Tomando a interpretação de Norbert Elias e Eric Dunning (1995) sobre o futebol na Inglaterra, podemos estabelecer um paralelo e considerar que, no caso dos rodeios nos Estados Unidos, os primeiros passos desse esporte estão relacionados ao avanço de um "processo civilizador" da cultura rural americana.

Isso quer dizer que a prática de montaria em animais xucros ou selvagens possibilitava o desenvolvimento de mecanismos, bem como o de um conjunto de normas que atenuassem a agressividade e as constantes lesões. Nesse sentido, e sendo elemento constitutivo do território, o poder enquanto mecanismo de controle poderia ser exercido. Por meio de procedimentos disciplinares, tornava-se possível constituir indivíduos capazes de buscar a eficácia produtiva. Com a instituição de regras e normas próprias e aplicáveis a todos competidores era plausível a produção de corpos disciplinados para aquele trabalho. Assim, o domínio e a exploração sobre o *cowboy* – vendedor de sua força de trabalho – passava primeiramente pela disciplinarização de sua mente e corpo. Esses procedimentos se assemelham ao ritmo da fábrica assumido na Inglaterra industrial e analisado por E.P.Thompson (1998).

A maioria dos rodeios nesse período era organizada por produtores independentes, como *Leo Cremer*, coronel *William T. Johnson* e *Gene Autrey*. Em decorrência dessa forma de organização e produção, o rodeio se assemelhava em muitos aspectos ao *Wild West Shows e*, por conta desse fato, o público ainda o entendia como espetáculo, não como um esporte. Por se tratar de um novo território que surgia, as tensões e os conflitos internos a ele também eram constantes. Tornou-se necessária a presença de juízes que pudessem evitar os desentendimentos e os conflitos entre os próprios *cowboys* e entre estes e os promotores.

Todavia, mesmo existindo juízes, havia a suspeita por parte dos *cowboys* que este era sempre contratado pelos promotores e, sendo assim, faziam valer os objetivos deste ator social. É nesse cenário de tensões, disputas e conflitos

entre os diversos atores sociais presentes nesse território que surgiram as primeiras associações profissionais ligadas a esses eventos e que deram o sentido, forma e função esportiva ao rodeio (FREDRIKSSON, 1993; STRATTON, 2006; WESTERMEIER, 1987; WOODEN & EHRINGER, 1996).

Com o objetivo de padronizar regras e organizar competições, acompanhar juízes, estabelecer premiações em dinheiro, angariar recursos publicitários, evitar a concomitância de eventos bem como criar um sistema de pontuação que determinasse o campeão mundial de rodeio, em 1929, foi criada a primeira entidade responsável por implementar essas ações no território do rodeio, a *Rodeo Association of América* (RAA)[32]. A partir dessas mudanças, podemos perceber a íntima ligação entre território, rodeio e esporte. Com vistas a melhor esclarecer o entendimento que propomos, recorremos a Kristine Fredriksson (1993) que, tomando por base um documento oficial de época, esclarece que a RAA foi organizada

> A fim de garantir a harmonia entre eles [os rodeios] e perpetuar as tradições relacionadas com a indústria do gado e o incipiente esporte vaqueiro; para padronizar o mesmo e adotar normas para a realização de competições com uma base uniforme; para minimizar tanto quanto possível conflito em datas de competições; e colocar esses esportes de modo quase tão possível em pé de igualdade com os eventos esportivos amadores. (FREDRIKSSON, 1993, p.22)[33].

Como se pode notar, os princípios básicos do esporte moderno se encontram perfeitamente definidos nessa citação. O rodeio passava a ser tratado como esporte e os *cowboys* como atletas divididos em profissionais e amadores; adotou-se a uniformização de regras que pudessem ser aplicadas em todo espaço geográfico no qual o rodeio houvesse se territorializado ou viesse a se territorializar; passou a ser organizado e promovido por um calendário próprio e independente, em

---

[32] A propósito da função das instituições sociais, além daquela definição proposta por Lakatos e Marconi (1999), usamos a interpretação dada por Valter Bracht (2005, p.102) de que “uma instituição possui o efeito prático de servir como um propulsor de uma ação unilateral estabilizada, ou seja, a instituição ‘chama’ o homem para uma forma específica e não para quaisquer formas de ação. [...] Um aspecto interessante do processo de institucionalização da vida social é a de que as instituições, que surgem em função de determinadas necessidades, podem autonomizar-se em relação a estas e ter como finalidade a autopreservação”.

[33] In order to insure harmony among them [the rodeos] and to perpetuate traditions connected with the livestock industry and the cowboy sports incident thereto; to standardize the same and adopt rules looking forward towards the holding of contests upon uniform basis; to minimize so far as practicable conflict in dates of contests; and to place such sports so nearly as may be possible on a par with amateur atletic events. (FREDRIKSSON, 1993, p.22).

boa medida, de outras instituições, e adotou um regulamento uniforme com perspectivas de defesa de seus princípios.

Portanto, o rodeio (*rodeo*) do qual falamos teve suas regras básicas instituídas em 1929, em *Salinas*, *Califórnia*, Estados Unidos da América. Então, o que estamos denominando de território do rodeio correspondeu a uma construção social, que implicou um processo gradual de regulamentação para obter um equilíbrio e uniformidade entre as práticas das montarias e os espaços nos quais se realizavam. Um processo territorial caracterizado por continuidades-descontinuidades-continuidades, semelhante àquele referida por Saquet (2007).

Operando nesse território a partir de sua sede em *Salinas*, *Califórnia*, a RAA se constituía como um grupo formado por comissões e promotores de rodeio. Seus objetivos eram o de estruturar os rodeios realizados nos Estados Unidos da América sob uma lógica empresarial e racional. Outra função atribuída à essa associação era a de determinar uma margem segura para as datas dos eventos e as premiações a serem por eles oferecidas. Com vistas a operacionalizar e viabilizar a realização de campeonatos em várias etapas, a RAA dividiu o espaço do rodeio em quinze distritos. Destes, um se encontrava em *Calgary,* no Canadá. Em termos de administração e gerenciamento, cada um dos quinze territórios era presidido por um vice-presidente, associado ao conselho de diretores da RAA (FREDRIKSSON, 1993; WOODEN & EHRINGER, 1996).

Para que fossem possíveis as premiações e a manutenção dessa associação, os vice-presidentes dos distritos tinham a atribuição de cobrar dos organizadores ou comissões as taxas para autorizar o funcionamento de qualquer rodeio que fosse realizado nesses territórios. Na filiação, cada comissão ou promotor, aplicava US$ 35 que, depois de somados às inscrições dos *cowboys*, seriam convertidos em premiação aos vencedores de cada rodeio. Após a filiação, cada evento, promotor ou comissão, deveria contribuir anualmente com dois porcento da premiação total. Esse valor passava a variar entre o mínimo de US$ 35 e o máximo de US$ 150 (FREDRIKSSON, 1993; WOODEN & EHRINGER, 1996).

Inicialmente, ao ser fundada, a RAA passou a sancionar os eventos que contavam com a modalidade *Saddle Bronc*. Porém, outras modalidades passaram a solicitar seus devidos reconhecimentos como o *Bull Riding, Calf Roping, Tean Roping, steer roping, steer decorating, steer wrestling,* e o *wild-cow milking*. Podemos inferir que, em boa medida, tornava-se onerosa a contribuição de cada

evento à RAA para que a mesma sancionasse as diversas modalidades existentes em um único evento (FREDRIKSSON, 1993). Como apontado em momento anterior desse capítulo, o território do rodeio passaria, a partir da década de 1920, a contar com uma multiplicidade e muldimensionalidade de atores sociais, territorialidades e relações de poder.

Por outro lado, não bastassem esses agravantes à operacionalização da RAA, havia a questão de como e por quais mecanismos se definiria o campeão mundial de rodeios. Isso porque, aqueles eventos que não contribuíam com a RAA e, por isso mesmo, não eram reconhecidos ou sancionados, muitas vezes eram eventos de reconhecida importância histórica. Sendo assim, era comum que muitos eventos considerados amadores por essa associação, se auto-proclamassem finais mundiais ante a presença dos mais importantes *cowboys* em sua ocorrência (FREDRIKSSON, 1993; WOODEN & EHRINGER, 1996).

Tornava-se premente a adoção de um sistema de pontuação que determinasse o campeão mundial de rodeio do ano. O sistema adotado se baseava na relação de um ponto para cada dólar ganho pelo *cowboy*. Assim, ao final das várias etapas do circuito, aquele que houvesse acumulado maior número de pontos, logo, tivesse ganhado maior quantidade de dólares em premiações, seria o campeão mundial de cada modalidade (FREDRIKSSON, 1993; WOODEN & EHRINGER, 1996).

No entanto, é importante que não se perca de vista que o processo de territorialização do rodeio como esporte nos Estados Unidos da América não ocorreu sem que houvessem tensões internas nesse território. Pelo contrário. A luta pelo controle desse campo se materializou no embate que envolveu comissões e promotores de rodeio, a RAA e os *cowboys*. Os primeiros se sentiam forçados a contribuir com a RAA, com quantias significativas para que seus eventos e as modalidades neles presentes fossem reconhecidos, sancionadas e viessem a fazer parte do calendário anual desse esporte. Os atletas se sentiam lesados ante a necessidade de pagamento de inscrições para disputar as etapas do circuito e, muitas vezes, não dispunham do valor ou, então, a premiação era insignificante.

Por parte destes últimos atores sociais, os *cowboys*, também havia a crítica quanto à forma e os critérios de julgamento adotados pelos juízes sancionados pela RAA. Para boa parte desse grupo, os mesmos não eram claros o bastante para poder definir os vencedores dos eventos. Kristine Fredriksson (1993)

é clara ao apontar que, em qualquer evento que os *cowboys* participassem, sancionados ou não pela RAA, era essencial possuir um amigo entre os juízes. Isso era mais evidente quando os *cowboys* participavam de etapas em território diferente do seu. Quando isso ocorria, já sabiam que suas condições de vencer o torneio eram mínimas. Em outros termos, os juízes tomavam partido de certos *cowboys* em detrimento da maioria e, com isso, determinavam os vencedores e os perdedores.

Por outro lado, a RAA, sendo a única entidade capaz de sancionar os eventos e atribuir pontuação, impunha àqueles que a ela estavam submetidos, a sua lógica organizacional. A RAA operava de forma hegemônica nesse campo de força, exercendo e impondo ações e objetivos que lhes eram próprios; ou seja, nesse período, apesar de múltiplas territorialidades existirem nesse território esportivo, ainda assim, havia a territorialidade dominante de um ator social dotado de maior capital econômico (geria o campeonato e tributava os diversos eventos), social (seus membros possuíam origens sociais bem diversas daquelas dos *cowboys* e dos produtores amadores), cultural (as origens sociais dos membros implicavam, também, numa visão de mundo muito mais complexa e abrangente que a dos demais atores sociais envolvidos nesse território; suas formações sociais os vinculava a uma visão capitalista, racional e empresarial do rodeio), e política (sendo a única entidade capaz de sancionar eventos e determinar o campeão do mundo, territorializado por praticamente todo território dos Estados Unidos e parte do Canadá, e tendo se tornado, ao longo de sua trajetória histórica, um evento de gradativa aceitação popular, o uso político desses eventos por parte de políticos e governo foi sensível)

Essa situação gerou o descontentamento dos *cowboys* que não possuíam qualquer entidade que pudesse defender seus interesses. A tomada de consciência foi alcançada por um longo processo de exploração e exclusão desses atores sociais juntos aos eventos nos quais competiam. A primeira manifestação desse processo de tomada de consciência de classe se deu na final mundial de rodeio, no *Boston Garden Rodeo*, realizado, em 30 de outubro de 1936, quando sessenta e um *cowboys* se uniram e decidiram pela greve, como forma de protestar ante os insignificantes valores dos prêmios em dinheiro (FREDRIKSSON, 1993).

Um requerimento redigido e assinado por esses sessenta e um *cowboys*, três dias antes da primeira exibição, ilustra o ocorrido:

> Para o *Boston Show*, a demanda abaixo exige que as bolsas devam ser o dobro e as taxas de entrada [bilheteria] adicionados. Nenhum participante deixará de assinar esta petição e não ocorrerá o evento por ordem do abaixo-assinado. (FREDRIKSSON, 1993, p.39)[34].

As intenções eram claras e demonstravam a tensão que aflorava entre esses dois atores sociais. Nesse tempo, o competidor tinha assegurado apenas uma passagem de trem para retornar ao seu local de residência e a permissão para embarcar o seu cavalo para o mesmo destino. O requerimento redigido pelos principais competidores do circuito demonstra que a premiação era pequena, portanto, deveria ser dobrada. Além disso, requeriam, também, que o valor arrecadado com a venda dos ingressos fosse revertido em premiações. Para entender esse embate, é necessário retornar ao rodeio anterior, em *New York*.

Esses competidores haviam disputado, entre os dias 7 e 25 do mesmo mês, a etapa do campeonato de *New York*. A questão é que o resultado final dessa etapa acabou por equilibrar as chances dos competidores de se tornarem campeões no próximo evento que seria, então, realizado em Boston. Portanto, era necessário participar dessa etapa, sob pena de deixar de conquistar o título e o prêmio de campeão do mundo, ainda que o prêmio não fosse significativo, mas, os competidores tinham nessa atividade, a sua sobrevivência.

Ademais, segundo Kristine Fredriksson (1993), a premiação estipulada para a disputa em Boston foi avaliada em torno de US$ 45.000,00 fora os US$ 1.760,00 de inscrições de cada um dos vinte e seis competidores. Ocorre que, o prêmio total oferecido para os onze dias de competição, ficou muito abaixo do divulgado: US$ 6.400,00[35]. O que havia acontecido com a premiação dantes divulgada? Essa era a questão que não se resolvia. Assim, mesmo para o vencedor da competição, o valor total da premiação era insignificante para cobrir as pesadas despesas de deslocamento, alimentação e estadia em Boston.

Muito embora o rodeio tenha conquistado importância nos Estados Unidos e granjeado grande número de espectadores, a renda anual auferida pelos

---

[34] For the Boston Show, we the undresigned demand that the Purses be double and the Entrance Fees added in each and everyevent. Any Contestant failing to sign this Petition will not be permitted to context, by order of the undersigned. (FREDRIKSSON, 1993, p.39).

[35] Em comparação, nesse mesmo ano, no *Cheyenne Frontier Days*, realizado entre 22 e 25 de julho, a premiação foi de US 7.500,00 iniciais, somando-se a esse valor, a arrecadação das bilheterias dos quatro dias de eventos (FREDRIKSSON, 1993).

cowboys não era suficiente para suprir todas as suas despesas, desde viagens, alojamento, inscrições e alimentação. De acordo com levantamento feito por Kristine Fredriksson (1993), a renda média anual de um competidor era de US$ 2.000,00. Tomando por comparação, a renda média mensal de um dentista nesse período nos Estados Unidos da América era de US 2.391,00 e a de uma professora de escola pública, US$ 1.227,00. A contradição era nítida. Ao passo que o rodeio crescia em números e importância, enquanto atividade esportiva que produzia e reproduzia o capital de forma ampliada, por meio do aumento de público e pela entrada de patrocinadores, a realidade social e econômica do *cowboy* não era alterada.

É nesse cenário de contradições que Kristine Fredriksson (1993) assevera que ao final do rodeio de *New York*, alguns competidores tiveram que se deslocar por mais de três mil milhas. Nesse percurso, arcaram com todas suas despesas de deslocamento e alimentação. Essa realidade era comum para os *cowboys* que, por muitas vezes, contavam apenas como o dinheiro para efetivar a inscrição. Portanto, a questão da remuneração passou a ser, de fato, o maior motivo para irem à final em Boston. Somavam-se a essa queixa, outras anteriores, como a idoneidade dos juízes. O conflito e as lutas derivadas das relações de poder começavam a se materializar sob a forma de contestações, manifestos e pressões exercidas por esses atores sociais que passavam a tomar consciência de seu poder e importância no interior desse território.

Frente à recusa dos *cowboys* em entrar na arena, o diretor de rodeio, membro da RAA, Coronel Johnson, determinado a levar adiante o rodeio, iniciou imediatamente a procura por outros *cowboys*. Johnson entrou em contato com cento e trinta *cowboys* que, vindos de um *show* em Chicago, seguiam em rota para *New York*. Ao chegarem a Boston e entrarem em contato com aqueles que haviam se recusado a se apresentar, também se recusaram a participar do evento (FREDRIKSSON, 1993).

Ao perceberem que a luta empreendida havia surtido efeito, os sessenta e um principais nomes do rodeio naquele momento, que se encontravam alojados e de sentinela nos estábulos, organizaram, de acordo com suas palavras, um espetáculo à altura do ocorrido. Na primeira noite do evento, vestidos de jogadores de futebol e jockeys, realizaram performances dos *wild west shows* e montaram no *saddle bronc*, enquanto a banda tocava “Empty Saddles in the Old Corral” (FREDRIKSSON, 1993, p.39).

Os instrumentos e as ações de contestação foram eficazes nesse momento. Desse ponto em diante, no interior do território do rodeio, a RAA não iria mais exercer o monopólio do poder. O processo de tomada de consciência havia sido desencadeado, durante a própria luta[36] e, assim, os *cowboys* procuraram se articular para exercer a resistência como, também, o controle desse campo de forças. Surgiria desse confronto, uma nova associação, a *United Cowboys Turtlle Association* (UCTA)[37], constituída, organizada e dirigida exclusivamente por competidores de diversas modalidades de rodeio com o principal propósito de:

> Para elevar o padrão de rodeios como um todo e para dar-lhes lugar indiscutível em primeiro lugar na classificação de esportes americanos . Isto é para ser feito por classificar como "injusta" a esses campeonatos que utilizam regras injustas para os competidores. A Associação pede um acordo justo para os competidores, bem como organizações de rodeio e espera trabalhar em harmonia com todos. (FREDRICKSSON 1993, p.42)[38].

Podemos depreender desta proposta que a constituição de uma entidade de classe pressupunha disputas de poder em torno do rodeio. Um novo jogo de forças se estabelecia nesse campo. Um novo ator social emergia e novos arranjos e rearranjos de poder se materializavam. Estava claro que a união e a resistência desse grupo haviam produzido frutos e que a RAA deveria negociar com a UCTA as normas, regras, premiação e juízes dos eventos.

Esse acontecimento, a formação da nova associação, se insere no "campo genérico das chamadas classes trabalhadoras [...] e se inscrevem num conjunto de práticas que podem ser identificadas como lutas pela obtenção de bens e serviços que satisfaçam suas necessidades de reprodução" (SADER, 1995, p.45). Elaborava-se, assim, uma identidade de classe, enquanto grupo dotado de um significado próprio e derivado da posição que assumiam nesse campo.

---

[36] Conforme proposto por E. P. Thompson, em seu texto "Algumas observações sobre classe e 'falsa consciência'" (2001, p.269-281).

[37] A lentidão da articulação dos *cowboys* em uma associação própria foi a razão para a denominação dessa organização: os "Tartarugas". Em outros termos, estavam "lentos" para se organizar, mas, quando colocaram seus "pescoços para fora", conseguiram obter os resultados sobre aquilo que acreditavam e lutavam (FREDRIKSSON, 1993).

[38]To raise the standard of rodeos as a whole and to give them undisputed place in the foremost rank of American sports. This is to be done by classing as 'unfair' those shows which use rules unfair to the contestants to make expenses. The Association asks a fair deal for contestants as well as rodeo organizations and hopes to work harmoniously with them. (FREDRICKSSON, 1993, p.42).

Contudo, conforme esclarece Kristine Fredriksson (1993), mesmo possuindo uma voz - a UCTA - havia diferentes idéias no interior dessa associação. Dividida internamente entre “radicais” e “moderados”, debatia-se qual posição seria tomada pelos membros em relação à RAA, produtores, comissões e patrocinadores dos rodeios. Se haviam tomado consciência de classe, mais difícil seria se organizarem segundo uma postura comum de seus membros em relação aos demais atores sociais presentes naquele campo de poder.

Desse modo, objetivando sua territorialização, entre os anos de 1936 e 1939, verifica-se o aprofundamento das reivindicações dessa associação, utilizando, para tanto, do mecanismo da greve nos rodeios. Sua plataforma de luta se baseava na defesa da profissionalização do rodeio e dos *cowboys*, no aumento dos prêmios, na revisão das normas e padrões de regras, bem como no comportamento de seus membros. Durante quatro anos, a UCTA testou seu poder diante dos objetivos dos demais atores sociais, enfrentando, como desdobramento dessa postura, intensos choques e conflitos com a RAA, promotores, patrocinadores e comissões de rodeios nos Estados Unidos da América (FREDRIKSSON, 1993).

Não obstante, o radicalismo que havia se instalado em 1936 no interior desse movimento sofreu sérios abalos, uma vez que devido às sucessivas greves, o rodeio também sentiu as conseqüências. Como a ferramenta mais usada entre os *cowboys* eram as greves, o rodeio foi ameaçado de perder sua credibilidade como esporte naquele país (FREDRIKSSON, 1993). Além disso, diferentemente da RAA, a UCTA era composta, organizada e dirigida pelos próprios *cowboys*. Dessa maneira, ainda que os *cowboys* reivindicassem e propusessem o reconhecimento do rodeio como modalidade esportiva e, em razão disso, o mesmo receber o prestígio e proporcionar fama a seus competidores tal qual o *baseball* e o *football*.

Também se tornava cada vez mais clara a necessidade daquela associação e, por desdobramento, de seus membros, reverem seu posicionamento e repensar no direcionamento da associação. Em outros termos, naquele período os rodeios tenderam a sofrer redução em seu público bem como em número de eventos. Fosse pelo simples boicote dos *cowboys* ligados à UCTA, fosse pelos baixos prêmios oferecidos pelos organizadores, elemento que não atraía competidores qualificados, a facção radical que esteve à frente da UCTA acabou sofrendo um profundo desgaste junto ao público espectador desse esporte como, também, junto aos seus pares.

Tornava-se, portanto, evidente a necessidade de adotar uma posição mais moderada, ou seja, uma postura que conciliasse os diversos interesses dos sujeitos sociais e suas respectivas posições nesse território. Mesmo sendo formada pelos atletas, logo, as personagens centrais desse esporte, não havia possibilidade de (re)produção desse território, caso o radicalismo permanecesse. Sendo assim, em 1939, a UCTA estabeleceu o diálogo com a RAA e acabaram redefinindo posições nesse território, a partir de seus interesses e funções. É nesse momento, também, que a UCTA passa a se denominar *Cowboys Turtle Association.* (CTA) com sede em *Phoenix*, Arizona (FREDRIKSSON, 1993).

As práticas diferenciadas de poder levaram ao rearranjo desse campo e resultaram na redefinição das posições desses dois atores sociais no território do rodeio. Por meio da convergência de interesses comuns - a espacialização e territorialização do rodeio como esporte - ficou estabelecido que a RAA seria a instituição que nortearia a padronização de regras, normas, julgamentos, sancionaria os eventos, dividindo-os em profissionais e amadores e organizaria seu próprio circuito de eventos com a função de confirmar os campeões. Por sua vez, a CTA, passaria a ser uma associação de *cowboys* articulada à RAA, mas, também, com condições de promover seu próprio campeonato (FREDRIKSSON, 1993; WOODEN & EHRINGER, 1996).

No entanto, não foi apenas a ameaça pela qual o rodeio passava que levou a articulação dessas duas associações em torno de um mesmo objetivo. As tensões que envolviam as duas agremiações também permitiram que uma outra associação emergisse nesse campo, a *Southwest Rodeo Association* (SRA), ameaçando profundamente as posições daquelas associações.

A formação dessa nova entidade está intimamente ligada à posição em que eram colocados os *cowboys* iniciantes pelas duas associações. Enquanto a RAA organizava seu circuito, compreendendo eventos que ocorriam em quase todos Estados norte-americanos e parte do Canadá, era limitada a participação de “amadores” que possuíam outras funções nos ranchos do oeste americano. Já, a CTA, ao defender o profissionalismo, excluía de seus quadros aqueles que ainda não tinham o rodeio como profissão (FREDRIKSSON, 1993).

Nesse contexto de disputas, em *El Paso*, Texas, no sudoeste americano, foi fundada por estes *cowboys*, a SRA. Por sua vez, uma outra identidade de classe era construída e teve, como desdobramento direto, a

organização de um outro campeonato, o qual passaria a disputar posições e territórios com aqueles já realizados pela RAA e CTA. A busca da historicidade do sudoeste americano como “berço” do rodeio foi importante elemento no qual a SRA se pautou para legitimar a sua entrada nesse campo. A territorialidade já existente e, em choque com os interesses de outras regiões, bem como de outros atores sociais, criaram condições para a consolidação dessa associação em posição de equivalência junto às anteriores.

O fortalecimento da SRA ocorreu mediante a realização de seu próprio campeonato. Ao articular dez Estados do sudoeste americano, essa associação alcançou sua territorialização e passou a controlar os eventos dessa região. Segundo Kristine Fredriksson (1993), em poucos anos de existência, a SRA conseguiu se equiparar à RAA em número de rodeios realizados e sancionados. Nesse sentido, ante o crescimento e importância adquirida em termos nacionais, a SRA, em 1942, passou a se designar *National Rodeo Association* (NRA) e, também, passou a titular os campeões.

As tensões entre as três associações eram nítidas. Contudo, em contraste com a disputa existente, foram criadas condições para que a organização, o profissionalismo e a uniformização de regras, normas e padrões de julgamento passassem por profundas revisões. Em outros termos, o rearranjo de poder no interior do campo esportivo do rodeio permitiu que, ao contrário da fragmentação visível entre as três associações, se processasse a homogeneização de regras e normas e a consolidação do rodeio como esporte de massa nessa nação.

A consolidação do território do rodeio na década de 1940 apontou, também, para a necessidade de reestruturação das associações. Os eventos tornaram-se verdadeiros espetáculos urbanos que atraíam milhares de pessoas. Criadas na esteira da profissionalização e esportivização do rodeio, as estruturas organizacionais das associações se encontravam anacrônicas ante ao crescimento do rodeio como esporte em número de eventos, em profissionais, em espectadores, em potencial mercadológico e em patrocinadores (FREDRIKSSON, 1993).

Antecedendo às transformações necessárias, a CTA , em 1945, experimentou uma mudança organizacional e operacional e passou a se denominar *Rodeo Cowboys Association* (RCA), com sede em *Forth Worth*, *Texas*. A mudança na denominação refletia, também, a forma como a nova entidade se estruturava. A partir de 1945, a RCA deixava de ser uma entidade sem fins lucrativos para se

tornar uma empresa de capital privado que tinha, no rodeio, o produto a ser comercializado, mercantilizado e divulgado.

Os *cowboys* que haviam idealizado a formação de uma entidade que garantisse seus direitos se tornaram, nesse momento, proprietários de uma empresa do segmento esportivo dos rodeios. Com essa alteração estrutural, passavam a negociar e vender os direitos de exibição dos espetáculos e uso da marca. Kristine Fredriksson (1993), a partir do porta-voz da empresa recém-criada, Everett Bowman, identifica os objetivos dessa reestruturação:

> Sempre senti que a qualquer momento teríamos que abrir a Cowboys para que alguém viesse a executar o negócio, a coisa foi afundado, de acordo com a minha maneira de pensar . Ainda acho que nossos *cowboys* tem plenamente capacidade de executar seu próprio negócio. (FREDRIKSSON, 1993, p.83).[39]

Ao incorporar o rodeio como esporte de massa dotado de enorme potencial mercadológico, a RCA tratou imediatamente de desenvolver um sistema de pontos para o circuito que seria organizado, promovido e comercializado por essa nova empresa. Com eventos distribuídos entre janeiro e novembro, o circuito adotou o mesmo sistema de pontos da RAA; ou seja, um ponto por cada dólar ganho. Por essa medida, a RCA passaria, também, a determinar os campeões mundiais de cada ano. Ao mesmo tempo em que produzia uma nova territorialidade nesse campo de poder, também transformava o rodeio em esporte, negócio altamente rentável.

Todavia, ao longo da existência dessas três associações, foram titulados três campeões mundiais para cada modalidade do rodeio. Isso porque, cada uma dessas associações se auto-proclamava detentora legítima dessa função. Se a RAA era a mais antiga das associações de rodeios, a RCA era uma empresa racionalmente organizada e constituída pelos próprios *cowboys* profissionais que ainda se encontravam em atuação. Por sua vez, a SRA, sediada no *Texas*, era o berço e a "força da tradição" do rodeio e de onde "saíam os melhores atletas". Há ainda que mencionar a nítida preponderância do número de *cowboys* oriundos dessa região em relação às demais daquela nação, bem como o fato do maior número de eventos de importância nacional se concentrar no sudoeste americano (FREDRIKSSON, 1993).

---

[39] I always felt that any time we had to go outside of the Cowboys to get someone to run the business, the thing was sunk, according to my way of thinking. I still think our cowboys are plenty capable of running their own business. (FREDRIKSSON, 1993, p.83).

Diante da nova realidade do rodeio e do perfil adotado pela RCA, no ano seguinte, em 1946, ocorreu a fusão entre RAA e SRA. Dessa união foi criada a *International Rodeo Association* (IRA). Estruturada segundo a mesma lógica empresarial de sua antagonista, a IRA passou a sancionar os eventos do sudoeste e aqueles organizados pela RAA. Por sua vez, a adoção do termo *International* tinha por objetivo buscar sua legitimidade enquanto instituição dotada de poderes para definir e sancionar os campeões mundiais de cada modalidade do rodeio. Em outras palavras, as tensões eram materializadas num novo contexto organizacional desse território. Novas territorialidades eram (re)construídas ao mesmo tempo em que uma nova des-re-territorialização era realizada nesse campo de poder.

Em suma, esse foi o processo que deu origem a dois atores sociais capazes de impor a definitiva territorialização do rodeio como esporte nos Estados Unidos da América e Canadá. São sujeitos sociais dotados de interesses específicos, convergentes e divergentes e que estabelecem relações de poder num mesmo tempo e espaço sociais. Além disso, cada uma dessas associações é composta por atores sociais heterogêneos, representando diversas modalidades desse esporte. Por serem constituídos de diversos outros atores sociais que se articulam no interior de uma ou outra empresa, acabam se definindo por uma multiplicidade de atores sociais, interesses, relações de poder e territorialidades diversas.

Tomando as análises de Raffestin (1983) como apropriadas à interpretação desse movimento, podemos entender que são essas relações de poder, em sua multiplicidade, que estão na base da efetivação do território do rodeio. Além disso, é necessário destacar que essas relações de poder materializadas em ações de diversas escalas e magnitudes incidiram diretamente no funcionamento do rodeio pelas leis de mercado. Isso porque, os elementos básicos da mercantilização desse esporte já estavam postos desde a formação da primeira associação de rodeio na década de 1920.

Resta compreender como se processou a trajetória de luta entre esses dois sujeitos sociais que se projetaram nesse espaço. Para tanto, abordaremos a organização desse território e as escalas de atuação de seus sujeitos sociais, tão logo, as territorialidades projetadas bem como as redes e os nós por elas constituídos.

1.7. A internacionalização do rodeio

Com a formação da RCA e da IRA como empresas dotadas de métodos racionais de gestão dos mesmos negócios, abriu-se uma nova etapa de lutas e contradições no interior do território do rodeio. Por terem se estruturado segundo os mesmos padrões organizacionais, seus objetivos e práticas de poder se assemelhavam. Utilizando-se largamente da propaganda, as duas empresas se abriram aos patrocinadores com o objetivo de atrair e assegurar as melhores premiações em dinheiro (FREDRIKSSON, 1993).

Entretanto, a pretensão apontada esbarrava em algumas limitações que caracterizavam tal território. O rodeio não possuía, na década de 1950, a organização e o reconhecimento de outros esportes. Não contava com ligas, times, agências de publicidade e propaganda, e personalidades reconhecidas. Na maior parte das localidades, ocorria uma vez ao ano. Consequentemente, para que o rodeio fosse difundido para toda nação, era necessário divulgar os eventos; ou seja, articular os eventos à lógica da propaganda e da racionalidade empresarial capitalista, como era comum aos demais esportes nessa época, nos Estados Unidos da América[40].

De acordo com essa lógica, além da racionalização dos métodos de gestão, era imperiosa a transformação do espetáculo em atração da programação televisiva, por meio de contratos de transmissão, a implantação de modernas estratégias de *marketing*, e a busca de novos mercados ou de novas frentes de valorização. Nesse sentido, foram publicadas revistas especializadas sobre rodeio, de circulação nacional, e com periodicidade mensal. Também se abria às transmissões televisivas nessa década.

Essa medida provocou uma violenta disputa entre as duas empresas em torno dos patrocinadores. Mesmo porque, o rodeio havia se estruturado e se territorializado como esporte popular nos Estados Unidos da América. Sendo assim, o rodeio se tornou atrativo aos patrocinadores. Porém, a disputa se intensificava, pois, os rodeios se encontravam divididos em dois campeonatos: aqueles que eram

[40] Um dado relevante apontado por Gilmar Mascarenhas de Jesus (2001, p.21) reforça a afirmação, uma vez que o "*base and ball"* foi regulamentado em 1846, em *New York*, e, "em 1857 é fundada uma liga no nordeste, com 16 clubes; e dez anos depois já se disputa um campeonato nacional com a existência de 237 clubes deste esporte nos Estados Unidos".

aprovados e sancionados pela IRA e outros pela RCA. Por essa razão, entre os anos de 1945 e 1955, foram nomeados dois conjuntos de campeões mundiais para cada modalidade (FREDRIKSSON, 1993).

A situação só foi resolvida em 1955, quando a IRA deixou de titular campeões, passando à RCA esse papel. Essa ação representou a definitiva territorialização da RCA nesse campo esportivo. A IRA passou a se envolver com outras áreas que se abriam ao rodeio, como a realização dos concursos de *Miss Rodeo América*, rodeios amadores e *shows*. Em outros termos, a RCA se tornava hegemônica no território do rodeio e restava, a partir desse momento, ampliar sua área e escala de atuação (FREDRIKSSON, 1993).

Mesmo sendo a única empresa a organizar os rodeios, portanto, tendo se tornado a única responsável pela projeção da imagem esportista do rodeio e adotando todas as estratégias de mercado possíveis, o resultado não foi o esperado. Apesar do aumento no número de espectadores, ainda assim, o reconhecimento do rodeio como esporte pelo público bem como sua espacialização, foram extremamente baixos. Ao que parece, dentre outros limitadores, um significativo entrave à esportivização do rodeio era a inexistência de um evento anual que definisse o título de campeão mundial aos competidores. Mais precisamente, ao que tudo indica, era necessário organizar, como os demais esportes norte-americanos, uma final, haja vista que a titulação dos campeões era determinada pela quantidade de pontos acumulados ao longo do ano

Com vistas a superar essa barreira, em 1958, a RCA idealizou e organizou a *National Finals Rodeo* (NFR), com a finalidade de proporcionar ao rodeio, a máxima definição de esporte. Realizado entre 26 e 30 de dezembro de 1959, teve como local o *Livestock Coliseum* em *Dallas*. Os direitos de transmissão foram negociados com a *Columbia Broadcasting System*. Para disputar o título de “campeão do mundo”, foram classificados os quinze melhores *cowboys* pontuados durante o ano, mas eles tinham suas pontuações “zeradas” na final. A adoção dessa medida trouxe maior competitividade e emoção ao torneio e, definitivamente, o rodeio tendeu a se espacializar e se territorializar nos Estados Unidos da América como um esporte-espetáculo.

Não obstante, em 1961, um grupo de competidores descontentes com o modelo adotado pela RCA rompeu com a empresa e fundam a atual *International Professional Rodeo Association* (IPRA). Sediada em *Oklahoma City*,

Oklahoma, a IPRA emergiu para ocupar o vácuo de poder deixado pela IRA. Para tanto, se territorializou pelas regiões sul e leste dos Estados Unidos da América onde passou a sancionar os rodeios e nomear seus campeões mundiais. A justificativa para a dissidência está na adoção dos critérios para definir os campeões de cada modalidade e na importância que a RCA atribuía aos rodeios do oeste em detrimento dessas outras regiões (WOODEN & EHRINGER, 1996).

Diante da projeção que o rodeio alcançou, a estrutura organizacional da RCA se mostrava ultrapassada e, assim, em 1975, se constitui numa nova corporação: a *Professional Rodeo Cowboys Association* (PRCA) com sede em *Colorado Springs*, *Colorado*. Por meio dessa regulamentação, a empresa passou a negociar diretamente com patrocinadores, licenciar e reconhecer produtos com a sua marca. Seus maiores patrocinadores são a *U.S Tobacco*, *Wrangler, Coca-Cola, Coors, Justin Boots Company, Resistol Hats,* e *Dodge Trucks* (WOODEN & EHRINGER, 1996).

A PRCA adotou a lógica empresarial em sua organização e passou a contar com divisões e departamentos setorizados e específicos para tratar dos negócios deste esporte. Uma dessas divisões é a PRCA *Propertie Inc*., responsável pelo *marcketing*, comercialização e captação de patrocínios. Conta, também, com um setor de imprensa próprio que produz o jornal oficial da associação, o *Pro Rodeo Sport News*, que traz todo o calendário anual de eventos, *ranking* dos profissionais, informações e reportagens do mundo dos rodeios. O setor de imprensa ainda é responsável pelo envio de fotos e *releases* para o mundo todo, administra o *Rodeo Hall of Fame and Museum of the American Cowboy*, no qual está à mostra um vasto acervo que conserva a memória do Velho Oeste americano e do rodeio nos Estados Unidos (WOODEN & EHRINGER, 1996).

Outro importante departamento da PRCA é o *Procon,* Centro de Processamento de Dados da Entidade. Além dessas funções, a associação conta com a *Rodeo América* (RA), empresa responsável pelo licenciamento das marcas PRCA e NFR que, a cada ano, aumenta o número de produtos licenciados, demonstrando que o rodeio se tornou um lucrativo negócio (WOODEN & EHRINGER, 1996).

Congregando as diversas modalidades do rodeio, a PRCA não passou incólume por outros movimentos de dissidência e ruptura, além daquele que gerou a IPRA. Em 1992, um grupo de 20 competidores de montarias em touros se

articulou e fundou a *Professional Bull Riders* (PBR). Por sua vez, a origem dessa empresa remonta ao ano de 1991, quando um ex-competidor dessa modalidade, *Shaw P. Sullivan*, e o banqueiro *Erick Dickson,* fundaram a *Bull Riders Only* (BRO).

A PBR foi formada em 1992, em *Scottsdalle*, *Arizona*, por obra dos 20 melhores competidores em touros dos Estados Unidos da América. Fundada com capital inicial de US$ 20.000,00, o objetivo dessa empresa era proporcionar aos competidores dessa modalidade melhores alternativas de premiaçã,o bem como exercer o controle sobre essa modalidade. A maioria dos profissionais ligados à PBR continuou participando dos eventos sancionados pela PRCA e BRO que se retirou do mercado em 1997.

Em 1994, a PBR completou sua primeira temporada de oito eventos. Em 1998, passou a contar com 24 eventos, elevando para 28 o número de eventos em 1999, e 29 eventos anuais em 2006. Todas as temporadas culminaram com a realização da Final Mundial de Rodeio em Touros, em *Las Vegas*. O resultado desse crescimento foi sentido pela PRCA, uma vez que, ao passo que o número de eventos organizados pela PBR bem como as premiações crescia, o interesse dos competidores passou a ser a dedicação exclusiva aos eventos dessa empresa.

Por fim, resta apontar que as mudanças ocorridas também acirraram a disputa interna pelo controle do campo e das modalidades do rodeio. Os atores sociais que ora se encontram em disputa, a partir de objetivos específicos em jogo, estão sintonizados com os princípios mercantis que passaram a orientar a organização dos principais eventos. Contudo, ao mesmo tempo em que surgem novos atores dotados de poder de influência no interior do campo esportivo, também permanecem certas estruturas de poder. Um discurso que preconiza o progresso em detrimento do passado, também se vincula à tradição e às velhas práticas monopolistas de controle do território.

Assim, reiteramos que nosso intuito foi demonstrar como o rodeio se tornou um território ao longo de sua trajetória histórica e que, no contexto atual, se organiza, funciona e se territorializa por meio de uma rede multiescalar e multitemporal. Certamente que não era nossa intenção examinar todos os aspectos dessa extensa e rica história. Sabemos que algumas questões podem ter ficado de fora, como aquelas que dizem respeito a gênero e etnia.

Todavia, nossa intenção era focalizar as diversas formas e períodos pelos quais esses certames passaram até desembocarem no território do rodeio. É

esse território e suas territorialidades que objetivamos compreender em sua historicidade, em seu movimento, em suas fases, contradições, atores sociais e conflitos derivados das relações de poder estabelecidas no interior desse campo. Acreditamos que a análise empreendida favoreceu no entendimento do atual rodeio brasileiro como possuindo suas origens e sistematização nos Estados Unidos da América, leitura que se diferencia daquela do senso comum, anteriormente referida. Cabe ainda assinalar que a interpretação do rodeio por meio da noção de território possibilitou identificar os discursos e as contradições internas desse universo social.

Por fim, retomamos a ideia de que ao se territorializar no Brasil, o esporte rodeio já encontra um território em movimento, uma configuração e uma dinâmica territoriais às quais vai procurar submeter à sua territorialidade, encontrando, nesse processo, a sua negação e/ou resistência. Nesse sentido, no próximo capítulo, direcionaremos nossa análise à compreensão da trajetória do rodeio no Brasil. Tal procedimento é necessário ante a heterogeneidade de eventos que se denominam ou foram reconhecidos juridicamente como rodeio em nosso país.

CAPÍTULO II

SOBRE TROPAS, BOIADAS, CIRCOS-TOURADA E EXPOSIÇÕES AGROPECUÁRIAS: PRÁTICAS SÓCIO-ESPACIAIS NA BASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO

Segundo a Confederação Nacional do Rodeio (CNAR) anualmente são realizados aproximadamente 1800 rodeios no Brasil[1]. Desse número, acredita-se que somente no estado de São Paulo ocorram cerca de 600 rodeios anuais. Considerando que somente 35 dos 645 municípios que compõe a rede de municípios paulistas haviam proibido juridicamente esse tipo de competição em seu território, a estimativa pode ser verdadeira, fato que corroboraria a afirmação de que o estado de São Paulo é a "Capital do Rodeio Brasileiro" [2].

Fato importante é que em boa parte das pequenas cidades do interior paulista, além da igreja matriz e de sua praça central, outro equipamento urbano que ocupa posição de destaque para a população local é o recinto de rodeio. Construídos, em sua maioria, por meio da parceria entre os poderes públicos (municipal e estadual) e iniciativa privada (clubes de rodeio) na década de 1990, esses recintos podem sintetizar o processo de difusão desses eventos pelo interior do estado de São Paulo bem como demonstrar a importância que esse tipo de competição recebeu nos últimos trinta anos.

Ao mesmo tempo em que podem expressar o sentidos ou significados que esses eventos adquiriram, também podem ser identificadas como um dos resultados do longo e intrincado processo de profissionalização e regulamentação do rodeio no Brasil. Isso porque, é nos anos 1990 que a discussão em torno da profissionalização ou proibição do rodeio ganha relevância.

Longe de ter sido um movimento linear ou mesmo tranquilo, o processo de profissionalização do rodeio e sua regulamentação gerou intensos embates e tensões, avanços e retrocessos, colocando em choque ou em alianças de poder diferentes sujeitos sociais. De um lado, os opositores às práticas do rodeio,

[1] Agosto de 2013.

[2] http://www.anda.jor.br/25/12/2011/rodeios-ja-sao-proibidos-em-35-cidades-do-estado-de-sp.

comumente denominados de “ambientalistas”, que lutavam pela proibição dessas competições. De outro, diretores de rodeios, empresários de companhias de rodeio, artistas da música sertaneja, peões e demais sujeitos sociais que, ligados direta ou indiretamente ao rodeio, defendiam a manutenção das competições, haja vista terem se tornado entre 1980 e 1999, fenômenos de fruição e consumo de massa e importantes eventos das pequenas cidades do interior do BCP.

Partindo das principais diretorias de festas do peão de boiadeiro como, Barretos/SP, Americana/SP, Jaguariúna/SP, Presidente Prudente/SP, a luta pela profissionalização e regulamentação do rodeio marca, em nosso entender, o advento e constituição do território do rodeio. É sob esse entendimento, de que, embora tenha sido organizado pioneiramente na década de 1950 em Barretos/SP e, daquela cidade tenha se difundido pelo BCP, somente na década de 1990, momento em que diferentes forças e sujeitos sociais se chocam, se conflitam, ou se unem em torno da legitimidade de uma competição que podemos falar na emergência do território do rodeio.

Dito de outra maneira e, mais claramente, consideramos que o rodeio organizado e promovido entre as décadas de 1950 e 1970 não traziam consigo a fragmentação e a especialização de papeis sociais. Durante essa fase, a que chamamos de 1ª fase do rodeio do BCP, o amadorismo, o sentido lúdico e o localismo caracterizam esse tipo de competição e folguedo. Já, na fase seguinte, que pode ser localizada entre 1971 e 1999, o discurso do profissionalismo, concretizado na tendência à especialização de papeis, na ampliação da divisão social do trabalho, e no desenvolvimento da consciência de classe de determinados grupos sociais, emergem como marcas dessa nova fase do rodeio do BCP.

É durante esse período que a luta e as disputas tanto em torno da legitimidade quanto pelo controle do rodeio tornam-se evidentes e fazem com que os diferentes sujeitos sociais, em disputa ou aliança, lancem mão de diferentes estratégias para concretizarem seus objetivos, seja de legitimar ou proibir os rodeios, seja pelo controle e hegemonia nesse território em formação.

Em torno da elaboração, apropriação ou ressignificação de símbolos e produção de discursos e sentidos, intensas e extensas lutas são travadas ao longo dessa fase. Depreende-se disso a possibilidade de identificar, ainda que de maneira elementar, os quatro elementos que explicitam o território e que se constituem em formas espaciais da consciência humana: i) as “relações de poder, formas

organizativas, espaços de sociabilidade [...] que produzem a efetiva existência territorial e suas representações"; ii) a dimensão simbólica, "os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações"; iii) a normativa, pela qual a "norma põe em evidência os sentidos dos símbolos e relaciona-se ao conjunto de elementos pactuados, construídos consensualmente, ou não, para conter ou para romper com modelos cristalizados"; iv) a identidade subjetiva que possui a capacidade de "consolidar uma representação sobre o território [...] [por meio da] relativização, de reconhecimento do outro, [do não eu], [e] que reforça a identidade" (SOUZA, 2009, p.111).

As relações de poder podem ser identificadas na formação das primeiras companhias de rodeio; dos primeiros clubes e associações locais de rodeios; das primeiras associações de tropeiros e peões de rodeio; dos primeiros campeonatos e circuitos de rodeio; dos primeiros patrocínios de festas do peão de boiadeiro; e em última instância, da capacidade organizativa e operativa desses sujeitos sociais no território em formação. Capacidades essas que definirão sua manutenção e fortalecimento, ou, no extremo, sua exclusão do território.

A dimensão simbólica, demarcada tanto pela retomada e atualização de imagens e símbolos que, mesmo descontextualizados, evocam representações de mundo, quanto pela produção de novos. No caso o simbólico pode ser localizado nos processos de elaboração da realidade, na objetivação do mundo do rodeio. É na representação/reelaboração da imagem do peão de boiadeiro e das práticas rurais; na ideologia da festa; da evocação do passado; da apropriação do sagrado; e na elaboração de discursos e narrativas que o simbólico determina a prática socioespacial do rodeio.

Quanto à dimensão normativa, esta se torna evidente na medida em que verificamos nessa fase o processo de sistematização das competições. Também é possível constatar a ação da norma na definição do que é o rodeio não somente em termos jurídicos, mas, antes de tudo, no reconhecimento categórico o que é ou não o seu território. Isso é dado tanto pela formulação de regras de modalidades, na elaboração de critérios rígidos de classificação, premiação ou punição, quanto pelas ações dos homens e mulheres na produção do espaço e, por conseguinte, do território.

Por fim, com relação à identidade subjetiva, construída e partilhada socialmente, consolida a representação dos indivíduos sobre o território.

Componente fundamental da constituição territorial, a identidade é aqui entendida em seu movimento, em sua processualidade e que permite aos homens tornarem-se similares no interior do território ao partilharem das mesmas imagens, símbolos, ídolos e normas. Ainda que imprecisa nessa fase é possível percebê-la na constituição das práticas socioespaciais do rodeio. Na seleção, produção e reelaboração de símbolos e narrativas o reconhecimento do eu e do outro é realizado.

Sob esse ponto de vista a identidade não é entendida como fixa e imutável. Pelo contrário. Por ser construção social passa a ser tomada a partir de suas próprias contradições internas: i) estabilidade e dinamicidade, ii) etnocentrismo e relativismo. O primeiro par dialético é tomado no sentido da permanência, superação ou reelaboração dos símbolos, das práticas e das representações sociais do rodeio. Essa característica pode ser detectada na permanência de certos elementos fundamentais que proporcionam a estabilidade e condições à reprodução desse território como, a figura do peão, as competições, a música, a religiosidade, a festa e a celebração do mundo rural.

Se por um lado a estabilidade é alcançada pela manipulação de símbolos tradicionais e populares do mundo rural que estiveram em sua gênese, por outro, tanto a aparência quanto a essência desses elementos foram alterados, ressignificados e adequados temporal e espacialmente. Embora descaracterizado de seu sentido e práticas originais, as transformações sofridas serviram tanto para que o rodeio pudesse dialogar com o mundo urbano quanto seus sujeitos sociais viessem a operarem em diferentes escalas geográficas.

A despeito de reconhecer a existência de uma multiplicidade de elementos na constituição e estabilidade do território do rodeio admitimos que três sejam basilares: o peão, a celebração, e a competição. Essa tríade, além de permanecer como imprescindível ao funcionamento do território do rodeio é a que melhor explicita as mudanças no rodeio. O peão permanece, mas, abandonou as fazendas de cria, recria ou engorda de outrora para tornar-se “atleta de rodeio”, *cowboy*, termos que omitem a realidade das relações sociais: o assalariamento; a precarização do trabalho; o individualismo; a destituição da consciência de classe por meio da ideologia da ascensão social; a busca do máximo rendimento que torna a vitória similar a uma medida da capacidade produtiva almejada.

Quanto à celebração do peão, materializada na festa do peão de boiadeiro, sua forma e função foi profundamente alterada e, em razão disso, descolou-se de sua forma e conteúdo originais. Se em sua gênese a organização, promoção e realização eram resultado da ação local das comunidades que a promoviam, entre as décadas de 1970 e 2000 o capital pode descobrir seu potencial gerador de lucro e dela apropriar-se. Fato que reforça o entendimento de que a festa deixou de ser popular para ser convertida em mercadoria. Se anteriormente era resultado de certa coletividade, atualmente é produto de promotores e produtores profissionais de eventos. Nesse movimento de transformações a festa não desapareceu, apenas foi adequada segundo a lógica do capital.

Semelhantemente às transformações sofridas pelos elementos anteriores, as competições também foram profundamente alteradas em suas formas e sentidos. Anteriormente amadoras e desvinculadas da dimensão do capital, pois, sua essência era a ludicidade, tornaram-se competições organizadas e disciplinadas segundo a lógica do esporte moderno. Além de estabelecerem calendário e campeonatos próprios para retroalimentar esse território, também incorporaram elementos estranhos à sua origem, tais como: a montaria em touros, o *bareback*, a sela americana. A introdução de competições nitidamente estadunidenses denuncia o atual estágio e escala do território e seu diálogo com as dimensões econômicas, sociais, culturais e políticas do espaço geográfico hodierno.

Quanto ao etnocentrismo e relativismo podemos detectar essas características nas ações dos sujeitos sociais que o integram. O etnocentrismo permite a demarcação do território a partir das territorialidades construídas social e historicamente. Sua manifestação leva os homens ao reconhecimento do *nós* em relação aos *outros* e a discernir o eu em relação ao não-eu. À vista disso podemos considerar que a concretização da identidade territorial é possibilitada a partir do compartilhar do mesmo *ethos*[3] entre os indivíduos que integram o território.

Ainda que fragmentada internamente em identidades de grupos (peões, locutores, tropeiros, salva-vidas, comentaristas, palhaços, promotores e organizadores de rodeio), fato que gera a relação tensa constante entre seus sujeitos, é possível asseverar que é por meio da identidade coletiva que os

[3] Utilizamos o termo em seu sentido sociológico para fazer referência às características morais, sociais e afetivas que definem o comportamento de uma pessoa ou grupo. Os costumes e os traços comportamentais que permitem elaborar a distinção entre grupos e indivíduos.

indivíduos podem se reconhecer como partes integrantes de um território. A identidade, desse ponto de vista, é construída, desconstruída e reconstruída no tempo.

Por conseguinte, é por meio da linguagem; da origem social dos indivíduos; dos sonhos e expectativas; dos ídolos construídos, das visões de mundo; dos projetos políticos dos diferentes sujeitos que permeiam e dão unidade ao território ao mesmo tempo em que permite àquele que partilha desse *habitus*[4] a negação daquele/daquilo que não constitui a prática socioespacial do rodeio, sua territorialidade.

Por seu turno, a quarta e atual fase do rodeio, iniciada em 2000 com a aprovação das Leis Federais 10.220/2001 e 10.519/2002 que respectivamente, profissionalizou o peão de rodeio e regulamentou a realização dessas competições é marcado pela consolidação e pelo início de uma nova fase do território do rodeio: a internacionalização das competições e a entrada da PBR no rodeio do BCP. É nesse momento, portanto, que o território do rodeio pode ser apreendido em sua totalidade; em sua aparência e essência, pois, os elementos que constituem esse território estão absolutamente dados, articulados e operando plenamente.

Todavia, antes de adentrarmos ao território do rodeio já constituído e em processo de expansão, abordamos, no presente capítulo, os antecedentes (i)materiais que, para nós, serviram de base para a emergência do território do rodeio no BCP. Embora possa parecer, para alguns, exercício diletante ou de curiosidade gratuita investigar as raízes da festa do peão e do rodeio, em nosso entender, a busca dos elementos materiais e simbólicos do espaço pastoril, anterior à década de 1950, nos permite identificar a astúcia e as estratégias de poder utilizadas pelos “Os Independentes” de Barretos para apropriarem-se de uma variedade de práticas de caráter nitidamente populares, fundi-las em um único evento e, com isso, produzirem um território específico: o do rodeio no BCP.

---

[4] O *habitus* configura-se como um sistema aberto de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais (tanto na dimensão material, corpórea, quanto simbólica, cultural. O *habitus* vai, no entanto, além do indivíduo, diz respeito às estruturas relacionais em que está inserido, possibilitando a compreensão tanto de sua posição num campo quanto seu conjunto de capitais. Trata-se de uma matriz, determinada pela posição social do indivíduo que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações. O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos. Ele é também um meio de ação que permite criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas (BOURDIEU, 1990).

2.1. Os antecedentes: em busca de outra narrativa que não a oficial

Entre 1950 e 1970 o rodeio foi marcado pela ludicidade, pelo amadorismo e localismo tanto por parte dos organizadores quanto de seus participantes. Embora a história oficial do rodeio coloque a Festa do Peão de Barretos de 1956 como o evento fundador[5] e, a partir do qual, seu modelo foi difundido para o restante do BCP e tornasse importante esclarecer que, durante e mesmo antes desse período, a circularidade cultural[6], entre diferentes cidades e sujeitos sociais ligados à pecuária de Barretos era intensa, fato que permite vislumbrar outra narrativa para a origem da festa do peão de boiadeiro.

Uma história da história que, ao contrário de enaltecer os feitos de um "grupo de jovens solteiros, maiores de 22 anos, moradores da cidade de Barretos, independentes"[7] altruístas e visionários, deram origem à Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Trata-se, portanto, de uma história dos acontecimentos casuais e, por isso mesmo, distancia-se da história dos grandes feitos inventados, dos sublimes atos de bravura, das supostas origens que deram início à Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos.

A história do rodeio e da festa do peão de boiadeiro, como foi contada até hoje por seus historiadores[8] é uma história que, quando narra os fatos, o faz para ocultar acontecimentos que, embora de menor monta, ao serem articulados em determinado momento da história, contribuíram para a constituição da base cultural do rodeio e da festa do peão de boiadeiro de Barretos. Por sua vez, ao

---

[5] "O evento fundante é um acontecimento que inicia uma série de eventos com os quais mantêm uma certa identidade como fato social ou histórico. Nesse sentido, ele é 'algo novo' que serve como ponto de partida para 'começar-se a contar o tempo' de algum modo, isto é, ele pode ser usado como um marco histórico para se produzir uma certa periodização. É nesse sentido que a Festa de Barretos é pensada por produtores e consumidores como um evento somente a partir do qual a história do rodeio no Brasil pode ser contada" (PIMENTEL, 2007, p.46).

[6] Conforme Ginsburg (1998).

[7] Conforme Nogueira (1989, p.42).

[8] Com raras exceções, como por exemplo, Perinelli Neto (2002) que busca criticamente compreender a construção da rede de significados proposta pelos "Os Independentes" de Barretos/SP.

ocultar as casualidades legitima o discurso hegemônico que transforma o começo, a origem desse tipo de evento, como algo planejado e edificado por atos heroicos[9].

A respeito dessa dimensão, presente na narrativa de "Os Independentes" de Barretos, o discurso de Marcos Abud Wonhrath[10], é ilustrativo ao afirmar que:

> A festa do peão nasceu na década de 1950 em Barretos, nas 'beiradas' do frigorífico da cidade. Não foi importado dos Estados Unidos como costumam dizer os desinformados e desconhecedores da história do rodeio de Barretos e do Brasil. Foi Barretos quem primeiro organizou e fez a festa do peão de boiadeiro. Também foi Barretos quem sistematizou as competições do rodeio brasileiro. Somos pioneiros em tudo que se fala em rodeio e festa do peão aqui no Brasil. É claro que ao longo do tempo tivemos que apenas importar regras e adaptar algumas coisas para dar ao rodeio o formato atual de competição possibilitando aos peões brasileiros competirem no exterior [11].

Categórico acerca da nacionalidade e naturalidade desse evento, o então presidente buscava, por meio de seu discurso, reafirmar a história oficial, a narrativa grandiosa que fez de Barretos o "maior acontecimento do gênero no Brasil"[12]. Para tanto, negava a importância e o significado de outros eventos congêneres tão caros à reprodução anual do rodeio no BCP, como são os casos de Jaguariúna/SP, Rio Verde/GO, São José do Rio Preto/SP, Americana/SP.

De fato o intuito de Os Independentes é (re)produzir uma memória que identifique Barretos e sua festa do peão de boiadeiro como as bases sobre as quais esses eventos foram edificados. Isso não nos é estranho, pois, entendemos que toda memória precisa obscurecer certos pontos para que outros sejam destacados. E é nessa luta pela apropriação das origens tanto da festa do peão quanto do rodeio que o discurso de Barretos foi construído, e busca, pela repetição,

---

[9] Devemos ressaltar que, embora não aprofunde no tema em questão, o trabalho de Perinelli Neto (2002) trás informações distintas da historiografia oficial do rodeio e da Festa do Peão de Barretos.

[10] Entrevista realizada em 3 de abril de 2006 na sede do clube "Os Independentes" no Parque do Peão em Barretos/SP.

[11] Ao que parece, com as mudanças operadas na forma e organização dos rodeios brasileiros, uma rivalidade crescente vêm tomando corpo entre os grandes eventos desse universo no Brasil. Jaguariúna e Americana/SP, Rio Verde e Goiânia/MG cresceram em importância e tamanho, vindo a disputar influências e popularidade com Barretos. Nesse sentido, o que ainda diferencia Barretos dos demais eventos, é a originalidade, ou seja, seus organizadores reforçam em seus discursos a primazia de Barretos como "berço da festa do peão de boiadeiro".

[12] Conforme Marcos Abud Wonrath.

cristalizar no interior do território do rodeio do BCP sua importância e seu sentido histórico na organização e modernização desses eventos.

Seja como for, para “Os Independentes”, a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos

> É, foi e será o centro difusor do que é novo e moderno. [...] O rodeio e a festa do peão nasceram aqui e não em outra cidade ou lugar. Por isso que Barretos tem e merece estar no lugar que se encontra: como o maior evento do gênero na América Latina, perdendo apenas para o *Calgary Stampede*, em *Alberta*, Canadá. Fomos nós que modernizamos tudo e tudo que está aí tem a mão, a influência ou a inspiração de Barretos. Nós fizemos o rodeio no Brasil e somos bons nisso. O rodeio cresceu tanto e Barretos tem tanta importância nisso tudo que hoje temos um campeão mundial de rodeio em touros [referindo-se à Adriano Moraes, na época, tricampeão pela PBR]. E onde tudo isso começou? Aqui em Barretos com o *Barretos International Rodeo* [referindo-se à etapa organizada pela PBR em 1994 no Brasil]. Nós fomos e ainda somos os primeiros em tudo. Quem tem um centro de análise de comportamento animal pra questionar os ambientalistas? Nós temos o ECOA. Quem buscou pesquisadores para verificar os maus-tratos nos animais? Quem inaugurou a primeira arena no formato de ferradura, projetada por Oscar Niemeyer e que serve até hoje de modelo para os recintos e arenas do Brasil? Nós. Quem trouxe Garth Brooks, Alan Jackson [maiores nomes de música country estadounidense] quando eles estavam no auge?[13] Nós. Então não é conversa. Tudo que diz respeito a rodeio começou e começa aqui. Aqui é o coração do rodeio e da festa do peão no Brasil [14].

Além da história oficial, essa narrativa também é reiterada, reificada por diferentes trabalhos de pesquisa que, consciente ou inconscientemente, reforçam o discurso de pioneirismo e da origem grandiosa[15]. Desse feito, seja por meio de práticas que vão do uso da mídia, seja por certo descuido que certos trabalhos científicos têm em não se preocupar com as origens desse evento. Barretos segue buscando sua afirmação no território do rodeio ao mesmo tempo em

---

[13] Garth Brooks esteve no Brasil em 1998 e Alan Jackson em 1999. Importante lembrar que durante esses anos, a política de valorização do Real, adotada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, por meio da manutenção do câmbio artificialmente valorizado favorecia a contratação de artistas internacionais. Tanto é que, nos eventos posteriores passou-se a apresentar apenas artistas nacionais.

[14] Conforme Marcos Abud Wohnrath.

[15] Com exceção dos trabalhos de Perinelli Neto (2002) e Silva (2007), pois, diferentemente dos demais, não partem do “evento fundador” para construírem suas narrativas. Pelo contrário. Também procuram encontrar os liames entre o passado ao presente da festa do peão.

que gera e retroalimenta certa representação social[16] acerca de sua posição no interior do território do rodeio.

Mas, se foi Barretos ou não a cidade pioneira na organização e realização da festa do peão, para esse momento do trabalho isso não importa. Mesmo porque, nosso intuito é encontrar, inicialmente, as condições históricas e identificar as estratégias de poder utilizadas pelos "Os Independentes" que permitiram a construção daquele evento e, consequentemente, a emergência de um território específico: o do rodeio.

Não sugerimos, com isso, desconsiderar o papel que teve a mencionada associação na organização e sistematização do rodeio enquanto competição bem como de sua importância como modelo para a difusão desses eventos pelo BCP. Pelo contrário. Mesmo porque, é inegável que a estratégia de um grupo de jovens da elite urbana barretense, ligados direta ou indiretamente à pecuária, tenha sido bem sucedida.

Dessa maneira, ainda que tenhamos nossas divergências e críticas quanto à história oficial que se repete e se retroalimenta, e sem pretender desconstruir ou mesmo negar qualquer outra narrativa, procuramos recontar, mesmo que brevemente, a história desse evento a partir de uma história "cinzenta" que permite, conforme Foucault (1984) libertar-se da história suprahistórica em que as verdades são absolutas, lineares e imutáveis[17]. Nosso intento é, no limite deste trabalho – e não pretendemos esgotar as possibilidades de outras narrativas, alinhavar as condições materiais e imateriais existentes em Barretos tão caras à constituição e emergência do território em questão.

Aventamos, por conseguinte, a ideia de que a história da festa do peão de boiadeiro deva buscar não somente em Barretos e na ação dos fundadores de "Os Independentes" suas origens, mas, na trajetória da pecuária na região de Barretos e São José do Rio Preto o substrato material e a base cultural para a

---

[16] Usamos o conceito de Representação Social conforme aquele proposto por Jodelet *apud* Guareschi (2002, p.202) que o considera uma "forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social".

[17] Acreditamos que uma das funções da pesquisa científica é lançar luz sobre as verdades cristalizadas, contestando-as a partir de novos elementos que se chocam com aquilo que está posto ou se reproduz acriticamente. Dessa maneira, entendemos que, mesmo sendo um curto espaço dedicado à revisão das origens da festa do peão, podemos suscitar novas indagações, abordagens, problemas, campos e temas de pesquisa em Geografia.

concretização desse fenômeno que é, antes de tudo, sócio espacial. Logo, se foram "Os Independentes" quem pioneiramente sistematizaram a festa do peão de boiadeiro e organizaram as primeiras competições de rodeio, onde, como, e por quais meios, sujeitos, práticas sociais e mecanismos que sua base cultural foi construída?

Em outros termos, e mais claramente, procuramos encontrar e trazer à luz da narrativa histórica os sujeitos, suas respectivas práticas e representações sociais por eles sugeridas que permitiram a operacionalização de um sistema simbólico, a projeção de um imaginário e a construção de uma "tradição inventada" que puderam ser materializados na ocorrência da primeira festa do peão de boiadeiro em Barretos em 1956 e retroalimentados nos anos seguintes.

Embora essa questão se mostre delicada em razão de não encontrarmos – ou não existirem – registros formais que apontem para outra perspectiva, recorremos à análise histórica, pela qual o historiador tenta alinhavar os retalhos do passado ao mesmo tempo em que se empenha em iluminar uma mínima parte do passado (BLOCH, 1941). Assim, por meio de fontes orais e da coleta de histórias de vida, procuramos abordar o passado pastoril, a existência dos circos-tourada na região e a realização da Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados de Barretos como elementos originais e fundamentais na constituição das pré-condições para que a festa do peão e o rodeio viessem a acontecer em Barretos na década de 1950.

Ponderamos, portanto, que tais atividades laborais e práticas sociais foram fundamentais no entendimento da questão aventada, pois, em nosso entendimento, foram elas em seu conjunto que estocaram elementos materiais e simbólicos para a emergência do território do rodeio em sua totalidade. Acreditamos, por conseguinte, que a lida com o gado nas estradas e fazendas, as práticas e atrações dos circos-tourada e a modernidade sugerida pela exposição agropecuária foram elementos presentes em uma circularidade cultural que engendraria as relações sociais de diferentes sujeitos históricos e caracterizaria o BCP[18].

Por meio da experiência vivida, logo, também sentida, homens e mulheres construíram valores, elaboraram um modo de vida, um jeito de ser, de agir

[18] Utilizamos o conceito de circularidade cultural conforme o sentido dado por Carlo Ginzburg (1998) ao analisar o caso do moleiro friulano, Menochio, submetido à Inquisição em razão de seus discursos que misturam elementos da cultura popular cotidiana ao radicalismo religioso da época.

e reagir diante das situações cotidianas, pois, conforme sugere Thompson (1981, p.182) a noção de experiência permite compreender homens e mulheres:

> não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida 'tratam' essa experiência em sua consciência e sua cultura. [...] e em seguida [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

Diferentemente do marxismo tradicional Thompson (1981) admite que a vivência da experiência não reproduz obrigatoriamente a ideologia dominante. Ao contrário disso a experiência pode levar a rever práticas, valores e normas e, ao mesmo tempo, pode contribuir no processo de constituição de identidades de classe, de gênero, de etnias. Assim, os próprios valores de uma sociedade podem ser percebidos como eventos sociais e culturais autônomos, não como mero reflexo do econômico, mas, principalmente como resultado das experiências humanas, ou seja:

> Os valores não são 'pensados', nem 'chamados'; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem nossas ideias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e 'aprendidas' no sentimento) no 'habitus' de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria (Thompson, 1981, p. 194).

Considerando que para esse historiador os eventos econômicos não determinam os eventos sociais e culturais, mas, que em razão de serem também eventos humanos, encontrarem-se entrelaçados com o cultural e social, é que reconhecemos a importância e o significado histórico e social dessas atividades na constituição do território do rodeio.

Conforme tentaremos demonstrar foram as experiências concretas de homens reais que geraram os elementos do território do rodeio. Não estamos afirmando com isso que o rodeio emerja por si sem a existência e ação de mediadores culturais. Pelo contrário, reiteramos nosso entendimento de que foram as práticas, as experiências cotidianas de diferentes indivíduos distantes tanto no tempo quanto no espaço do mundo rural do BCP que forneceram a base cultural para que o território do rodeio fosse constituído.

2.2. Estradas, Gado e Sociabilidade Pastoril: o substrato (i)material da festa do peão e do rodeio do BCP

Retomando a narrativa oficial, mencionada em momento anterior, a história da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos surgiu com a fundação de “Os Independentes” com a “ideia de organizar e realizar, no aniversário da cidade, um evento de caráter beneficente”. Desse feito,

> Em 1955, nasceu numa mesa de bar, ‘Os Independentes’. Um grupo de rapazes solteiros e auto suficientes, como era a regra, ligados a agropecuária local, teve a ideia de promover festas inspiradas na lida das fazendas, com o objetivo de arrecadar fundos para as entidades assistenciais da região. Um ano depois, em 1956, foi lançada a 1ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Sob a lona de um velho circo, surgiu o modelo do evento rural de maior sucesso do país atualmente. Já na primeira festa, a principal atração foi o rodeio. E os mesmos peões que passavam meses viajando pelos estados brasileiros, agora eram estrelas da festa do peão de Barretos[19].

Como podemos reconhecer, a narrativa oficial difunde o discurso de que a festa do peão de boiadeiro foi pensada, originariamente, como ação filantrópica. Nada mais romanesco e irrepreensível que identificar a origem da festa com um modo de ação orientado para a caridade. Além desse aspecto pueril que coloca os fundadores como jovens abnegados e dedicados unicamente a atos de humanitarismo, também enfatiza que a intenção de referenciar um sujeito social que tendia senão a desaparecer, ao menos a reduzir tanto em número quanto em importância a partir da década de 1950. Foi com o intuito desse evento como é o rodeio foi organizado:

> De homenagear o herói anônimo do sertão, o peão de boiadas, que perdia suas funções em um Brasil que tendia a se modernizar e a utilizar o transporte rodoviário para o deslocamento das boiadas dos centros criatórios aos de abate [20] que um grupo de jovens decidiu organizar a festa do peão de boiadeiro e colocar, como atração central, o rodeio.

Essa narrativa, ao contrário de trazer o processo e as condições, ou seja, os antecedentes que permitiram o advento da festa do peão de boiadeiro, omite-os. Quando os narra, o faz deformados. Com isso, elabora uma história de feitos grandiosos de um grupo de rapazes visionários e altruístas que, objetivando

---

[19] http://www.independentes.com.br/pt-br/rodeio/historia-do-rodeio. Acesso em 29 de julho de 23013, às 21:03.

[20] Segundo Marcos Abud Wohnrath.

contribuir com os festejos de aniversário da cidade e angariar fundos para obras assistenciais, organizaram pioneiramente uma festa que seria dedicada a homenagear o peão de boiadas, personagem que constantemente circulava em determinados meios da sociedade e sociabilidade barretense da época.

Todavia, conforme delineada acima, essa não é a narrativa aqui pretendida para compreender a emergência da festa do peão de boiadeiro. Nossa proposta é entender a festa do peão e o rodeio como eventos que puderam acontecer em razão de pré-condições, ou seja, da existência de uma base (i)material e de elementos que puderam ser catalisados em um determinado momento histórico e convertidos a uma nova lógica: a de uma "tradição inventada" [21].

Distanciamos dessa narrativa oficial em razão de reconhecermos, primeiramente, que competições semelhantes àquela de 1956 já aconteciam tanto em Barretos quanto nas cidades próximas ou sob a influência econômica e cultural de Barretos. Especificamente no caso desta cidade, ainda em 1947 ocorreu o que seria a Primeira Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Fato que se repetiu em 1948 sendo que, após essa esse tipo de manifestação cultural seria esquecido até a constituição de "Os Independentes".

Ao que parece, e esse entendimento comparece em Perinelli Neto (2002), a reelaboração, a ressignificação da imagem do peão de boiadas e sua conversão em "herói anônimo do sertão", "trabalhador indômito" e que seriam, futuramente apropriadas e difundidas pelos "Os Independentes", foram acionados durante a ocorrência desses eventos pioneiros. Todavia, diferentemente da festa que seria organizada em 1956, que acabaria por ofuscar e colocar no esquecimento essas primeiras festas, aquelas foram promovidas pelo poder público municipal tendo à frente o prefeito da época, Mário Vieira Marcondes.

Em razão disso, a festa do peão de boiadeiro estaria atada a questões e limitações da política local. Em que pese parte da sociedade local ter

---

[21] O termo está em conformidade com o sentido atribuído por Eric Hobsbawn (2002, p.9) que a define como "um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado apropriado. [....] O passado no qual a tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo. [...] Na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições 'inventadas' caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. [...] O passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição".

apoiado a decisão do então prefeito, outra parcela, a oposição, considerou o evento como “festa política” e criticou o uso político que o poder público local fazia do evento. Dessa forma, a festa do peão de boiadeiro realizada em 1948, não teve o “mesmo brilho daquela ocorrida no ano anterior” (PERINELLI NETO, 2002, p.101).

A narrativa grandiosa de “Os Independentes” também é questionada por Sebastião da Silva Procópio que, tal como Perinelli Neto (2002), desconsidera o pioneirismo do evento de 1956 e aponta para outra perspectiva que, por sinal, amplia o entendimento acerca da sociabilidade existente em Barretos e região na década de 1950. Em suas palavras,

> Quando se fala nesses eventos, a primeira coisa que vem à cabeça é ‘Os Independentes’ de Barretos. Mas não foi nem ‘Os Independentes’ e muito menos a cidade de Barretos quem primeiro pensou em fazer uma festa do peão. Na verdade isso aconteceu pelas mãos de várias pessoas, fazendeiros, boiadeiros e peões das cidades vizinhas de Barretos e que tinham suas atividades ligadas à pecuária e à atividade do frigorífico Anglo montado naquela cidade. A festa do peão de boiadeiro que aconteceu em 1947 e [19]48 mesmo que tenha sido organizada pela prefeitura de Barretos ela contou com a participação dos fazendeiros e peões da região e não só de Barretos. Mesmo a de 1956 que os “Independentes” dizem que foi a primeira festa de Barretos teve a contribuição de pessoas da região sim. Tanto que parte da tropa trazida pra essa festa veio de Franca e o tropeiro nem cobrou. Outra parte dos animais usados nas montarias e nas disputas veio dos criadores e invernistas da região e muitos nem moravam em Barretos. Moravam e tinham suas propriedades em outros municípios da região. Além disso, é importante lembrar que já existiam os circos-tourada e que por conta deles, muitas cidades pelas mãos dos fazendeiros da região já realizavam disputas parecidas com o que seria hoje o rodeio durante os aniversários das cidades ou outros feriados importantes na comunidade. Então o que Barretos faz é negar a existência de festejos e disputas que antecederam a festa de 1956 e também recusam a ideia que pessoas de outras cidades contribuíram para Barretos ser o que é hoje. O que aconteceu é que existiam dois tipos de peão na região: o de ‘trecho’ e o de ‘fazenda’ e querendo ou não isso serviu pra que a festa do peão servisse como uma homenagem ao peão de estradas que transportava boiadas e começava a desaparecer no momento em que o caminhão começava a tomar seu lugar e funções de transporte de gado. Além disso, também foi pensado em trazer para a cidade a prática de montarias e desafios entre peões e que sempre existiu, como um passatempo de peões, nas fazendas e nas comitivas. Querendo ou não, Barretos por ter o único frigorífico que abatia o gado de Minas, Goiás e Mato Grosso, concentrava a peonada do trecho, pelo menos até o TMaia abrir em Araçatuba e outros frigoríficos serem criados em [Presidente] Prudente e outras cidades mais próximas do Mato Grosso. Esses peões, a maioria, não que todos faziam isso, mas, depois de entregarem a boiada em Barretos iam para a cidade onde frequentavam a zona de

> prostituição e os botecos e ali passavam o dia à espera de novo contrato. Além desse tipo de peão também existia o outro que já falei, o de fazenda, que trabalhava diretamente com o manejo do gado. Esse aí era responsável pala cura, descorna, marcação, vacinação, castração, e alguns deles, pela doma de animais para o uso na fazenda. E era certo que toda grande fazenda e fazendeiro de nome tinham seus domadores. E isso é uma coisa que não se aprende da noite pro dia não. Então, o que aconteceu foi que as festas que aconteceram antes da festa de 1956 e isso foi usado pelos 'Independentes', eram uma forma de exibir à população das cidades a importância do peão para a história regional. Então não tinha nada de visão empresarial como o que os fundadores começaram a ter não. Era realmente uma integração, uma festa da cidade, e isso como eu já disse, já acontecia na década de [19]40 em muitas cidades da região. Era um costume. Só não era organizada como passou a ser por Barretos. E isso eles não falam. Ah... Também não pode ser esquecida a existência dos circos-touradas, como disse antes, que faziam suas exibições de cidade em cidade e, onde os peões poderiam demonstrar suas habilidades montando cavalos e touros com sorfetes[22]. Também é bom lembrar que não era todo peão que montava nas touradas não. A maioria era do 'trecho' ou tinha habilidade mesmo. Porque veja bem, se machucasse numa brincadeira dessa de circo como ia explicar pro patrão? Mas, nas disputas entre as fazendas em dias de festa isso era incentivado pelos próprios patrões que acabavam apostando nos seus melhores peões e isso rendia importância pra quem vencia. O peão que ganhava também recebia além do nome de melhor peão, o dinheiro de parte das apostas. Então, o que os 'Independentes' contam não que seja uma mentira, mas, eles não contam o que aconteceu antes pra que Barretos viesse a ser o que é hoje. Mas, como diz o ditado, a história repetida diversas vezes vira verdade. Ainda mais quando ela é escrita e repetida por anos. As coisas acabam por se perder e fica somente aquilo que ficou escrito como sendo o que realmente aconteceu. Como verdade[23].

O trabalho de Perinelli Neto (2002) e os apontamentos de Procópio abrem novas searas a serem exploradas na história da Festa do Peão de Barretos e colocam novos sujeitos sociais na base de constituição daquele evento. Na busca por melhores esclarecimentos, o depoimento de Klinger Ribeiro[24] é significativo. Se

---

[22] Entrevista realizada em 25 de julho de 2007 no Sindicato Rural de Paulo de Faria/SP

[23] O relato de Procópio e o acesso a novas narrativas acerca das raízes da festa do peão de boiadeiro nos leva a considerar e enfatizar a necessidade de novos trabalhos que busquem, por meio da história oral e de vida, reconstruir a história das diferentes festas do peão de boiadeiro do estado de São Paulo. Por ser esse um propósito extremamente audacioso e que custaria significativo tempo e custos financeiros, indicamos a possibilidade de, a partir da história da Festa do Peão de Paulo de Faria e cidades próximas à Barretos, encontrar registros e fontes que possam ampliar a proposta aqui apresentada.

[24] Klinger Ribeiro, pai de Sebastião Procópio, na época da entrevista contava com 80 anos de idade. Pecuarista e morador de Paulo de Faria/SP, além de se dedicar à pecuária como atividade econômica, também se voltou para o rodeio. Desde a década de 1950 desenvolveu papeis de peão, proprietário de tropa e boiada de rodeio e foi um dos fundadores e primeiro presidente do "Clube dos

não ilumina a maior parte dos pontos obscurecidos pelo tempo, ao menos permite ampliar o entendimento aberto até o presente momento acerca da história da festa do peão de Barretos. Em suas palavras:

> Paulo de Faria e outras cidades da região de Barretos e até de [São José do] Rio Preto como, Riolândia, Palestina, Nhandeara, Novo Horizonte, Mirassol, Bálsamo, Palestina, já faziam o que 'Os Independentes' vieram chamar de festa do peão de boiadeiro. Na verdade, desde a década de 1950, talvez antes, se considerarmos as disputas entre fazendeiros durante as domas, já existia o que vamos chamar de 'festa do peão' na região. Aqui em Paulo de Faria era comum os fazendeiros se reunirem, principalmente nas festas da cidade [aniversário e padroeiro] e fazerem um campeonatos entre a peonada e os animais das fazendas. [...] Se for como Barretos fala, então Paulo de Faria fez a sua festa do peão antes de Barretos. Só não tivemos a mesma ideia progressista e moderna que eles tiveram. Pra gente o interessante era colocar a peonada e os melhores animais pra disputar quem era o melhor [risos]. E isso a gente fazia informalmente no aniversário de Paulo de Faria, vez ou outra aos domingos, e outros feriados que não fossem dias santos. Mas, o que aconteceu é que Barretos era o centro de tudo. Lá estava o frigorífico. A gente da região se relacionava demais com o pessoal de Barretos. Compra, venda, engorda, e isso tudo fez [com] que as competições de montarias se tornassem comuns em praticamente todas cidades. Quer ver uma coisa? Me fala onde estão as melhores e mais antigas tropas e boiadas de rodeio? Te respondo... na região de [São José] do Rio Preto e Barretos. E as principais entidades do rodeio? Também te respondo [risos] ... nas mesmas cidades. Será isso apenas um acaso? [risos]. Então na verdade, a coisa não aconteceu como falam. Na verdade, teve uma festa que foi feita no centro da cidade [1947] durante a quermesse de aniversário da cidade. Então o que 'Os Independentes' fizeram não foi criar algo novo. Tudo estava ali. Eles só organizaram aquilo que estava solto. E se você for a fundo nessa história pode ver que até final de [19]60 a festa de Barretos não era tão importante assim. Ela era igual as realizadas nas cidades vizinhas, como aqui em Paulo de Faria. O que aconteceu é que eles fizeram da associação sem fins lucrativos uma empresa que passou a visar o lucro e fizeram do rodeio um mercado. A gente não, a gente fazia porque realmente gostava da coisa mesmo. Fazia por prazer, não por dinheiro ou promoção pessoal. Se isso foi bom ou ruim, aí não sei [risos]. Fica pra você pensar [risos].

Além deste, o depoimento de dois fundadores do clube, ambos oriundos de família de fazendeiros locais, aquilata um pouco mais a questão de onde podemos encontrar as raízes da festa do peão de boiadeiro de Barretos.

Vinte" que, desde 1963 promove anualmente a festa do peão de boiadeiro de Paulo de Faria. Entrevista realizada em 21 de julho de 2013 em Paulo de Faria.

Segundo narrativa de José Sebastião Domingos e Antonio Renato Prata, respectivamente,

> O rodeio não nasceu aqui na cidade de Barretos, nem na festa de (19)47. O rodeio nasceu nas fazendas. Todo fazendeiro que lidava com gado criava tropa para o custeio da fazenda e essa tropa tinha que ser domada. Cada fazenda tinha seu tempo de doma e o peão mais adequado pra esse serviço. Então o que acontecia? Quando um fazendeiro ia começar a 'amansasão', os vizinhos iam lá pra fazenda pra assistir as montarias. Então, cada fazendeiro tinha seu peão de doma que amansava os cavalos e foi assim que nasceram as disputas entre peões. Prova disso é que as primeiras montarias eram com esses peões de fazenda e os animais mais 'duros' de cada fazendeiro. Os primeiros rodeios que a gente fez já com a proposta de clube de rodeio foram realmente amadores. Não existiam peões de rodeio profissionais. Os peões que montavam eram os peões das fazendas daqui de Barretos e da região criatória e de engorda. Era 'peão de fulano', 'beltrano da fazenda tal', 'peão da fazenda tal' e assim por diante. Por isso que eu digo que era amador mesmo. A festa era feita com esse tipo de peão e envolvia os fazendeiros que acabavam apostando em seus peões de doma. Pra eles era importante ter o melhor peão, o que conseguia ficar mais tempo no arreio. Essas coisas mexiam com o povo todo.

Tais depoimentos, complementados pela colaboração de Procópio, nos mostram que existiam, basicamente, dois tipos de trabalhadores que lidavam com a pecuária: os "peões de trecho" e os "peões de fazenda" e, em razão disso, merecem maior definição de seus papéis na pecuária do BCP. Os primeiros dedicavam-se ao transporte de boiadas em longas marchas que ligavam os centros criatórios aos de abate.

Constituíam, portanto, categoria específica de trabalhador, pois, obtinha seus ganhos compondo "comitivas" e ocupando funções específicas no transporte do gado. Quanto ao segundo grupo, os "peões de fazenda", estes eram trabalhadores contratados por invernistas ou fazendeiros que dedicavam-se à cria, recria ou engorda do gado proveniente de outras regiões e que seriam destinados aos frigoríficos do BCP. Estes, diferentemente dos primeiros, mantinham maior proximidade com os proprietários de terra e gado e tinham sua lida diária diretamente ligada à doma, e ao manejo do gado nas fazendas em que trabalhavam.

A partir dessas primeiras observações e narrativas podemos considerar que à primeira vista tudo indica que foi a trajetória histórica de Barretos, de sua região imediata, e da região de São José do Rio Preto quem permitiu a constituição dessa base pastoril que pode, na década de 1950, ser apropriada como prática do mundo rural pecuário e convertida em atração urbana.

Essa ideia se sustenta na medida em que até a implantação de frigoríficos em outras regiões do Estado de São Paulo, no pós-Segunda Guerra, Barretos monopolizou o abate e comercialização de gado de engorda[25] no BCP. Todavia, embora o frigorífico Anglo se localizasse na cidade de Barretos, a boiada magra, deslocada por longas marchas das regiões de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Oeste do estado de São Paulo eram engordadas em pastagens e invernadas localizadas na mesorregião de São José do Rio Preto/SP.

Na década de 1950, no estado de São Paulo, os invernistas, proprietários de grandes extensões de terra, formadas por pastagens que abrigavam boiadas para engorda, concentravam-se na região de Barretos, Franca, Araçatuba e São José do Rio Preto. Os compradores de gado, que também se localizavam naquelas regiões, eram os mediadores entre os invernistas ou boiadeiros e o frigorífico, responsáveis pela aquisição de gado gordo para ser abatido ou, quando magro, para ser engordado nas fazendas de propriedade do frigorífico.

Os boiadeiros, responsáveis pela aquisição de animais magros dos diversos criatórios do BCP e de comercializá-los com os invernistas e compradores dos frigoríficos circulavam pelas diferentes regiões mencionadas. Os peões de boiadeiro, base de todo esse sistema social, eram contratados esporadicamente pelos boiadeiros para auxiliá-los no transporte do gado. Alguns, que conseguiam se capitalizar, se tornavam donos de comitivas, adquirindo animais e “traias” (arreios, bruacas) e passando a agenciar peões para o deslocamento de boiadas em longas marchas (PERINELLI NETO, 2002).

Desse sistema de comércio e transporte de gado, responsável pelo fornecimento da matéria-prima aos frigoríficos, certas práticas foram se tornando rotineiras como formas de entretenimento e diversão aos peões durante suas andanças pelas estradas empoeiradas do interior do BCP. Por serem distâncias consideráveis, era comum que junto com os animais de montaria já domados e utilizados para a lida, fossem também levados os chucros[26].

---

[25] Em 1913 foi instalada nessa cidade a Companhia Frigorífica Anglo Pastoril que, em 1924, passou a ser denominada de Sociedade Anônima Frigorífico Anglo.

[26] Termo utilizado vulgarmente para fazer referência ao animal que não foi ou não está domado. Também é usado para definir animais que não aceitam a doma e, em razão disso, são descartados. Nesse caso, porém, prefere-se o uso popular do termo redomão em contraposição a chucro.

Quando ocorriam as paradas para descanso da boiada e tropa, tinha início a doma, o "repasso" ou "amansasão" dos animais ainda xucros ou em doma. Ainda que esporádicas e ligadas ao labor, essas ações possuíam certo sentido de ludicidade, o que servia para "quebrar a dureza do dia-a-dia das estradas"[27]. Mesmo que envolvessem disputas e apostas, em razão do caráter e do significado dessas disputas durante o transporte de boiada, eram vistas como essenciais e naturais no interior do sistema de transporte boiadeiro. Para Sebastião Procópio,

> as tropas que faziam o transporte boiadeiro entre os Estados de São Paulo, Minas e Mato Grosso eram compostas por dezenas de cavalos, éguas, mulas e burros para suportarem a distância percorrida de dias e até mesmo meses na estrada. Nessas tropas, muitas vezes, eram levados também, os 'redomões', os animais xucros, para que fossem domados e usados durante a viagem. Como as viagens eram longas, o cansaço dos animais facilitaria a doma. E isso era um divertimento da peonada. Por outro lado, essa prática de montaria e doma como divertimento e competição entre peões também acontecia nas fazendas de cria, recria ou engorda aqui da região[28].

A mesma abordagem, embora ampliada em certos aspectos, acerca destas práticas é dada por dois colaboradores ligados diretamente ao transporte de boiadas entre as regiões criatórias de Mato Grosso e Araçatuba/SP: Wilson Souza e Sebastião José dos Santos[29], respectivamente proprietário de tropa e peão de boiadas.

Segundo Souza

> Entre Rondonópolis [MT] e Araçatuba [SP], numa distância de mais de mil quilômetro, era comum levá no meio da tropa quatro ou cinco animal que ainda não tinha sido domado. Também era comum a compra do animal ainda xucro na fazenda de onde saía a boiada. Como existia toda uma preparação antes da partida da comitiva, a doma acontecia entre a chegada da peonada na fazenda e a saída para a viagem que poderia levar entre cinquenta e cento e cinquenta dias dependendo do tempo, da chuva, da condição de viagem ou do ritmo da boiada. A preparação podia levar até um bom tempo, mais

[27] Conforme Wilson Souza.

[28] Entrevista realizada em 25 de julho de 2007 no Sindicato Rural de Paulo de Faria/SP.

[29] Wilson Souza foi tropeiro em Araçatuba/SP entre as décadas de 1950 e 1980. Sebastião José dos Santos foi peão de boiadas entre 1960 e 1980. Ambas entrevistas foram realizadas em 14 de julho de 2012, em Araçatuba/SP.

> de mês até. Quando a gente chegava na fazenda, separava o gado comprado e marcava com a marca do comprado. Apartava e jogava no curral mil, mil e quinhentas cabeça de boi. Depois, todo dia a gente soltava essa boiada pra pastá num 'garrafão' de manera que o gado ia se acostumando com a gente e também a sê conduzido. Também era tempo de abatê uma ou duas cabeça de boi gordo, carneá, salgé e prepará a viagem. Tudo isso dependia do tipo de boiada. Se era arisca podia leva até mais de mês.

Para Santos, além dessa etapa de preparação que era conduzida e gerida pelo tropeiro, para os peões, além da lida com o gado e preparação dos mantimentos, a doma era outra atividade que ocupava espaço e tempo dos peões. Em suas palavras, essa atividade se dava da seguinte maneira:

> Primeiro o tropeiro comprava do fazendeiro ou do administrador da fazenda alguns animais. Dependia da oferta e do preço. Tinha peão que conseguia guardá um dinheiro e aí comprava um ou dois burro ou mula também e trazia pra Araçatuba. Quando vendia fazia um bom dinheiro porque já entregava senão domada, quase pronta pro trabaio nas fazenda. Mas pra domá a gente laçava o burro com uma corda comprida pra fazê a 'quebra do pescoço'. Depois de laçado deixava o animal corrê e, quando o animal estava sem esperá o peão dava um tranco pra esquerda. Depois fazia o xucro girá pro outro lado e fazia o mesmo que tinha feito do lado esquerdo. Assim o burro ficava com o 'pescoço mole'. Em seguida, era preciso observá se o animal era de carga ou montaria. Pra isso, o animal era amarrado num palanque, onde a gente colocava, na boca do animal, o bridão. O peão que era dono do burro ou o capataz do tropeiro montava no animal e tentava a montaria. O animal solto saía pulando e o peão puxava o bridão dando tranco sempre para cima prá quebrá o quexo do burro. É que a condução do burro é diferente do cavalo e mais difíci, porque a rédea é puxada pra cima. Então o braço do peão fica pra cima do pescoço do animal enquanto no cavalo a posição do braço da montaria fica no mesmo níve do pescoço do animal. Se o animal atendesse o comando do peão [virar à esquerda, à direita, afastar, trotar, correr e frear] e parasse de pulá.era considerado de montaria. Se não, ou era pra 'bruaca' de carga ou prá 'bragança' [descarte].

Como se pode observar, o cotidiano pastoril do BCP era eivado de práticas laborais que, vez ou outra, acabavam se tornando lúdicas servindo como alívio das pressões sociais. Inseridas naquele universo social seus sentidos estavam ligados, atados ao trabalho e às classes sociais que se desenhavam na organização do comércio e transporte de boiadas.

No caso da cidade de Barretos, devido a presença intensa de comitivas de vários estados e regiões, no tempo vago dos peões e boiadeiros, essas competições passaram, também, a acontecer nos arredores dessa cidade e eram

realizadas pelos próprios boiadeiros e peões. Ou seja, as práticas lúdicas das estradas e fazendas ganhavam a franja urbana, porém, ainda ligadas à sociabilidade própria desse universo e vividas por indivíduos que partilhavam o mesmo tempo social.

> O culto à coragem e à técnica dos cavaleiros face ao instinto defensivo e violento dos animais se constituía como ritual de interação social, que mediava de forma ambígua as relações entre sujeitos socialmente desiguais. (ALEM, 2004-2005, p.96)

Esse movimento cotidiano pode ser identificado e isolado pelos Os Independentes que compreenderam, sabiamente, que a lida com o gado em fazendas e, principalmente, aquela nas estradas boiadeiras que uniam o BCP, possibilitava a operacionalização dessa epopeia de forma a torná-la um discurso que fosse transformado em ação. Uma apropriação[30] de práticas populares pela elite local para devolver às camadas populares a ritualização de práticas de um passado que, por meio de um evento que se tornaria massivo, possibilitaria uma narrativa acerca de Barretos e sua importância social e econômica no quadro dos municípios paulistas dedicados à pecuária.

Mais claramente, que a epopeia fosse convertida em uma narrativa sobre assuntos grandiosos e heroicos que, apresentada sob a forma de um ritual, seria capaz de suscitar um determinado imaginário e criar certa identidade local, um território, principalmente num momento em que o Brasil se modernizava com a construção de estradas de rodagem e optava pelo transporte rodoviário de boiadas.

Ao que parece, em razão da dimensão que o evento tomou desde 1956, tal iniciativa se mostrou vitoriosa a ponto de conseguir que, a partir da década de 1980, esse tipo de festa se tornasse “tradição” e fossem inseridos no calendário oficial da maioria das cidades paulistas – mesmo naquelas que não possuíam qualquer passado ligado à pecuária ou à Barretos[31].

Mas, além do transporte de boiadas e da lida nas fazendas de gado, outro elemento que antecede a ocorrência e sistematização do rodeio e festa do

---

[30] Conforme Chartier (1991).

[31] Conforme tentaremos demonstrar em momento próprio, ainda que alguns municípios paulistas não possuam passado pastoril ou mesmo qualquer vínculo, seja econômico, político, social ou cultural com Barretos, a festa do peão e o rodeio foram incorporados como eventos municipais e inseridos no Calendário Turístico do estado de São Paulo.

peão de boiadeiro foi a existência do circo-tourada[32]. Guardando em si características ibéricas do confronto entre homem [toureiro] e animal [touro] no qual o toureiro se utiliza de uma "capa" para atrair o animal e em seguida, se desvencilhar do touro enfurecido[33] sem que haja a necessidade de sacrificá-lo, como ainda é o caso das touradas espanholas.

2.3. De cidade em cidade: os circos-tourada e a difusão de novas práticas culturais

Embora a primeira Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (1956) tenha sido realizada sob a lona de um antigo circo-tourada, a história oficial desta festa não expõe ou mesmo menciona a importância e a contribuição desse tipo de manifestação cultural para a constituição da festa do peão de boiadeiro. Sendo assim, mesmo que não disponhamos de registros formais para identificar a relação entre circo-tourada e festa do peão, a análise histórica e as fontes orais nos permitem realizar inferências a partir de certos indícios da história[34].

Ainda que o circo-tourada não disponha de uma historiografia própria, é possível encontrar fragmentos de narrativas que localizam o último quartel do século XIX e a primeiras décadas do século XX como o período em que os circos-tourada ganharam notoriedade e se tornaram atrações em diferentes cidades brasileiras[35]. Esses são os casos de Porto Alegre (BASTOS, 2012), Rio de Janeiro e

---

[32] Embora tenha perdido espaço a partir da década de 1970 e, praticamente desaparecido na seguinte em razão do crescimento numérico das festas do peão de boiadeiro e dos rodeios, alguns remanescentes destes primeiros circos-tourada sobrevivem. Esse é o caso do Circo de Touros Paraíso, sediado em Santo Antônio do Aventureiro/MG. Dotado de infraestrutura relativamente simples e sob a lona de um circo, ainda são encenados enfrentamentos entre toureiros e touros. Diferentemente da tauromaquia espanhola, nos circos-tourada, tanto os touros quanto os toureiros são treinados para representar uma luta aparentemente furiosa, mas, na qual, não há o objetivo de ferir o animal. Além disso ainda guardam a característica de circo-mambembe viajando pelo sudeste de Minas Gerais. Para maiores informações acessar: http://aventureiro.wordpress.com/2009/07/11/65/

[33] Embora consideremos de influência ibérica, importante esclarecer que o tipo de tourada que migrou e foi difundida no Brasil trouxe em si elementos portugueses, na qual, ao contrário da espanhola, o touro não era sacrificado (ALEXANDRINO, 2011).

[34] Conforme Ginsburg (1998).

[35] Mesmo não contando com historiografia própria que aborde a origem e o desenvolvimento das diferentes formas dos circos-tourada no Brasil, nossas afirmações se baseiam nos trabalhos de Alexandrino (2011), Melo (2009) e de Monteiro (s/d). O primeiro aborda a chegada da Família Real

São Paulo (ALEXANDRINO, 2011; MELO, 2009), Juiz de Fora (SOARES, 2010), e Taubaté (MONTEIRO, s/d)

Transferidas de Portugal para o Brasil durante o processo colonizador, serviram como elemento lúdico e de integração entre diferentes grupos e classes sociais ao mesmo tempo em que rompiam com o cotidiano dos pequenos vilarejos e povoados do Brasil Colonial.

Ao abordar a existência dessa prática em Salvador/BA, Silva (1957, p.17) aponta que as touradas existiram naquela cidade desde "seus primeiros tempos e representou durante três centúrias seguidas, o seu principal divertimento".

O mesmo ocorre no caso da cidade do Rio de Janeiro conforme expõe Melo (2009, p.23):

> Na cidade [Rio de Janeiro], as touradas são realizadas desde 1641. Nessa ocasião, assim como muitas vezes no decorrer do século XVIII e início do XIX, elas fundamentalmente seguiam o calendário real ou da administração local. Já possuíam alguma estrutura comercial ao seu redor, mas ainda não se tratava de um campo autônomo, como o seria a partir dos anos 1850.

Em termos de formato e organização, os registros destas atividades nos relatam que até meados do século XIX estiveram montadas, exclusivamente, em locais fixos das vilas e cidades brasileiras, granjeando, desde a chegada da Família Real (1808), notoriedade e popularidade junto aos diferentes segmentos da ordem social brasileira da época.

> A partir de 1820 as touradas tornam-se mais organizadas. Alguns empresários, entre os quais José Inácio da Costa Florim, traficante de escravos que parecia disposto a mudar de ramo, passam a organizar na praça do curro (Centro da cidade) tanto mais edições das corridas de touros quanto outros divertimentos, como exibições de acrobacia, ginástica e circos de cavalos.

---

portuguesa ao Brasil e suas repercussões. Abordando a tourada no Rio de Janeiro o autor demonstra a importância social e política daquelas apresentações bem como enfatiza o sentido lúdico que as touradas possuíam na primeira metade do século XIX. Também abordando a história do Rio de Janeiro, Melo (2009) analisa as mudanças pelas quais a tourada passou naquela cidade desde a chegada da Corte portuguesa até o advento dos esportes modernos e do cinema. Por fim, Monteiro (s/d), utilizando-se de registros de viajantes do século XIX, da historiografia da tourada ibérica e colonial brasileira, e da imprensa da época, a historiadora procura reconstruir o cenário e a história das touras em Taubaté/SP. Acessível em: http://www.valedoparaiba.com/simposio/anais/artigos-especificos/6%20-%20Registros%20da%20hist%C3%B3ria%20as%20touradas%20de%20Taubat%C3%A9.doc

A partir da segunda metade daquele século, já tendo incorporado certo sentido e lógica mercantil, as touradas passaram a se manifestar sob dois formatos: o fixo e o itinerante. Esse movimento de emancipação e descolamento das touradas em relação ao espaço da cidade ocorreu, ao que tudo indica, pela integração dessa prática lúdica a outra: o circo e sua característica itinerante.

Essa dimensão – a fixação temporária em um lugar – foi intensificada ainda nas primeiras décadas do século XX em razão do esvaziamento pelo qual as touradas passavam naquele momento. A difusão dos elementos da modernidade como, o cinema, o fortalecimento e concretização do discurso e das ações modernizadoras, sanitaristas e urbanísticas, fizeram com que essas atrações fossem perdendo importância e esvaziando-se do antigo sentido de aglutinação social que possuíram no século anterior (ALEXANDRINO, 2011; MELO, 2009).

Além disso, também se avolumavam nas grandes cidades brasileiras as críticas às práticas "abusivas e violentas contra os animais". As pressões de parte da sociedade fluminense e paulistana levou o governo Vargas a publicar, em 10 de julho de 1934 o Decreto 24.645. Por meio deste ato governamental ficavam estabelecidas as medidas de proteção aos animais que, por sua vez, se entendiam como proibição às touradas[36].

Proibidas nas grandes cidades, a saída para a situação, ao que tudo indica, foi tornar os circos-tourada atrações itinerantes e com exibições em pequenas e médias cidades do interior do Brasil. Nesse período seus proprietários originais, em sua maioria homens de outros negócios nas grandes cidades brasileiras como, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, ou acabaram se desfazendo de seus empreendimentos ou tornaram-se itinerantes (ALEXANDRINO, 2011; MELO, 2009).

Embora de dimensões singelas, se comparadas às de sua sucessora, a festa do peão, seu papel não pode ser ocultado, pois, o consideramos de grande valia como elemento que contribuirá para a constituição da base cultural sobre a qual seriam construídos a festa do peão de boiadeiro e o rodeio.

Deslocando-se constantemente de cidade em cidade, os circos-tourada assemelhavam-se aos "circos convencionais", pois, muitas das vezes

[36] Interessante comparar historicamente as touradas e os rodeios quanto às pressões e críticas recebidas por serem consideradas atividades com práticas lesivas aos animais. Acredito que esta questão poderia ser convertida em tema de pesquisa científica.

dispunham de materiais característicos tais como, lona, picadeiro, arquibancada, e, a eles, aglutinavam-se os, currais, bretes e arena. Sem uma rota rigidamente definida, percorriam as pequenas cidades do interior paulista permanecendo entre quinze e vinte dias em cada cidade. Distintos quanto a estrutura material e financeira de que dispunham, alguns, com parcos recursos, poderiam ser caracterizados como meros cercados de madeira utilizados como um curral improvisado[37].

Como atração apresentavam, além da tourada, que era peça central, montarias em touros, equinos e muares sob a forma de desafios para a comunidade local na qual estavam instalados. Da mesma maneira que a condição econômica de cada circo-tourada era refletida em sua infraestrutura, no que diz respeito aos animais o mesmo ocorria. Os circos-tourada melhor estruturados contavam com animais próprios enquanto outros dependiam de touros, vacas, muares e equinos cedidos por fazendeiros e criadores locais.

A respeito do circo-tourada, Sílvio Meneguello, antes de se especializar como tropeiro e tornar-se proprietário da Companhia de Rodeio Sílvio Meneguelo[38], possuiu o "Circo-Tourada Serra Negra" nas décadas de 1960 a 1980. Tendo adquirido um circo-tourada aos dezoito anos de idade e permanecido seu proprietário até os trinta e sete anos, sua visão sobre esse tipo de entretenimento é ilustrativo e contribui para identificarmos os elementos originais da base cultural da festa do peão de boiadeiro e do rodeio.

Em suas palavras, os circos-tourada:

> Vieram muito antes do rodeio e da festa do peão. Barretos pode até se vangloriar e dizer que não, mas, foram os circos-tourada que deram inspiração para as festas do peão e os rodeios. Sem eles acredito que o rodeio não teria o sucesso que tem. Só pra ter uma ideia, nesses circos a gente já montava em touros e, a montaria em touros só foi colocada em Barretos em [19]79 e [19]80. Igual as festas do peão que hoje tem calendário e acontece uma vez por ano em cada cidade, os circos-tourtada também tinham um roteiro a seguir. Cada circo organizava sua temporada no ano. Começando em janeiro, de preferência teria que chegar em julho na parte mais distante da rota. A ideia era seguir uma rodovia ou rota de cidades sempre pra frente até junho. Aí a gente voltava em outra rota, mas,

[37] A descrição foi baseada em depoimento de Sílvio Meneguello em 22 de julho de 2013 em São José do Rio Preto.

[38] Entrevista realizada em 22 de julho de 2013 em São José do Rio Preto. Sílvio Meneguello foi um dos primeiros tropeiros a se dedicar à criação de touros de rodeio ainda na década de 1970 para serem utilizados em seu circo-tourada. Posteriormente foram utilizados em rodeios.

> com destino à nossa cidade de origem de maneira que quando chegasse dezembro a gente estava com a família. Claro que isso era o ideal [risos], mas, muitas vezes o ideal não acontecia [risos]. O mundo acabava sendo nossa casa. Os circos-touradas eram itinerantes sim. Não tinham parada. Iam de cidade em cidade, principalmente nas pequenas e era uma festa quando chegavam. Ficavam até quinze dias, às vezes vinte, mas era difícil isso acontecer. Tinha como atração alguns touros bravos que serviam para toureada, outros para montar com sorfete onde o peão montava segurando com as duas mãos. Não tinha esse estilo americano de montar com a corda e com uma só mão. Tinha também algumas montarias em cavalos xucros que, muitas vezes, era do pessoal da própria cidade. Gostava demais daquilo tudo. E isso atraiu minha atenção. Quando completei dezoito anos comprei uma arena com arquibancada de um circo de tourada que estava de passagem por [São José do] Rio Preto em 1970. O circo vinha de Minas Gerais e o itinerário de um a dois anos do circo era a região do Triângulo Mineiro, Ribeirão Preto, Franca, Barretos e [São José do] Rio Preto. A gente não ganhava dinheiro não, mas conhecia esse interiorzão todo e tinha dinheiro prá gastá e vivê bem, sem luxo, mas confortável. Na maioria dos circos-tourada existia o dono, o capataz e seus ajudantes. Muitos desses eram ou tinham sido peão de boiadeiro e que perderam o emprego com a chegada das rodovias e do caminhão. Mas a gente era uma família mesmo. Mas, depois de dezoito anos trabalhando com aquilo e tendo chegado aos trinta e sete anos de idade sem a mesma agilidade dos dezoito, acabei transformando o circo tourada em companhia de rodeio e fiz minha primeira apresentação com meus touros em Barretos em 1980. Foi minha boiada que pulou junto com de outros fazendeiros, como a do Klinger [Ribeiro] que começava a mexer com rodeio na festa. Aí quando começou a crescer esse negócio de rodeio, boa parte do pessoal dos circos acabou indo pra esse ramo. Eu fui um deles. Era mais caro pra entrar, pois precisava de bom número de cavalos pro rodeio, mas valia a pena, pois começou a ficar lucrativo. Era muita festa de peão que começou a acontecer lá pros anos de 1980. Mas na verdade, a maioria dos circos-tourada tinham sua origem nos antigos centros pecuaristas que começaram a dispensar a peonada. Barretos e as cidades vizinhas sofreram com a chegada do transporte rodoviário. No Estado de São Paulo, o forte eram aqueles que partiam da região de Barretos, Franca e [São José do] Rio Preto.

Podemos depreender destas informações que, além do passado pastoril, a cidade de Barretos, e aquelas sob sua influência bem como cidades que surgiam do processo de ocupação do Oeste paulista receberam em maior ou menor intensidade os circos-tourada itinerantes de que fala Meneguello.

Para aquilatar um pouco mais nossa argumentação com relação à importância desse tipo de atração, Abidias Correia da Silva e Carlos Garcia afirmam, respectivamente que:

> Tenho oitenta e dois anos. Nesse tempo todo de vida pude ver e frequentar as touradas. Posso dizer que existiram muitas

> companhias, como vieram a ser chamadas, que percorriam a nossa região e outras mais distantes como São José do Rio Preto e Jales. Sou natural de Duartina, região de Bauru e vim para cá ainda menino, mas, me lembro que cheguei a ir em uma tourada em Duartina. Elas eram comuns, iguais aos rodeios hoje em dia. Com uma diferença: eram bem menores e mais simples. Fui prefeito de Clementina por duas vezes [1963-66 e 1973-77] e durante meus mandatos e mesmo em outros, era comum a vinda de circos-tourada para a cidade. Dias ou mesmo semanas antes de chegar a comitiva transportando os animais e as estruturas do circo, na frente vinham os proprietários para requerer a permissão para que na cidade fosse instalado o circo. Normalmente ficavam duas semanas. Por vezes até vinte dias, o que era raro. O itinerário dessas companhias era 'pingar' de cidade em cidade. Então, quando estavam em Clementina já se organizavam para ir para Santópolis [do Aguapeí], Braúna, Gabriel Monteiro ou Bilac. Sempre de uma cidade para outra. Para essas cidades, como era Clementina, que era pequena era uma atração que fazia com que o povo se juntasse nos finais de semana para ver algo diferente. Os espetáculos e competições aconteciam tanto durante a semana quanto nos finais de semana. A diferença é que, nos finais de semana, as disputas eram mais emocionantes porque os moradores da zona rural vinham para a cidade e muitos peões de sítios e fazendas desafiavam touros e animais xucros das fazendas. Como a vida na cidade era pacata e só possuía o cinema e a praça para diversão, quando o circo chegava a vida mudava[39].

De seus argumentos, interessa-nos identificar o deslocamento constante desse tipo de atração, a redundância bem como a importância que os moradores das pequenas cidades atribuíam a ela. Ao que parece – e é o que sugerimos como parte de nosso entendimento – foi a redundância ou a retroalimentação anual desses certames que, embora não constituíssem uma rede articulada de eventos, permitiu criar e difundir o interesse da população das cidades por onde passavam pelas competições envolvendo homens e animais.

Além dos colaboradores anteriores, também Carlos Garcia contribui para nosso entendimento acerca do sentido e da importância dos circos-tourada, lançando novas informações acerca do circo-tourada. Conforme expõe nosso colaborador:

> A primeira festa do peão de boiadeiro de Clementina foi feita em minha primeira administração [1983-88]. Da região fomos a primeira cidade a promover um evento daquele. Depois fomos seguidos por Bilac, Braúna, Gabriel Monteiro, Rinópolis e outras cidades. Como desde pequeno frequentava os circos-tourada e, como tantos outros garotos da época a gente não saía de perto de onde eles estavam

[39] Abidias Correia da Silva contava com oitenta e dois anos no dia da entrevista, realizada em 23 de junho de 2013.

> montados quando chegavam na cidade e depois, tendo ido até Barretos ver a festa deles, tive a ideia de fazer, juntamente com o auxílio de uma comissão formada por munícipes, a primeira festa do peão da cidade. A festa do peão era coisa nova para nossa região em termos de formato das competições, espaço ocupado para a sua realização e também o número de pessoas que iriam entrar na festa. Mas, a base de tudo, as competições, as disputas e a emoção que elas despertavam já estavam presentes nas touradas. Claro que ainda de maneira bem rudimentar. Mas, o que eu quero dizer com isso é que a festa do peão foi, para nós, que organizamos a primeira festa do peão de Clementina e também para os organizadores das outras cidades, o rodeio foi um aprimoramento e ampliação do que já existia de uma maneira muito rudimentar e simples nos circos de tourada. Montaria em cavalo, touro, pega do garrote, mesa da amargura, tourada, tudo isso já existia, claro que muito simplesmente e em menor escala e proporção nos circos.

Curioso perceber que, da mesma maneira que os anteriores, Garcia também enfatiza a questão da repetição da ocorrência, do deslocamento constante entre as cidades, na criação e disseminação de certas práticas de lazer e diversão, do tempo extraordinário que esses certames traziam para as cidades, mas, também amplia nosso entendimento ao trazer para seus argumentos a relação, similaridade ou proximidade daqueles com a festa do peão e o rodeio, conforme podemos identificar em certas letras musicais como, Peão da Cidade (Jacó e Jacozinho, 1958), Boi Soberano II (Zé Carreiro e Carreirinho, 1954), Boi Sete Ouro (Tião Carreiro e Pardinho, 1964) e Boi Veludo (Tião Carreiro e Pardinho, 1984).

Também Mauro Monteiro, bicampeão de touros em Barretos, reforça a hipótese do circo-tourada como elemento (i)material na constituição da base cultural do rodeio e da festa do peão de boiadeiro. Tendo parte de sua vida dedicada à montaria em touros, Mauro “Cachoeira” esclarece que:

> O circo-tourada veio antes do rodeio sim e muitos dono de circo acabo virando tropeiro e dono de companhia de rodeio. Outros tentaram continua com o circo mas acabo perdendo muito dinheiro e tudo ficou mais difícil com as leis de proteção animal. Na verdade eu lembro que quando ainda era menino em [década de 19]60 não existia o rodeio como é hoje. A gente costumava ir no circo mesmo pra ver montaria, torada, mesa da amargura, pega do garrote. Foi lá que eu e meus irmão tomamo gosto por montaria. Então existia muito desse tipo de circo sim. Mas até onde me lembro isso começo a muda em [década de 19]70 e os rodeio começaram a ‘pipocá’ em São Paulo e Mato Grosso mas era nas exposição agropecuária que eles acontecia com mais frequência. Na verdade acho que não tinha mais espaço pro circo sabe, acho que era preciso eles se modernizá, e os que não se modernizaram entrando na onda das companhia de rodeio acabaram mesmo desaparecendo.

Enfim, após essa breve digressão, podemos sugerir que, embora Os Independentes não afirmem ou mesmo ocultem, propositalmente ou não, a importância ou relação dos circos-tourada para a festa do peão de boiadeiro, em nosso entender, tais atrações puderam desenvolver e difundir certo imaginário pastoril que, articulado aos filmes de *western* e à presença cada vez maior da cultura estadunidense no Brasil, concorreram para a formação de uma base (i)material sobre a qual a festa do peão pudesse ser erigida no BCP.

Quanto a presença da cultura estadounidense na sistematização do rodeio e da festa do peão de boiadeiro em Barretos, em larga medida negada pelo discurso oficial, o depoimento de um dos sócios-fundadores do clube Os Independentes, obtido por Perinelli Neto (2002, p.154) é ilustrativo, pois, esclarece que:

> Houve influência americana do *western*, houve porque nós não podíamos improvisar assim, então a gente sabia da montaria e tal, né? O modo de montar e a contagem, a fiscalização, então, de tudo [...] Mas o que a gente prestava mais atenção era na organização do rodeio, inclusive, eles filmavam direitinho como o cavaleiro ia disputar, a montagem, filmava direitinho, como segurava as rédeas e a maneira disso.

Em suma, trata-se da apropriação de elementos culturais estranhos àquele espaço, mas, que configurou perfeitamente o imaginário da sociedade barretense. Essa mestiçagem ou hibridação[40] cultural pode ser entendida a partir da explicação de Canclini (1998) quando salienta que a característica principal da cultura latino-americana é a hibridez. Uma mescla positiva entre as esferas da cultura popular, erudita e também massiva.

No caso brasileiro, a fusão de elementos culturais distantes tanto no espaço quanto no tempo é vista por Oliven (1982) como uma das riquezas da cultura brasileira, pois, é visível a criatividade que possui em digerir criativamente o que é de fora, reelabora-lo, e dar-lhe um cunho próprio que o transforma em algo diferente e novo.

---

[40] A hibridização refere-se ao modo pelo qual modos culturais ou partes desses modos se separam de seus contextos de origem e se recombinam com outros modos ou partes de modos de outra origem, configurando, no processo, novas práticas. [...] A hibridização não é mero fenômeno de superfície que consiste na mesclagem, por mútua exposição, de modos culturais distintos ou antagônicos. Produz-se de fato, primordialmente, em sua expressão radical, graças à mediação de elementos híbridos (orientados ao mesmo tempo para o racional e o afetivo, o lógico e o alógico, o eidético e o biótipo, o latente e o patente) que, por transdução, constituem os novos sentidos num processo dinâmico e continuado. (COELHO, 1997, p. 125-126).

A partir do conceito de “empréstimo cultural” Oliven (1982) explica que nada pertence a um único lugar, pois, tudo é passível de adaptação aos interesses de grupos e situações cambiantes. Os empréstimos culturais são uma constante em qualquer cultura. Ideias e práticas que se originam em um espaço acabam migrando para outros. Encontrando ambiente diverso de sua origem acabam sendo adaptadas, adequadas e reelaboradas a esse novo contexto sem, com isso, estarem “fora do lugar”.

Afora o passado pastoril, a presença cada vez maior da cultura do *western* e a circulação dos circos-tourada, também se torna relevante para o trabalho, analisar a ocorrência da Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados realizadas em cidades paulistas cujas economias se atrelavam à cria, recria, engorda e ou comércio de bovinos: Araçatuba, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Franca, e Barretos.

Dessa maneira, resta-nos entender de que maneira a Feira e Exposição de Gado e Produtos Derivados, realizada em Barretos a partir de 1945, guarda relação direta ou indireta com o advento da festa do peão de boiadeiro daquela cidade.

2.4. A Feira e Exposição de Gado: a reafirmação da centralidade de Barretos na cultura pastoril da região, ou a celebração de uma época.

Desde meados do século XIX, o Brasil participava das chamadas Exposições Universais realizadas na Europa. Em seus *stands* apresentava o que havia de mais moderno e significativo de sua produção agropecuária. Nesses grandes eventos os governos nacionais buscavam sua afirmação e reconhecimento como economias modernas e desenvolvidas. Por meio da mostra de experimentos, equipamentos e produtos associados à indústria, ao trabalho, a técnica, a ciência e progresso, os governos nacionais buscavam seus reposicionamentos no concerto dos Estados (GUIMARÃES, 1996; HARDMAN, 1988; PERINELLI NETO, 2002; SILVA, 2003; TONON, 2000).

Inspirados no modelo daquelas e instigados a promover eventos semelhantes em nível nacional as elites regionais brasileiras influenciaram diretamente na criação das Exposições Nacionais, as quais, por sua vez,

incentivaram a realização das Exposições Provinciais. Esses últimos eram eventos envolvidos com a identificação da produção nacional nas regiões e municípios que compunham o país (GUIMARÃES, 1996; PERINELLI NETO, 2002; SILVA, 2003).

A partir da ocorrência das Exposições Provinciais estava aberto o caminho para o surgimento das Festas de Produção, celebrações relacionadas com a criação de identidades e memória locais, segundo o enaltecimento do que era produzido ou colhido (GUIMARÃES, 1996; PERINELLI NETO, 2002; SILVA, 2003).

Durante o Estado Novo, essas celebrações seriam ainda mais apoiadas, face o contexto populista de valorização do trabalhador nacional, das "coisas nossas" e do corporativismo que impelia a ressaltar as particularidades regionais colaboradoras da construção da unidade nacional e de seu desenvolvimento. Em São Paulo, tal populismo acrescido da importância adquirida pela pecuária, contribuía para a criação e organização das Exposições Regionais de Animais e Produtos Derivados em localidades que possuíam suas economias atreladas àquela atividade econômica (GUIMARÃES, 1996; PERINELLI NETO, 2002; SILVA, 2003).

Contando com programação restrita à exposições de animais, julgamento dos melhores exemplares e palestras de profissionais ligados ao setor rural, não atraíam grande público para seu espaço. Sua visitação ficava restrita, majoritariamente, aos proprietários de animais que eram, também, expositores (PERINELLI NETO, 2002; SILVA, 2003). Constituía-se, em razão disso, um espaço de congratulação dos iguais.

Em Barretos, a Feira e Exposição de Gado e Produtos Derivados foi organizada e realizada em 1945, quando o interventor do Estado de São Paulo, Fernando Costa, em conjunto com o Sindicato Rural do Vale do Rio Grande, inaugurou o Recinto de Exposições "Paulo de Lima Corrêa". Esse fato, segundo Perinelli Neto (2002, p.92), encontrou eco em uma cidade:

> Historicamente atrelada à pecuária, o surgimento dessa feira encontrou espaço para prosperar, sendo fartamente visitada pela população. Além das palestras. exposição e julgamento de animais, continham as Feiras de Barretos algumas atrações a mais, como *stands* de empresas ligadas ao setor agropecuário, caso do Frigorífico Anglo e da própria Secretaria da Agricultura de São Paulo e, provas de salto de obstáculos e exibições da Escola de Volteio da Força Pública do Estado de São Paulo. Com o passar do tempo e de acordo com a ação de toda uma determinada dinâmica cultural, a Feira e Exposição de Gado e Produtos Derivados foi integrando à

> sua programação atrações associadas a um público heterogêneo e diferente dos proprietários-expositores: bares, restaurantes, *shows*.[41]

Se por um lado, a realização da Feira enaltecia o papel de Barretos como um dos centros fundamentais para o desenvolvimento da pecuária paulista, por outro, não permitia que a cidade promovesse uma exibição de si própria. Mesmo porque, ainda que a Feira fosse uma celebração ligada à pecuária, a mesma se constituía como parte de uma rede de eventos similares que eram organizados e realizados em outras cidades do interior paulista e que, por sua vez, ultrapassava Barretos como centros produtores de gado como, Araçatuba e Presidente Prudente. Além disto, por ter sido pioneira na organização de um evento que empregava a mostra e comercialização de animais, Uberaba/MG já se destacava, na época, como a principal cidade na realização de eventos desse gênero[42].

No entender de Tonon (2000) e Perinelli Neto (2002), diferentemente de outros municípios paulistas, como eram os casos de Campinas com sua Festa da Uva, de Bebedouro com a Festa da Primavera, ou de Jaboticabal com a Festa das Rosas, o poder público municipal e elites políticas de Barretos não obtinham sucesso em seu intento de organizar uma celebração de si própria e de sua comunidade, segundo algo que produzia e desejava mostrar a seu povo e aos de fora.

Tal como em Araçatuba/SP, a Feira e Exposição de Gado tinha como efeito maior a propagação de um conhecimento técnico-científico em torno da pecuária e o reforço de uma distinção já existente em torno dos produtores de gado no seio da comunidade local (PERINELLI NETO, 2002, SILVA, 2003).

Em 1947, o prefeito de Barretos, Mário Vieira Marcondes, recém-empossado e ardoroso aliado do populismo de Adhemar de Barros, na época governador do estado, afirmou em discurso público, no salão da “União dos Empregados no Comércio”, sua “intenção de criar uma festa que representasse a

---

[41] Em trabalho anterior (SILVA, 2003) pudemos constatar que processo semelhante ocorreu com aquela. Também pudemos comparar e compreender as razões que permitiram o crescimento da Exposição Agropecuária de Araçatuba em detrimento da realizada em Barretos. Todavia, reiteramos nossas sugestões para que novos estudos sejam realizados tendo por tema as Exposições Regionais de Animais e Produtos Derivados.

[42] Posição que ocupa até hoje com a Expozebu.

cidade [...] tal como Campinas, Bebedouro e Jaboticabal contavam" (PERINELLI NETO, 2002, TONON, 2000).

O objetivo dessa ação era, segundo os historiadores acima citados, criar um laço afetivo entre os membros da comunidade e uma oportunidade para que essa cidade propagasse, para as demais, algo que fosse sua marca registrada, um símbolo de orgulho que versasse sobre a história e as tradições locais.

No centro de toda essa articulação o peão de boiadas surgia como elemento diferenciado, pois, próprio do lugar poderia

> promover o nome de Barretos e transmitir o sucesso e progresso que essa cidade havia alcançado com a pecuária. Percorrendo os vastos caminhos e fazendas do Brasil Central Pecuário, era um personagem conhecido por toda a população da região. Diferente do boi, que em todas as localidades e propriedades do Brasil Central Pecuário se fazia presente, ou seja, era comum a todas elas, constituía-se o peão de boiadeiro num tipo social do qual, estando constantemente em trânsito, conhecia-se apenas o local que, na maioria absoluta das vezes, havia sido sua partida ou seria sua chegada (PERINELLI NETO, 2002, p.94).

Tal como o que ocorria em outras regiões brasileiras: no Sul com o gaúcho e as campeiras e, no Nordeste, com o vaqueiro e as vaquejadas, o peão de boiadeiro tornava-se o personagem que, em razão de estar em toda parte dos campos dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás e Norte do Paraná, poderia representar a imagem pastoril do BCP. Nesse caso, deveria haver um centro do qual se projetaria essa imagem e, nesse sentido, Barretos surgia como a cidade que poderia acionar essa construção, pois, ainda era o ponto de convergência, da riqueza representada no gado do BCP.

Dessa maneira, ao utilizar o peão de boiadas como símbolo e síntese de um tempo e de um lugar, poder-se-ia definir o que era comum ao grupo local e o que o diferenciava dos outros, no caso, cidades e regiões. Por meio desse discurso, transformado em ação, fundamentava-se e reforçava-se o sentimento de pertencimento e das fronteiras culturais.

Todavia, conforme já expunha Sérgio Buarque de Holanda (1975, p.159) a respeito dos tropeiros e boiadeiros, "o amor ao luxo e aos prazeres domina, em pouco tempo, esses indivíduos rústicos, [...] que timbram em gastar fortunas nos cabarés, nos jogos", o peão de boiadas, embora fosse peça-chave no sistema de

transporte de gado, era excluído dos círculos da sociedade barretense, conforme esclarece Perinelli Neto (2002, pp.86-91):

> Oriundos de diversas localidades de [...] Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo, [os peões de boiada] dirigiam-se para Barretos e ali se instalavam, quase sempre sem família e em pensões ou hotéis mais simples, com preços acessíveis. À espera de comissários que os contratava para as tarefas de condução de boiadas, aguardavam nos pontos centrais da praça [...]. Recebiam, em média, por marcha de viagem, uma parte antecipada do pagamento e outra mediante o término do que fora contratado. Após longas jornadas, preenchiam o tempo de sua permanência na cidade, quase sempre, em prostíbulos como o 'Bico do Pavão', o 'Pedro Isca' e o 'Torrador', situados na região do baixo meretrício [...] Numa cidade cuja riqueza estava centrada na pecuária, quem desfrutava de prestígio social, sem dúvida nenhuma, era o invernista, dono de grandes extensões de terra e gado a ser engordado. Eram [...] também os invernistas quem atuavam na política local [...] O peão figurava com seu modo de vida [rústico], a figura nômade e fluida [...] [que mantinha] o gosto pelas festas, bebidas e 'prazeres femininos', por ocasião da estadia nas cidades e povoados. [...]. [No quadro social barretense], o peão de boiadeiro possuía sua imagem associada a uma vida errante, permeada por crime, prostituição, trabalho não-produtivo e desrespeito às leis e às autoridades, enfim, uma vida alijada dos 'preceitos civilizados'[43].

Ora, se Barretos buscava construir sua imagem diferente das demais cidades e regiões, mas, enaltecendo o progresso, a modernidade e o desenvolvimento da cidade, como esse personagem poderia representar aquela sociedade? Era necessário acionar mecanismos que invertessem ou mesmo descolassem o peão de boiadas de suas práticas e representações sociais pejorativas.

Durante o festejo de aniversário da cidade, em 1947, o qual contou com a realização do primeiro rodeio em Barretos, e após o mesmo, frases de valorização e enaltecimento do peão de boiadas passaram a ser disseminadas na cidade pela elite política local. A partir de então (1947), tornou-se convenção

[43] A descrição da imagem do peão de boiada, realizada por Perinelli Neto (2002) pode ser confirmada durante a realização deste trabalho. Ao entrevistarmos Wilson Souza e Sebastião José dos Santos, as mesmas questões foram abordadas indistintamente. Em outros termos, também em Araçatuba/SP durante as décadas de 1950 e 1980 o peão de boiadas era marginalizado e visto como alheio às leis, às normas de convivência e aos comportamentos ditos "civilizados", além de consumirem indistintamente bebidas alcoólicas e promoverem confusões e agressões físicas enquanto estavam na cidade, por vezes, os atritos eram "resolvidos na bala". Também era prática comum dos peões de boiadas em Araçatuba, frequentarem as "casas de tolerância" localizadas na rua XV de novembro antes e após o transporte de boiadas. Nesses prostíbulos os conflitos e, por vezes, o tiroteio eram constantes.

realizar, durante os aniversários da cidade, competições entre peões, invernistas e seus animais[44].

A esse respeito, Klinger Ribeiro esclarece que:

> Barretos era a cidade mais importante da região por causa do frigorífico e também porque ali residia boa parte dos maiores invernistas da região, mas, era comum a relação de comércio, compra e venda de gado entre os invernistas e criadores da região. Diferente do que se pensa, o gado que era abatido ou engordado nas invernadas de Barretos não vinha só do Mato Grosso, Goiás ou Minas. Vinha também daqui, das propriedades próximas de municípios próximos a Barretos. Por isso que às vezes o pessoal acha que existiu só um tipo de peão ou transporte de boiada. Não, não. 'Existiu o transporte de 'tiro ou marcha curta'' também, que era aquele que conduzia a boiada das fazendas até o frigorífico ou invernadas de Barretos. Esse daí era outro tipo de peão. Então, quando saiu a ideia da prefeitura organizar um rodeio na cidade, e ainda não existia Os Independentes, o pessoal ligado à pecuária acabava indo todo ano pra lá. Alguns criadores ou invernistas acabavam levando seus animais e mesmo seus peões para colocar nos desafios. E isso [competições em datas comemorativas das cidades] acabou se tornando algo comum tanto em Barretos quanto aqui em Paulo de Faria e outras cidades da região.

Então, para reelaborar o discurso e converter o peão a outro universo social e projetá-lo como sujeito fundamental na produção da riqueza de todo sistema de comércio de gado no BCP, o discurso competente do poder e elite locais foi sistematizado em uníssono. A esse respeito, esclarece Perinelli Neto (2002) que termos como: "alavanca do progresso", "trabalhador indômito", "herói anônimo do sertão", foram cunhadas para indicar o valor de seu trabalho, sua importância par a economia e comunidade locais e, também, para associá-lo à ideia de progresso e prosperidade local e regional.

Para aprimorar os mecanismos que ressinificariam a imagem do peão de boiadas, a festa daquele ano e seguintes foi atrelada à campanha para arrecadação de fundos para a Bandeira Paulista de Combate à Tuberculose, às instituições de caridade do município e às Caixas Escolares das escolas locais. Com essa atitude, o poder público, na figura de Mário Vieira Marcondes, esvaziaria as resistências daqueles que opunham o peão de boiadas ao convívio social (PERINELLI NETO, 2002).

---

[44] Com exceção de Perinelli Neto (2002) não há, em outros trabalhos, indicação alguma de que Barretos tenha realizado qualquer festa do peão senão a que ocorreu em 1956 pelas mãos de Os Independentes.

Não obstante, para além da maneira como foi organizado o discurso em torno do peão de boiadas, para sua revalorização também foi significativa a forma pela qual foram realizadas as atividades que compunham a celebração em sua homenagem. Além do rodeio, inovação daquele ano, outras atividades também estavam inseridas num conjunto de atrações já

> Devidamente legitimadas pela sociedade barretense, como a corrida da fogueira, a pega do porco ensebado e os númers regionais de viola e sanfona, contabilizando 'manifestações modernas' e acrescidas àquela comunidade, como a corrida de automóveis e de motocicletas, os *shows* de calouro e as apresentações musicais da Rádio Tupi (PERINELLI NETO, 2002).

Desse feito, consideramos que as ações políticas iniciadas em 1947, abriram caminho para que, em 1956, o grupo de Os Independentes pudesse apropriar-se dos diferentes elementos estocados ao longo do tempo e viesse a convertê-los em algo que, embora fizesse menção ao passado, dialogava com o moderno.

Das estradas empoeiradas do transporte de boiadas, pela lida diária nas fazendas de gado, passando pelos deslocamentos incessantes dos circos-tourada e da celebração da modernidade expressa na Feira e Exposição de Animais, Barretos saiu na frente ao reivindicar para si a precocidade e o pioneirismo da Festa do Peão de Boiadeiro.

Enfim, é a partir desse momento, e com base em Souza (2009), que podemos considerar a emergência do território do rodeio no BCP. Isso porque, embora não concordemos com a pretensa narrativa oficial acerca da história da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, aceitamos a ideia de que foi na ocorrência da festa do peão de 1956 que os quatro elementos que configuram o território comparecerão explicitamente.

O primeiro deles, as relações de poder, produzidas, projetadas e materializadas sob a ação de "Os Independentes" que, sob a forma de associação, passaram a operar como sujeito hegemônico no interior desse território. Para tanto, elaboraram e lançaram mão de práticas discursivas que criaram, além de certa identidade, uma tradição – ainda que "inventada" – que pode proporcionar sua efetiva existência territorial e suas representações. Em outros termos, produziu sua territorialidade. Sua atuação e exercício de poder desde sua formação tem

conseguido manter, senão a hegemonia total, uma hegemonia negociada e por vezes consentida em relação a outros eventos e circuitos de rodeio.

A efetiva e bem sucedida manipulação e o uso de símbolos de um imaginário criado e recriado acerca do Brasil Central Pecuário e que, embora não mais existam – se é que tenham existido algum dia conforme sua recriação por Barretos – evocam representações do sertão, do peão de boiadas, de um modo de vida que em larga medida evoca a memória de uma região. Um projeto político-ideológico que, longe de se mostrar ineficiente ou de apresentar possibilidade de desgaste, conseguiu perpetuar-se e refazer-se incessantemente ao longo de sua existência, pois, adequou-se às diferentes densidades do território em razão das mudanças técnicas e tecnológicas do espaço geográfico.

A norma, elaborada e partilhada tácita ou explicitamente no que diz respeito aos sentidos dos símbolos e que, por sua vez, tem por objetivo a manutenção das estruturas sociais vigentes está contida nas ações concretas que "Os Independentes" e sujeitos análogos coloca(ra)m em prática com vistas a regular e a normatizar o funcionamento do território. A regulamentação do rodeio como esporte e a atividade de peão de rodeio como atividade profissional somada à constituição de circuitos e campeonatos de rodeio no Brasil e no mundo permitem reconhecer, "superar velhas práticas e engendrar novas formas de reprodução social (material e imaterial)" (SOUZA, 2009, p.111) dos sujeitos que operam ou circulam no interior desse campo de poder, no caso, o território do rodeio.

Por fim, o último elemento que comparece a partir desse momento é a constituição da identidade. "Construir uma identidade é consolidar uma representação sobre o território" (SOUZA, 2009, p.111), no caso, a capacidade que um indivíduo possui em reconhecer-se no outro. Nesse sentido, as ações e práticas sociais utilizadas pelos sujeitos hegemônicos que operam no interior desse território e, em razão disso, lhes dá forma e conteúdo, conseguem difundir um sentido de pertencimento àqueles que circulam e fazem o movimento do território. Ainda que existam divergências e tensões entre clubes, associações, circuitos de rodeio, tropeiros, boiadeiros, peões e demais sujeitos sociais ligados diretamente ao rodeio, ainda assim suas práxis denunciam a partilha dessa identidade forjada ao longo dos últimos cinquenta anos de rodeio no BCP.

Desse feito, resta-nos apreender e compreender o movimento, as transformações pelas quais esse território passou nas últimas cinco décadas de

funcionamento. Para tanto, procuramos analisá-lo tanto pelos diferentes tempos do território quanto pelas distintas escalas que incorporou em sua trajetória. No caso dos tempos do território pretendemos distinguir, a partir de sua manifestação as diferentes fases pelas quais passou: a do amadorismo, do profissionalismo e da espetacularização e mercadorização.

Quanto à dimensão escalar do rodeio, pretendemos compreender o processo, as ações e os sujeitos sociais que o projetaram ao nível de escala internacional. Nosso interesse, com isso, é evidenciar a relação entre transformações do território (tempos) e ação escalar de seus sujeitos sociais (local, regional, nacional e internacional).

CAPÍTULO III

LOCALISMO, LUDICIDADE E AMADORISMO: A PRIMEIRA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (1950-1970)

As narrativas obtidas junto a nossos colaboradores permitiram verificar que durante as décadas de 1950 e 1970[1] as festas de peão de boiadeiro e, consequentemente, o rodeio, foram marcados pelo amadorismo, pela ludicidade e pelo localismo. Ainda que por vezes, a infraestrutura – arenas, bretes e arquibancadas – fosse obtida junto a algum circo-tourada que tenderia, ou não, a se converter em companhia de rodeio, os sujeitos sociais responsáveis pela organização, promoção e realização desses certames eram, essencialmente, pecuaristas ligados ou não a associações de classe, prefeituras municipais e peões de fazendas locais ou da região próxima.

Assim, se pretendemos identificar, delimitar e analisar os diferentes tempos do território do rodeio, os quais podem ser identificados em seu movimento e densidade, necessário se faz recolher retalhos de um passado e costura-los à luz da metodologia que embasa nosso trabalho. Logo o primeiro exercício é alinhavar memórias e histórias de vida para reconstruir, mesmo que parcialmente, os formatos, os sujeitos sociais envolvidos, os interesses, e os sentidos nele presentes durante essa fase.

Importante ressaltar que, como todo território em constituição, os elementos que o explicitam (SOUZA, 2010) – embora já existam e estejam articulados – não comparecem claramente. Essa é, portanto, uma fase na qual os sujeitos sociais, suas práticas, relações de poder e interesses irão se

[1] Ainda que reconheçamos o ano de 1956 como o momento em que o território do rodeio se constitui, optamos por não utilizar esse ano como recorte. Em nosso entender, adotar 1956 como recorte inicial limitaria compreender o processo em curso – constituição e mudanças do território É nesse sentido que entendemos que Barretos não foi o pioneiro das festas do peão de boiadeiro, mas, antes de tudo, obra da ação de um grupo plenamente articulado e dotado de capital simbólico (BOURDIEU,) suficientemente capaz de apropriar-se de elementos pré-existentes e convertê-los em algo com viabilidade econômica. Também recusamos a ideia de iniciar a primeira fase do rodeio do BCP em 1956, pois, se assim o fizéssemos poderíamos cair no erro da reificação e reproduzir, como tantos trabalhos, uma ideia que tem se perpetuado por mais de cinquenta anos.

desenhar para se projetarem sob a forma de território em sua totalidade na década de 1970[2].

Com vistas a tornar mais clara a apreensão e o entendimento dessa fase, organizamos o capítulo em três subitens: o localismo, o amadorismo e a ludicidade muito próxima à ideia de jogo em Huizinga (1980).

3.1. Quem fazia o rodeio era o povo da cidade!

Entre 1950 e 1970 algumas cidades paulistas de tradição pastoril ou não como, Paulo de Faria, Riolândia, Bálsamo, Guapiaçu, Jales, Novo Horizonte, Palestina, Mirassol, Nhandeara e Barretos[3] organizaram formalmente[4] suas primeiras festas do peão de boiadeiro tendo, no rodeio, sua principal atração. Distintas de suas sucessoras das décadas seguintes essas festas eram organizadas, promovidas e realizadas localmente pelas chamadas Comissões de Rodeio constituídas por homens de diferentes segmentos sociais e ocupações profissionais.

Esse período, ainda nebuloso e incerto[5], em razão de que ainda nem todos os elementos que irão compor o território do rodeio estejam

---

[2] Datamos dessa década o crescimento da tendência à divisão social do trabalho, expressa na especialização de papeis e na desigualdade de acesso à riqueza social produzida no território, conforme tentaremos demonstrar no capítulo IV.

[3] Para a realização da pesquisa entramos em contato com prefeituras municipais, sindicatos rurais, associações e clubes de rodeio paulistas com o intuito de definir o ano em que cada cidade considera a ocorrência de sua primeira festa do peão de boiadeiro. Dos 645 municípios paulistas recebemos informações de 356 delas. Embora não seja a totalidade, pudemos trabalhar com número de cidades acima de 50%, fato que consideramos suficiente para uma pesquisa baseada em amostragem.

[4] Utilizamos o termo “formalmente” para diferenciar as competições e certames realizados antes e após a incorporação desses eventos nos calendários festivos daquelas cidades. Também em razão de reconhecermos que somente após a formação de uma “Comissão Organizadora”, constituída por diferentes segmentos das sociedades locais, apoiadas ou não pelas prefeituras municipais, que as comunidades reconheceriam a “sua primeira festa do peão de boiadeiro”. Por fim, outra conclusão a que chegamos a partir das entrevistas e observação, as festas consideradas inaugurais de cada cidade além de envolverem um número significativo de pessoas das comunidades locais passariam a ser realizadas entre três e quatro dias já contando com certas regras de convenção para definir os vencedores das competições.

[5] É de nosso conhecimento a necessidade de aprofundamento na pesquisa a partir de fontes orais e histórias de vida daqueles que estiveram ligados diretamente às primeiras edições

evidentes, possui como característica central o localismo, a ludicidade e o amadorismo. É, portanto, um período no qual o capitalismo dele ainda não se apropriou e, em razão disso, a densidade do território do ponto de vista técnico ainda se faz simples, diferentemente das fases seguintes marcadas por uma maior divisão social do trabalho, pela especialização de papeis e pela presença crescente da ciência e da informação, elementos que ampliarão significativamente sua densidade e proporcionarão condições necessárias à reprodução ampliada do capital e a articulação de lugares no plano mundial.

Durante essa fase, mesmo Barretos que se tornaria na década de 1980, sinônimo de rodeio e festa do peão de boiadeiro e, consequentemente, exerceria a hegemonia nesse território até fins de 1990, ainda não havia sido plenamente incorporado pela lógica do racionalismo econômico. Ainda que oferecesse, desde suas primeiras ocorrências prêmios em dinheiro, selas, botas, doados pelos fazendeiros, comerciantes, políticos e industriais locais, foi somente em 1973 que a *Wolkswagen* inaugurou o patrocínio da festa oferendo um fusca zero quilômetro como prêmio ao vencedor daquele ano.

A partir de então, outros parceiros, estranhos à cidade, tenderam a aderir à iniciativa daquela montadora de automóveis passando a patrocinar tanto a premiação quanto os custos de sua realização. É nesse sentido que entendemos que até 1970 o rodeio e a festa do peão eram manifestações e expressões das sociedades pelas quais se realizavam sem que neles se materializasse o valor de troca, mas, antes de tudo, era seu uso que o tornava território.

Para melhor explicitar essa fase Klinger Ribeiro relata que

> naquele tempo [1950-70] tudo tava começando. Não existia nada certo. Tudo era arranjado meio que de improviso. Aqui em Paulo de Faria a gente já fazia essas disputas sem pensar em uma coisa grande como Barretos fez. Como eu disse, nas festas que Barretos fez não foi só eles que organizaram e fizeram. Tinha muita gente ajudando. Inclusive a gente aqui de Paulo de Faria. É que lá além de ser o local do abate e onde a peonada se encontrava tinha o parque de exposição que

---

dessas festas. Todavia, como essa ação demandaria tempo e recursos dos quais não dispomos, bem como levaria a pesquisa a ampliar significativamente seus objetivos, fato que a tornaria inviável, sugerimos que outros pesquisadores e grupos de pesquisa realizem trabalhos que tenham como tema o rodeio e a festa do peão no período em foco para que essa parte da história seja senão plenamente, ao menos satisfatoriamente preenchida.

> facilitava tudo pra faze essas disputas. Lá tinha infraestrutura pra leva os animais, embreta, a curralama. Então tudo era mais fácil lá. Aqui e em outros municípios vizinhos era a peãozada da fazenda, da lida e os fazendeiros do município que acabavam fazendo as disputas. Ou era nas fazendas, nos arrebaldes das cidades ou em qualquer terreno amplo, o menos acidentado possível em qualquer parte da cidade pra recebê provisoriamente um curral, uma arena e espaço pras pessoas assistir. Também existia outra forma de fazê o rodeio na cidade. Como nesse tempo existia os circos-tourada e vez por outra algum passava por aqui e outras cidades da região, alguns fazendeiros se uniam pra contratar a infraestrutura, a arena e os currais e acabavam promovendo uma festa. Era outra maneira, mas que também acontecia. E tudo isso era feito com alegria pelos fazendeiros que deslocavam seus peões pra montar a curralama e pela peonada também porque era um meio de divertimento de todo mundo dali. Já Barretos, eu digo de novo, as festas desde a da prefeitura [1947] em diante não pode ser considerada a primeira, mas, possivelmente, a final anual [risos] como existe hoje os campeonatos que terminam em alguma festa importante que pode ser Barretos, Americana, Jaguariúna. Então eu penso que aquilo foi como uma final de campeonato de fazendas que não existia porque não existia contagem de ponto e **o rodeio não era meio de vida, era modo de vida**, mas, que acabou sendo assim. Então, o que eu to dizendo é que esse negócio de montar burro e cavalo bravo já existia em [19]40. É que depois que Barretos começou com essa história de Primeira Festa do Peão de Boiadeiro que a gente foi acordá e começo a se reuní pra organizá a **nossa primeira festa do peão de boiadeiro.** Aí foi quando, aqui em Paulo de Faria a gente formô o 'Clube dos Vinte' e promovemo o que passo a se conhecida como a I festa do Peão de Paulo de Faria em 1963. Mas é preciso fala de novo... essa não é a primeira, porque antes dela a gente já fazia esse tipo de coisa. Nas outras cidades começo a acontecê o mesmo que aqui. Quem já fazia isso acabô encabeçando um grupo de pessoas e formando as Comissões Organizadoras que acabaram ficando responsáveis por fazê a festa do início a fim. E foi a partir daí que o povo foi realmente tomando gosto e vendo que aquilo não era só coisa de peão e fazendeiro. Era coisa da cidade e do povo da cidade que tava fazendo. **Quem fazia o rodeio era o povo da cidade!** E foi isso que eu acho que deu força mesmo pro rodeio se tornar o que é hoje: essa coisa gigantesca. **Começô como uma coisa de fazenda, chegô na cidade e o povo foi gostando e quis fazê a sua festa.**

A par da narrativa de Ribeiro, de observações e diálogos estabelecidos com colaboradores de outras cidades como, Riolândia e Novo Horizonte, há indícios de que o caminho tomado por Paulo de Faria/SP foi o mesmo escolhido pelas demais cidades que organizaram suas primeiras festas

durante aquelas duas décadas originais de rodeio[6]. Ainda que de maneira grosseira, sugerimos que primeiro os fazendeiros e peões locais, já habituados com as disputas nas fazendas, levaram, gradualmente, essas práticas para a cidade e as realizaram em certos momentos especiais de comemoração e memória local. Ao menos nas festas que examinamos, tais momentos poderiam ser o aniversário da cidade ou a festa do padroeiro. Mas, seja como for, esse primeiro relato nos permite identificar uma das características do primeiro tempo desse território: o localismo.

Para aquilatar um pouco mais essa questão e ao mesmo tempo apreender o movimento que resulta na concretização dos elementos que dão corpo, forma, sentido e conteúdo a esse território, tomemos a explicação de Sidney Jorge Francisco de Biasi[7] como fundamental a nosso intento. De acordo com Biasi:

> Novo Horizonte teve sua primeira festa do peão de boiadeiro em 1961. Nos anos seguintes não aconteceu e a partir de 1967 a coisa não parou mais. Só melhorou e cresceu pra se tornar o que ela é hoje: o maior rodeio de cavalos do Brasil que atrai aproximadamente 15.000 pessoas por dia. Aquela de [19]61 foi uma brincadeira de rapaziada. A gente formou um grupo. Já existia o grupo porque a gente era tudo amigo e já fazia rodeio nas fazendas dos nossos pais. **Mas era na fazenda**. Era um grupo de jovens filhos de fazendeiros novorizontinos e naquele ano eu fui um dos responsáveis por organizar aquilo que veio a ser considerada a **nossa primeira festa do peão de boiadeiro**. Não chegou a ser uma festa como a que organizamos em 1967 até porque a gente não tinha a

[6] Embora refirmemos que discordamos da narrativa oficial de “Os Independentes” sobre a origem do rodeio e da festa do peão de boiadeiro, reconhecemos que o modelo associativista adotado por aquele clube mostrou-se eficaz e serviu de base para que em cidades próximas ou sob sua influência, fossem constituídas as Comissões Organizadoras e os Clubes de Rodeio. Partindo de Souza (2010) ao que parece a organização de sujeitos com objetivos e projeto político claro em como operar em determinado espaço permite-lhes constituir sua territorialidade. Além disso, ao se organizarem podem estabelecer relações de poder com outros sujeitos sociais que operam ou buscam operar no interior do território. Para tanto, podem partilhar também de símbolos e representações fortalecendo o vínculo tanto do grupo quanto do grupo para com a comunidade ao mesmo tempo que lhes é permitido criar normas e dispositivos que lhes assegurem a manutenção ou a superação da ordem social estabelecida no território a partir do *quantum* de poder acumulado o grupo alcança(ou). Por fim, ainda que a constituição de novos sujeitos sociais (clubes e comissões de rodeio) dotados de interesses, objetivos, níveis de poder, identidade de grupo imprimam certa tensão no interior do território, a identidade subjetiva que atravessa e plasma os diferentes sujeitos sociais em ações e relações de poder permite a luta em torno e a favor da manutenção, ampliação e fortalecimento do território em si. Isso porque, embora distintos em níveis e intensidades de poder, partilham de um *ethos* que lhes é comum.

[7] Entrevista realizada em 14/10/2012 em Novo Horizonte.

> infraestrutura de um parque de exposições com currais e coisa e tal pra fazer as montarias. Mas, a gente alugou a arena de um circo-tourada e trouxemos pra cidade as montarias em burro e cavalos xucros. Pra nós que organizamos e fizemos [fazendeiros] foi uma satisfação ver a população de nossa cidade assistir e aplaudir, gritar diante das montarias. Ainda mais que a peonada era das fazendas daqui e outros vinham das redondezas. Então eram disputas quase [senão] pessoais entre a gente que tinha os animais e os nossos peões. Além de termos alugado a arena, a gente rateou a premiação. Não era muita coisa, mas, pra a gente conseguiu premiar do primeiro ao quinto em dinheiro de doação do comércio e dos fazendeiros. Mas o que valeu foi que aquela festa ficou na cabeça das pessoas de Novo Horizonte. Do ano seguinte até 1966 não aconteceu porque faltava ânimo pra gente encabeça. Faltava apoio do pessoal da cidade. Aí foi que em 1967, o *Rotary Club* na pessoa do sr. Sérgio Diniz Palma e o *Lions* na do sr. Rochael Thomitão Costagente conversou comigo e outros que haviam organizado aquela festa de [19]61 e perguntou se a gente não faria uma festa com o auxílio deles e da comunidade para angariar fundos para obras de caridade. Pensamos um pouco de tempo e acabamos aceitando. E foi a melhor coisa que já fizemos. Na diretoria da Comissão de Rodeio daquele ano estava eu, Adaldio José de Castilho, Rudnei de Biasi e Walter de Biasi. É claro que havia mais gente, mas, quem acabou recebendo a missão de fazer a coisa dar certo fomos nós. Então, nos dias 5 e 6 de outubro daquele ano aconteceu uma grande festa mesmo. A grande diferença entre a primeira e a segunda foi que nesses seis anos de intervalo muita coisa estava acontecendo. Alguns circos-tourada estavam fechando e vendendo suas arenas, arquibancadas, sistema de som, bretes, caminhões que começavam por serem comprados pela rapaziada filhos de fazendeiros que estavam gostando cada vez mais de rodeio. Então começaram a aparecer os primeiros tropeiros e companhias de rodeio. Nada profissional não. Tudo amador ainda. Acontece que o fazendeiro que tinha arena e cavalos acabava fazendo a festa da sua cidade. Ele entrava com a infraestrutura e os custos e a premiação era patrocinada pelos comerciantes, políticos e fazendeiros da cidade. O lucro, obtido com a venda de prendas ou comidas nas barraquinhas montadas no entorno da arena e arquibancadas era usado pelo *Lions* e *Rotary* para caridade. E eu acredito que foi por aí que o povo começou a se sentir **dono da festa. Sentir que a festa não era de fazendeiro e peão, mas era de todos da cidade. E a cada ano a festa estava melhor. Isso levanta o moral da cidade.**

Podemos perceber que as descrições dos entrevistados são redundantes em alguns termos. Tanto para Ribeiro quanto para Biasi o fator localismo é extremamente forte e presente nas festas de peão de boiadeiro surgidas naquele período. Embora ainda centradas nas figuras do fazendeiro

local como organizador e produtor do evento, e do peão de fazendas como competidor, o diálogo e a articulação de diferentes segmentos sociais darão o cimento que solidificará a estabilidade e a propagação da festa.

Se por um lado pouco se pode perceber de alteração nesse aspecto – o localismo, por outro podemos reconhecer o movimento de mudança que desembocará na totalidade do território do rodeio. Pressupomos que o ato de organizar, promover e produzir as festas do peão e os rodeios de suas cidades proporcionou a certo grupo de fazendeiros e seus herdeiros o desenvolvimento de uma nova visão e mentalidade acerca daqueles certames e que, por sua vez, ultrapassaria o local para aventurar-se no regional.

Essa nova lógica, a do rodeio como atividade laboral, incorporado do valor de troca, seria constituída ainda nessa primeira fase quando, a partir de 1970, já plenamente constituído e manifesto em todos seus elementos, o território do rodeio incorporará cidades tanto fora da área de influência econômica e cultural de Barretos quanto próximas. No primeiro caso encontramos, dentre outras, Itapecerica da Serra, Conchal, Promissão, Itapira, Conchas, Buri, Lençóis Paulista e, no segundo, Caiobi, Colina, Guaraci, Monte Azul, Olímpia.

Mais claramente, sugerimos que entre 1950 e 1970, o caráter local das festas tenderia a se enfraquecer em razão das transformações pelas quais o rodeio passará. É durante essa fase que surgirão os primeiros tropeiros e as primeiras Companhias de Rodeio que passarão, em função do crescimento numérico desses eventos tanto no estado de São Paulo quanto nos demais que integram o BCP – Minas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Conveniente esclarecer que não estamos sugerindo que as festas do peão de boiadeiro deixaram de ser organizadas, promovidas e realizadas por grupos ou associações locais nas cidades onde se efetivavam. Pelo contrário. O que estamos sugerindo é que o rodeio tenderia a incorporar novos formatos, sentidos, sujeitos e práticas sociais que o distanciarão da fase inicial.

Em nosso entender aqui podem ser encontradas as raízes da separação entre festa e rodeio característica do tempo atual do território.

Todavia, resta alertar que, embora já seja possível reconhecer que em alguns eventos esse processo já tenha se concretizado, o mesmo ainda é muito recente e em boa parte desses espetáculos o desmembramento ainda não é visível.

Para melhor guiar nossa hipótese, acima exposta, Jandovy Prandi[8], o "Alemão", alega que:

> Estou no rodeio desde meus dezessete anos. Hoje estou com setenta e quatro. São quase sessenta anos de vida nesse mundão de meu Deus vivendo do rodeio. Comecei como peão de cavalo, que era a única montaria que tinha, montei tropa e forneci pros rodeios e há mais de trinta anos tenho essa Companhia de Rodeio. Então vou começa assim: meu pai tinha fazenda em Vera Cruz e Marília [cidades paulistas] e eu montava nos animais da fazenda igual o resto da peonada. Isso quando eu era molecão dos meus dez a quinze anos. Quando fiz dezessete Barretos estava fazendo a sua festa [1956] e de lá pra cá virou febre. **Quase toda cidade da região de Barretos começo a fazê a sua festa e o seu rodeio anual**. Não tinha esse negócio de propaganda não. Era a 'rádio pião' que fazia as informação circulá. Quando ficava sabendo que tinha um rodeio em tal lugá, eu dizia ôpa[1] Vamo prá lá. **Não era por dinheiro não. Mesmo porque não tinha premiação igual tem hoje**. Aliás, as premiação, com excessão de Barretos, começaram a fica boa depois de 1980 quando o rodeio pegou de vez mesmo. **A coisa naquele tempo era bem diferente da de agora**. Mas muito diferente mesmo. Logo no comecim [década de 1950] eram poucas as festas. Me lembro de Barretos, Paulo de Faria mas tinha outras cidades que não fazia a festa do peão. Fazia lá um dia de disputa organizado pelos pecuaristas e a rapaziada que gostava da coisa. Depois as coisas começaram a fica mais regulares [1970]. Em [19]60 mesmo com a formação das comissões e diretorias das festas do peão de cada cidade quem ainda fazia o rodeio era o pessoal da lida com o gado. **Quem organizava o rodeio eram basicamente os pecuaristas e os marreteiros [comerciante de gado] das cidades**. **A festa** também tava sob a responsabilidade da comissão, mas, **aí já entrava outras pessoas com outras qualificações. Era gerente de banco e bancário pra cuidá das finança, era o pessoal da prefeitura pra prepara o terreno e firmá as barraca, era as esposa do pessoal político que cuidava da cozinha. Vixi.. tinha muita gente envorvida nessas comissão**. Mas, era bom porque você via que **todo mundo se conhecia e tudo era motivo pra festa**. **Antigamente a festa do peão era mais original que hoje. Naquele tempo que eu tô te falando elas eram realizadas por fazendeiros que realmente amavam o rodeio e se sentiam satisfeitos simplesmente por realizar**. O

[8] Entrevista realizada em 04/07/2012 em Vera Cruz/SP.

grande problema desse período era o amadorismo em todos os sentidos. Desde as arenas e arquibancadas até o local onde elas eram realizadas. O costume era na maior parte das veis usá o campo de futebol da cidade por ser espaçoso e plainim. Tinha poucas arenas de metal e era muito cara. Então quem ia compra uma curralama só prá fazê uma festa prá cidade? Ninguém né? Então era costume aluga essas infraestrutura dos circos-tourada. Mas enquanto eu ficava mais velho o rodeio também cresceu [riso]. Quando eu tava com meus vinte cinco anos meu pai me chamô e pergunto se eu queria mesmo participa de rodeio. Eu disse que sim. Então ele me pergunto se não era melhor ser tropeiro. E foi isso que eu fiz. Criei a Tropa Bonanza. Só cavalo. No começo eu fui meio doido pra formá a minha tropa. Acabei inflacionando o mercado de cavalo de rodeio lá pros idos de [19]65/[19]70. Eu pensava assim: se eu seria tropeiro então que eu tivesse a melhor tropa. **Como a partir da tropa eu passei a rodar o estado de São Paulo e fui até Minas e Mato Grosso do Sul** algumas vezes, acabava comprando os cavalo pulado de outros tropeiros que eu via se apresentando. E aí voltando no que a eu tava te falando ... **alguns fazendeiros que tinham condição pra isso começaram a se ocupa também do rodeio além da fazenda. Os que tinha mais recurso [capital] compravam além de tropa a infraestrutura completa e o transporte [caminhão boiadeiro]. Os que não tinham muito, mas gostavam do rodeio, acabavam se tornando tropeiro como eu. Com o tempo a vida decidia se a gente continuava ou parava** [referindo-se às condições financeiras para adquirir a infraestrutura para tornar-se proprietário de cia. de rodeio, manter-se como tropeiro ou vender a tropa e retornar para uma única atividade: a fazenda]. **E também já começava a surgi os pequeno tropeiro que na verdade era na maioria das veiz um marreteiro de tropa** [comerciante de equinos e muares que circulavam pelo interior do Brasil adquirindo e vendendo animais tanto xucros, descartes de fazendas quanto para tração ou lida na pecuária. Também conhecidos como tropeiros, resquícios do tropeirismo de muares dos séculos XVIII e XIX no sertão brasileiro, alguns chegavam a ter dezenas de animais para o comércio]. Na prática o que eu posso dizê é que **depois de Barretos tê feito a primeira festa [1956] aí virou febre e as pessoas que já gostavam daquilo nas fazendas não viam a hora de fazê uma igual na cidade dele**. E foi isso que abriu as portas pra que um montão de gente começasse a vive do rodeio de verdade. Porque o que acontecia era que **quem formava tropa acabava tendo animais de qualidade e selecionados, mas, dependia da infraestrutura. Quem montava companhia de rodeio podia oferece o serviço completo [risos]. Era mais cara, mas as comissões não tinham dor de cabeça com nada que dizia respeito ao rodeio. Contratava uma companhia, a companhia conhecia os tropeiros e aí a gente acabava indo com as tropas e começava, assim, a ganha certo dinheiro com aquilo que era a nossa paixão: a tropa e o rodeio.**

Dessa feita arriscamo-nos a inferir que, embora tenham se manifestado e constituído em um mesmo tempo e pelas mãos dos mesmos sujeitos sociais e, em razão disso, comporem um único território, na década de 1960 e, principalmente na seguinte, enquanto a festa do peão afirma-se enquanto território marcado pelo localismo, o rodeio já se encontra em transição para outro tempo. Entrementes continuem unidos sem que qualquer um consiga se realizar sem o outro, a festa, em razão dos sujeitos sociais, das relações de poder nela estabelecidas e dos projetos políticos nela contidos, tenderá na trajetória desse território a consolidar uma territorialidade própria, específica, da mesma maneira que o rodeio ao ter sua territorialidade original abalada e transformada pela maior densidade técnica do território ingressará em um novo tempo.

Depreendemos dessas narrativas que o território do rodeio, formado a partir da festa do peão de boiadeiro e tendo com ela partilhado a primeira fase do território do rodeio, incorporará um tempo distinto do tempo da festa. Enquanto a última permanece sendo realizada pela e para a comunidade local ou, no máximo, as cidades vizinhas, o rodeio ultrapassará os limites dos municípios de suas tropas e companhias de rodeio chegando a atingir, por vezes, não apenas outras regiões, mas, outros estados.

Esse descolamento, ainda que embrionário entre 1960 e 1980, resulta da cooptação do rodeio pelo capital. Não que a festa, ainda nesse tempo, não tenha também sido incorporada pelos ditames e práticas do capital. Pelo contrário. Ela também o foi. Todavia, as formas, as práticas e os sujeitos sociais envolvidos nesse processo de apropriação da festa e do rodeio pelo capital não são necessariamente os mesmos. Presumimos que a lógica mercantil que orientará a festa ainda que seja a mesma que direcionará o rodeio possuirá níveis de intensidade e graus de extensão distintos.

Pressupomos que enquanto a festa continuará sendo organizada, promovida e realizada pelos poderes locais das cidades onde se realiza, o rodeio tenderá a romper primeiramente com essa característica. Não apenas o localismo será suprimido pelo rodeio nessa fase, mas, também, o amadorismo e a ludicidade. São as técnicas e a densidade do território que imprimirão ao rodeio um tempo mais rápido em relação à festa e, a festa, um

tempo mais conservador e provavelmente em descompasso com o rodeio ao menos em boa parte dos eventos por nós visitados ao longo da pesquisa.

3.2. Quem fazia os rodeios eram os fazendeiros que se sentiam satisfeitos simplesmente por realizar a festa.

Outra característica da primeira fase do rodeio é a ludicidade. Ludicidade no sentido do jogo, conforme propõe Huizinga (1980) visto como uma atividade voluntária, delimitada no tempo e no espaço, segundo regras consentidas, mas, necessárias, dotado de um fim em si mesmo e que acompanha um sentimento de tensão e alegria. Uma atividade que é desligada de todo e qualquer interesse material e com o qual não se obtêm lucros.

Assim era o rodeio em seus primeiros tempos: um jogo que envolvia sujeitos desiguais do ponto de vista econômico-social, mas, que mantinham objetivos que convergiam para a ocorrência da festa do peão e do rodeio. Latifundiários, invernistas, criadores, pequenos e médios produtores, comerciantes de gado, peões de boiadeiro e peões de fazenda, embora distintos em nível de importância e representação social em suas localidades, ainda assim partilhavam de um *ethos*, de certa identidade regional ou sócio-cultural pastoril.

Cultivando um mesmo sentido no festar o rodeio era muito mais um momento que amalgamava diversão com o competir. A diversão sem a cobrança entre os desiguais misturada à disputa de egos entre os iguais. Seja como for, relevante é compreender em que medida e por quais meios e mecanismos a ludicidade se apresentava durante essa fase e por qual(is) razão(ões) ela tendeu a se esvair.

Na busca de elementos que esclareçam essa questão a explanação de Klinger Ribeiro é ilustrativa e nos instrui no sentido de compreender

> que **o rodeio começô como brincadeira de peão e fazendeiro nas fazendas daqui da região de Barretos e Paulo de Faria.** Depois começô a ser feito nas cidades para a diversão de todo mundo. **Era uma verdadeira festa que misturava todo mundo da cidade e das redondezas**. Era um

> acontecimento mesmo. No começo de tudo [referindo-se à década de 1950] **não existia interesse financero na realização dessas festas. A gente daqui de Paulo de Faria quando fazia o nosso rodeio que depois se tornô a nossa festa do peão, recebia desde pecuaristas e peões de fazendas de outras cidades só pra animá a disputa.** Porque veja bem, as pessoas se relacionavam. Comprava e vendia gado. Fazia amizade com um criador ou invernista daqui, outro dali e a gente se comunicava e muito. Então **quando um desses [pecuaristas] tava organizando um rodeio na cidade da fazenda dele a gente já falava pro caboclo: 'tal dia então a gente tá lá'. A gente ia pra prestigiá a festa e quem tava organizando. Era uma forma de parabeniza o amigo e participa da festa daquela cidade.** Porque não é mole fazê um rodeio sem estrutura, conta com peãozada pra montá, premiação pros vencedor. Não é fácil não. E era gostoso demais. Mesmo que a coisa no começo [reportando aos anos de 1950 até meados de 1960] fosse uma coisa bem rústica mesmo, mas, a gente não conhecia como era a coisa boa. Então, tudo tava bom. E o que importava era a reunião, os causos, as conversas e as negociações que aconteciam lá. Como eu tava dizendo, não tinha todo o aparato que o rodeio veio a tê hoje. **As coisas e as pessoas eram bem misturadas. Não existia separação do tipo: isso é coisa só de peão e isso é só de pecuarista. Não, não existia. Os fazendeiros, os filhos, parentes e amigos deles também montavam. Montaria não era coisa só de peão não. Era de dono de terra e gado também. Na verdade todo mundo fazia de tudo.** A peonada das fazendas ajudava na organização do rodeio com os animais e as montarias e os fazendeiros também faziam isso. A grande diferença era que quem patrocinava e encabeçava a coisa era quem tinha recurso pra sustenta a festa e atraí dinheiro pra pagá as premiação. **Então mesmo que esse fosse uma coisa mais ligada aos fazendeiros não existia uma separação como a que a gente vê hoje: esse é peão, esse é tropeiro, esse é boiadeiro, esse é isso e aquele é aquilo outro. Não, não! A festa por mais que fosse organizada por um grupo de fazendeiros não significava que a festa era deles. A festa era pra cidade. Pra todo mundo mesmo.** No comecinho era só montaria em burro, mula, cavalo e égua e as torada [inspiradas na encenação tauromáquica dos circos-tourada]. Depois foram aparecendo algumas atividades que o pessoal que não mexia com gado podia brinca [década de 1960]. A mesa da amargura, a pega da leitoa, a pega do garrote e competição de pau de sebo, de música de viola e assim por diante. Essas aí eram brincadeiras que envolvia tudo quanto é tipo de gente rica e pobre, de mamando a caducando.

A par desse relato podemos deduzir ou mesmo insinuar que, embora nosso colaborador fosse proprietário de terras e um dos organizadores de rodeios e da festa do peão de boiadeiro de Paulo de Faria, a dimensão

lúdica do rodeio está clara permitindo-nos encerrá-la enquanto uma celebração da comunidade local para si e para os outros. Uma festa com dimensões populares do ponto de vista da razão de sua ocorrência e da forma como se manifesta[9].

Para além de fazendeiros, organizadores e promotores desses certames, a dimensão lúdica, do jogo e da festa popular também comparecia no entendimento daqueles que faziam parte das camadas populares e nelas circulavam. Esses são os casos de João da Cunha Soares[10] e Eleutério Rocha das Neves[11]. Embora fossem peões de fazenda nos municípios de Guaraci (limita com Barretos) e Riolândia (limita com Paulo de Faria), respectivamente, esclarecem que:

> Quando Barretos feiz a primera festa deles em [19]56 eu tava com dezessete anos. Mi lembro perfeitamente disso. Mi lembro porque aquilo me marcô e demais da conta! Porque quando a prefeitura feiz a primera veiz uma competição qui era prá sê a primera festa do peão de Barretos, mais num foi, eu tava com nove anos. Aí muleque da roça o sinhô sabe ... nem sabe se

[9] Embora a discussão em torno do conceito de festa não seja nosso objetivo, esclarecemos que é de nosso conhecimento a existência de um crescente debate bem como de seu uso nos trabalhos de Geografia. O motivo que nos leva a não enveredarmos por essa seara reside no fato de termos, durante o mestrado (2003), utilizado tal conceito para compreender a manifestação do poder local em Araçatuba/SP durante a ocorrência da Exposição Agropecuária de Araçatuba (EXPO Araçatuba). O debate e a opção por nós escolhida para uso do termo tanto naquele quanto neste trabalho encontra-se em nossa dissertação, especificamente no capítulo 4, intitulado “A feira e a festa: convergências e tensões em Araçatuba”. Para maiores detalhes ver (SILVA, 2003). Para efeito de esclarecimento quanto à opção teórica e definição conceitual de festa popular que possuímos, adiantamos que nossa abordagem partilha da compreensão que Canclini (1983) tem acerca desse fenômeno. De maneira breve consideramos, primeiramente, as festas populares tradicionais em contraposição às festas e espetáculos urbanos. Para nós, o que caracterizaria as primeiras seria o conjunto das seguintes variáveis: a ruptura com o cotidiano; caráter coletivo do fenômeno da festa, sem exclusão de classe, como expressão de uma comunidade local; caráter compreensivo e global uma vez que abrange os elementos mais heterogêneos e diversos sem desagregação ou especialização de atividades e papeis; necessidade de ser realizada em grandes espaços abertos e ao ar livre em razão do número de participantes; caráter fortemente institucionalizado; impregnação da festa pela lógica do valor de uso; e forte dependência do calendário agrícola ou rural.

[10] Entrevista realizada em 03 de abril de 2006 em Barretos/SP. Na época contava com 67 anos de idade, dos quais mais de 50 dedicados à lida com gado em fazendas da região de Barretos (informação do colaborador).

[11] Entrevista realizada em 25 de julho de 2007 em Paulo de Faria/SP. Na época contava com 72 anos de idade e, segundo o colaborador “minha vida foi desde minino no lombo de burro e no meio dos pasto. Cresci junto com meu pai nas fazenda que ele era administrado. Como foi aquilo que eu aprendi na vida e aprendi direitinho como manejá o gado eu acabei seguindo a profissão dele. Intão mió não dizê quantos ano de lida eu tenho [risos]. Fica aí a gosto do sinhô”.

> comportá direito na cidade e tudo era bunito, bem bacana. Meu pai sempre levava a gente na ixposição de animais. Todo ano. Pelo menos um dia a gente ia a famia toda. Eu e meus irmão mais véio e os mais novo. Ao todo somos em sete. Tem dois mais véio que eu e quatro mais novo. Mais, vortando no qui o sinhô perguntô... Naquele ano eu fiquei abismado com aquilo tudo que tava acontecendo lá no parque di ixposição. Porque eu participei das montaria naquele ano e nus ôtro tamém. Foi uma festa prá peãozada das fazenda nenhuma botá defeito. O povo da cidade ficô tudo doido veno as peripécia qui us cavalo e us burro fazia cum nóis im cima. Foi bão dimais! Os fazendêro 'grandão' até os mais 'fraquim[12]' tamém tava tudo presente pur lá. Sim. Era fazendêro da região de Barretos. Não era só da cidade não. E até onde mi lembro tinha gente das ôtra cidade ajudando o povo di Barretos sim. Mas, isso eu num posso garantí purque eu num mi invorvia muito cum essas coisa, purquê o qui eu e o resto da piãozada quiria era muntá. Naquele tempo as muntaria era na sorta no mei do cercado di jurgamento di animais da ixposição. U animar xucro de propriedade de um o ôtro fazendêro. Purque esse era u papel deles: levá animar ruim pra vê si tinha pião bão prá pará im cima. Daquela festa im diante a coisa freveu. As cidadi que inda num tinha feito festa di pião começô a fazê i a coisa ficô boa pra gente purque a gente num tinha muito u qui fazê prá divertí. Aí, foi surgino uma festa du pião aqui, ôtra lá, ôtra aculá i aí a gente ia cum o patrão. Ele levava os animar e a gente [peões] ia junto. Chegava lá era gostoso dimais. A gente era os 'rei' da festa. O povo da cidade ficava oiando pra gente admirado inda mais quano a festa era im ôtra cidade qui não a nossa. A gente era desconhecido do povo i isso [a]guçava a curiosidade prá sabê si a gente da fazenda tal o us ôtro da fazenda isso o aquilo ia saí campião. Pros fazendêro isso era motivo di aposta nus animar i nus pião da fazenda dele. Aí, só prá concruí, quano acunticia uma festa dessa im quarqué cidade u povo dela ficava agitado quereno qui u rodei chegasse logo [risos]. Ôtra coisa qui u sinhô perguntô i é verdade sim. Já ixistia uns tipu de rodei nas cidade da região mas nada paricido com o qui Barretos feiz. Aí foi di Barretos qui começaro a montá crube de rodeio prá fazê uma festa du pião mió qui a da cidadi vizinha. Intende? U povo começo quase qui disputa quem ia fazê a mió festa, u mió rodei... Mais ninguém cunsiguiu acompanha Barretos não. Mais óia... até mais o menos 1970 as coisa começaro a muda nu rodei e as coisa foro ficano mais profissionar. Pur um lado foi até bão purque teve pião di fazenda qui largô tudo i foi vive di rodeio, mais, tamém foi ruim purquê prá quem não vivia di rodei foi seno ixcruído até nem cunsigui mais convite prá muntá nas festa.

Sob um relato mais breve, o segundo colaborador enfatiza que:

> Eu cumecei a muntá desde mulecão nas fazenda qui meu pai trabaiava. Im quase todas tinha tropa prá amansá i era uma

[12] Referência ao poder financeiro dos pecuaristas.

> festa quano isso ia acuntecê. A piãozada sabia qui ia tê doma na fazenda do seu fulanu im tar dumingo ou saldo [sábado]. Naquelis dia u currar da fazenda tava cheia de pião das vizinhança prá vê us tombo o as parada. Aí como isso foi ficano popular e caino gosto dos patrão qui morava nas cidadi eles acabaro fazeno rodei nas cidadi deles. Cada um fazia u seu i ficava disputano qual era o mió organizadô. Era um dia nu ano. Maió parte das veiz nus aniversário das cidadi. Era uma arena montada di improviso com arami liso passadu nas estaca fazeno uma roda [forma circular]. Como era aberto pra todo mundo vê a coisa foi ganhano importânça até qui o povo da cidadi começô a querê ajuda formano as comissão di rodeio prá fazê as festa do pião das cidadi. Pra mim foi isso qui feiz u rodei cresce: u povo da cidade si interessá im fazê uma festa di pião pro povo da cidadi mémo. I óia, naquele tempo era festa mémo. Não é inguar hoje não. Hoje cê nem sabe quem faiz as festa direito. Não, naquele tempo não. Quem é o presidente? Seu fulano. U responsávi pelo rodei? Seu beltrano. E pur aí ia. U qui era bão era qui todo mundo da cidadi si divertia purque era feita pelo povo dali i num tinha esse negócio de dinhêro não. Era tudo pela vontade de quem tava organizano, de quem dava as prenda pros prêmio i prá pagá as otras dispesa da festa i tudu mundo participava i si sintia filiz naqueles dia.

É de nosso conhecimento que uma das limitações da história oral está na ênfase que o entrevistado coloca sobre os aspectos bons de determinado tempo pretérito. Quando não, pode tender a reconstruir em suas memórias um passado romantizado ou eivado de certa carga nostálgica. É em função desse entrave que preferimos tomar o depoimento de distintos sujeitos envolvidos com o rodeio e a festa do peão de boiadeiro durante a primeira fase do território do rodeio. Dessa maneira, ainda que algum colaborador carregue suas memórias de positividade, romantismo ou nostalgia, restam-nos outros para contrapor a narrativa.

Não obstante, asseveramos que este não foi um limitador aos nossos trabalhos, pois, mesmo que nossos colaboradores possam olhar o passado com os olhos do presente, a subjetividade e a história vida de cada indivíduo permitem-nos espiar, ao menos um pouco, como estava organizado e operando o território do rodeio entre 1950 e 1970.

Durante essa fase podemos reconhecer que o caráter lúdico dos eventos foi sendo esvaziado ao mesmo tempo em que outra lógica, a lógica do capital, tendia a penetrar aquele território impactando de maneiras e intensidades distintas a festa e o rodeio. Se concordamos com uma perspectiva

e abordagem dialética do espaço e do território enquanto processo, historicidade, movimento, temos a obrigação de asseverar que, embora ainda coeso e em complementaridade plena, dois territórios começariam a se formar a partir de 1960.

Conforme sugerimos em momento anterior, a apropriação capitalista da festa e o rodeio deu-se de maneira desigual tanto em termos de extensão quanto intensidade. A festa, ao que parece, tendeu a se tornar fixa, rígida, em termos de deslocamento – ainda que haja crescimento numérico desses eventos no BCP durante esse período – ao mesmo tempo em que, a cooperação, a identidade e a unidade de diferentes sujeitos sociais permitiram o fortalecimento das festas do peão enquanto “celebração do sertão pastoril do BCP”.

Em outros termos, consideramos que ao longo dessa primeira fase do território, a festa tendeu a se tornar conservadora se comparada à dinâmica e ao movimento do rodeio. Conservadora analisando-a do ponto de vista que toma as Comissões Organizadoras, entidades de classe, agremiações políticas ou filantrópicas sujeitos sociais responsáveis por organizar, promover e realizar a festa do peão de boiadeiro. Com isso, os sujeitos sociais não se deslocam no espaço-tempo. Não atuam em outro nível que não o local, pois, permanecem atuando localmente a partir de suas respectivas atividades econômicas, políticas e posições sociais.

Suas lutas, disputas, tensões, alianças ou convergências de interesses e objetivos são estabelecidos ao longo de um ano: entre o encerramento de uma festa e o início de outra. Por mais que participem como Comissão Organizadora visitante de outra festa do peão de boiadeiro suas ações estão circunscritas ao grupo do qual fazem parte, da cidade na qual vivem, da comunidade que integram. Mas, seja como for, essa característica inicial do território da festa do peão de boiadeiro dará coesão e identidade - elementos necessários à reprodução desse território em formação – ao grupo e à coletividade na qual estão inseridos.

Em contrapartida, o rodeio trás em si o movimento, a transformação, a superação de velhas práticas e o engendramento de novas formas de reprodução social tanto material quanto imaterial. Seu tempo é mais

rápido que o da festa provavelmente em razão da possibilidade dos sujeitos sociais que o compõem poderem deslocar-se tanto temporal quanto espacialmente. O aumento numérico de festas de peão de boiadeiro nesse período e no posterior forçará antigos fazendeiros a tornarem-se tropeiros ou proprietários de Companhias de Rodeio que necessariamente passarão a realizar os rodeios das festas do peão de boiadeiro que surgem anualmente no BCP.

Peões deixarão as fazendas e passarão a viver do e para o rodeio, atividade na qual buscarão sua sobrevivência material e de seus familiares sujeitando-se, inicialmente, a toda e qualquer oferta para participarem de algum rodeio em um final de semana. Alguns, dotados de melhor capacidade em circular no interior do território tenderão a ocupar a função de juízes de rodeio. Outros, que além de terem a capacidade ou não de vencer alguns rodeios e não despender de seus prêmios em prazeres efêmeros transitarão primeiramente para tropeiros ou boiadeiros e, quiçá, proprietários de Companhia de Rodeio.

Além desses novos sujeitos sociais que atuarão de maneira ampla, livre e plena no interior desse território, também emergirão os locutores de rodeio. Sujeito social significativamente distinto dos demais, pois é reconhecidamente novo e externo ao rodeio, surgirá na transição da primeira para a segunda fase ocupando posição de proeminência no território.

Por conseguinte, após tentarmos compreender o território do rodeio a partir de duas de suas características originais, resta-nos debruçar sobre a última: o amadorismo. Se o localismo e a ludicidade foram elementos que tenderam a se reforçar mais na festa e enfraquecer-se no rodeio, possibilitando-nos pensar na coexistência, simultaneidade e reciprocidade de territórios, resta-nos identificar nas práticas dos diferentes sujeitos sociais tanto do rodeio quanto da festa do peão os elementos que constituem o amadorismo dessa fase do território.

3.3. E tudo era amadorzão mesmo! E as coisas iam acontecendo!

Holanda (2005) define amador como aquele que se dedica a uma arte, esporte ou ofício por gosto ou curiosidade gratuita, não por profissão ou interesse pecuniário. Esclarece ainda que o termo em questão refere-se, também, àquele que ainda não domina ou não consegue dominar plenamente a atividade a que se dedicou, revelando-se ignóbil ou incompetente.

Embora existam outras definições além das apresentadas acima para o vocábulo “amador”, essas são suficientes para abrir nossas reflexões acerca da última característica da primeira fase do território do rodeio do BCP. Isso porque, ao menos até o início da década de 1970, o rodeio não proporcionava meios suficientemente atrativos para que dele tanto peões quanto demais sujeitos sociais pudessem extrair sua sobrevivência material.

> **Desde que to no rodeio [cinquenta e sete anos] eu pude vê as mudanças que o rodeio sofreu**. Mas prá fala certim desse tempo aí eu vô dizê que era **tudo amadorzão mesmo! E a coisa ia acontecendo.** Uns erravam daqui, outros de lá. A gente aprendia mais com os erros porque no começo a gente errava demais. Mas **o rodeio não era profissão, pelo menos até 1970 ou mais. Era mais uma diversão da peãozada e do pessoal que organizava as festas do peão pra te a satisfação mesmo de te feito uma coisa boa pra cidade do que espera ganha alguma coisa.** Os prêmio, como eu já falei, pros peão não era grande coisa não. No começo [pós 1956] era bota, chapéu, sela, às vezes um dinheiro que não era lá muita coisa mas já ajudava porque era uma coisa que você não tava esperando e acabava ganhando. Mas não dava pra fazê de profissão não. Era mesmo um lazer pra gente que lidava com o gado e com o campo. Era reunião de amigos, quase uma família. **As regras dos oito segundos e uma mão na rédea e a outra pra cima já tinha sido utilizada por Barretos na primeira festa deles e de lá pra cá só foi aperfeiçoando isso tudo.** Então mesmo que já tivesse regra pra sê seguida e pra pode avalia o peão e organizá em ordem classificatória isso tudo era muito sem sabê direito o que tinha que fazê. Até os juiz não tinha muita noção de como avalia uma montaria. Não tinha parâmetro porque **até onde eu sei foi Barretos que usou pela primeira vez em [19]56 o sistema de oito segundos e uma mão pro alto desde a saída do brete pro peão podê sê avaliado**. Se ele fizesse alguma coisa que não fosse isso dava desclassificação ou era mal avaliado. Mas como tudo no começo ninguém sabia o que realmente dava certo. **Quando começô a pipocá festa de peão pra tudo que é canto [referindo-se às décadas de 1970 e 1980] aí a coisa ficô mais fácil porque abriu espaço pros tropeiro e pras companhias de rodeio e como era a gente que assumia o rodeio e a comissão organizadora da festa de cada cidade ficava responsável pela parte comercial, propaganda, show e essas coisa toda, nóis pudemo usá o sistema de oito**

> **segundos, a mão pro alto, o estilo, a espora batida no pescoço como critério de nota. E como nós tropeiro se encontrava direto pra tudo que era canto, a gente foi uniformizando as regras e a coisa foi ficando mais clara pra todo mundo, desde juiz até peão e tropeiro**. Mas como eu tava falando... isso não foi da noite pro dia não. Demandô tempo, discussão, briga em arena, em brete, em alojamento coisa que continuô existindo até pelo menos pro meio de [19]90 quando a coisa começo mesmo a sê profissional em tudo quanto é jeito. Ou o sujeito deixava de ser amador e marreteiro ou ele tinha que saí do rodeio.

A contribuição de “Alemão” nos permite identificar em sua narrativa os elementos do amadorismo desse período: os peões e fazendeiros participavam, cada qual à sua maneira, sem que o sentido financeiro estivesse à frente de suas ações. Colocar peões contra animais e apostar qual dos dois seria o melhor era parte do universo lúdico e amador do fazendeiro. Vencer o animal e seus semelhantes na competição compunha o quadro mental do peão de fazenda que se apresentava nos rodeios desse período.

Também podemos reconhecer que o rodeio e a festa do peão por certo período de tempo cresceram apenas numericamente sem sofrer profundas, intensas ou extensas transformações. Pelo contrário. Alemão explicita que somente após 1970 é que o rodeio se tornará uma atividade atraente àqueles que tivessem capital para investir (fazendeiros) ou estivessem dispostos a acompanhar o roteiro percorrido por uma companhia de rodeio. Acompanhar uma companhia de rodeio era, para aqueles que decidiam fazer do rodeio meio de vida, provavelmente uma das melhores opções que se apresentavam naquela fase.

Ainda com base na colaboração de “Alemão” podemos compreender que, desde 1956, ano da primeira festa de Barretos as cidades que começavam a organizar e promover suas festas do peão de boiadeiro entre 1960 e 1970, já haviam constituído suas Comissões de Festa do Peão e Rodeio. Isso demonstra que tanto a festa quanto o rodeio já se encontravam em um novo momento do território. Todavia, conforme analisado anteriormente, é nesse momento do território que a festa encontra sua estabilidade e ancoragem tendendo a crescer, essencialmente numericamente. Quanto ao rodeio, este tenderá a incorporar incessantemente novos sujeitos sociais dotados de distintos níveis de poder para atuar no território, novos objetos e

inovações que vão das normas às novas técnicas e tecnologias que, em conjunto, conformarão seu novo tempo e funcionamento.

Mas, esse é um processo que, conforme já vimos, tenderá a ocorrer a partir de meados da década de 1960. Destarte, ainda que as festas do peão de boiadeiro comecem a ser realizadas em diferentes cidades das RAs de São José do Rio Preto e Barretos, podemos aventar a hipótese de que, do ponto de vista do movimento, do devir histórico, a característica predominante do território é sua letargia. Sugerimos tal hipótese em razão de entender que as razões que dão forma ao amadorismo, presente em suas competições, impossibilita ao rodeio incorporar novos sujeitos, técnicas e tecnologias.

A respeito do que sugerimos: a letargia do território do rodeio, Sebastião Procópio explica que:

> **Enquanto o rodeio foi amador não teve mesmo como ele melhorar.** É claro que as cidades que foram fazendo suas festas do peão tiveram que buscar animais e peões em algum lugar. E a nossa região [São José do Rio Preto] querendo ou não acabará sendo o berço de tropeiros. Não que aqui tivesse mais cavalos puladores que em outras regiões. Não é isso. Na região de Barretos também vai ter um bom número de tropas. É que **nessa área que abriga os municípios da região de [São José do] Rio Preto e Barretos muitos fazendeiros já vinham formando suas tropas porque o mercado de festas do peão já começava a exigir não só número, mas, qualidade também, Então, quando foi lá pra 1970, ou talvez um pouco antes, o mercado abriu de vez e quem já estava com seu plantel formado, já tinha comprado estruturas metálicas para arquibancada, currais, bretes e arena, iluminação, sistema de som, caminhões para transporte, saiu na frente e começou a ganhar dinheiro porque havia muita procura por esse tipo de serviço e pouca oferta.** Tropeiros até que tinha um bom número, mas, com toda estrutura igual o Alemão, o [Sílvio] Meneguelo, os [irmãos Dácio e Décio] Pucharelli tinham era difícil. **Tudo estava muito encoberto [latente], travado. Só precisava que acontecesse o que aconteceu: a festa do peão cair no gosto do povo e as prefeituras e sindicatos rurais assumirem a responsabilidade de organizar e promover as festas. Aí, pro rodeio foi como se abrisse não uma janela, mas, um portão pra ele cresce e se modernizá.** E tudo isso, no meu ver, foi muito bom pra todo mundo que queria vive do rodeio. Pra quem gostava do rodeio e fazê a vida nele foi o que bastô. **Em 1970 a coisa já tava pegando fogo e mais e mais cidade fazia sua primeira festa. Então teve emprego pra todo mundo que queria trabalha. Desde o trabalhador braçal que montava e desmontava as arenas, iluminação,**

> **arquibancadas, até os locutores, juízes, tropeiros de todo tipo e eu nem preciso falar o que isso trouxe pro peão né? Imagina... eles poderiam começa a escolhê em qual rodeio iriam montá.** Os peões melhores e mais tarimbados acabavam indo praqueles que davam maior premiação, maior consolação[13], alimentação e alojamento. Os que estavam começando ou que ainda eram meio amador, acabavam indo pros menores rodeios que pagavam menos, mas, era uma oportunidade pra ganha dinheiro fazendo o que gosta. **É como eu digo: melhor uma mão inchada que uma enxada na mão [risos].**

Acreditamos que os motivos que levaram o rodeio a essa condição de amadorismo e estrangulamento iniciais possam ser encontrados na combinação de algumas variáveis existentes entre 1950 e 1970. A combinação de determinadas condições, materiais e imateriais, criaram certas barreiras que, senão impediram, ao menos não impeliram os diferentes sujeitos sociais ligados diretamente ao rodeio para dele fazerem seu meio de vida, um trabalho, uma profissão.

Em primeiro lugar não existia, nessa fase, tanto número suficiente quanto regularidade de eventos que pudessem assegurar ganhos constantes para os peões, principalmente. A essa época (1950-1970), a festa do peão de boiadeiro e o rodeio eram eventos significativamente novos e, em razão disso, ainda não haviam conseguido ultrapassar os limites das Regiões Administrativas de Barretos e São José do Rio Preto. De acordo com o levantamento realizado durante a pesquisa apenas dez cidades, sendo nove na RA de São José do Rio Preto e apenas uma na RA de Barretos que mantinham em seu calendário anual a realização desses certames[14].

---

[13] Pagamento diário feito pela comissão organizadora do rodeio ao peão por cada apresentação realizada na noite. Costumeiramente as festas do peão duravam quatro dias (de quinta-feira à domingo) sendo que no primeiro dia montavam, em média, 80 peões. Na noite seguinte, os 60 melhor pontuados se apresentavam. No sábado os 40 melhores e, no domingo, havia duas apresentações: os 20 melhores da noite anterior e, em seguida, os 5 melhores para a disputa do 1º ao 5º lugar. Dessa maneira, o peão poderia receber cinco diárias e ainda a premiação por ter disputado a final. Embora possa haver distorções regionais, o consolação, pago ao peão era o dobro do valor de uma diária do trabalhador rural. Como a comissão fornecia alojamento e alimentação aos peões, boa parte deles passou a viver desse pagamento deslocando-se de cidade em cidade, principalmente às terças-feiras.

[14] As cidades são Barretos (RA de Barretos); Bálsamo, Guapiaçu, Jales, Novo Horizonte, Mirassol, Nhandeara, Palestina, Riolândia e Paulo de Faria (RA de São José do Rio Preto).

Além disso, até 1965 apenas três cidades realizaram oficialmente suas festas de peão[15] e, entre 1966 e 1970 outras sete cidades vieram a promover esse tipo de competição. Além disso, as premiações oferecidas pelas comissões não eram muito atraentes em termos financeiros, pois, conforme explanado em momento anterior, os prêmios iam desde selas até botas, chapéus, e pouca quantia em dinheiro.

Também podemos elencar como uma das limitações a inexistência de infraestrutura adequada à realização das competições. Em cidades que não dispunham de recinto de exposições, as arenas eram montadas provisoriamente em campos de futebol ou algum terreno amplo e regular. Afora essas condições havia a precariedade das arenas que ou eram alugadas de algum circo-tourada ou montadas provisoriamente com materiais rústicos utilizados para cercar pastagens. Por serem inadequadas ou insatisfatórias quanto à dimensão e materiais utilizados essas arenas tornavam-se extremamente perigosas tanto aos peões quanto aos animais.

Se numericamente a festa do peão de boiadeiro não era atrativa e os prêmios daquelas que existiam não supririam as necessidades materiais dos peões e suas famílias ao longo do ano, outro elemento infra estrutural também contribui para esse estado de coisas: as poucas estradas de rodagem pavimentadas e companhias e transporte interurbano. Entre 1950 e 1960 as rodovias do interior paulista eram poucas e as que existiam eram significativamente deterioradas tanto pelo uso quanto pela falta de manutenção.

No caso das rodovias a carência de manutenção contínua dificultava tanto o deslocamento de animais via transporte boiadeiro quanto o contato entre as cidades que não eram servidas pelas ferrovias ou rodovias. A partir desse cenário podemos pressupor que para o peão de rodeio deslocar-se constantes entre uma cidade e outra não era rápido, nem fácil e muito menos barato. Em suma, essas variáveis elencadas impediam que se formasse ou mesmo se consolidasse uma rede de cidades e eventos que pudessem se

[15] Barretos, Paulo de Faria e Novo Horizonte.

suceder no tempo e se retroalimentar criando condições para o peão libertar-se da fazenda e buscar no rodeio outra forma de sobrevivência.

Afora esses condicionantes materiais há outros imateriais – de tamanha grandeza ou talvez maior que os anteriores – que incidiram na forma amadorista adotada pelo rodeio em seus primeiros tempos. O primeiro foi a dimensão do localismo que, nos primeiros anos de funcionamento do território do rodeio, tendeu a se impor às demais formas de pensar e organizar as festas e competições. Embora essa dimensão seja fundamental à festa, para o rodeio ela era nociva, pois, impedia que esses eventos extrapolassem os limites do município no qual se realizavam. Mais claramente, o localismo, elemento fundamental na constituição de uma solidariedade orgânica e de cooperação entre diferentes sujeitos sociais locais dificultava a projeção do rodeio como uma atividade econômica ou laboral autônoma.

A razão dessa limitação possivelmente possa ser encontrada na mentalidade, no projeto político e nos objetivos de quem a promovia. A esse respeito já vimos que os responsáveis pela organização, promoção e realização das festas do peão e suas competições eram, essencialmente, proprietários rurais dos mais diferentes níveis de atuação e influência econômica e social. Portanto, a festa era realizada para a autocongratulação entre os iguais em nível local – *insiders* – de maneira que os vizinhos – *outsiders*, ainda que auxiliassem na realização ou participassem ativa ou passivamente da festa, ela era da cidade, da comunidade que a estava realizando.

Entendemos, portanto, que a mentalidade conservadora e por vezes reacionária do pecuarista não inseria o peão da fazenda ou de boiadas em outra função que não fosse aquela a que estavam afeitos na fazenda ou na estrada. A esse respeito não podemos perder de vista que embora peões e fazendeiros partilhassem de um mesmo espaço rural e pastoril, montassem igualmente nos animais e realizassem conjuntamente as ações necessárias à ocorrência do rodeio, ainda assim as apostas feitas entre os fazendeiros – os iguais – giravam em torno da provocação: o “**meu cavalo contra o seu peão**” e vice-versa.

Complementar a essa forma de pensar do fazendeiro a visão e a imagem que os demais setores das sociedades locais tinham acerca dos peões de estrada e que, por sua vez, recaíam sobre os de fazenda – especialmente os solteiros – dificultavam que sua imagem como "centro das atenções" de "peça-central" ou "herói" ultrapassasse o tempo-espaço da festa. A imagem de virilidade, destreza e valentia serviam perfeitamente na disputa entre homem-animal e entre homem-homem durante a festa. Fora de seu espaço-tempo essas características o afastavam do homem civilizado e o aproximavam do bárbaro.

Como as comissões organizadoras das festas do peão eram compostas por diferentes representantes das sociedades locais ligados ou não às entidades classistas, filantrópicas ou assistencialistas, ao poder político local, a festa do peão serviria como uma ação de pessoas comprometidas com o bem-estar dos menos afortunados. Sugerimos que para atrair público e patrocinadores, o rodeio e por desdobramento o peão deveriam ser, senão os melhores, os mais competitivos.

Dessa maneira, o peão cumpria seu papel na festa do peão de boiadeiro ao servir como atração na arena. Como o evento era organizado, promovido e realizado por representantes da sociedade em geral e, cada papel era atribuído à pessoa melhor qualificada para realizar a função tal como, o bancário ficaria responsável pelos caixas; o agrônomo e veterinário pelas condições sanitárias do recinto; trabalhadores braçais das prefeituras municipais pela construção de barracas e, por vezes, das arenas, os fazendeiros pela contratação ou fornecimento de animais, o peão também era chamado para compor esse quadro heterogêneo de sujeitos sociais.

Profissionais liberais de diferentes áreas, funcionários de bancos e do comércio locais, pequenos, médios e grandes proprietários de terras, comerciantes, entidades e associações religiosas e filantrópicas, funcionários públicos, políticos ligados ou não à administração local, todos invariavelmente ocupavam papéis que lhes eram afeitos no cotidiano e, sendo assim, com o peão não poderia ser diferente.

Mas, enquanto os demais reproduziam seu universo laboral ou relacional cotidiano sem qualquer acréscimo de *status* ou importância social, o

peão era, ao menos momentaneamente, elevado à condição de artista e passava a concentrar as atenções dos espectadores. Se ele fosse forte e possuísse técnica e destreza, por sorte, poderia ter seu nome lembrado por alguns dias na cidade e vizinhanças como o "**peão da fazenda tal, do seu doutor fulano de tal**" que venceu o rodeio. Caso não fosse hábil o suficiente, seu nome já teria sido esquecido com a saída do último espectador, com o fechamento dos portões.

Com vistas a relacionar, de maneira totalizante, nossas reflexões aos testemunhos de nossos colaboradores e abrirmos novas questões para o capítulo seguinte, encontramos Canclini (1983) explicando que a festa abrange todos os aspectos da vida social da comunidade ou grupo que a realiza. Em face dessa capacidade englobante que a festa possui ela pode por em evidência o papel do econômico, do político, do religioso e do estético no processo de transformação-continuidade da cultura popular. O que motiva a festa está vinculado à vida comum do povo. É o momento privilegiado no qual a sociedade que a realiza penetra no mais profundo de si mesma para compreender-se e restaurar-se.

Esse é o caso do território do rodeio do BCP em sua primeira fase. Possivelmente o sentido da festa do peão de boiadeiro poderá ser encontrado naquilo que é, ao mesmo tempo, mais evidente e mais oculto no que diz respeito ao processo de transformação-continuidade do território do rodeio. Sem ele não haveria nem festa e nem competição, mas, ainda que os peões de fazenda e o de boiada tenham sido transfigurados e sintetizados na imagem corpórea do peão de rodeio, fato que implicaria sua emancipação em relação à fazenda e ao jogo desigual de forças, os mesmos seguirão sendo peões[16].

[16] Com raras exceções daqueles que conseguem romper com sua condição social original e tornam-se, dentre outros profissionais do rodeio, juízes, tropeiros e boiadeiros.

CAPÍTULO IV

DIFUSÃO, PROFISSIONALISMO E MERCADO: A SEGUNDA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (1971-1990)

Se em momento anterior nossa intenção foi apreender e analisar a emergência do território do rodeio, agora, nesta parte do trabalho, nosso intuito é identificar e analisar as mudanças ocorridas nesse território entre 1971 e 1990. O recorte adotado prioriza tanto a formalização das primeiras regras do rodeio cutiano quanto a atuação dos promotores de rodeio que, por meio de companhias de rodeio de sua propriedade ou não, imprimiram uma nova lógica e dimensões ao território do rodeio.

Conforme procuramos demonstrar na parte introdutória deste trabalho é possível identificar que nesse período o território do rodeio abre-se a um novo tempo e, em boa medida, distancia-se de sua forma original em termos de conteúdo, sentido e significado. Com isso, evidencia sua maior complexidade e permite que possamos considerar a existência de uma mudança em sua historicidade.

Se em sua primeira fase o território do rodeio e a festa do peão de boiadeiro compunham um mesmo território ao mesmo tempo em que estavam circunscritos às regiões de São José do Rio Preto e Barretos/SP (mapa 1) é possível reconhecer que a partir de 1971 esses eventos tendem a ultrapassar seus limites originais para serem realizados em outras regiões.

A partir de informações coletadas em nossa pesquisa de campo pudemos reconhecer que no período compreendido entre 1971 e 1990 diferentes cidades paulistas adotaram a festa do peão de boiadeiro como evento anual de seus calendários festivos, conforme demonstramos abaixo:

Tabela 6 – Números absolutos de eventos surgidos no estado de São Paulo

1971-1975	1976-1980	1981-1985	1986-1990
17	27	48	93

Elaboração: Cesar Gomes da Silva

Conforme demonstram os números acima, somente no estado de São Paulo, entre 1971 e 1990 surgiram 185 novas festas do peão de boiadeiro, sendo que entre 1986 e 1990 esse fenômeno é intensificado com a emergência de 93 novos eventos. Logo, é visível que esse fenômeno alcançou significativa receptividade tanto junto à população do estado de São Paulo quanto a diferentes agentes e sujeitos sociais ligados direta ou indiretamente com esse tipo de certame.

Em busca de elementos que pudessem explicitar as razões para a difusão[1] desses eventos no estado de São Paulo encontramos diferentes explicações, segundo o ponto de vista e visão de mundo dos sujeitos sociais envolvidos com a realização da festa do peão de boiadeiro. Todavia, ainda que possam existir divergências pontuais quanto às razões para a difusão da festa do peão de boiadeiro, em um item especificamente há concordância entre os entrevistados: a festa do peão foi vista inicialmente como uma novidade e ganhou espaço nos calendários festivos das pequenas cidades vindo a se tornar uma das principais alternativas de lazer para as populações das cidades que as realizam quanto das cidades vizinhas. Logo, tornam-se eventos de fruição e consumo de massa.

Para o tropeiro e empresário de rodeio Dacio Pucharelli[2] esse processo deve-se essencialmente pelo fato de que o "rodeio foi caindo no gosto das pessoas e toda cidade acabou tendo vontade de fazer o seu rodeio, a sua festa do peão. Aquilo virou moda nos anos [19]80". No entendimento de um ex-prefeito de Clementina/SP, Carlos Garcia, "era uma coisa nova. A festa do peão trazia uma coisa do interior que as pessoas das cidades pequenas não estavam acostumados a ver. Então era uma novidade e as prefeituras começaram a investir nesse tipo de festa". Já, para o pecuarista Kazuto

[1] Utilizamos o conceito de difusão espacial conforme sugerido por Mascarenhas de Jesus (2001) para abordar o desenvolvimento do futebol no Rio Grande do Sul. Embora analisando o advento do futebol na Inglaterra e sua difusão no Brasil o entendimento do citado geógrafo é pertinente para o objeto aqui analisado uma vez que considera que "a ocorrência de processos de difusão de inovações em muito antecede historicamente o advento do capitalismo. No entento, tais processos encontrarão inédito e poderoso alento na constante capacidade inovadora do modo de produção de mercadorias" (p.59).

[2] Entrevista realizada em 12/10/2013 em José Bonifácio/SP.

Watanabe[3] “nas cidades que as prefeituras não se interessaram em fazer a festa do peão, a responsabilidade foi de grupos de pessoas da própria cidade que se uniram e formaram associações e clubes de rodeio”.

De qualquer forma ou do ponto de vista que se pretenda elucidar o processo de difusão do rodeio necessário se faz reconhecer, conforme Raffestin (1993, p.58), que “frequentemente o objetivo declarado mascara os verdadeiros trunfos”, no caso, os reais objetivos de cada um dos sujeitos sociais envolvidos no fenômeno em questão. Não obstante, conforme pretendemos demonstrar, a expansão numérica desses eventos também contou com certas condições materiais e imateriais que permitiram tal movimento.

Conforme desenvolvido em Silva (2003) e Alem (1996) os processos de urbanização e modernização do campo, verificados nesse período da história do Brasil recente, produziram elementos tanto supra quanto infraestruturais suficientemente capazes de sustentar e fomentar o processo de difusão das festas do peão no BCP, principalmente no estado de São Paulo.

Ao que parece, também é possível relacionar esse fenômeno ao processo de redemocratização brasileiro. Isso porque, tudo indica que as festas do peão realizadas durante essas décadas contaram com significativo aporte financeiro proveniente tanto de campanhas políticas (municipais, estaduais e federais) quanto de recursos provenientes das prefeituras municipais.

Seja como for, importa nesse momento identificar e reconhecer a importância bem como o papel de cada um dos sujeitos sociais envolvidos no processo de difusão das festas do peão de boiadeiro nesse período. Por ser um processo amplo e intrincado em razão da variedade de sujeitos sociais e objetivos envolvidos, abordamos as formas como cada um desses sujeitos operaram no processo de difusão espacial da festa do peão e, consequentemente, do rodeio.

De prática lúdica, marcada por competições amadoras, e evento de escopo local, organizado por fazendeiros e membros das comunidades locais, o rodeio incorporou gradativamente a racionalidade

[3] Sócio fundador do Clube de Rodeio de Bilac/SP. Entrevista em 12/07/2015 em Bilac/SP.

econômica do capitalismo moderno tanto em sua organização e produção quanto em suas competições, fato que imprime no território o caráter de relações capitalistas de produção convertendo-o no momento seguinte em mercadoria. Como resultado desse processo acabou distanciando-se da fase anterior ao ter seu valor de uso substituído pelo valor de troca.

Além dessas novas dimensões também é possível distinguir, nesse período, o delineamento e a constituição de dois territórios: o da festa e o do rodeio os quais, ainda que mantenham certa relação de dependência e reciprocidade, descolam-se quanto aos sentidos, formas, sujeitos sociais e objetivos distintos. Sugerimos, portanto, que embora conectados em suas ocorrências, seja possível afirmar, com base em Raffestin (1993), que a festa e o rodeio não mais constituem o mesmo território, pois, enquanto o território do rodeio passa a ser constituído por sujeitos estranhos ao lugar, a festa e seu território permanecem manifestados por sujeitos que compõem as comissões e clubes de rodeio locais.

Pretendemos evidenciar que ao considerarmos o território a partir perspectiva de Raffestin (1993) e Souza (2011) estamos sugerindo que tanto os sujeitos sociais, agentes econômicos, quanto os objetivos e as práticas sociais que configuram, corporificam, formalizam, e dão sentido ao território também serão diferentes. Nesse caso, enquanto a festa do peão de boiadeiro se torna um evento a ser realizado por grupos de pessoas de pequenas e médias cidades do interior do estado de São Paulo, o rodeio, suas competições e demais profissionais são levados por tropeiros, proprietários de companhias de rodeio e promotores de rodeio para as localidades onde as festas passam a ser realizadas.

Quanto à escala geográfica gerada pelo rodeio durante essa fase é possível reconhecer que seus sujeitos sociais deixam de atuar na escala local para articularem suas ações e concretizarem seus objetivos na escala regional. Considerando que o rodeio como evento central da festa do peão de boiadeiro e, em razão disso, sem ele a festa não possuiria razão de existir, tropeiros, boiadeiros, empresários e promotores de rodeios, peões, bem como outros profissionais que compõem o território do rodeio passaram a atuar em

diferentes escalas geográficas. Com isso, passaram operar em outro nível escalar articulando o local ao regional.

Esse movimento do/no território nos leva a reconhecer que embora rodeio e festa do peão de boiadeiro aconteçam ao mesmo tempo, logo concomitantes e complementares, tudo indica que em seus processos históricos desenvolveram identidades, símbolos, e relações de poder específicos, logo territorialidades próprias. Logo, é isso que nos leva a considerá-los como distintos.

Em razão da complexidade das transformações ocorridas durante essa fase nesse território estruturamos este capítulo em duas seções com vistas a tornar o fenômeno o mais claro possível. Embora cada dimensão esteja interligada e seja complementar às demais, optamos por analisá-las isoladamente. Para tanto, cada seção aborda uma dimensão desse novo tempo do território do rodeio: a difusão e a lógica do mercado, e o profissionalismo.

4.1. A lógica de mercado e a difusão do rodeio: o papel de tropeiros, boiadeiros, e companhias de rodeio na difusão e constituição

Antes de adentrarmos às questão da difusão espacial propriamente dita, importante deixarmos claro a maneira como compreendemos o conceito de mercado. Embora o conceito de mercado seja amplo e polissêmico, optamos por utilizá-lo conforme o entendimento sugerido por Kotler e Keller (2006). Para esses autores mercado deve ser entendido como um ambiente formado por um grupo de pessoas e organizações com interesses e condições de realizar trocas de bens ou serviços.

Mais precisamente, Mercado é um grupo distinto de pessoas e/ou organizações que têm recursos que querem trocar ou que poderão concebivelmente trocar por benefícios distintos, onde os participantes deste mercado operam em um macroambiente mais forte, oferecendo oportunidades e impondo ameaças (KOTLER & KELLER, 2006, p.71).

Esse ambiente, composto pelos agentes econômicos (ofertantes e demandantes), não é estático. Pelo contrário. É dinâmico e encontra-se em constante mudança que pode ser caracterizada tanto como célere quanto lenta, profunda ou superficial, extensa ou restrita. Pode, também, conciliar em seu bojo diferentes dimensões em um mesmo movimento ou processo de mudança no qual o acesso ou privilégio à informação torna-se um recurso fundamental para o êxito das organizações.

Assim, entendemos mercado como sendo um espaço construído coletivamente e composto por diferentes dimensões: a social, a econômica, a política e a cultural. Em termos de funcionamento consideramos a existência de mercados de escopo local, regional, nacional e internacional no qual agentes econômicos atuam e procedem à troca de bens e serviços por unidade monetária ou outros bens.

Quanto ao processo de difusão espacial das festas do peão de boiadeiro tudo indica que esteja diretamente ligado à emergência e circulação de novos sujeitos sociais que, libertos do localismo, passam a operar mudanças no sentido, forma e função dessas competições. São sujeitos que passam a ter no rodeio não apenas um modo de vida ou um espaço dotado de valor de uso, mas, um território que gradativamente passa a incorporar o valor de troca.

Em outros termos, as relações sociais que caracterizavam o rodeio e a festa do peão no momento anterior serão alteradas, transformadas, orientadas gradualmente sob uma nova lógica: a racionalidade técnica, organizativa e econômica, impondo maior densidade ao território do rodeio. Nesse período formam-se definitivamente os sujeitos centrais do rodeio: os promotores de rodeios, proprietários de companhias de rodeio, tropeiros, peões, locutores, salva-vidas, separados segundo posições sociais e atribuições diferenciadas, dotados de objetivos e projetos também distintos[4].

Especificamente com relação ao surgimento e atuação das companhias de rodeio Pimentel (1997) esclarece que

> como os próprios circos de tourada que as precederam, essas empresas eram itinerantes. Cada uma cumpria um

[4] Não estamos com isso apontando para uma total objetividade da história. Pelo contrário. Sugerimos, conforme Dari (2008) e Thompson (1998, 1981) o “fazer-se” profissional de rodeio.

> determinado circuito, dependendo em cada caso do montante de capital investido e, portanto, da qualidade do espetáculo que conseguia ofertar (PIMENTEL, 1997, p.56).

Todavia, ao mencionar o surgimento e a atuação das companhias de rodeio como “empresas itinerantes” Pimentel (1997) não distingue as diferentes categorias de proprietários de animais que passam a operar no interior do território do rodeio nesse período. Com isso, nos leva a considerar a existência de certa homogeneidade entre os sujeitos proprietários de companhias de rodeio, fato que não se verifica ao aprofundarmos na origem dessas companhias. Assim, para melhor entendimento acerca das formas como essas se organizavam e operavam Sebastião Procópio esclarece que

> Tinha uma mistura e uma integração muito grande entre tropeiro, boiadeiro e companhia de rodeio. Pra quem não conhece, não está no mundo do rodeio é tudo igual. Mas não é. Dono de companhia de rodeio era proprietário de tropa ou boiada, na maioria das vezes tinha os dois: cavalo e touro pro rodeio. Tinha toda infraestrutura necessária pra fazer o rodeio como, arquibancadas, arena, bretes, palanque tudo pré-moldado pronto pra ser montado e fazer o rodeio. Tinha também o caminhão de som, o locutor, e na maioria das vezes trazia também o juiz. Na verdade o dono de uma companhia de rodeio era alguém de posse que podia investir nesse ramo e alguém que podia vender o rodeio todo desde a peonada, passando pelos animais até a iluminação. Mas, além dele tinha o tropeiro que era alguém sem muito recurso pra montar toda uma estrutura de companhia de rodeio, mas que tinha uns animais de montaria. Na maioria refugo de fazendas por serem redomão[5]. Aí o que acontecia: muitas vezes ele colocava os cavalos dele pra pulá com os do dono da companhia de rodeio que tinha sido contratada pra fazer o rodeio de uma cidade. Então era uma forma do tropeiro pequeno também alugar os animais. E tinha o boiadeiro que era alguém que tinha só touro de rodeio. Na verdade além desses três tinha outros que eram menores, mas que também tinham participação nos rodeios. Muitos peões começaram comprando um boi aqui, outro lá, colocando pra pulá num rodeio com a boiada do dono da companhia e acabava fazendo uma boiadinha. E isso acontece até hoje.

Dessa explicação podemos identificar uma série de elementos e sujeitos sociais novos na estruturação e funcionamento do rodeio que não existiam – ou se existiam eram insignificantes: i) a consolidação das companhias de rodeio como empresas que passaram a comercializar seus produtos; ii) a existência de uma rede de relações que unia pequenos e

[5] O entrevistado faz referência aos descartes de animais em razão de não terem sido plenamente domados ou não aceitarem a doma para a lida nas fazendas de pecuária.

grandes proprietários na realização do rodeio; e iii) a hegemonia do empresário da companhia no interior desse território, fato que nos permite inferir que, conforme explicita o mesmo colaborador: “tudo dependia do dono da companhia de rodeio, porque era ele ou seu promotor que comercializava o rodeio com as comissões. Porque era ele que tinha a infraestrutura”.

Ainda que a existência das primeiras companhias de rodeio possam ser localizadas na década de 1960, foi somente na seguinte que essa nova lógica organizacional tomou forma e incorporou definitivamente o rodeio. Esse movimento, segundo colaboradores[6], resultou do fato de que a festa do peão de boiadeiro mostrava-se como uma “novidade” para as pequenas e médias cidades tanto de São Paulo quanto de estados do BCP.

Desse feito, “fazer rodeio” tornava-se uma atividade econômica, muito distante daquela dimensão original[7]. A respeito desse novo sentido que o rodeio passava a incorporar o tropeiro, Jorge dos Santos[8] é ilustrativo ao mencionar que

> o primeiro rodeio eu fiz foi na fazenda que trabalhava, no município de Regente Feijó [SP], mais ou menos no final de [19]50. Foi por brincadeira mesmo com o pessoal da fazenda que eu trabalhava como domador e o pessoas das redondezas. Lá tinha colônias lavoristas bem grandes Fizemos num campo de futebol que tinha na fazenda. O pessoal dali gostou daquilo e eu também fui tomando gosto. Ai comecei a fazer uma festa aqui, outra ali, Barretos já era famosa, Então, em [19]60 foram os anos de aprendizado e das experiência, como posso dizer. Mas, quando chegou no final de [19]60 o rodeio foi crescendo e eu não dava mais conta de continuar trabalhando na fazenda. Era muita festa que a gente fazia a cada semana. Daí passei a mexer só com o rodeio. Minha vida passou a ser dedicada ao rodeio e comigo foi muita gente viver disso: peonada, juizada, sonoplasta, montadores de arena e arquibancada [...]. Na verdade a coisa foi se tornando profissionalizada pra todo mundo. O Zé do Prato, por exemplo, começou comigo na década de [19]70 e passamos toda a vida juntos até a morte dele em [19]92. A gente podia viver daquilo que a gente gostava. De cidade em cidade. E a coisa era fácil de acontecer. No começo a gente ia nas prefeituras oferendo o evento, mas, depois de [19]60 a gente já era convidado pelos prefeitos ou comissões organizadoras de festa do peão das cidades

[6] No caso apenas aqueles ligados diretamente ao rodeio (tropeiros, boiadeiros e proprietários de companhias de rodeio).

[7] A dimensão mercantil do rodeio, aqui denominada de negócio, será trabalhada adiante em momento próprio.

[8] Proprietário da companhia de rodeio Marca Estrela. Entrevista realizada em 23/04/2014 em Aparecida do Taboado/MS.

> vizinhas que a gente estava fazendo o rodeio. Na verdade a coisa foi ficando séria.

Em sua narrativa Jorge dos Santos sintetiza o processo que tentamos apreender. Ao fazer-se proprietário de uma companhia de rodeio sua história pessoal se confunde com a historicidade do território do rodeio. Tendo vivido mais de cinquenta anos trabalhando como tropeiro e proprietário de companhia de rodeio pode presenciar as mudanças ocorridas nesse território. Conforme destaca nosso colaborador, a articulação entre companhias de rodeio, seus promotores, e sujeitos locais foram fundamentais para o crescimento numérico desses eventos no estado de São Paulo.

Além disso, é tanto possível quanto necessário reconhecer a importância de Barretos para a difusão da festa do peão no BCP. Segundo Perinelli Neto (2002), Barretos consolida sua festa do peão no cenário nacional ainda na década de 1960. Conforme destaca o citado historiador

> dado o sucesso obtido, passou a superar as expectativas inicialmente geradas, vindo a se tornar, ainda no princípio da década de 60, uma atração capaz de mobilizar nos dias de sua realização, ampliados agora de 2 para 5 dias, milhares de turistas em 1964 (PERINELLI NETO, 2002, p. 187).

Ainda no mesmo ano o evento foi declarado de utilidade pública e oficializado por Lei Estadual. Na década seguinte a festa recebeu Garrastazu Médici (1973) além de contar com a Volkswagen (1973) como empresa patrocinadora oficial da festa do peão (PERINELLI NETO, 2002). Posição muito próxima à do citado historiador é adotada por Pimentel (1997) ao sugerir que os habitantes de Pirajuba/MG espelharam-se no exemplo de Barretos para organizarem sua “primeira festa do peão de boiadeiro em 1984”. Mesmo que discordemos da temporalidade utilizada para compreender a influência de Barretos quanto da escala geográfica mencionada a respeito da importância daquela festa, seu trabalho é significativo, pois, enfatiza que “em meados da década de 1980 a importância regional alcançada pela festa de Barretos começa a conquistar adeptos em outras cidades paulistas de maior ou menor porte” (PIMENTEL, 1997, p.52).

Semelhante às considerações anteriores Silva (2000) também enfatiza a importância e o papel da festa do peão de boiadeiro de Barretos para o conjunto de eventos que surgem no estado de São Paulo. Em seu

entendimento foi na década de 1960 que Barretos deixou de ser uma festa promovida por pessoas do lugar para pessoas do lugar para se tornar um evento festivo e de lazer para a região. Na década seguinte, continua Silva (2000), a lógica organizacional de Barretos passaria a influenciar sobremaneira as novas festas que iriam emergir passando a ocupar posição de "evento folclórico nacional".

Ainda que existam entendimentos distintos acerca da temporalidade da influência ou mesmo da escala de articulação da festa do peão de boiadeiro, podemos concordar com os citados pesquisadores sobre a importância daquela festa para a difusão do rodeio no estado de São Paulo. Em outros termos, a teoria confirma os dados da pesquisa de campo, pois, conforme explica Dacio Pucharelli[9]:

> A festa do peão de boiadeiro começou mesmo na região de Barretos. Querendo ou não foi lá que a coisa começou. No começo ninguém tinha uma ideia muito certa de que isso fosse pegar ou de onde isso ia dar. Tanto é que não tinha companhia de rodeio especializada como as que foram se formando lá em [19]60 mais ou menos. Mas depois das festa de Barretos, Paulo de Faria e outras cidades daquela região ali de Barretos e [São José do] Rio Preto as coisas foram mudando. Lá pelos idos de [19]70 a coisa começou a 'pegar fogo'. Além dessas festas que aconteciam naquela região as exposições agropecuárias começaram a se abrir pro rodeio e isso fez com que muitos prefeitos começassem a pensar em levar pras suas cidades uma coisa diferente que animava o povo. Aí muitas cidades começaram a fazer suas festas e o povo foi gostando da novidade.

Ao ser cotejado quanto ao modelo das festas de peão que começaram a surgir a partir de 1960 nosso colaborador é enfático e afirma que

> sem dúvida alguma que foi Barretos que inspirou tudo que tem de festa do peão. Não tem como dizer que Barretos não influenciou porque isso seria uma mentira. Nós, os tropeiros, os peões, e as festas de peão devemos tudo a Barretos porque deles que foi organizado o modelo que a gente passou a ter pra sair por aí fazendo festa.

Seja como for, importa reconhecer que foi a partir de Barretos e de seu modelo de organização de festa do peão de boiadeiro que as demais festas surgidas posteriormente adotarão. Em suma, a Festa do Peão de

---

[9] Proprietário da Companhia de Rodeio Marca Ferradura. Antes de ingressar no "mundo dos rodeios", o entrevistado atuava no ramo de estruturas metálicas para eventos. Entrevista realizada em 12/10/2013 em José Bonifácio/SP.

Boiadeiro de Barretos inaugura novas possibilidades para diferentes sujeitos sociais. Quanto ao processo de difusão o mesmo colaborador explica que

> Na década de 1970 era comum os tropeiros serem contratados pelas prefeituras ou os sindicatos rurais de pequenas cidades do interior paulista e até de outros estados. O contrato no começo, na maioria das vezes, era a portaria. Como toda cidade tinha campo de futebol ou um parque de exposição que facilitava a cobrança da entrada, era comum fazer o acerto do rodeio em troca da bilheteria. Mas isso foi no começo. Não dá pra dizer certinho quando isso mudou de verdade. Mas dá pra dizer que na década de [19]60 já tinha tropeiro e companhia de rodeio que fazia contrato e a portaria era da prefeitura ou daquelas pessoa que tinha organizado a festa. Só quando o rodeio cresceu mesmo e as festas começaram a contratar mais que uma tropa para o rodeio é que começaram os contratos por evento. E isso aí com certeza em [19]70 já era praxe. Então pra fazer a festa e cobrar bilheteria os campos ou estádios eram cercados com placas de madeira e a companhia de rodeio ficava com o dinheiro da entrada. Agora, a festa, era a prefeitura e a comissão de rodeio que fazia. Tinha sempre uma 'barraca da comissão' que era a maior e onde o pessoal que organizava a festa tirava o lucro para ação de caridade ou obra social. O restante do espaço era alugado pros ambulantes que costumavam andar junto com as companhias de rodeio. Já, a premiação de primeiro ao quinto lugar era oferecida pelas comissão que arrecadava no comércio local ou políticos da região os recursos da premiação (PUCHARELLI, 2013).

Depreende-se das argumentações de nosso colaborador a importância e a forma como os empresários atuavam na comercialização do evento. Tudo indica que o rodeio, diferentemente da festa, em seu processo histórico, engendrava novas e complexas formas de relações sociais fazendo com que uma forma histórica mais desenvolvida viria a converter o rodeio em trabalho e esporte.

Além de Jorge dos Santos e Dácio Pucharreli, o tropeiro Sílvio Meneguelo também considera que a atuação das companhias de rodeio foi essencial para a difusão da festa do peão. O caráter itinerante das companhias atrelado ao interesse de diferentes cidades em realizar um evento semelhante à Barretos teria contribuído significativamente para o fenômeno em questão, pois,

> Quando o rodeio começô ninguém sabia muito bem o que era aquilo. Muito menos fora de Barretos e das cidades ali vizinhas. Mas sabe como é peão... a notícia foi correndo e quem gostava daquilo [das montarias] foi vendo que era possível ganha a vida com aquilo. Então quem tinha um pouco de recurso foi

> montando sua companhia, comprando tudo que precisava pra fazer um rodeio. Então como eu já disse, foi no modelo dos circo-tourada que as companhias de rodeio começaram a rodar esse Brasil. Tem muita cidade que antes de ter feito a sua festa do peão oficial já tinha recebido o rodeio. O que eu quero dizê é que a festa do peão e o rodeio não acontecia obrigatoriamente junto. É claro que na maioria das cidade isso é verdade. Mas tem outras que a gente – eu digo a gente nós donos de companhia de rodeio – fazia o rodeio igual quando era o circo. Quando não tinha festa agendada pra gente fazê o rodeio a gente entrava em contato com os prefeito das cidade vizinha que a gente tava e pedia um terreno, um espaço que desse pra gente montá um rodeio. Era fácil. Os prefeito não negava. Até ajudava na maioria das vez. A gente tinha tudo, então só precisava de um lugar pra fazer o rodeio [risos]. E eu acredito que foi assim que o rodeio foi crescendo.

Conforme os depoimentos apresentados até esse momento podemos inferir que a expansão desses eventos no estado de São Paulo e demais regiões do BCP foi causa e consequência da emergência de uma economia de mercado (BRAUDEL, 1995). Tropeiros e boiadeiros que não dispunham inicialmente de recursos materiais para montar uma companhia de rodeio eram contratados por outros sujeitos sociais e agentes econômicos, no caso, os promotores de rodeio materializados na figura do proprietário de uma companhia de rodeio. Esse processo é melhor descrito por Sebastião Procópio ao rememorar que

> Sem dúvida sem as companhias o rodeio não teria crescido. Sem a infraestrutura não tinha como fazer um rodeio. Então é claro que desde esse começo aí foi entrando gente que não fazia rodeio. Não entendia muita coisa de rodeio. Mas tinha dinheiro e podia montar uma estrutura de rodeio e daí passava a vender o rodeio pras prefeituras e clubes de rodeio. Mas na maioria das vezes essas companhias eram formadas por pessoas que já atuava no segmento de evento tipo carnaval e outros eventos do tipo. Era um pessoal que já tinha arquibancada, caminhão de som e daí foi um pulo pra eles comprarem o restante do que precisava para virar uma companhia. Então tinha dono de companhia de rodeio (que não vou citar o nome) que dependia de tropa e de boiada de outras pessoas. Então era uma forma de subcontratação, entende? Esse pessoal ia na frente vendendo o rodeio e em seguida eles já amarravam o contrato com os tropeiros e boiadeiros que tinham só a tropa. Como peão era o que mais tinha, era comum a companhia já ter seus peões, juízes, locutores e tudo mais. Dificilmente um rodeio nessa época era de peão das cidades. Que nada, a companhia já viajava com tudo que precisava. Pra ter uma ideia, na década de 1980 eu tinha um caminhão boiadeiro véio e uma boiadinha de rodeio que era treinada só pra pular. A gente daqui de Paulo de Faria, eu,

> Esnar, Salustiano, Vilmar, e depois o João ‘Cachoeira” era quem treinava. Então como a gente tinha conhecimento e bom relacionamento com os proprietários de companhias de rodeio eles abria um espaço pra gente levar a boiada. No começo eu nem cobrava nada. Era pura demonstração e diversão mesmo. E também pra mostrar pro povo o que era o verdadeiro rodeio de touros no estilo americano. Então igual a mim tinha muita gente nesse meio. Aí era comum você ver assim nos cartazes das festa do peão: rodeio a cargo da Companhia de Rodeio ‘tal’ de ‘fulano de tal’. Tropas e boiadas de ‘sicrano’, ‘beltrano’, entende?

Evidente que podemos compreender a complexidade de relações que o rodeio foi adquirindo ao longo desse período. Acompanhando o processo de difusão novos sujeitos sociais, agentes econômicos, práticas e ações sociais foram desenvolvidas e concretizadas. No caso em tela, é possível reconhecer que dentre os diferentes sujeitos sociais que emergem com a difusão do rodeio no estado de São Paulo o principal agente difusor foi o promotor de rodeio.

Ao que parece foi por esse meio dessa ação: de cidade em cidade, comercializando o espetáculo que as companhias de rodeio puderam dimensionar sua escala de atuação ao mesmo tempo em que promoviam a difusão desse tipo de evento. Para melhor explicitar essa ação recorremos à colaboração de Carlos Garcia ao esclarecer que:

> Na década de [19]80 a festa do peão já tinha se tornado ‘febre’ e foi normal que toda cidade pretendesse ter um evento daquele. Mas para que isso acontecesse era preciso que a cidade contasse com pessoas que estivessem dispostas a organizar isso aí [festa do peão]. Em seguida precisava contratar uma companhia que pudesse fazer o rodeio do começo ao fim. Por fim, que na verdade é o começo de tudo, recursos financeiros para a realização da festa. Como naquele tempo já existiam muitas companhias de rodeio era comum as cidades oferecerem o campo de futebol ou uma área vazia próxima ou mesmo dentro da cidade para a companhia fazer o rodeio. Para quem organizava, as comissões, o trabalho era comercializar e cobrar os espaços dos ambulantes e a barraca da comissão. O resto era tudo feito pela companhia. Rodeio era uma coisa bem separada da festa do peão. Veja bem! O rodeio quem fazia era a companhia que trazia tudo que precisava, até os peões, e a festa do peão quem organizava era a comissão local, da cidade mesmo. Se não fossem os tropeiros não tinha como as cidades fazerem rodeio ou festa do peão. Então é por isso que eu acho que o crescimento da festa do peão aconteceu realmente pelas mãos desse pessoal [tropeiros e proprietários de companhias de rodeio]

Dessa maneira torna-se clara a atuação desses novos sujeitos sociais que se formam ao mesmo tempo em que engendram novas relações no território do rodeio: tropeiros, boiadeiros, e empresários de companhias de rodeios. Ao que parece, a comercialização do evento passa a ser a estratégia principal desses novos sujeitos sociais. Era por meio de contratos firmados entre proprietários de companhias de rodeio que os demais proprietários conseguiam operar nesse território.

Retomando análises anteriores, há indícios de que foi entre 1971 e 1990 que a lógica de mercado materializou-se no território do rodeio do BCP. Isso porque, ao mesmo tempo em que as diferentes cidades paulistas abriam-se para a realização de suas primeiras festas do peão de boiadeiro, promotores de rodeios e demais agentes econômicos passaram a atuar no sentido de comercializar seus produtos.

Ainda que não estivessem plenamente claras as dimensões mercantis é possível reconhecer que os rodeios puderam ser comercializados por diferentes proprietários de companhias de rodeio, seus agentes, ou tropeiros. Seja como for, o que importa é compreender que nesse período algumas companhias de rodeio já organizadas sob a lógica de estabelecimentos comerciais (BRAUDEL, 1995), passaram a circular pelo estado de São Paulo e demais estados do BCP oferecendo seu produto: competições de rodeio e toda infraestrutura necessária.

Se as narrativas permitem vislumbrar que o surgimento da figura do promotor de rodeios trazendo consigo novos objetivos a serem concretizados no território é que irá impor uma nova ordem e lógica ao território do rodeio. Sua análise crítica evidencia que ao tratarem o rodeio como uma atividade econômica os proprietários de companhia de rodeio nutrem o espaço geográfico de um sentido de mercado que tanto os rodeios quanto as festas do peão de boiadeiro irão assumir a partir de então.

Tomando essa inferência como verdadeira podemos sugerir, a partir de Braudel (1995) que em suas ações os promotores de rodeio objetivavam construir uma economia de mercado para esses eventos. Para tanto, necessária seria a existência, atuação e articulação de outros sujeitos

sociais nesse território, no caso peões de rodeio, tropeiros, boiadeiros, locutores, sonoplastas.

É a partir desse momento que os objetivos e as relações de poder que dão corpo e forma a esse território, conforme entende Raffestin, 1993, definitivamente delineiam-se por meio da concentração de recursos por parte dos promotores e de suas estratégias colocadas em ação. Embora assimétricas, são essas relações que se estabelecem durante essa fase. Relações sociais que deixam de ter a lógica do amadorismo e do valor de uso do rodeio para serem convertidas em relações de trabalho e valor de troca.

Seguindo a proposta analítica de Braudel (1995) quanto ao capitalismo e seus níveis é possível afirmar que para os promotores o território do rodeio seria por eles apropriado sob a lógica de mercado; para tropeiros e boiadeiros, a possibilidade de inserirem-se nessa economia distanciando-se da vida material; para os peões, ainda que fossem a peça-chave desses eventos, uma alternativa de sobrevivência; para os locutores, juízes e sonoplastas, uma alternativa profissional ou mesmo de diversificação de suas atividades laborais.

4.1.1. Prefeituras, Clubes de Rodeio e Sindicatos Rurais: a ordem local e sua contribuição para a difusão da festa do peão de boiadeiro.

Além da ação de tropeiros, boiadeiros e proprietários de companhias de rodeio, outros sujeitos sociais foram fundamentais para a difusão do rodeio no estado de São Paulo. Ainda que possuam objetivos distintos na organização e promoção desses eventos, prefeituras municipais, clubes de rodeio, e sindicatos rurais constituem o segundo conjunto de sujeitos responsáveis pela expansão do rodeio.

Ao que parece, as prefeituras municipais organizaram seus eventos anuais com o objetivo de “trazer à comunidade outra opção de lazer além das já existentes” ao mesmo tempo em que proporcionariam momentos especiais para campanhas e estratégias políticas. Para os clubes de rodeio a

organização de uma festa do peão envolveria, além da celebração da comunidade e opção de lazer para a mesma, a oportunidade de lucro, ou seja, a festa do peão de boiadeiro poderia ser um evento que geraria dividendos para seus organizadores. Já, para os sindicatos rurais, a festa do peão de boiadeiro serviria como instrumento e modo de ação social que reforçaria, por meio da reprodução do passado e da imagem do peão de boiadeiro a importância e o significado dos criadores e produtores rurais para a economia, a política e o lazer tanto da cidade quanto da região.

Não obstante, mesmo existindo distinções entre os projetos políticos de cada um desses sujeitos, isto é, "a política dos atores – ou o conjunto de suas intenções, suas finalidades" no dizer de Raffestin (1993, p.38) esclarecemos que seja possível identificar um ponto em comum quanto as estratégias e o sentido geral das ações desses sujeitos: a festa do peão deveria ser realizada na cidade pelo povo da cidade e para o povo da região de maneira que pudessem oferecer às populações locais, um novo tipo de entretenimento, lazer e diversão.

Esse é o argumento que comparece indistintamente nos depoimentos de diferentes colaboradores responsáveis pelas primeiras festas do peão de suas cidades.

Para Carlos Garcia

> Clementina contava apenas com o aniversário da cidade que é também a festa do padroeiro, o Ano novo, e o Dia do Trabalhador como eventos festivos. Então, fazer a festa do peão seria uma maneira de diversificar as opções de lazer da população daqui [Clementina/SP] e da região.

Com relação à importância política que esses eventos poderiam adquirir o ex-prefeito esclarece que

> No começo era mais fácil organizar e fazer uma festa do peão, pois, era mais fácil receber recursos, principalmente em ano eleitoral. Depois foi ficando mais difícil com a lei de responsabilidade fiscal e o controle maior que o Tribunal de Contas passou a exercer sobre os municípios. Quando comecei foi escolhido o mês de setembro para fazer a festa. Não só porque era depois da festa de Barretos, mas, principalmente porque poderia receber uma boa contribuição do Estado. Também não posso dizer que não era interessante fazer da festa do peão um momento para campanha eleitoral de deputados que enviavam recursos pra cidade. Mas quanto a política municipal não foi intenção trazer a festa para palanque eleitoral. Tanto é que Clementina só depois de muito tempo

> veio ter dois candidatos a prefeito. Até final de 1980 era candidato único.

Quanto à cidade de Bilac/SP a primeira festa do peão de boiadeiro não foi realizada pela ação do poder público municipal, mas, pela união de produtores rurais, comerciantes e profissionais liberais locais. Para isso, foi fundado em 1986 o Clube de Rodeio de Bilac. Kazuto Watanabe, sócio-fundador do mencionado clube esclarece que

> Tinha um grande problema na cidade para fazer a festa do peão. Bilac foi uma das últimas daqui da região a fazer sua primeira festa. Nem a prefeitura e nem a igreja tinha interesse em investir porque Bilac já tinha a principal quermesse da região. Mas numa cidade pequena de sete mil habitantes não te muita coisa pra fazer. Ou é a quermesse da cidade e a quermesse da padroeira ou é os bailes que hoje já acabaram na cidade. Então a gente se reuniu e formou o clube. O dinheiro necessário para os primeiros custos foi levantado igualmente do bolso de da cada um dos membros do clube. Foi uma aventura. A gente não sabia se teria retorno. Tinha muito gasto e conta pra ser paga depois da festa. Não podia dar prejuízo. Mas se já empatasse tava bom. Então a gente procurou a Companhia de Rodeio São Francisco de General Salgado [SP] que já fazia o contrato de 'pacote fechado', e aventuramos. Foi uma surpresa pra gente a repercussão e o público que deu naquele ano. Porque como a gente foi a última cidade da região a fazer rodeio e gente procurou fazer a melhor festa. E daí a coisa pegou e Bilac continuou crescendo e fazendo a cada ano um dos melhores rodeios da região. A renda era sempre mais do que o custo total. Então a gente pode capitalizar o clube e passamos a investir na sede. Compramos uma área onde hoje é o Clube de Rodeio. Adquirimos toda estrutura necessária para fazer um rodeio. Construímos um barracão central que é um dos maiores da região e muitas outras melhorias foram feitas de lá pra cá. Hoje o terreno do rodeio é arrendado para exposição, festas e shows.

Embora a atuação dos sindicatos rurais não seja a forma mais comum de organização e promoção das festas do peão de boiadeiro, sua presença nesse território não deve ser menosprezada. Mesmo porque, ainda que a presença dos sindicatos rurais seja menor se comparada às prefeituras municipais e associações ou clubes de rodeio no processo de expansão desses eventos no BCP, ainda é possível encontrar esse tipo de evento sendo

promovidos por essas entidades[10]. Para Sebastião Procópio a festa do peão de boiadeiro de Paulo de Faria

> Não tinha como não ser feita por outras pessoas que não aquelas do sindicato. Meu pai, meu tio, a família Ribeiro, e outros proprietários que tinham a vida ligada no campo acabou organizando a festa. O sindicato servia como uma entidade que respondia financeiramente por tudo aquilo. Não tinha como não ser. Não dava pra uma pessoa só encabeçar a organização de uma festa. Daí o sindicato rural ser a alternativa, porque quem fazia parte dele já tinha experiência nessa área. Já tinha participado da organização da festa de Barretos e tinha experiência e conhecimento de como as coisas deveriam ser feitas. Então era muito mais fácil pra quem já tinha contato com essas coisas fazer a festa.

Depreende-se das argumentações de nosso entrevistado que além da ação dos tropeiros e promotores de rodeio que passaram a "comercializar" os espetáculos, a atuação de prefeituras e clubes de rodeio foi fundamental para tal processo. Todavia, ao ser indagado a respeito de outros eventos que teriam sido organizados por sindicatos rurais o mencionado colaborador enfatiza que

> Não posso dizer daquilo que não sei. Mas acho que tem muito a ver com o que aconteceu aqui em Paulo de Faria. O rodeio começou a cair no gosto do povo, o povo começou a querer ter o seu rodeio, e pra ter o seu rodeio era necessário fazer a sua festa do peão. Daí uma coisa foi levando a outra e em cada cidade um grupo de pessoas acabou liderando isso e fazendo a festa. Por isso que tem lugar que foi a prefeitura. Tem outro que foi o sindicato rural e tem outras que foi os clubes de rodeio.

Examinando mais detalhadamente as narrativas de nossos entrevistados podemos considerar a existência de um conjunto significativo de elementos que, associados, proporcionam o esclarecimento do papel desses sujeitos sociais para a difusão do rodeio no estado de São Paulo. Na questão em tela, a primeira conclusão a ser evidenciada e, provavelmente, de caráter mais geral está no papel ativo do lugar[11]. Das formas organizativas e associativas que emergem para dar conta de concretizarem seus projetos.

---

[10] Exemplos de festas organizadas ou promovidas por esse tipo de entidade são os de Rio Verde (GO), Dourados (MS), e Paulo de Faria (SP).

[11] Não é de nosso interesse rever a longa trajetória do conceito de lugar no pensamento geográfico nem situar sua emergência recente. Mas, segundo Milton Santos, trata-se de um conceito de "uso elástico", demandando portanto apontamentos precisos quanto à sua

Para tanto, os diferentes sujeitos sociais e agentes econômicos elaboram suas estratégias segundo seus graus e nível de conhecimento e informações (RAFFESTIN, 1993). Com isso, ocupam posição proeminente senão hegemônica no território da festa do peão de boiadeiro em nível local. Quanto mais representativa no conjunto de festas do peão, maior a hegemonia do grupo social.

Não obstante, e reconhecendo a dificuldade operativa em responder satisfatoriamente a primeira questão limitamo-nos a sugerir que a partir do lugar seja possível reconhecer a existência de uma multilinearidade ou de vias para a difusão do rodeio e das festas do peão de boiadeiro. Sob essa argumentação estamos insinuando a possibilidade da existência de outros agentes na emergência das festas do peão de boiadeiro. Todavia, conforme parece explícito é possível reconhecer que a história dos lugares pode contribuir significativamente para a elucidação dessa questão[12].

A segunda conclusão e mais específica que podemos extrair dessas colaborações pode ser encontrada tanto na ação quanto na intenção dos agentes organizadores e promotores das festas do peão de boiadeiro. Conforme indicado anteriormente, às prefeituras municipais realizar a festa do peão de boiadeiro proporcionaria maior *quantum* de poder e representação junto à comunidade local ao mesmo tempo em que, ao funcionar como palanque eleitoral, proporcionaria à cidade maior acesso aos recursos financeiros provenientes de emendas parlamentares e destinações orçamentárias estaduais e federais.

---

aplicação. Logo, uma discussão acerca destas questões demandariam espaço e tempo, decerto tarefas maiores e mais urgentes, à espera de meticulosa reflexão. Portanto, embora conhecedores da amplitude e polissemia do termo neste trabalho, lugar será utilizado para fazer referência à cidade. Entendemos, pois, que a sociedade local somente se realiza, se objetiva, na concretude do lugar. Ela não existe independente da materialidade (existência corpórea) e da funcionalidade (existência relacional) do lugar. Quando falamos em papel ativo do lugar (seu "poder") não estamos nos referindo somente à base territorial, mas ao conjunto de atores que aciona (funcionaliza, transforma) o lugar (MASCARENHAS DE JESUS, 2001). O lugar agrega o passado materializado na paisagem, aos usos presentes, relacionados também aos significados que a sociedade atribui a cada elemento desta paisagem, portanto a materialidade não pode ser descartada, Segundo Harvey (1996, p. 16) "o lugar é um artefato material sob a ação contínua de intrincada rede de relações sociais que vão do econômico-político e sócio-institucional ao reino do imaginário [representações, senso de lugar, crenças, desejos]".

[12] Estamos, com isso, sugerindo a necessidade de outros trabalhos de pesquisa que tomem a questão do lugar como proposta para compreender a história da festa do peão de boiadeiro tanto no Estado de São Paulo quanto nos demais estados da Federação.

Por fim, um terceiro esclarecimento pode ser situado na distinção e diferencialidade de tempos e escalas geográficas entre festa do peão de boiadeiro e rodeio. A leitura mais atenta e crítica tanto dos dados anteriormente apresentados (introdução) quanto das informações oferecidas por nossos colaboradores nos permite sugerir que a festa do peão de boiadeiro continuou sendo um evento realizado por grupos locais enquanto o rodeio tendeu a se deslocar de cidade em cidade.

Dito de outra forma, embora a festa do peão de boiadeiro tenha incorporado o sentido de evento a ser comercializado sob a forma de eventos de massa, guardou em suas características suas dimensões local e lúdica. Desse feito, podemos aventar que a festa do peão guarda em si um tempo espacial, ligado estritamente às dimensões e características do lugar, no caso, das cidades que passaram a realiza-las.

Ao que parece, a receptividade desse tipo de evento por parte das populações das pequenas e médias cidades assentava-se na questão de que a mesma tratava-se uma "novidade". Não uma novidade estranha ao lugar. Mas, uma novidade que embora trouxesse em si largos traços rurais, dialogava com o processo de urbanização tanto crescente quanto significativamente recente[13], representado na tabela abaixo:.

Tabela 2 – População Urbana e Rural (%)

1970		1980		1991	
Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana
19,64	80,36	11,35	88,65	7,21	92,79

Fonte: IBGE – Censos Demográficos 1970, 1980, 1991.

Assim, no período em questão, pode-se reconhecer que foi por meio da ação de diferentes sujeitos e agentes econômicos que tanto a festa do peão quanto o rodeio foram difundidos pelo estado de São Paulo. De fato, a entrada de novos sujeitos sociais no território do rodeio implicou na constituição

[13] Esclarecemos que não é do escopo ou mesmo de interesse deste trabalho abordar ou discutir os processos de urbanização e modernização da agricultura brasileiras. Realizar tal empreitada demandaria não somente tempo como espaço, elementos dos quais infelizmente não dispomos. Todavia, esclarecemos que o entendimento e a relação existente entre esses processos comparecem diluídos ao longo desta tese.

de novas e diferentes formas de apropriação de uma atividade – o rodeio. Com isso, novas relações de poder foram engendradas no território.

Ao que tudo sugere as novas relações de poder ultrapassaram o nível de paridade dos sujeitos sociais do período anterior. Agora, são os promotores de rodeio e proprietários de companhias de rodeio que passam a exercer a hegemonia nesse território. Sob a forma assimétrica de poder tropeiros, boiadeiros, peões, locutores, e mais profissionais ligados diretamente ao rodeio circulam, operam, e fornecem as condições materiais e simbólicas para o pleno funcionamento e reprodução desse território.

Mas, conforme procuramos evidenciar, as estratégias e ações empreendidas tanto pelos sujeitos hegemônicos quanto pelos hegemonizados do território do rodeio não surtiriam efeito caso não contassem com as condições tanto materiais quanto imateriais para a concretização de seus objetivos. Logo, é nesse vazio que atuaram as prefeituras municipais, as diretorias de clubes de rodeio, e os sindicatos rurais na realização das primeiras festas do peão de boiadeiro de suas cidades. São essas ações de complementaridade e reciprocidade que consideramos fundamentais para o processo em análise. Embora distintos em seus objetivos, suas estratégias e ações, corresponderam plenamente às necessidades e objetivos dos diferentes sujeitos sociais que compunham o território do rodeio naquele período.

4.2. Das experiências ao sistema de regras e profissionalismo: do cutiano à montaria em touros

Considerada também como o período das “inovações” no rodeio, as décadas de 1970 e 1980 são marcadas por um novo tempo desse território. Um tempo que possibilitou tanto a difusão dessas competições e da festa do peão pelo estado de São Paulo quanto a formatação das modalidades. Com relação a essa fase Sebastião Procópio é enfático ao ponderar que a partir da década de 1970 o rodeio foi

> deixando de ser brincadeira de fazendeiros e peões de fazenda pra se tornar coisa séria. Um trabalho, uma profissão. Foram sendo formadas as companhias de rodeio com suas tropas,

> peões da companhia, e toda a infraestrutura necessária para fazer o rodeio. Na verdade ninguém sabia muito bem onde tudo aquilo ia parar, mas, a gente estava a fim de fazer as coisas acontecerem.

Suas palavras permitem-nos identificar e sugerir a existência de um novo tempo do território do rodeio no BCP. Gradativamente aquelas competições que haviam surgido como brincadeiras ou atividades lúdicas praticadas por peões de fazendas nas zonas rurais ou em pequenas cidades do interior paulista foram gradativamente convertidas em atividade laboral sob a lógica do capital.

Em razão do rodeio somente existir a partir de animais e peões, uma nova oportunidade econômica surgia tanto para proprietários de tropas quanto para proprietários rurais ligados à pecuária no estado de São Paulo. A respeito dessas transformações Jorge dos Santos esclarece que:

> Desde que as festas do peão começaram a crescer em São Paulo, o transporte de boiadas a pé substituído pelo caminhão e o trabalho nas fazendas foram diminuindo o rodeio foi se tornando um caminho pra quem tinha conhecimento e contato com esse meio. Naquele tempo a peonada era na maioria aqueles que domavam tropas para os fazendeiros. Então não tinham contrato fixo com o fazendeiro e nem tempo certo pra isso. Aí como começou a surgir as companhias de rodeio e elas precisavam de peonada e pessoal pra montar as estruturas foi um pulo pro rodeio se tonar atraente pra esse pessoal. Tanto é que nas regiões onde as companhias de rodeio e os tropeiros eram fortes as domas nas fazendas passou a acontecer no tempo das águas. Porque era um período que tinha pouca festa. Aí, sem rodeio a peonada voltava pras suas cidades e voltavam a fazer aquilo que eles sabiam que era domar tropa, fazer ‘traia’ de montaria e coisas assim.

Retomando a importância e o papel das companhias de rodeio tanto para o processo de difusão quanto para as transformações estruturais do rodeio, podemos reconhecer que foi a partir do desenvolvimento de lógica de mercado que o rodeio granjeou popularidade. Distanciando-se significativamente dos circos-touradas e rodeios mambembes da fase anterior, por meio de seus proprietários as companhias de rodeio passaram a atuar decisivamente no interior desse território.

Mesmo que essas primeiras “empresas” apresentassem gradativamente uma contabilidade superavitária em razão de uma maior

racionalidade operacional, sua organização e funcionamento não apresentavam aquilo que Max Weber (1992) denominou de “espírito do capitalismo moderno”. Diferentemente da fase seguinte (1991-2000) encontravam-se, por assim dizer, desprovidas da racionalidade prática e operativa do racionalismo econômico, pois, não haviam ainda incorporado o sentido empresarial do capitalismo.

Talvez pudessem ser consideradas, segundo a terminologia de Braudel (1995), como pequenos estabelecimentos comerciais inseridos numa economia de mercado. Não obstante, foram essas ações e práticas que proporcionaram a experiência e o conhecimento necessários para a formatação das competições bem como para a abertura do rodeio a uma nova fase.

A respeito dessas questões o tropeiro Alemão pondera que:

> No começo o rodeio era quase um passatempo pros tropeiro. Porque a maioria dos que montaram tropa e companhia de rodeio era proprietário rural. Tinha outra ocupação que não só fazer rodeio. Então a coisa não era muito bem organizada, pensada como é hoje não. Em setenta e pouco [década de 1970], já tinha companhia de rodeio sim. Mas a coisa foi realmente crescendo naquele tempo. Aí, logo no começo foi sendo formada as companhias, mas era tudo assim, como diz, meio largado. Não tinha essa visão de empresa como tem hoje não. É que o rodeio foi crescendo muito e dando recurso pra que os tropeiro pudesse investir e se organizar melhor. A gente não via o rodeio como um negócio que dava lucro não. Mas aconteceu de dar certo né?

A partir desse momento podemos inferir que se durante a primeira fase o território do rodeio teve como grandes marcas o tradicionalismo, a ludicidade e o amadorismo, a partir da década de uma nova lógica organizacional e operacional engendrará as relações sociais tanto do rodeio quanto da festa do peão de boiadeiro. Acreditamos que para isso acontecer, a atuação dos tropeiros e proprietários de companhias de rodeio foi fundamental, pois, foi a partir de suas ações que o rodeio começou a contar com novos sentidos em todas as dimensões que passaram a caracterizar o território do rodeio nesse período.

Para Biasi foi o sentido de atividade econômica que o rodeio incorporou nesse período que imprimiu ao rodeio as grandes e importantes transformações. Em seu entendimento, é a partir dos últimos anos de 1960, com a ação dos primeiros tropeiros que lentamente o rodeio foi tomando o

corpo e a forma que o consagrariam como um evento de massa na década de 1980. Em suas palavras

> Em 1967 eu e outros companheiros fizemos a festa do peão de Novo Horizonte. Naquele ano foi feito um rodeio em Presidente Prudente e eu tinha uns amigos por lá. Por influência deles começamos as coisas por aqui. Daqui nós levamos o rodeio para mais de 80 cidades. Fiz rodeio até no Acre. Em todos os lugares me chamavam e eu ia feito besta. Como aí eu comecei a tomar gosto pela coisa fui montando tropa, a curralama, e como a peonada da região e cidade começaram a gostar da aventura, passaram a viajar comigo para competir nos rodeios que eu era contratado.

Outro tropeiro que relembra esse período e o considera como um momento de experiências e crescimento é o sr. Ataliba de Negreiros[14]. Conforme expõe esse colaborador,

> Acho que a melhor fase do rodeio foi entre [19]70 e 19[90]. Foi um tempo que as coisas ainda não existiam como são hoje ou como ficaram depois de 2000. Tá certo que com a profissionalização [2001] o rodeio ficou mais limpo, melhor de regras e organização. Mas durante aquele tempo a gente estava descobrindo como fazer as coisas. A gente estava abrindo o estado de São Paulo e os estados vizinhos à festa e ao rodeio. Foi naquele tempo que a gente foi introduzindo e formando as regras do rodeio. E o povo ia gostando dessa coisa. Acho que foi porque o povo tava saindo do campo, indo pra cidade e ficava aquela saudade da vida da fazenda. Aí o rodeio entrava com tudo né?

Importante extrair da narrativa de Biasi a questão da experiência, embora o referido colaborador não utilize esse termo. Todavia, conforme enfatiza “a gente estava descobrindo como fazer as coisas”. Para nosso entendimento esse foi o principal meio pelo qual as regras e as modalidades de competições foram sistematizadas.

Com relação aos aspectos simbólicos que caracterizariam o rodeio na década de 1980 Zi Biasi aponta que

> Fui eu quem trouxe o Hino Nacional e a Queima de Fogos para o rodeio na década de 1970. Antes não tinha nada disso. Eu achei que como o futebol o rodeio também tinha que fazer menção ao Brasil. Também foi eu que levei a imagem de Nossa Senhora Aparecida pro rodeio. Como sou devoto da santa sempre achei que a proteção dela era necessária pra proteção dos peão e de todo mundo que passava a viver do rodeio.

[14] Entrevista realizada em 22/07/2010 em Avanhandava/SP.

Quanto às regras, ao que tudo indica, a televisão brasileira foi fundamental nesse período para a formatação de um estilo genuinamente brasileiro: o cutiano. Em 1973 a Rede Globo de Televisão passou a veicular o programa Esporte Espetacular[15]. Em seus primeiros anos de existência, dentre os diferentes esportes e competições apresentadas, foram transmitidas competições de rodeio estadunidenses, conforme relembra Esnar Ribeiro[16]:

> O Brasil não tinha o que mostrar. Tinha futebol e o que mais? Então tinha muito espaço na grade do programa. Pra preencher esse vazio foram colocados os 'enlatados' importados dos Estados Unidos e dentro desses vieram competições de rodeio de *Cheyenne*, do estado de *Wyoming*, um dos rodeios mais tradicionais dos Estados Unidos. Então o senhor Jorge dos Santos viu um desses enlatados e pensou em dar uma forma na montaria de cavalos no Brasil. Até porque era a única competição que existia no Brasil naquele período. Baseado no *bareback* e na *sela americana* ele criou o estilo texano de rodeio brasileiro: o cutiano.

A respeito dessa inovação Jorge dos Santos esclarece que além de servirem para formatar uma modalidade genuinamente brasileira, os "enlatados" serviram para trazer mais rigidez e profissionalismo às competições por meio de regras introduzidas lentamente no rodeio do BCP. Introduzidas por meio do contato entre promotores, tropeiros, boiadeiros, juízes e peões de rodeio que circulavam nesse território, as inovações que começavam a ser adotadas imprimiam novos sentidos ao território do rodeio.

Se em seu início a forma de montar assemelhava-se àquela praticada no Rio Grande do Sul e, em razão disso, o que importava era "parar" na montaria, lentamente essa prática foi sendo substituída. Esse processo, segundo Jorge dos Santos teve início ainda na década de 1960. Porém, em razão do localismo das festas do peão de boiadeiro bem como da diversidade de companhias de rodeio e tropeiros que surgiriam na década seguinte a adoção de uma regra geral somente foi possível na década de 1980, conforme explica suas palavras,

> o rodeio que tinha em Barretos era com arreio 'cabeçudo' e o povo montava segurando na frente e atrás com as duas mão.

---

[15] Esporte Espetacular é o nome de uma revista eletrônica semanal de esportes, exibida pela Rede Globo desde 8 de dezembro de 1973, sendo um dos mais antigos programas ainda em exibição da televisão brasileira.

[16] Entrevista realizada em 09/07/2011 em São José do Rio Preto/SP.

> Aí eu pensei: isso não tem estilo de gineteada nenhuma. Ainda mais pra mim que tinha crescido no Rio Grande [do Sul] e lá o rodeio crioulo já tava tudo certinho como ainda é hoje. Mas aqui não. Aqui era uma bagunça mesmo. Não tinha nem regras nem estilo de montaria. Quando eu levei pela primeira vez minha tropa em Barretos e vi os peão tudo montando daquele jeito, segurando na frente e trás, eu disse: “assim qualquer saqueiro monta’. Não tinha estilo mesmo.

A partir dessa experiência, uma das regras introduzidas foi a do peão não poder mais dispor das duas mãos para se segurar no animal durante a montaria, logo, deve ter uma nas rédeas e outra levantada para o alto, também foram introduzidas as regras de desclassificação do peão, como montar com a “espora travada no sovaco do animal”[17] e segurar no arreio durante a montaria. Essas inovações, segundo Jorge dos Santos foram

> Sendo adotadas devagar né? Porque não tinha essa coisa toda de internet, televisão, jornal. O rodeio brasileiro tava começando. A gente não tinha campeonato. Tinha só uma modalidade. E ainda era visto muito como festa do peão. Mas, os tropeiros sempre estavam em contato fosse durante uma festa., fosse por meio da peonada que montava com um e com outro, e as regras foram pegando. Na verdade o povo do rodeio foi conscientizando que era preciso uma coisa mais séria e regrada até pra dar mais emoção e tornar as competições mais difíceis. Agora, é certo que a gente copiou algumas coisas dos Estados Unidos. Afinal, eles tinham quase 100 anos de rodeio e a gente tava começando. Mas é certo também que o cutiano não é americano. Ele é brasileiro mesmo. A sela é brasileira. Os estrivos e o loro são brasileiros. A rédea e a peiteira são brasileiras.

Outra inovação introduzida por Jorge dos Santos foi a adoção do sorteio de animais entre os competidores. Com essa ação as competições incorporavam maior impessoalidade e distanciava-se do amadorismo e da ludicidade da fase anterior. Conforme expõe Jorge dos Santos

> naquela época [década de 1960] não havia sorteio. O animal era dado ao peão. Eles [tropeiros] diziam que não sabia qual era o ginete bom, que conseguiria parar, mas eu sabia e é claro que todo tropeiro conhecia seus peão e seus cavalo. Então eu achei isso errado e disse que a coisa tinha que ser pela sorte, pelo sorteio. Eu falava que com o sorteio não ia haver ‘veiacada’ [trapaça]. O rodeio tinha que ter sorteio, fazer

[17] A partir do *marck out* , momento em que o animal sai do brete para a arena, na sela americana o competidor esporeia o animal na barriga, direcionando a espora da dianteira para a traseira sucessivas vezes. No *bareback* o competidor esporeia o animal entre a nuca e o pescoço da montaria. No cutiano o competidor deve esporear a paleta do animal direcionando suas esporas para a crina do equino.

> os bilhetinhos com os nomes dos animais, colocar num chapéu e cada ginete tirar o seu animal. Mas mesmo assim continuou havendo maracutaia entre os peão preferido da cada tropeiro. Isso sem falar nos julgamento das montaria.

Dentro desse período também foi formada, em 1980, a Associação Brasileira de Rodeio (ABR). Presidida por Zi Biasi a entidade contava com uma diretoria composta por representes das diretorias das principais festas do peão, principais tropeiros e promotores de rodeio. Ao final da década de 1980 a ABR congregava mais de 120 diretorias de clubes de rodeio[18].

Embora desprovida do caráter empresarial de suas congêneres estadunidenses, a ABR Inspirava-se no modelo organizacional das associações de rodeio dos EUA. Na questão em tela, além de ter sido a primeira associação do gênero no Brasil, seu papel foi proporcionar maior racionalidade técnica, organizacional e operacional ao rodeio. Considerando que as festas do peão continuariam organizadas e promovidas pelas diretorias de clubes de rodeio o objetivo da ABR seria atuar junto àquelas como o intuito de padronizar tanto as regras quanto indicar o conjunto de profissionais que as diretorias de rodeio deveriam contratar.

Diante a tendência de crescimento desses eventos no estado de São Paulo bem como nos demais estados do BCP o desafio da associação seria elaborar um calendário regular de festas de peão que permitisse aos profissionais competirem ou serem contratados ao longo do ano por diferentes diretorias de rodeio. Em larga medida, a constituição dessa entidade pode ser interpretada segundo a perspectiva relacional do território propugnada por Raffestin (1993, p.39) quando afirma que “as organizações canalizam, bloqueiam, controlam, ou seja, domesticam as forças sociais”.

De maneira mais precisa, as organizações possuem o poder de direcionar as ações que se encontram dispersas no espaço para uma determinada linha de ação para que um dado projeto seja concretizado. Atuam

---

[18] A ABR e a Associação Paulista de Rodeio em Touros (ABRT) organizaram em 1988 o 1º Campeonato Nacional de Rodeio. A final foi realizada nas dependências do Parque do Ibirapuera, São Paulo/SP, entre os dias 04 e 06 de novembro de 1988. O campeão de modalidade em touros, Vitor de Souza, de Araçatuba/SP, recebeu além da premiação o direito à participar de eventos dessa modalidade nos EUA.

incisivamente na dissolução de tensões ou disjunções internas e externas que impedem a concretização de uma meta. E controlam sob a vigilância hierárquica os comportamentos e ações incompatíveis com o objetivo a ser atingido (FOUCAULT, 1979, 1998; RAFFESTIN, 1993).

> Foi uma coisa que a gente já vinha pensando há um bom tempo. Primero que o rodeio daqui não tinha uma regra muito clara de montaria e nem de pontuação como o dos gaúchos e da vaquejada. Cada companhia tinha lá sua manera de julgar e da sua peonada montar. Então era tudo muito complicado. Principalmente porque tinha muita festa acontecendo durante o ano e as premiação começaram a ser cada vez maior e mais interessante. Daí que pra peonada que começou a viajar de rodeio em rodeio em busca dos melhores prêmios tava ficando difícil. Porque veja bem: quando um rodeio era feito só por uma companhia de rodeio era tranquilo. Ela colocava as regras de pontuação e eliminação e pronto e acabou. Se o peão queria disputar, disputava, se não queria, podia ir embora porque peão pra dá com pau procurando rodeio. Mas quando juntava num mesmo rodeio uma companhia de rodeio e outros tropeiros e boiadeiros a coisa ficava muito difícil porque cada um tinha seu grupo de peão e defendia eles de qualquer maneira. Então olha só: quando o juiz da competição era de uma companhia, já era certo que o campeão ia sair daquela companhia. Aí tinha muita injustiça e muitas vez as coisa não acabava bem.

Ao que parece essas ações além de trazerem maior racionalidade técnica e organizacional ao rodeio também serviram para criar certa identidade aos sujeitos que circulavam e operavam nesse território. Ao elaborar um conjunto de normas que deveriam ser adotadas e seguidas por todas as diretorias de festas, tropeiros, boiadeiros, e companhias de rodeio a ABR reelaborava os sentidos simbólicos que caracterizaram o território do rodeio na fase anterior. Além disso, por meio dessa ação construiria e projetaria uma nova identidade no território.

Ora, se concordamos com a posição de Souza (2009, p.111) de que “os processos normativos estão expressos nas ações concretas dos homens e mulheres na produção do espaço” e que esses mesmos processos normativos assumem a “forma típica de oposição binária informando o que é ou não o seu território”, é porque nossa reflexão nos leva a entender que no caso dessa fase do território do rodeio velhas práticas seriam superadas mediante o engendramento.

Logo, ao passo que um novo conjunto normativo era forjado e pactuado entre os diferentes sujeitos sociais desse território, novos símbolos, representações, e identidades eram também agregados àqueles. Com isso um novo território de ruralidades pecuárias se constituía e se projetava quanto a certo regionalismo e diferencialidade àqueles característicos do Rio Grande do Sul e Nordeste brasileiro. No caso, o rodeio crioulo e o gaúcho, a vaquejada e o vaqueiro, em contraposição ao rodeio cutiano e o peão de boiadeiro.

Isso porque, conforme demonstram estudos acerca da vaquejada e do rodeio crioulo (BARBOSA, 2006; GOLIN, 1984, 2003) naquelas regiões as competições já estavam formatadas e vinculadas ao regionalismo. Restava, portanto, criar a partir de São Paulo uma marca identitária para o mundo rural que tendia a se transformar com a modernização da agricultura, o êxodo rural e a urbanização brasileiras.

Nesse caso, a cultura material e simbólica incorporada ao rodeio do BCP funcionaria como elemento distintivo em relação àquela de outras regiões. Ainda que de forma inconsciente, tropeiros e peões passariam a concretizar os pilares sobre os quais o território do rodeio do BCP se estruturaria naquele momento. A partir dessas inovações seriam forjadas novas relações de poder, novos símbolos socialmente partilhados, novas normas, e a projeção de uma identidade subjetiva distinguiria, naquele período, o rodeio do BCP em relação a seus homólogos de outras regiões.

Para tanto todo um conjunto de elementos materiais e simbólicos novos foi sendo adotado, seja em combinação com os anteriores, seja excluindo-os. Novos sujeitos passaram a operar em seu interior deslocando suas ações para outras escalas, ou seja, tropeiros e peões ultrapassariam o local para projetarem suas ações em níveis regional e nacional.

Retomando as palavras de Jorge dos Santos, a “década de 1970 foi de aprendizado e experiências”. Período de concretização de uma nova fase do território do rodeio que abriria, na década seguinte, novas práticas, símbolos, relações de poder e identidades a partir da “americanização” de suas modalidades com a introdução da montaria em touros.

4.2.1. Na década de 1980 a “turma do boi” foi chegando devagar e foi mudando o rodeio.

O termo “turma do boi” surgiu logo nos primeiros anos da década de 1980 e fazia referência aos novos peões que adentravam-se no território do rodeio naquele momento: os peões de touro. Criado pelos peões de cutiano o termo possuía não apenas sentido pejorativo como, também, demonstrava o início e o crescimento de novas tensões no interior do território do rodeio colocando peões de touros e cutiano em constantes disputas pela hegemonia de uma modalidade no interior daquele território.

Enquanto o cutiano foi formatado para servir como modelo genuinamente regional de rodeio do BCP e, para tanto, buscou inspiração nas regras e padrões estadunidenses para sistematizar a modalidade, o rodeio em touros adentrou o Brasil plenamente estandartizado. Em outros termos, enquanto o cutiano incorporou elementos de certas modalidades de rodeio estadunidenes sem abandonar as características regionais, a montaria em touros adentra-se ao rodeio já plenamente formatada.

Trazida e difundida no estado de São Paulo, na década de 1980, por Sebastião Procópio e outros peões de Paulo de Faria/SP a modalidade em touros chega no Brasil pronta para ser internacionalizada. Isso porque, diferentemente do cutiano que buscou construir-se e profissionalizar-se mediante as ações de diferentes sujeitos sociais como, tropeiros, promotores e diretores de rodeio, e a ABR, esta trás consigo não somente um conjunto de regras, objetos e práticas existentes nos EUA desde as primeiras décadas do século XX, mas, principalmente a experiência organizacional de praticamente um século naquele país.

Ademais, ao contrário dos peões que competiam na outra modalidade, a “turma do boi” era composta por um grupo de jovens filhos de produtores rurais da cidade e região imediata de Paulo de Faria/SP. Esse fato, embora não seja destacado nas diferentes pesquisas sobre o rodeio brasileiro, deve ser evidenciado. Mesmo porque, ao que parece, o nível de conhecimento bem como a capacidade de circulação e deslocamento desses sujeitos foi de

fundamental importância para o desenvolvimento do profissionalismo no rodeio do BCP.

Conforme relembra Esnar Ribeiro

> No começo a gente era hostilizado pelos peões de cavalo. Eles não viam a gente como um grupo de pessoas que estava querendo fazer o bem para o rodeio. A gente era visto como alguém que estava tomando o lugar deles no rodeio. E não era pra menos. Antes da montaria em touros ganhar a importância que ganhou e isso foi só em uma década. Em 1990 a montaria em touros já ocupava maior espaço e importância que o cutiano. Mas, como estava falando, no começo era comum a gente ser tratado como *playboy*, pó-de-arroz ou coisa do tipo. Mas isso era porque a gente se vestia e se comportava diferente deles. Como o Tião tinha ido pros Estados Unidos fazer curso de montaria ele pode trazer algumas fitas VHS, corda americana, calça de couro, chapéu, fivela, e muitas outras coisas que aqui não tinha. E a gente era novo, rapazote na flor da idade a gente queria estar na moda. Em sintonia com aquilo que estava acontecendo fora do Brasil, nos Estados Unidos. Então aí foi surgindo uma marca nossa. Pra aprender a montar a gente costumava ir na casa do Tião e lá ficava assistindo aquelas fitas que ele tinha trazido. Depois a gente ia pra fazenda e treinava nos bois aquilo que a gente tinha visto nas fitas. Além disso, como o Tião tinha um pouco mais de recurso ele começou a ir de rodeio em rodeio levando a boiadinha dele pra pulá e a gente ia com ele. Então não foi difícil a montaria em touro crescer no Brasil. Foi até fácil. Difícil foi o caminho que a gente teve que fazer tendo que brigar, discutir com os peões de cutiano quando ficava todo mundo nos alojamentos.

As palavras de Esnar Ribeiro esclarecem que algumas questões que para esse momento são fundamentais. A primeira expõe que por ter sido importada integralmente dos EUA essa modalidade carregava consigo todo um conjunto de elementos materiais e simbólicos capazes de proporcionar melhores condições organizacionais para a mesma. Outra questão interessante é a marca da modernidade e do padrão estadunidense que ganha receptividade principalmente nas áreas criatórias do BCP, principalmente no interior paulista. Um terceiro esclarecimento demonstra que a origem social desses sujeitos era distinta dos demais peões de rodeio da época, fato que possibilitaria à modalidade em touros maiores recursos materiais e simbólicos para sua consolidação, fortalecimento e difusão.

Por fim, evidente a forma como o colaborador identifica a questão das tensões no território entre os “de dentro” e os “de fora”. Embora

dividissem a mesma posição e papel social durante as competições, fora da arena peões de touros e cavalos demarcariam suas origens sociais mediante estilos de vida e gostos de classe (BOURDIEU, 1994). Mesmo porque, conforme esclarece Boltanski (2004, p.157)

> as regras que determinam os comportamentos físicos dos agentes sociais e cujo sistema constitui sua 'cultura somática', são produto das condições objetivas que elas traduzem na ordem cultural, ou seja, conforme o modo de dever-ser; são função, precisamente, do grau em que os indivíduos tiram seus meios materiais de existência de sua atividade física, da venda de mercadorias que são o produto dessa atividade, ou do emprego de sua força física e de sua venda no mercado de trabalho.

Sob o entendimento da relação entre corpo e classe social propomos compreender que diferentemente dos sujeitos sociais já existentes e atuantes no território do rodeio até a década de 1980, a "turma do boi" imprimirá mudanças significativas tanto na lógica organizacional quanto nas dimensões que caracterizavam o território do rodeio até a década de 1980.

Sistematizada e formatada entre as décadas de 1960 e 1970 a montaria em cavalos estilo cutiano marcou o rodeio do BCP. Em razão disso, a década de 1980 é considerada por tropeiros e peões ligados a essa modalidade como a fase em que o rodeio cutiano atingiu seu auge. Conforme aponta Sebastião Procópio:

> na final de Barretos de 1980 eu ganhei primeiro em touro e meu prêmio foi uma televisão 14 polegadas enquanto o primeiro de cavalo ganhou um automóvel zero quilômetro. O rodeio em cavalo era a modalidade que existia no rodeio brasileiro. A montaria em touros foi sendo introduzida aos poucos e ganhando adeptos até virar o que é hoje: a principal modalidade do rodeio.

Difundido pelo estado de São Paulo nesse período o rodeio em cavalos tornava-se síntese do rodeio do BCP. Jorge dos Santos complementa o entendimento de Procópio ao afirmar que

> Sem dúvida nenhuma que entre 1980 até finalzinho de 1990 foi a 'época de ouro' do rodeio em cavalos. A peonada era boa, as tropas eram boas e a gente estava acostumado a esse tipo de modalidade. Tudo que a gente tinha experimentado, tentado, antes agora tava tudo certinho. Não tinha muita coisa mais pra mexer. Claro que a peonada ainda era vinda das fazendas, da zona rural, não era gente da cidade como agora não. Era gente

> que sabia como domar um cavalo, arrear um animal. Era gente que lidava com isso diariamente. Tanto é que no tempo das águas [novembro a fevereiro] quando as festas reduziam a peonada voltava pras fazendas domar as tropas. Mas com certeza foi um dos tempos mais brilhantes do rodeio em cavalos.

Enquanto isso, nos EUA o rodeio sofria certa retração, conforme expõe Esnar Ribeiro:

> O rodeio na década de 1970 nos Estados Unidos estava acabando porque não tinha interesse, não tinha ídolo, não tinha nada. Até que apareceu um cara chamado Larry Mahan, que foi apelidado de 'Rei dos Cowboys'. Ele fazia todas as modalidades: montava *bareback*, sela americana e touro e ganhou tudo o que podia, como eles falam nos Estados Unidos, *all-around*. Esse cara foi parar no cinema e foi aí que *cowboy* começou a ser moda de novo. Porque os americanos tinham três heróis no auge do rodeio: o Capitão América, o Super Homem e o *cowboy* de rodeio. Essa volta da moda de rodeio veio para o Brasil, aqui chegavam os ecos desse Rei dos Cowboys.

Todavia, é também a década de grandes transformações econômicas e culturais tanto no Brasil quanto em nível global. Conforme demonstram, dentre outros, Alem (1996) e Silva (2003), a década de 1980 trouxe tanto a vitória do modelo estadunidense de produção quanto o de cultura. O *country*, conforme expôs De Paula (1999) e Nepomuceno (1999) adentrava espaços mais porosos à influência estrangeira. Dessa sorte, São Paulo foi o estado que recebeu com maior impacto a "americanização" em seu rodeio.

Esse impacto é descrito por Sebastião Procópio da seguinte maneira:

> Eu, o Esnar, o Salustiano e outros rapazes daqui de Paulo de Faria tínhamos uma certa origem social. Nossas condições econômicas eram seguramente boas, pois, éramos filhos de fazendeiros. Com isso a gente podia ter acesso às novidades que começavam a chegar no Brasil. Uma das novidades foi o filme que a turma assistiu em 1978: "Oito segundos de perigo" com Steve McQueem. Assistimos umas cem vezes aquele filme. Aquilo serviu pra gente começar a nossa aventura de montar em touros. Tanto que foi em Paulo de Faria que foi feita a primeira montaria oficial em touros durante uma festa do peão. Paulo de Faria então é considerada a 'cidade pioneira' ou o 'berço do rodeio em touros' por isso.

João Monteiro, o “Cachoeira” relembra a importância da informação e do conhecimento trazidos por Procópio ao Brasil da seguinte maneira:

> O rodeio de toro começô memo lá pros ano de oitenta [1980], oitenta e poco. Na verdade não tinha peão só de toro o de cavalo. Quando a muntaria de toro começô todo mundo muntava em tudo. Mais divagar isso foi mudano. Os peão foro si profissionalizano, especializano i o rodeio de toro foi aperfeiçoano. Mais é certo qui diferente da muntaria di cavalo a di toro já tinha tudo certim. Regra e tudo mais. O Tião brigava muito pras regra du rodeio sê seguida certim. Tanto é que muitas veiz ele dexava de muntá prá julgá as muntaria.

Analisando um pouco melhor as narrativas de nossos colaboradores podemos reforçar as ideias inicialmente colocadas a respeito desse grupo: a de que a montaria em touros ao adentrar o território do rodeio do BCP plenamente estruturada e formatada, possibilita a seus sujeitos sociais maior domínio e circulação sobre uma base já constituída. O que estamos propondo é que, embora tenha sido introduzida no território do rodeio muito tardiamente se comparada às montarias em cavalos, a montaria em touros pode aproveitar-se de uma base material e imaterial já existente. Base essa composta tanto por uma rede de diferentes festas do peão de boiadeiro quanto por estruturas materiais proporcionadas pelas companhias de rodeio que circulavam pelo BCP.

Podemos reiterar por meio da retomada de certas conclusões apresentadas anteriormente as mudanças pelas quais o território do rodeio passou na transição da primeira para a segunda fase. Mudanças essas que derivam tanto da entrada de novos sujeitos sociais quanto de novas formas de apropriação e uso do território. Usos esses que se baseiam em novos projetos políticos elaborados estrategicamente e colocados em prática por diferentes agentes econômicos e sujeitos sociais.

Consideramos de igual envergadura o entendimento de que embora continue sendo a razão bem como o centro de existência e realização do território do rodeio e da festa do peão, o peão de rodeio foi convertido em trabalhador do rodeio. Utilizado e explorado por diferentes promotores de rodeio e tropeiros. Submetido à reduzida probabilidade de vencer um rodeio e ter acesso à premiações maiores. Logo, proletarizado mediante o pagamento

de prêmios de “consolação”[19] por dias de exibição ou premiação pelas conquistas nas arenas.

Além disso, retomamos também a questão da origem social do peão de rodeio. Embora o Brasil passasse por intenso e amplo processo de modernização do campo, industrialização e urbanização no período em questão, ainda era da zona rural que os peões provinham. Poucos eram os casos de peões provenientes da zona urbana. Quando tal fato ocorria, o peão de rodeio ou era fruto do êxodo rural ocorrido nesse tempo ou havia mantido alguma relação de trabalho vendendo sua força de trabalho aos proprietários rurais, fosse na agricultura, fosse na pecuária[20].

Por fim, resta esclarecer que essa fase, na perspectiva tomada para esta tese, se encerra em 1990. Conforme procuraremos demonstrar no capítulo seguinte, a partir de 1991 novos agentes e sujeitos econômicos estranhos tanto ao rodeio quanto à festa do peão apropriar-se-ão desse território segundo objetivos, ações e estratégias muito distintas das duas fases anteriores. O resultado, conforme tentaremos evidenciar é a abertura do rodeio a uma nova fase que trará consigo como uma de suas marcas a mercadorização do rodeio e da festa.

---

[19] O prêmio de consolação era um valor pago em dinheiro diariamente aos competidores que se exibiam durante as noites de rodeio. Não ultrapassavam 1/8 do salário mínimo e tinham por finalidade custear as despesas de deslocamento e estadia dos peões. Ao que parece a prática desse pagamento permaneceu sendo realizada por algumas diretorias de clubes e associações de rodeio até o final da década de 1990. Na década seguinte esse pagamento praticamente deixou de existir colocando o peão de rodeio como único responsável por seu deslocamento, estadia, e sua sobrevivência material. Há indícios de que a aprovação da lei 10.220/2001 que equiparou o peão de rodeio a atleta profissional foi a responsável pelo desaparecimento da prática da “consolação” ou do “consola”. Todavia, por ser um assunto amplo sugerimos que outros estudos que tomem o rodeio ou o peão de rodeio como assuntos de pesquisa venham a abordar a questão levantada. Em outros termos, seria pertinente a realização de pesquisa que pudesse relacionar a extinção da “consolação” ao processo de profissionalização e esportivização do peão de rodeios.

[20] Embora não citemos nominalmente as fontes das quais extraímos essas conclusões, esclarecemos que são originárias do conjunto de narrativas fornecidas por nossos colaboradores. Ao serem questionados a respeito da origem social dos peões de rodeio, por unanimidade nossos colaboradores enfatizaram que o peão de rodeio desse período ou era um indivíduo que ainda mantinha ou havia mantido alguma relações de trabalho no campo. Segundo nossos colaboradores, em sua larga maioria eram indivíduos com experiências de doma ou lida diária na pecuária.

CAPÍTULO V

EXPANSÃO, PROFISSIONALISMO E EMPRESA: A TERCEIRA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (1991-2000)

Em 1991 tanto as Organizações Globo quanto o Grupo Bloch direcionaram suas ações para atuar no território do rodeio. Por meio de uma série de estratégias de ação e da articulação e cooperação com os principais promotores e diretorias de clubes do rodeio do BCP organizaram, respectivamente o Campeonato Espora de Ouro e o Fivela de Ouro. Em nosso entendimento a entrada desses conglomerados empresariais adotando novas formas de apropriação e uso do território do rodeio para fortalecer e vender seus produtos demarca o início da terceira fase do rodeio do BCP.

Ao que parece, a entrada das Organizações Globo e do Grupo Bloch nesse território contribuiria decisivamente para que diferentes empresas e produtos que compunham essas corporações fossem favorecidos em sua mercantilização. Estamos nos referindo basicamente às telenovelas e à indústria fonográfica. Conforme demonstram Alem (1999), Alonso (2015), Nepomuceno (1999), e Ribeiro (2006) a década de 1990 foi fértil ao crescimento e afirmação da música sertaneja no mercado musical. Também foi a década em que telenovelas como, “Pantanal”, “Ana Raio e Zé Trovão” e “Rei do Gado” foram produzidas e veiculadas pelas redes Globo e Manchete de Televisão.

Assim, procuramos demonstrar neste capítulo que, tal como na fase anterior, a entrada de novos sujeitos dotados de poder, estratégias de ação, informação, conhecimentos, e interesses distintos daqueles da fase anterior do território imprimirá consequências significativas. Utilizando-se de uma sólida estratégia de *marcketing* esses conglomerados imprimirão uma nova lógica de organização e funcionamento do território. Atuando como agentes de coordenação do território tanto a Globo quanto a Manchete aprofundarão o processo já em curso de distanciamento do rodeio em relação à festa.

Além disso, ao que parece, em razão de possuírem a lógica empresarial em sua organização e utilizarem de uma sólida campanha publicitária na comercialização de seus produtos, contribuíram decisivamente para a nova configuração do território entre 1991 e 2000.

Mesmo porque, conforme ensina Antongiovanni (2001, p.403) “as agências de publicidade são um elo fundamental na relação entre anunciantes, agências, consumidor e mídias”. Colocada a situação de outra maneira, podemos sugerir que ambos conglomerados trouxeram a disputa pela hegemonia no território para outra esfera: a das imagens. Embora atuando em um mesmo território – o do rodeio – a competição que se estabelece pela construção de imagens entre Globo e Manchete pode ser interpretada como um dos elementos da concorrência entre empresas, fato que já foi localizado por Harvey (1992) com o seguinte entendimento:

> A competição no mercado da construção de imagens passa a ser um aspecto vital da concorrência entre as empresas. O sucesso é tão claramente lucrativo que o investimento na construção da imagem (patrocínio de artes, exposições, produções televisivas, bem como marcketing direto) se torna tão importante quanto o investimento em novas fábricas e maquinário. A imagem serve para estabelecer uma identidade no mercado, o que se aplica também nos mercados de trabalho (HARVEY, 1992, p.260)..

Podemos assim inferir que a razão essencial para a presença dessas corporações no território do rodeio passa, necessariamente, no objetivo de produzir necessidades no público que consome tais imagens. Mesmo porque, segundo Antongiovanni (2001) a publicidade tornou, desde as últimas décadas do século XX a grande ativadora do mercado, da sociedade do consumo, sendo um dos vetores da vertiginosa aceleração contemporânea, onde um dos elementos centrais é o império das imagens.

Sob esses novos auspícios, também os promotores de rodeio bem como as diretorias dos principais clubes de rodeio, passarão por uma profunda reestruturação em suas práticas, estratégias e ações. Influenciados e tendo se apropriado plenamente de práticas e usos adotados pelos grandes conglomerados econômicos a lógica empresarial se realizará em seus projetos políticos. Para melhor compreender a nova lógica que se delineava naquele momento consideramos fundamental esclarecer o significado e o papel que os agentes econômicos constituintes do mercado exercem no território.

Além dos consumidores, o mercado é composto por empresas ofertantes ou não. No quadro em tela a empresa ofertante é aquela que coloca no mercado seus produtos para serem consumidos pelos compradores. No caso do território do rodeio as principais empresas ofertantes seriam as companhias de rodeio. Em seguida os tropeiros, boiadeiros, e demais profissionais contratados

pelas diretorias de festas do peão segundo seu *quantum* de poder nesse território. Por sua vez, são suas ações em termos de escala, magnitude e estratégias que dão forma, sentido, conteúdo e significado aos territórios nos quais estão inseridos. Assim, para melhor definir empresa buscamos em Rio (2000, p.104) o entendimento de que:

> as empresas [são] organizações portadoras de uma racionalidade que se manifesta como lógica organizacional, compreendendo, ao mesmo tempo, inovação técnico-produtiva, administrativa e financeira que, em se cristalizando como tal, tende a prevalecer como eixo estruturante sobre as demais lógicas, num tempo e espaço determinados. A lógica organizacional significa, portanto, um princípio estruturador com base no qual se constrói a racionalidade da organização

Ao utilizarmos os conceitos de mercado e empresas advindos da Economia Industrial ou de Empresa, reconhecemos a necessidade de buscar outro para compor a base de nossa análise neste caso, a competitividade. Mesmo porque, segundo os estudiosos de Economia da Empresa e Economia Industrial a competitividade é, senão a determinante, a principal dimensão e elemento de sucesso das empresas em seus respectivos mercados. Sendo assim, e reconhecendo a existência de amplo debate acerca deste conceito, buscamos em Coutinho & Ferraz (1993, p.4) o entendimento de que a

> competitividade deve ser entendida como a capacidade da empresa de formular e implementar estratégias concorrenciais, que lhe permitam conservar, de forma duradoura, uma posição sustentável no mercado. [...] O sucesso competitivo passa, assim, a depender da criação e renovação das vantagens competitivas por parte das empresas, em um processo onde cada produtor se esforça por obter peculiaridades que o distingam favoravelmente dos demais [...] não apenas por adotar estratégias competitivas adequadas, mas, impor correções de rumo quando necessárias.

Desse feito, acreditamos que seja possível comparar e distinguir as lógicas e as dimensões das diferentes fases do território do rodeio até o presente momento. Diferentemente das anteriores a lógica organizacional pautada em uma perspectiva de mercado, de concorrência, e de competitividade engendrará novas relações sociais. E porque não dizer, novas relações de poder?

Além disso, ao que parece, os conglomerados econômicos não se adentram no território para exercerem o monopólio ou hegemonia. Pelo contrário. O território é o meio, o caminho pelo qual as indústrias fonográfica, televisiva, e de revistas serão fortalecidas. Em larga medida, para esses novos agentes econômicos

o fundamental seria coordenar, ou melhor, exercer a coordenação do território. Para isso elaboraram os respectivos campeonatos e os entregaram àqueles que já circulavam e operavam plenamente no território do rodeio: diretorias e proprietários de companhia de rodeio que ocupavam posição hegemônica no território.

No caso do Circuito Espora de Ouro sua organização e coordenação esteve a cargo do *Escriptorio Central*, empresa que compunha as Organizações Globo. Seu papel era o de sistematizar o campeonato, promove-lo e buscar, por meio de patrocinadores, os recursos financeiros para a realização do mesmo. A realização ficaria sob a responsabilidade da Companhia de Rodeio Paulo Emílio, a diretoria de Os Independentes de Barretos, de Jaguariúna, Presidente Prudente, e Americana.

Dessa maneira, tomando Santos (1999) como suporte de análise, torna-se evidente a complexidade relacional e de objetivos bem como a racionalidade técnica, operacional e organizacional que o território do rodeio passaria a incorporar. Em outros termos, gradativamente uma maior densidade era imposta ao território do rodeio do BCP.

Além desses aspectos a entrada desses novos agentes econômicos também promoverá um redimensionamento tanto na escala geográfica do rodeio quanto em seus elementos constitutivos. No caso da escala geográfica adiantamos que por meio das redes de televisão e imprensa escrita o rodeio acionava outra escala e ultrapassava os limites das anteriores. Por meio dessas novas técnicas e tecnologias de informação e comunicação, seus agentes e sujeitos sociais hegemônicos passariam a circular e a atuar não apenas no local e regional, mas, articulariam o local ao nacional.

Quanto às características dos elementos constitutivos do território nessa fase podemos reconhecer que a dimensão lúdica das competições foi definitivamente suprimida pela profissional. Que o valor de uso que ainda sobrevivia em algumas festas de peão foram superados pelo valor de troca conduzindo esses eventos gradativamente a serem convertidos sob o signo da mercadoria. Também é possível reconhecer nessas mudanças que os processos normativos gradualmente pactuados na fase anterior tornam-se rígidos e similares às regras dos demais esportes massivos.

Consequentemente, tanto os símbolos quanto as representações e as identidades partilhadas também sofreram alterações. Conforme procuramos

demonstrar em momento anterior, nesta fase os elementos simbólicos pautam-se na especialização dos papeis, na delimitação e americanização das modalidades. O reflexo desse processo torna-se visível na identidade que os diferentes sujeitos passam a partilhar. Nesse caso, o peão de tropas, boiadas, ou fazendas é definitivamente superado. Abandonado pelo rodeio para que a festa do peão possa dele nutrir-se sob a forma de memória. Em seu lugar é reforçado, difundido e reificado o estereótipo do *cowboy* profissional de rodeio estadunidense.

Além desses aspectos que implicam na configuração de uma nova fase do território do rodeio, outro também marcou esse período. Estamos nos referindo ao embate e à luta dos profissionais do rodeio em torno da regulamentação dessa atividade. Para tanto, o peão de rodeio foi alçado à condição de trabalhador e atleta. Todavia, conforme tentaremos demonstrar, o real objetivo desse movimento em torno do peão de rodeio seria superar certas restrições ou limitações à plena expansão do rodeio em escala nacional.

Portanto, este capítulo, diferentemente dos anteriores, não abordará somente as dimensões definidoras de cada fase. Além desse exercício também nos ocupamos em analisar de que maneira a experiência proporcionada pela entrada dos conglomerados econômicos contribuiu para que algumas principais diretorias de clubes e companhias de rodeio viessem a exercer a hegemonia nesse território.

Dessa maneira, nosso primeiro exercício se baseia na compreensão dos processos de expansão desses eventos sob uma nova lógica: a empresarial. Com isso, esperamos elucidar, ao menos que minimamente, os desdobramentos desse movimento para a reconfiguração do território do rodeio do BCP.

5.1. As redes de TV e a indústria fonográfica descobrem o rodeio

Conforme informações coletadas junto às prefeituras municipais, clubes de rodeio, e sindicatos rurais do estado de São Paulo, em quatro décadas (1950 a 1990) já haviam surgido 185 novas festas do peão de boiadeiro. Considerando que desde a década de 1970 outros estados do BCP também já contavam com seus eventos, é possível reconhecer que o rodeio já havia alcançado a escala regional e a festa do peão de boiadeiro tornava-se uma celebração que

poderia atender diferentes objetivos segundo a historicidade de cada lugar que a realizava.

Não obstante, ainda que o número de festas do peão anuais no estado de São Paulo seja significativo, mais relevante é o número de novas festas do peão surgidas entre os anos 1991 e 2000. Somente nesse período, foram 185. Ao que parece, São Paulo havia se tornado o estado mais *country* do Brasil. Mas, como explicar tamanha força de expansão que a festa do peão havia incorporado e que foi capaz de especializar-se por boa parte do interior do estado de São Paulo.

A resposta para essa questão pode ser encontrada em diferentes elementos que, articulados, constituem a base que favoreceu a expansão desses eventos. Em primeiro lugar, as festas do peão que surgem nesse período não deixam de ser organizadas e promovidas pelos mesmos sujeitos e agentes econômicos da fase anterior. Todavia, novos agentes bem como interesses e objetivos são elaborados no território.

Conforme havíamos mencionado anteriormente, a década de 1990 é marcada pelo crescimento e fortalecimento da música sertaneja no mercado musical. Não apenas a sertaneja como, também, o *country* que, impulsionado pela abertura econômica adotada pelos governos pós-Sarney, adentram o mercado fonográfico brasileiro (NEPOMUCENO, 1999). Ora, considerando que desde a década de 1980 tanto a festa do peão de boiadeiro quanto o rodeio mostravam-se como eventos de público massivo e em crescente expansão, utilizar-se de seu tempo/espaço para a veiculação de imagens, sons, estilos de vida e padrões de consumo seria uma excelente estratégia de comercialização para diferentes produtos.

Embora muitos desses produtos fossem materiais, carregavam consigo o universo simbólico da ruralidade reelaborado segundo princípios de um rural modernizado (ALEM, 1996). Para tanto, a publicidade foi fundamental, pois, tanto TV quanto revistas passaram a veicular a “nova imagem do sertão”: um sertão que distanciava-se consideravelmente daquele marcado pelo atraso e que tinha no Jeca Tatu seu estereótipo (ALEM, 1996, SILVA, 2003).

O caipira reelaborado, conforme sugere Nepomuceno (1999) viaja de avião, possui terras nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Além disso, está em sintonia com as novas tecnologias de informação e comunicação. Toma uísque importado e quando toma cachaça, é de grife. Seus

animais de raça indefinida foram substituídos por bovinos e equinos de raças nobres e valorizados no mercado de feiras e exposições agropecuárias (ALEM, 1996).

Portanto, para esse novo rural reelaborado, ressignificado, a música caipira também deveria expressá-lo. É desse hiato entre as transformações materiais e imateriais que a música sertaneja será nutrida. A respeito desse processo Nepomuceno (1999, p.198) nos ensina que

> Em 1982 [Chitãozinho e Xororó] tinham provocado um terremoto com 'Fio de Cabelo', a guarânia [...] do disco 'Somos Apaixonados', que inaugurou a marca de um milhão e meio de cópias vendidas, As baladas e rancheiras com roupagem 'pop' criariam um abismo intransponível entre os dois mundos – o da música tradicional e o da sertaneja moderna.

Para aquilatar um pouco mais o papel da indústria fonográfica para a expansão desses eventos durante essa fase do rodeio do BCP, a mesma autora enfatiza que essa dupla foi a responsável pela rápida e profunda transformação de toda a infraestrutura dos palcos destinados aos artistas sertanejos. Em 1987, Chitãozinho e Xororó

> Já viajavam com um 'staff' de 28 pessoas, pelo menos 15 músicos no palco, 300 refletores, quatro canhões de luz, dois caminhões para transportar cenário e iluminação. Os cachês subiram e quem os queria nos seus clubes, rodeios e praças, teve que melhorar as condições técnicas e abrir o cofre. O retorno era garantido. Plateias do interior e das capitais enchiam os espaços de shows dessa dupla (NEPOMUCENO, 199, p.200).

Posição semelhante com relação ao papel dessa dupla na reelaboração da música sertaneja é adotada por Alonso (2014). Tal como Nepomuceno (1999) enfatiza que a década de 1980 foi o período de experiências para a moderna música sertaneja. Experiências essas que renderiam significativos frutos nas décadas seguintes.

No caminho aberto por Chitãozinho e Xororó vieram outras duplas. João Paulo e Daniel, Leandro e Leonardo, Chrystian e Ralf, Gilberto e Gilmar, Roberta Miranda, Milionário e José Rico, João Mineiro e Marciano. Todavia, a década de 1990 marcou definitivamente a entrada e a consagração da música sertaneja como expressão das áreas rurais modernizadas do BCP. Em 1991 Zezé di Camargo e Luciano surgem nesse cenário com a música "É o Amor".

Além da indústria fonográfica mister também enfocar, neste momento, o interesse das redes de televisão na organização de circuitos de rodeio. Conforme já mencionado, o fato de coordenar um campeonato proporcionaria

condições para que seus produtos pudessem circular, sob a forma de imagens, para um público específico e em volume crescente. Podemos afirmar, sem receio de incorrer em erro, que foi a importância econômica, o número de eventos já existentes e surgidos anualmente, combinados com o volume de público das grandes festas do peão os fatores que atraíram esses grupos econômicos para a coordenação do rodeio entre 1991 e 1994.

Também é possível sugerir, ainda que careça de maior volume de dados que um dos objetivos desses agentes foi introduzir conhecimento, informação, no território. Com isso, poderiam transferir o conhecimento gerencial e organizacional de uma empresa aos sujeitos e agentes hegemônicos do território possibilitando sua retirada, sua desvinculação, logo em seguida a essa pedagogia organizacional. Esse processo de ensino-aprendizagem passaria, não só pela transferência de conhecimento, mas, também, pelo estabelecimento de uma sólida rede de cooperação entre diretorias de festas, patrocinadores, promotores de rodeio, e demais profissionais.

Embora careça de maiores dados acerca dessas sugestões, não receamos em cair no erro. Isso porque, conforme indica Ginzburg (1989), o historiador deve ler os indícios da história. Nesse caso, os indícios demonstram que embora os circuitos de rodeio tenham sido encerrados em 1994 com a saída daquelas organizações, eles não deixaram de existir. Pelo contrário. Continuaram sendo organizados e realizados nos mesmos moldes dos anteriores. Todavia, sem a presença das redes de TV e empresas associadas na coordenação desses circuitos.

Em seus lugares a FNR adentrou em 1995. Em 1996 foi transformada em FNRC e passou a exercer a hegemonia nesse território. Por suas ações foram organizados o Campeonato Nacional de Rodeio (1995) e os Campeonatos Nacionais do Rodeio Completo (1996-2000).

Ao que tudo indica, no período em questão, o crescimento numérico desse tipo de evento no BCP mantêm íntimas, senão reciprocas relações tanto com a indústria da música quanto com a indústria de revistas especializadas no segmento rural, no caso as Revistas Globo Rural e a Manchete Rural (NEPOMUCENO, 1999). Sem receio de incorrer em erro, ousamos afirmar que a expansão das festas do peão de boiadeiro entre 1991 e 2000 esteve alicerçada na atuação de novos sujeitos sociais que adentram e passam a operar no território do rodeio.

Estamos sugerindo que a festa do peão, ainda que tenha permanecido sendo organizada e promovida pelas comunidades nas quais se realizam, daí ter guardado seu caráter local, não deixou de ser, uma vez mais, apropriada por novos agentes econômicos e sujeitos sociais. Para empresários de duplas sertanejas, proprietários de *grifes* countrys, e demais objetos materiais e simbólicos dessa nova ruralidade, a festa do peão serviria plenamente à concretização de seus objetivos, no caso, a mercadorização da musica sertaneja.

Portanto, a festa do peão que ainda guardava algum sentido de ludicidade na qual o homem poderia realizar-se pela dimensão do lazer, será convertida em espaço-mercadoria (MADEIRA FILHO, 2011). Assim, é possível diferenciar o processo de difusão espacial da festa do peão de boiadeiro desta fase em relação à anterior.

Tomando necessariamente os sentidos de valor adquiridos pelo território da festa é factível e plenamente seguro afirmar que o valos de uso que havia se enfraquecido desde a segunda fase, é totalmente substituído pelo valor de troca com tendência crescente à mercadorização do território da festa. Além disso, é possível reconhecer, com base nos dados fornecidos pelos questionários ao público frequentador ou não das festas do peão de boiadeiro que a partir desta década não serão mais as competições o grande motivo que atrai o público, mas, os *shows*.

Em larga medida tal situação impõe limites às pequenas cidades paulistas para a realização de sua festa do peão anual. Conforme apontado por diretores e membros de pequenos clubes de rodeio, o valor exorbitante cobrado tanto pelas principais duplas sertanejas quanto pelas principais companhias de rodeio inviabilizam que tais diretorias possam promover um grande evento.

Conforme expresso em boa parte das argumentações desses diretores “somente as grandes festas tem condição de continuarem sendo grandes. Para os pequenos não há outra alternativa a não ser continuar sendo pequenos. Sem recurso financeiro, não é possível melhorar o nível do evento a cada ano”. Dessa maneira, podemos reconhecer que a proposta de interpretação da história do capitalismo feita por Braudel (1995) pode ser aplicada ao entendimento dessa realidade.

Na base, na parte mais pesada, mais opaca, marcada pelas práticas cotidianas, distantes da esfera do capitalismo, denominada vida material, encontram-se os chamados “centros de treinamento” localizados nas áreas rurais ou

periferias das pequenas e médias cidades. Nesse conjunto de práticas também podem ser encontradas as montarias e disputas entre peões de fazenda ou não, em currais das diferentes propriedades rurais.

Acima desse nível de relações encontra-se aquilo que o citado historiador denomina economia de mercado. Nessa esfera podem ser encontrados os diferentes estabelecimentos comerciais ou mercantis. O papel desses estabelecimentos é estabelecer as trocas materiais com o nível inferior. Nesse caso podem ser elencadas as pequenas e médias festas do peão de boiadeiro. Seu papel é relacionar-se tanto com a comunidade local quanto a população da região imediata. Também serve como conjunto de eventos nos quais os peões de rodeio podem adquiria experiência e os recursos mínimos à sua reprodução material.

Por fim, no último nível, denominado por Braudel (1995) de capitalismo, podem ser enquadradas tanto as grandes festas do peão quanto os principais peões de rodeio, tropeiros, boiadeiros, e promotores de rodeio. São esses sujeitos sociais e agentes econômicos que impõem e formalizam o conjunto de normas que darão corpo, sentido, e função ao território do rodeio.

Posto de outra maneira, consideramos que são os sujeitos sociais hegemônicos que detêm aquilo que Bourdieu (1998) denomina de poder simbólico. Mais precisamente, o poder simbólico é uma força que domina sem que os dominados reconheçam sua condição de subordinação e submissão aos desejos de quem concentra o maior quantum de capitais.

Isso porque, em seu entendimento, o poder simbólico em razão de ser produzido por um conjunto de indivíduos que, no interior de um campo de poder, se encontram em posição de hegemonia em relação aos demais, é imposto de forma transformada, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder.

Nesse caso, o grupo hegemônico passa a deter as condições necessárias para institucionalizar, sem conflitos, sua autoridade e exercer seu poder de modo invisível e perverso, pois, os sistemas simbólicos operam sistemática e consistentemente para beneficiar esse grupo à custa de outros. O poder assim constituído como um meio generalizado de mobilizar comprometimentos ou obrigações para a ação coletiva efetiva conduz os indivíduos dominados a agirem e pensarem – e a deixarem de agir e de pensar – de acordo com os interesses dos

dominantes, sem perceber que aquiescem a isso contrariando – ou ignorando – os seus próprios interesses.

5.2. Profissionalismo e empresa: tensões e conflitos pela hegemonia no território do rodeio

Conforme mencionado, a presença das Organizações Globo e Grupo Bloch proporcionaram uma sólida experiência de organização, coordenação e gerenciamento dos rodeios. Embora as primeiras iniciativas nesse sentido possam ser encontradas na década de 1980 com a formação da ABR e da APRT, foi somente a partir dos primeiros anos da década de 1990 que uma nova lógica organizacional e de coordenação adentrou ao território do rodeio.

Trazida por agentes exteriores ao rodeio serviu como aprendizado para que as novas associações que surgiriam a partir de 1995 pudessem emancipar-se da tutela de agentes estranhos ao rodeio e viessem a se auto organizar. O que estamos propondo é entender que o rodeio, enquanto território, continuará sendo organizado reproduzido por meio das ações e objetivos de seus sujeitos hegemônicos.

Portanto, não estamos afirmando a existência da saída de um ou mais sujeitos sociais desse campo de poder. Pelo contrário. Reiteramos que as mudanças pelas quais o território do rodeio passará liga-se diretamente com uma maior complexidade de relações estabelecidas, do incremento da técnica e da tecnologia em seu funcionamento e reprodução, e de novos objetivos colocados em prática pelos sujeitos hegemônicos desse território.

Nesse diapasão a contribuição de Flavio Junqueira é fundamental para abrir nossas reflexões. Para o diretor de PBR Brasil

> Até a criação dos primeiros circuitos o rodeio no Brasil era uma verdadeira bagunça. Tivemos umas experiências anteriores com o campeonato brasileiro organizado pela ABR e depois o que foi feito pela APRT. Mas, as coisas não funcionavam. Tinha muita intriga e rixas entre diretorias de festas do peão, tropeiros, donos de companhias de rodeio, locutores, juízes, e peões. Cada um queria puxar a 'sardinha' pro seu lado. E como a diretoria era formada por membros das principais comissões de festas, as outras se achavam preteridas. Então era tiro pra tudo que era lado. O sistema de ponto era uma vergonha. Tinha rodeio que a pontuação era de zero a cinco. Outro de zero a dez. Outro de zero a cinquenta. Outro de zero

> a 100. Para uns o tempo limite tinha que ser dez segundos de parada em cima do animal. Para outros, tinha que ser oito. Para alguns se o peão caísse antes do tempo a montaria era considerada 'sem aproveitamento'[1] nenhum. Para outros, mesmo caindo antes do tempo o peão era avaliado e entrava na contagem da pontuação da noite. Para alguns rodeios o sistema de pontos era corrido e zerado só na final. Para outros era zerado a cada noite. Então pra se ter uma ideia, somente com relação a essas regras básicas, não havia unidade nem formato algum. Mas, entre o cutiano e a montaria em touros é inegável que o mais difícil era organizar a competição do cutiano.

Outro colaborador que esclarece pormenorizadamente esse momento é Mauro Monteiro.

> Eu e o João, meu irmão, começamo a muntá quase junto. E o que eu posso dizê é que realmente não existia regra nem profissionalismo não. O rodeio era trabalho sim. Mais a pionada não levava essa atividade como si fosse uma profissão não. Muntá era prá nóis uma manera divertida de ganha um dinheiro. Se não fosse nas premiação, pelo menos no 'consola' dava pra vive. Intão essa coisa de profissionalismo, profissionalismo mesmo eu acho que é bem recente. Como eu tava dizendo, comecei a muntá no final de [19]70 e até quando eu fui bicampeão de Barretos montano em toro era muito mais diversão. O quie a gente mais gostava era de diverti nas cidade que a gente tava. Pião de rodeio era novidade. Intão a gente ficava disfilando de cima pra baixo nas rua, ficava nos bar, e quando dava hora de ir pro rodeio aí nóis ia.

Para aquilatar um pouco mais essa questão Sebastião Procópio afirma que:

> As tentativas de trazer mais profissionalismo pro rodeio foi feita pelo Zi Biasi quando ele fundou a ABR. Mas não deu certo. Tanto que não deu que nós, peões de touros, acabamos fundando em 1988 a APRT. A gente começou com a filiação de duas boiadas. Uma era a minha e a outra a do Paulo Emílio. E uns quinhentos peões de touro associados. O modelo a gente buscou na PRCA e foi a melhor das experiências já feitas até os circuitos da Globo. Mas deu certo porque o pessoal associado respeitava quem estava na diretoria. A diretoria era a gente mesmo, nós que tínhamos trazido e levado a montaria pelo Brasil. Então era uma associação que visava claramente o bem do peão. Uma melhor qualidade de vida e trabalho. E pra que isso acontecesse era necessário um peão mais profissional. Além disso, desde 1988 a gente estava sendo atacado pelas organizações protetoras dos animais. Então como você poderia dizer que o esporte deveria ser visto como uma profissão, um esporte, se o principal responsável pelo rodeio não era profissional? Não é só o problemas das regras que eram muito desiguais. Era a questão de como o peão de rodeio era visto e tratado não só pelo público, mas, por ele mesmo. Muitos peões só queriam diversão, mulherada, alojamento

[1] O termo "sem aproveitamento" faz referência à montaria que não foi avaliada pelo juiz de provas em razão do cometimento de alguma falta por parte do competidor durante a montaria.

> de graça, cachaçada, e “consolação”. Poucos viam o rodeio como profissão mesmo.

Podemos depreender destas argumentações que o sentido de trabalho iria gradativamente ser superado pelo de profissão. Essa transição implica, necessariamente, na especialização de papeis, demarcação de lugares, ocupações, e posição social que deveria ser ocupada por cada um dos diferentes sujeitos sociais que operavam no interior do território do rodeio.

Para tanto, a lógica do profissionalismo deveria ser trabalhada e incorporada tanto pelos peões quanto os demais profissionais do rodeio. No caso dos proprietários, fosse de tropas, boiadas, ou companhias de rodeio o fundamental era tratar sua atividade econômica como uma empresa. É essa lógica que consideramos a marca do rodeio moderno. Momento no qual os corpos dos profissionais do rodeio devem tornar-se produtivos (FOUCAULT, 1995; 1998) ao mesmo tempo em que os estabelecimentos comerciais devem ser convertidos em empresas capitalistas (BRAUDEL, 1985) .

Esse processo, de transição do rodeio tradicional para o moderno implicou profundas mudanças tanto no processo normativo quanto nos demais elementos constitutivos do território. Considerando que as relações de poder, as formas organizativas, espaços de sociabilidade, são a primeira forma de darmos sentido ao território (RAFFESTIN, 1993; SOUZA, 2009) torna-se coerente considerar que a necessidade de uma nova imagem para o peão de rodeio desembocou no controle do seu corpo. As técnicas, conforme sugere Foucault (1995; 1998), de adestramento e controle investiram sob o corpo do peão esvaziando-o de seu conteúdo negativo e fortalecendo sua imagem como um profissional dedicado a uma dada atividade econômica: as competições de rodeio.

Além disso, os símbolos também foram alterados. As representações que doravante irão evocar dirá respeito ao *cowboy* de rodeio com influência estadunidense. As regras, conforme já mencionado serão reformuladas, reelaboras e repensadas no bojo das transformações materiais e imateriais pelas quais o rodeio tendia a passar. Por fim, a identidade sugerida é atada ao rodeio e aos sujeitos sociais ligados ao rodeio estadunidense.

Mas, explicitando melhor essa questão do controle dos corpos, Paulinho Pena Branca enfatiza que

> Antes dos circuitos a peonada não tinha respeito nem por juiz de rodeio nem por coisa alguma. As brigas e discussões eram comuns nos alojamentos, nos bares, nos bailes. E isso fazia do peão um sujeito mal-visto nos lugares que ele chegava. Só quem tinha livre trânsito no meio social das cidades que estavam fazendo o rodeio eram os proprietários de companhias de rodeio, os locutores, um juiz ou outro. Até porque esses nem dormiam nos alojamentos de peões. Tinham um outro estilo de vida muito distante do peão do trecho. Mas se fosse pra briga, eles também não fugiam não. Daí que com os circuitos por eles terem sido organizados por um pessoal de fora, de rede de televisão, a peonoda foi percebendo que o rodeio estava se tornando uma coisa boa. Mas pra ser melhor era necessário melhorar também o peão. E acredito que tenha sido dessa maneira que as coisas aconteceram. A década de 1990 foi a fase de sistematização e profissionalização mesmo do rodeio.

Quanto ao sentido empresarial que as companhias começaram adotar Neto Oger esclarece que:

> Ou a gente se enquadrava nas regras ou ficava fora dos contratos. Como a proteção aos animais estava pegando firme na proibição dos rodeios, foi necessário a gente se organizar. E adotar um padrão mais adequado à problemática dos maus-tratos. Para isso os circuitos foram fundamentais porque eles trouxeram um tipo de conhecimento que a gente do rodeio não tinha. A gente teve curso, teve seminário, teve orientação jurídica e veterinária. Consultoria financeira e muitas outras coisas que se os tropeiros acatasse tudo que foi indicado o rodeio hoje seria o que é hoje muito antes. Então o que eu posso dizer é que é isso. Que até os circuitos de rodeio ninguém tinha muita noção de como se organizar, de como fazer um campeonato. Tinha muita vaidade e os circuitos ensinaram que não adiantaria pro rodeio uma companhia ou um clube de rodeio querer ser melhor que outra na marra, no peito. Isso só atrapalhava o rodeio. O pessoal da Globo ensinou a gente a se organizar e depois que os circuitos acabaram, a gente já tinha aprendido muita coisa. Aí foi só colocar em prática.

As narrativas apresentadas até o presente momento nos permitem reconhecer a dinâmica e as relações de poder que se estabelecem no interior do território do rodeio a partir de 1990. Embora seja um período curto se comparado aos anteriores, é um dos mais densos e intrincados em termos de dinâmica e transformações.

Conforme podemos perceber, é possível delimitar essa fase em dois momentos: o primeiro com a entrada e a saída das grandes corporações de comunicação (1991-94); e a segunda, a partir da formação da FNR e sua extinção sob o formato da FNRC(1995-2000). No primeiro momento a grande marca é a presença de novos agentes econômicos que, ao contrário dos anteriores, não se apropriará plenamente do território. Suas ações fundamentam-se no uso desse

território sob a lógica da racionalidade organizativa e empresarial. No segundo momento é possível reconhecer a presença da FNR, da CNRC e da CNR a concretização dessa lógica por meio das ações colocadas em prática pelos próprios sujeito sociais ligados diretamente ao rodeio.

Para melhor entender o significado da década de 1990 para essa fase do território do rodeio, tomamos Sebastião Procópio como esclarecedor da questão. Segundo Procópio, a década de 1990 foi decisiva para que os diferentes segmentos profissionais do rodeio desenvolvessem certa concepção e visão de rodeio. Em seu entender, ainda que as primeiras tentativas de organização do rodeio como esporte e profissão possam ser encontradas nos anos iniciais da década de 1980 com a formação da ABR e a APRT, foi somente a parir da segunda metade da década de 1990, com a formação de associações (FNRC e CNR) que o rodeio definitivamente passou a tomar corpo, forma e a incorporar o sentido de esporte profissional.

Esse processo é descrito em suas palavras da seguinte maneira:

> Mesmo que a primeira das diversas associações de rodeio brasileiras tenha sido criada em 1980 [ABR] e, entre 1991 e 1994, o rodeio já ocupasse espaço nas principais emissoras de televisão do país com os circuitos [Espora de Ouro e Fivela de Ouro], foi somente a partir da formação da Federação [Nacional do Rodeio Completo (FNRC) 1996] e depois da Confederação [Nacional do Rodeio (CNR) 1999] que as coisas começaram a ficar mais claras no rodeio. As profissões foram se definindo, o pessoal teve que ir se especializando ao mesmo tempo em que o rodeio se profissionalizava e uniformizava as regras das competições. Então, mesmo que na década de 1980 existissem greves de peões durante as festas do peão de boiadeiro elas não tinham uma lógica de futuro. A peonada simplesmente fazia greve durante a festa pra ter a premiação ou a 'consolação' pagas ou aumentadas. Então, mesmo que tivesse uma colaboração entre os peões não existia uma consciência da categoria. Então, pra mim que estou no rodeio há praticamente quarenta anos, foi só no final de 1990 que a peonada começou a lutar de verdade pelos direitos deles. Mas antes de tudo isso as diretorias dos grandes clubes e os proprietários das principais companhias de rodeio já mandavam no rodeio.

Ao que parece, para o referido colaborador, mesmo que na primeira metade de 1990 tenham sido organizados os campeonatos de rodeio realizados pela Rede Globo de Televisão (Circuito Espora de Ouro) e Rede Manchete (Fivela de Ouro), foi somente a partir da formação de associações de rodeio que passaram a se ocupar da organização e promoção de campeonatos das diversas modalidades – FNRC e CNR – e de entidades de classe como, o Sindicato dos Profissionais de

Rodeio do Estado de São Paulo (SINPROESP), que o profissionalismo e a lógica do esporte moderno adentrariam definitivamente as arenas de rodeio.

Para nós, o entendimento de Procópio acerca desse movimento é pertinente e instigante, pois, nos possibilita compreender o processo em que a consciência de classe, tal como propõe Thompson (1979; 1997), vai sendo desenvolvida e a classe social constituída. Isso porque a criação da FNRC em 1996 foi resultado da articulação de diferentes sujeitos sociais ligados diretamente ao rodeio e que haviam criado, no ano anterior, a Federação Nacional do Rodeio (FNR).

Ao que parece, tal associação foi idealizada para ocupar o vazio deixado pela extinção dos circuitos Espora e Fivela de Ouro em 1994. Na prática, os circuitos não foram extintos, mas, diluídos nos circuitos organizados e promovidos pela FNR em 1995 e pela FNRC a partir de 1996 – Circuito Nacional de Rodeio. Acreditamos que esse movimento de saída dos grandes grupos econômicos ligados às emissoras de TV brasileiras seja resultado tanto das pressões exercidas pelos "ambientalistas" sobre esses grupos levando-os a rever suas posições em torno do debate acerca da legalidade/ilegalidade do rodeio quanto pela consciência e capacidade organizativa desenvolvida pelas diretorias dos principais eventos do BCP.

Quanto a esse último aspecto – consciência e capacidade organizativa – devemos considerar e reconhecer que, embora os circuitos anteriores tivessem as emissoras de TV à frente em sua promoção, a participação das principais diretorias e comissões na organização e funcionamento dos circuitos proporcionou-lhes condições e momentos privilegiados de reflexão e aprendizado que puderam ser convertidos em projetos e visão de classe.

Dito de outra forma, os circuitos anteriores colocaram à disposição dos diretores e promotores dos principais rodeios brasileiros elementos que tornaram maior seu capital cultural. Ao mesmo tempo em que incorporavam e refletiam acerca dos erros e acertos puderam se reconhecer como um grupo capaz de levar adiante a estrutura organizacional e a rede de eventos que já havia se consolidado. Restava, portanto, aprofundar as mudanças e profissionalizar o rodeio.

Deste modo, se por um lado, a Rede Globo e o Grupo Manchete tivessem se retirado da organização e promoção de seus circuitos de rodeio em 1995, por outro, deixaram articulada e constituída uma sólida rede de grandes

eventos que pode ser plenamente apropriada por esses sujeitos sociais – as diretorias dos principais eventos paulistas – que, a partir de então, passaram a deter o controle definitivo sobre a organização e estruturação do rodeio brasileiro.

É nesse sentido que podemos reconhecer que desde sua constituição a FNR passou a representar os interesses de uma classe específica. Uma classe que delineou-se plenamente nessa fase que vinha, ao longo das décadas anteriores, constituindo-se e partilhando de objetivos, expectativas e projetos comuns e, em larga medida, encontravam-se conscientes da sua unidade e existência. Como conseqüência dessa consciência em vias de consolidação, para que a FNR fosse criada reuniram-se em sua diretoria organizadores dos principais eventos paulistas como, Barretos, Jaguariuna e Presidente Prudente, além de Goiânia (GO) e Maringá (PR).

Em que pese sua formação ter ocorrido em 1995, foi somente em 1996 que a FNR ganhou visibilidade e conseguiu atrair, para sua diretoria e eventos sancionados, outros sujeitos sociais presentes nas competições como, o(a)s competidores dos Três Tambores, do Laço em Dupla, Laço em Bezerro e *Buldog*. Desse modo, a FNR era transformada em Federação Nacional do Rodeio Completo (FNRC) ao mesmo tempo em que passava a articular-se a outra entidade de classe de grandes produtores de animais para trabalho: a Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Quarto de Milha (ABQM) – entidade brasileira associada à estadunidense *American Quarter Horse Association* (AQHA), conforme declaração da FNRC em 1995:

> Com o nascimento da Federação Nacional do Rodeio Completo, a ABQM passa a reconhecer os 10 finalistas do Circuito do Rodeio Completo, estabelecido nos rodeios das paulistas Barretos, Jaguariuna e Presidente Prudente, além de Goiânia, GO. Estes animais finalistas, se forem produtos puros Quarto de Milha, recebem pontuação tanto da ABQM quanto da AQHA – *American Quarter Horse Association*; já os animais mestiços QM recebem um registro de mérito especial. A ABQM, portanto, passa a enviar a cada Rodeio Completo deste circuito, um juiz oficial pertencente ao quadro. Na etapa final, em Barretos, como já acontece este ano, a ABQM elege o cavalo Quarto de Milha do ano no Rodeio Completo, ou seja, consideradas as modalidades de Laço de Bezerro, Laço em Dupla, Bulldog e Três Tambores feminino (RODEIO COMPLETO: Oficialização da ABQM. **Rodeo Life,** 1995, p.46).

Por conseguinte, a criação da FNRC expressava a identidade de grupo e objetivos comuns que os diretores, organizadores e produtores de rodeio e

associações de criadores haviam adquirido ao longo da década de 1980 até a primeira metade de 1990. Por meio dela, puderam reconhecer-se enquanto classe e partilhar projetos e expectativas comuns. Em razão disso, também desenvolveram estratégias e criaram mecanismos de legitimação e reprodução das estruturas sociais do rodeio tendo, como centro de seus discursos, a defesa do rodeio como esporte profissional e a necessidade de reconhecimento da profissão de peão de rodeio para que os mesmos tivessem acesso a todos os direitos e garantias trabalhistas, conforme argumentou o Presidente da FNRC Valdomiro Poliselli Junior:

> Nós estamos fazendo um trabalho na Federação (FNRC) de uificação das regras do rodeio. Buscamos apoio da maior entidade de rodeio no mundo [*Professional Rodeo Cowboys Association* – PRCA], pos estamos fazendo implantação do regulamento internacional das oito modalidades [Touro, Cutiano, *Bareback*, Sela Americana, Três Tambores, Laço em Bezerro, Laço em Dupla e *Buldoging*]. Estamos investindo na globalização do rodeio, pois o exemplo é que não dá para ter um jogo de futebol no Rio Grande do Sul com uma regra diferente de São Paulo (FEDERAÇÃO X CONFEDERAÇÃO, 1999, p. 66).

Ocorre que, além de Presidente da FNRC, Poliselli Junior era, ao mesmo tempo, diretor do *Jaguariuna Rodeo Festival*, criador de cavalos Quarto de Milha e proprietário da VPJ Eventos, empresa responsável pela organização do evento de Jaguariuna e outras cidades da região de Campinas. Em outros termos, o discurso de profissionalismo e esporte servia como instrumento privilegiado de ação de poder dessa classe. Mesmo porque, ao defenderem a profissionalização do peão e a regulamentação do rodeio, seus verdadeiros objetivos e expectativas quanto a essa questão estavam calcados na consolidação de condições materiais e imateriais que servissem à sua reprodução nesse território.

É nesse sentido que, se por um lado, as comissões organizadoras dos principais eventos paulistas juntamente com associações de criadores de animais de raça haviam se organizado em torno da FNRC, por outro, os demais profissionais, excluídos da FNRC tenderam a se articular em torno da criação do Sindicato dos Atletas Profissionais de Rodeio (SINAPRO) e do Sindicato dos Profissionais de Rodeio do Estado de São Paulo (SINPROESP) - ambos fundados em 1997.

Todavia, embora idealizado para defender principalmente os interesses dos sujeitos sociais mais vulneráveis do rodeio – os peões e demais trabalhadores – essas entidades de classe não atuaram como deveriam, ou seja, em

que pese terem sido formadas para defender os direitos dos peões suas atuações não atingiam os objetivos de proteger os peões. Pelo contrário, agiram no sentido de colaborar e complementar os projetos e expectativas da classe que dominava o rodeio e estava representada na FNRC.

Ao que tudo indica a ineficiência desses sindicatos pode ser explicada pela heterogeneidade de sujeitos sociais que os mesmos abrigavam. Compostos por tropeiros, boiadeiros, peões de rodeio das diferentes modalidades, salva-vidas, madrinheiros e locutores, o diálogo e a união entre os integrantes dos sindicatos esbarrava-se nos objetivos individuais e contraditórios os quais, por sua vez, provocavam a fragmentação interna dessas entidades. Como resultado dessa situação essas entidades foram esvaziadas de seu poder de atuação e enfraqueceram-se diante da união, articulação de objetivos e interesses comuns proporcionados pela consciência de classe que se delineava na FNRC.

Para melhor compreender a composição de forças e elucidar esse movimento, novamente utilizamos a colaboração de Procópio quando esclarece que:

> A crise interna do Sindicato [dos Profissionais de Rodeio do Estado de São Paulo] foi semelhante à crise que levou a ABR [Associação Brasileira de Rodeio criada em 1981] à extinção. Ainda que a ABR fosse formada somente por comissões de rodeio e organizadores de festa não existia unidade, entende? As comissões disputavam entre si pra ver quem era mais forte ou mais importante e isso, ao invés de fortalecer o rodeio acabou enfraquecendo. Então, a meu ver, o Sindicato padeceu dos mesmos problemas: briga de estrelas entre peões tanto da mesma modalidade quanto de modalidades diferentes, tropeiros brigando com tropeiros pra ver quem tinha a melhor tropa e acabava tendo mais contratos. A mesma situação acontecia com os boiadeiros. Locutores que queria brilhar mais que os peões, queriam ser o centro da atenção do público e que também brigavam entre si. Peão e tropeiro que não se 'bicavam' [toleravam] estavam no mesmo Sindicato. Então imagina como era o Sindicato. Você já imaginou patrão e empregado numa mesma entidade de classe? [risos]. Só dá confusão mesmo e os mais fracos só tendem a perder. Além disso, tinha o problema do tempo pra se dedicar ao Sindicato. Tropeiro, Boiadeiro, Peão de Rodeio, Locutor, você acha que algum deles estava interessado em ceder um tempo na semana pra resolver questões do Sindicato? Claro que não. Mesmo porque, cada um tem seu afazer diário seja na fazenda, seja com a família, compromissos pessoais, ou mesmo no 'estradão', no 'trecho' [fora de casa]. Então é isso. Não tinha como dar certo mesmo.

Os locutores Paulinho Pena Branca e Asa Branca também têm posições semelhantes à de Procópio quanto ao processo de formação do SINPROESP. Para ambos, as categorias profissionais do rodeio ainda não estavam

claramente definidas e, em razão disso, não havia um projeto declaradamente definido que pudesse articular os diferentes sujeitos sociais que se encontravam excluídos da FNRC.

Para Paulinho Pena Branca

> Entre 1980 e 1990, época que aconteceu uma explosão [aumento] das festas do peão de boiadeiro principalmente no Estado de São Paulo, eram os tropeiros e boiadeiros que mandavam no rodeio. Eles eram donos das Companhias de Rodeio e eram contratados pelas cidades para fazer o rodeio na festa do peão. Na verdade existiam dois eventos em um: a festa do peão que era organizada na maioria das cidades pelas prefeituras e clubes de rodeio locais e o rodeio que era organizado pelos tropeiros. As cidades não tinham estrutura porque o rodeio era coisa recente para a maioria das cidades que começavam a fazer sua esta do peão. Então, as prefeituras e comissões organizadoras contratavam as Companhias de Rodeio que fornecessem tudo para rodeio, desde as arquibancadas montadas, os currais, a arena, os animais para o rodeio, os peões – porque nesse período cada Companhia já tinha um número certo de peões para cada rodeio que fazia – a iluminação, o som, o juiz, o locutor e até os salva-vidas. Então, quem realmente mandava era esse pessoal e ainda que existissem disputas entre eles, a união era bem grande. Na verdade sabiam o que era ser 'patrão'. A partir de 1990 as coisas começaram a mudar. Foi desde o campeonato da Rede Globo [Espora de Ouro], considerado o primeiro campeonato brasileiro de rodeio, que os tropeiros e boiadeiros começaram a perder força e a se igualar em poder de negociação com as comissões e diretorias dos grandes rodeios. Como os tropeiros eram um pessoal unido e informado das coisas que estavam acontecendo, formaram em 1993 a Associação dos Tropeiros do Brasil [ATB]. Por mais disputas que existisse dentro daquela associação, pois ela era formada pelos grandes tropeiros como, Paulo Emílio. Flávio Junqueira, Neto Oger, Delvair Scaldelai, o Alemão. Então, quando as coisas já começavam a ficar meio complicadas para os tropeiros, porque eles tinham que ceder espaço para as comissões das grandes festas, eles já estavam se organizando e isso facilitou as negociações deles com a Federação Nacional de Rodeio [FNR]. Aí, quando a Federação Nacional [do Rodeio Completo] foi criada [1996], os diretores e organizadores dos grandes eventos passaram a 'dar as cartas' no rodeio. Na verdade, as principais festas e rodeios de São Paulo acabaram se unindo e dominaram o rodeio. Desde as regras, passando pelas modalidades até os profissionais contratados tinham que passar pela 'caneta' [aprovação] de Barretos e Jaguariuna. Nós, os locutores, peões, palhaços salva-vidas e juízes ficamos sem saber o que fazer. Não tinha nenhuma associação ou sindicato que defendesse nossos interesses. A gente estava desorganizado mesmo e acabamos ficando refém tanto da Federação Nacional do Rodeio [Completo] quanto dos tropeiros e boiadeiros. Para você ter uma idéia dessa desunião que existia entre a gente que não era nem dono de Companhia de Rodeio nem produtor de rodeio, a presidência do Sindicato [dos Profissionais de Rodeio do Estado de São Paulo] foi ocupada por um dos diretores dos Independentes de Barretos: o José Uilson [Freire] [risos]. Além

> dele, existia o Flávio Junqueira que era dono de boiada de rodeio. Então como é que você vai acreditar em um sindicato que era composto por profissões tão diferentes? É claro que o crescimento do rodeio era o objetivo de todos, mas, daí em diante as coisas começavam a mudar de figura. Isso sem mencionar as disputas dentro das próprias categorias. Então o que aconteceu foi que não demorou muito para que cada um cuidasse da sua vida e fosse procurar um jeito de viver [risos] [2].

Para Asa Branca

> A questão do sindicato é bem delicada. Na verdade esse sindicato foi formado para dar maior aspecto de profissionalismo ao rodeio, entende? Como toda categoria profissional conta com sindicato, faltava isso também ao rodeio. Então quando o pessoal se reuniu e propôs a criação desse sindicato foi pensando em demonstrar aos políticos, aos ambientalistas e à sociedade que o rodeio era um trabalho sério e não um passatempo ou uma vadiagem. Isso facilitaria a pressão sobre os políticos para aprovarem a regulamentação do rodeio que já era luta do início de [19]90. Então, por isso mesmo ele já nasceu morto. Agora, se a pergunta for: a Federação Nacional [do Rodeio Completo] realmente controlava o rodeio desde sua formação até a formação da Confederação [Nacional de Rodeio] em 1999? Aí eu posso dizer com toda certeza que sim. E digo isso porque nunca tive 'rabo preso' com ninguém e nunca tive que segurar o que eu tinha que falar para que pudesse trabalhar. Alguns diretores do rodeio de Barretos e Jaguariuna ganharam foi muito com a Federação. Além de determinarem as regras, as etapas e como deveria ser a organização do rodeio brasileiro esse grupo estava unido. Mesmo que Jaguariuna, Presidente Prudente, Maringá, Americana, pudessem rivalizar em tamanho e estrutura com Barretos isso não entrava em questão. O ponto principal que unia o Valdomiro Poliselli [Junior] de Jaguariuna e o Kaká [Emílio Carlos dos Santos] de Barretos eram as oportunidades econômicas que a organização de um Circuito de Rodeio poderia trazer [3].

A partir do entendimento dos entrevistados podemos concluir que ao contrário do que ocorria tanto com as diretorias dos grandes eventos paulistas quanto com os tropeiros, os demais sujeitos sociais do rodeio não contavam com certa ou, pelo menos, uma mínima consciência de classe. Essa situação, segundo o peão de touros Adriano da Silva Moraes, somente seria superada quando "o rodeio formar sindicatos em todas as categorias, ou seja, tropeiros, peões, locutores, salva-vidas" [4].

---

[2] Entrevista realizada em Nhandeara/SP em 23 de outubro de 2007.

[3] Entrevista realizada em Turiuba/SP, em 14 de fevereiro de 2009.

[4] Ainda que o discurso de Adriano da Silva Moraes possa ser entendido como reflexo da modernidade, fato que implica na fragmentação e destituição da consciência de classe, sua visão

Portanto, entre 1996 e 1998, ainda que existissem – ao menos no discurso – entidades de classe em oposição às diretorias dos grandes eventos, na prática o rodeio tendeu a ser organizado, estruturado e controlado pela FNRC. Como o principal discurso do grupo estava baseado na modernização e profissionalização do rodeio bem como na defesa dos direitos dos profissionais do rodeio, foi a essa associação que coube, definitivamente, dar início ao movimento, ao fortalecimento de seu poder de ação por meio da articulação de uma rede significativa de eventos e sujeitos sociais ligados direta ou indiretamente ao rodeio.

Aproveitando-se dos caminhos abertos pelos primeiros circuitos de rodeio – Espora de Ouro e Fivela de Ouro – e dotados de considerável capacidade organizacional, poder econômico, capital cultural e político, promoveram a melhoria e o aperfeiçoamento dos eventos bem como dos meios de divulgação e propaganda dos maiores eventos do Brasil. Dessa forma, as revistas especializadas nesse segmento puderam receber maiores investimentos por meio de patrocínios e, consequentemente, ter seus formatos e conteúdos aprimorados[5].

---

está orientada segundo a forma e o funcionamento do rodeio nos EUA. Mesmo porque, Moraes residia desde 1992 naquele país e já havia competido nos campeonatos das principais entidades de rodeio norte-americanas: a *Professional Rodeo Cowboys Association* (PRCA), a *Bull Riders Only* (BRO), e a *Professional Bull Riders* (PBR). Assim, sua perspectiva, ao contrário do enfraquecimento da classe, pressupõe o fortalecimento da classe a partir da especialização dos papéis – ao que parece ser essa uma característica do esporte nos EUA.

[5] Até onde pudemos pesquisar, a primeira revista especializada no segmento de rodeios foi publicada em fevereiro de 1992 – *Revista Rodeio News* e serviu à divulgação das etapas do Circuito Espora de Ouro organizado pela Rede Globo de Televisão em parceria com *Os Independentes* de Barretos. Enquanto existiu, foi publicada bimestralmente possuiu em média 20 páginas e contou com seis (6) patrocinadores – todos ligados diretamente ao rodeio: Tropa Bonanza, Cia de Rodeio Beto Junqueira, Cia de Rodeio Marca Estrela, Cia de Rodeio Madrugada, Cia de Rodeio Neto Oger e *Almer Photo Film*. Em 1993, a revista *Hippus*, especializada em cavalos, publicou suplemento especial para a 38ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Esse suplemento funcionou como instrumento educativo ao público que freqüentou durante aquele ano o evento de Barretos, pois, além de narrar a "história gloriosa de um grupo de rapazes barretenses que haviam criado o clube 'Os independentes' com a intenção de gerar recursos para obras de benemerência", esclarece a função de cada sujeito social presente no rodeio e explica as regras de cada modalidade. Esse fato vai repetir-se, ao que tudo indica, até os últimos anos de 1990. A partir de 1996 surge outra revista *Rodeo Country: canto do peão*, especializada em rodeio com regularidade bimestral e que permanece sendo editada, desde janeiro de 2009 até a presente data, sob o nome *RC – Rodeo Country Magazine: a revista do rodeio brasileiro*. Se comparada à anterior – *Revista Rodeo News* – percebemos nitidamente desde sua primeira edição, em fevereiro de 1996, consideráveis mudanças tanto quantitativas como qualitativas nessas publicações. Além de possuir em média setenta (70) páginas, sua primeira edição já contava com dezesseis (16) patrocinadores, os quais, embora variados, ainda estavam ligados diretamente ao mundo dos rodeios. Esses patrocinadores eram: *Cowboys, importação e exportação* (Presidente Prudente/SP), Feira Agropecuária e Industrial de Jacarei/SP (FAPIJA), II Brahma Rodeio, 10º Rodeio de Campeões de Presidente Prudente/SP, Pegasus Ferraduras Ltda (Amparo/SP), Cia de Rodeio Cambará (Conhas/SP), Magia Eventos e Efeitos Especiais (Jaguariuna/SP), Rancho Vitória (Presidente Prudente/SP), Wagner Freitas – locutor de rodeio (Guarulhos/SP), *Shopping Country* (São Paulo/SP), *Grife Rodeo Country* – bonés, camisetas, camisas, chapéus, fivelas, cintos, botas,

Embora a aproximação dos sujeitos sociais do rodeio brasileiro com os Estados Unidos da América (EUA)[6] houvesse se tornado mais intenso desde 1993 com a realização do *I Barretos International Rodeo* – evento organizado pela *Professional Bull Riders* (PBR), foi principalmente com a formação da FNRC que essa relação foi significativamente estreitada. Isso porque, ao unirem esforços no sentido de exercer o controle e o direcionamento do rodeio brasileiro a partir de seus objetivos, os diversos sujeitos sociais que compunham a FNRC passavam a dispor de considerável capital, tanto econômico quanto político e simbólico. Tais condições capacitavam-na a contratar competidores e juízes daquele país para ministrarem cursos e seminários de regras a juízes e peões brasileiros.

O projeto em andamento era implantar, definitivamente, os padrões estruturais e organizacionais da PRCA como modelo de organização e gestão do rodeio brasileiro. Ao mesmo tempo em que esse processo se consolidasse também poderiam exercer o monopólio e o controle do rodeio brasileiro – tal como aquela corporação havia exercido, entre 1975 e 1991, nos EUA.

Além disso, outras empresas, também criadas por integrantes ou pessoas ligadas a esses principais eventos tendiam a surgir e a se especializar tanto no segmento de Propaganda & Marketing quanto de Organização Técnica dos rodeios. Esses são os exemplos da *Cia. de Propaganda e Marketing* de propriedade do barretense Marcos Murta. Outra empresa especializada nesse segmento era a *Rodeo Place Eventos* de propriedade de Marcelo Murta, responsável pela organização, administração de eventos e contratação de patrocinadores. Por fim, a *Chão Preto Eventos*, especializada em assessoria e direção técnica de rodeios,

---

canivetes e jaquetas (São Paulo/SP), Bonés *Pro Rodeo Lunardo Country* (Trindade/GO), *The Horse Shop Old West* (São Paulo/SP), Rádio Tupi FM – 97,3(São Paulo/SP), Volt Sky Walker Iluminação (Jaguariuna/SP), e Revista Fora de Estrada (São Paulo/SP). Em 2001, após a regulamentação do rodeio como esporte profissional, a mesma revista contava com vinte e dois (22) patrocinadores ligados direta ou indiretamente ao rodeio, como: *Austin Western* (São Paul/SP), *Wrangler*, *Master Print* – Impressos de Segurança (Curitiba/PR), *Beautiful Models Agency* (Poá/SP), *Jácomo Boots & Jeans* (Araçatuba/SP), Jê Eventos & Produções (Barretos/SP), *Buffet Decorart's* (Barretos/SP), Metalúrgica Vinagre (Barretos/SP), Clesio Honorato Animação (Pirajuba/MG), Expomilk (São Paulo/SP), *Grife Rodeo Country*, Radade – calças, camisas, camisetas, bonés, jaquetas (Barretos/SP), Ipasa – Indústria Paulista de Sistemas de Acesso (São Paulo/SP), *Arena Show* Zona Leste (São Paulo/SP), *Bareback Moda Country* (Itapecerica da Serra/SP), Dois a Um – trio sertanejo (Cuiabá/MT), *Samuel e Iron Horse – Country e Rock Nacional* (São Paulo/SP), *Rodeo Brazil Moda Country* (Jundiai/SP), *Banda Coyo*te (São Paulo/SP), *Banda Espora Country* (São Paulo/SP), Fla-Com – Sanitários e Química Ambiental (São Paulo/SP), *Coice de Cobra Country Band* (Campo Belo/SP), *Justin Boots – Perez Import* (Araçatuba/SP).

[6] O intercâmbio de profissionais (peões de touro, tropeiros e presidentes de clubes de rodeio) tem início na década de 1980 por iniciativa de "Os Independentes" em enviar o campeão da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos aos EUA. Em 1988 Vítor José de Souza foi o primeiro campeão de Barretos a participar de eventos nos EUA oficialmente.

possuía como diretores Marcos Abud Wonrath e Emílio Carlos dos Santos – ambos integrantes do clube *Os Independentes* de Barretos.

Sendo na época a única entidade com condições materiais e imateriais para organizar e promover campeonatos que tivessem tanto premiações significativas quanto qualidade de espetáculo, participar de seus campeonatos era para os diferentes profissionais do rodeio o reconhecimento de seu trabalho e profissionalismo.

Esse aspecto, segundo o locutor Paulinho Pena Branca incidia diretamente na fragmentação interna entre os demais sujeitos sociais que integravam os rodeios. Para esse colaborador a FNRC e seus campeonatos tiveram importância no processo de regulamentação do rodeio como esporte no Brasil, mas,

> Deixou muita gente boa de fora. Na verdade, existia uma 'panela' e quem realmente decidia quem ia participar dos circuitos era o pessoal da diretoria de Jaguariuna e de Barretos. Existiam alguns homens fortes aí. Homens que decidiam e quem quisesse participar tinha que ficar quietinho. Quem realmente dirigia o campeoato era o Valdomiro Poliselli [Junior] e os diretores de Jaguariuna e o pessoal de Barretos [Os Independentes]. Existiam outros diretores de clubes envolvidos como, os Vaqueiros de Presidente Prudente e do Rodeio Universitário de Maringá. Mas quem decidia era o outro pessoal mesmo.

José Oger Neto, proprietário da boiada de rodeio Neto Oger, embora possua um discurso menos contundente, de certa forma também partilha da visão de Paulinho Pena Branca. Em seu entendimento, evidencia que

> Todas tentativas de profissionalizar e melhorar o rodeio foram e são louváveis. Mesmo que a Federação [Nacional do Rodeio Completo] tivesse seus erros e falhas, nós devemos entender que eles erravam tentando acertar. É claro que ela era constituída pelas diretorias dos grandes rodeios, mas, isso é só um lado, talvez o pior. Olha, existia na diretoria alguns competidores sim, mas, é claro que eles não 'apitavam' [decidiam] nada. Sabe quem realmente tinha poder na Federação [Nacional do Rodeio Completo]? O Chitãozinho da dupla Chitãozinho e Xororó. Ninguém fala dele, mas ele foi muito importante mesmo para a regulamentação do rodeio no Brasil. Ele [Chitãozinho] tem propriedade em Jaguariuna, era amigo do Valdomiro [Poliselli Junior] e tinha a filha [Aline Lima] competindo na modalidade dos Três Tambores no Circuito [Nacional de Rodeio]. Aí não foi difícil ele ocupar a Presidência da Diretoria Nacional dos Rodeios no Brasil e liderar junto com a Federação [Nacional do Rodeio Completo] o movimento que resultou na regulamentação do rodeio. Quanto ao número de profissionais cadastrados e com direito a participar do Circuito [Nacional de Rodeio] realmente era pequeno se comparado à quantia de peão, locutor e juiz que existia na época no Brasil. Não sei te dizer a quantia certa de peão, juiz, boiadeiro,

> salva-vida que tinha no Brasil nesse época, mas, posso dizer que era mais de 10 mil [risos]. Acho que em [19]97 e [19]98, anos em que participei dos Circuitos, existiam cadastrados e com direito à participação só uns vinte tropeiros e boiadeiros, uns seis ou oito salva-vidas, uns dez locutores, uns cinco madrinheiros, uns seis juízes, uns duzentos competidores das provas funcionais e outros duzentos peões de touros e cavalos. Era algo difícil mesmo de entrar. Você tinha que ser muito bom no que fazia para fazer parte do Circuito ou contar com alguém importante que te indicasse. Quanto aos nomes do pessoal responsável pela seleção eu prefiro não dizer. Talvez quando eu sair definitivamente do rodeio eu possa contar algumas coisas mais [risos], mas, agora é melhor não. Ah! nessa época estava entrando as montarias americanas de cavalo: o *bareback* e a sela americana, mas, como minha ocupação era só o rodeio em touro, ficava um pouco mais difícil saber o número certo de peão das outras modalidades e, na verdade, eu não me interessava mesmo. Se gostasse de rodeio em cavalo e prova do laço eu criava cavalo e não touro [risos] [7].

Embora em seu depoimento Oger Neto tenha optado por não mencionar nomes, os indícios nos permitem inferir que o locutor Paulinho Pena Branca esteja correto em sua análise. Entendendo que Oger Neto é proprietário de touros de rodeio e que Barretos, Jaguariuna, Americana, Presidente Prudente, Maringá, e outros eventos ainda são organizados por pessoas que fizeram parte da FNRC, sua opção pelo silêncio pode ter sido estratégica. Entretanto, em muitos dos fatos e documentos históricos, o silêncio e os indícios podem revelar muito mais do que é dito.

É inegável, portanto, que na composição de forças e exercício de poder e dominação os grandes perdedores nesse primeiro momento da luta política em torno da profissionalização do rodeio foram os peões, juízes, salva-vidas e locutores, ou seja, em razão de uma série de injunções a proposta de rodeio idealizada e colocada em prática pela FNRC foi vitoriosa.

Vitoriosa não porque era a melhor ou porque tinha que vencer, mas, em função de ter sido um projeto historicamente construído por uma classe social específica que pode, na correlação de forças estabelecida entre ela e outros sujeitos sociais, elaborar estratégias de controle e dominação do social (RAFFESTIN, 1993).

Entendemos que, em razão de estarem no centro dos discursos e dos debates em torno da regulamentação dessa atividade, peões e demais profissionais do rodeio puderam desenvolver certa identidade de luta e, por

[7] Entrevista realizada em União Paulista/SP em 31 de julho de 2007.

conseguinte, constituir-se como classe social consciente de sua importância e papel no fortalecimento da luta que, a partir de 1999, tornar-se-ia nacional.

O resultado foi uma lenta, porém, consistente tomada de consciência de classe por parte dos sujeitos sociais que, embora excluídos do controle do território do rodeio, romperam com a unidade do Rodeio brasileiro. Tal movimento deve ser entendido como o *fazer-se* classe de que Thompson (1986) nos fala uma vez que a consciência, para esse historiador, se constitui com a experiência, ou seja, é na vivência da exploração do cotidiano e no processo de luta em torno de objetivos, projetos e expectativas comuns que os indivíduos atingem o *fazer-se* classe [8].

Desse feito, a unidade que estava representada e alicerçada no domínio e monopólio exercidos pela FNRC foi contestada e abalada em 1999. Nesse ano, foi formada a Confederação Nacional de Rodeio (CNR) que passou a abrigar competidores das principais modalidades do Rodeio brasileiro: o Cutiano e Touro [9]. Por conseguinte, uma nova configuração do Rodeio brasileiro resultaria desse movimento.

Nesse lento e complexo processo de *fazer-se* classe as tensões entre competidores e FNRC, que já vinham se tornando comuns durante o Circuito Nacional do Rodeio Completo (CNRC) de 1998, desembocaram também na

[8] Em razão de essa ser uma categoria privilegiada e utilizada em nossa pesquisa vemos como oportuno apresentar a concepção que Thompson (1986) possui acerca da categoria classe social. Para ele, classe implica na ação humana, como condicionante e não como um simples produto ou reflexo do desenvolvimento das forças produtivas. Entendido como um revisionista do marxismo, suas pesquisas tinham o intuito de reconceitualizar o materialismo histórico dialético a partir de uma crítica à concepção marxista de classe que, na sua visão, limita a análise do desenvolvimento histórico da sociedade na medida em que concebe a classe como um elemento pronto e acabado da estrutura capitalista. Sendo assim, Thompson toma a classe social não como categoria analítica ou estrutural, mas, como um fenômeno social em movimento e que se constitui pela experiência adquiria a partir da relação dialética estabelecida no cotidiano, entre dominantes e dominados, daí a idéia de *fazer-se* classe social.

[9] De acordo com a pesquisa empreendida, concluímos que esse movimento de fragmentação na unidade do Rodeio brasileiro foi semelhante àquele que deu origem nos EUA à *United Cowboys Turtle Association* (UCTA) que, em 1936, rompeu com a hegemonia e o monopólio exercidos pela *Rodeo Association of America* (RAA) desde sua criação em 1929. Tal como a FNRC a RAA era composta por diretores e empresários do rodeio estadunidense e, a UCTA tal como a CNR, foi constituída por competidores insatisfeitos com o controle e a dominação exercidos pelos diretores e empresários do Rodeio. Todavia, necessário se faz estabelecer as distinções quanto aos caminhos tomados por essas agremiações. Nos EUA a lógica do esporte-empresa orientou o processo de constituição do território esportivo do rodeio naquele país. No Brasil, a lógica do associativismo e das federações e confederações esportivas foi o orientador dessas primeiras agremiações. Para melhor compreender o processo de formação do território esportivo dos EUA elaboramos uma parte específica que trata desde a origem do rodeio até sua atual configuração.

constituição de um campeonato paralelo ao organizado pela FNRC: o Circuito Nacional de Rodeio articulado pela CNR. Ainda que desde o início da temporada de rodeios de 1999 as relações entre a FNRC e a CNR estivessem estremecidas foi durante a 44ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, realizada em agosto de 1999, que as mesmas vieram à tona denunciando o conflito entre os empresários de rodeio e os "trabalhadores da arena" .

Naquele evento tanto os peões de Touro quanto de Cavalo – Cutiano – recusaram-se a participar das competições. Alegavam que, embora existisse um Campeonato Brasileiro de Rodeio, esse não atendia às expectativas dos principais competidores que eram, na realidade, os principais sujeitos sociais do rodeio. À frente da CNR, ocupando a presidência dessa nova associação estava o locutor Asa Branca que, desde 1994, encontrava-se afastado dos eventos tanto organizados quanto sancionados pela diretoria do Clube Os Independentes de Barretos.

Ainda que por vias distintas, seja ressaltando os reais interesses da FNRC na organização dos rodeios, seja enfatizando a questão da desigualdade de acesso à riqueza produzida pelos grandes eventos, tanto o competidor Virgílio Gonçalves[10] quanto o locutor Asa Branca explicam o *fazer-se* classe e as consequências advindas desse fenômeno: a ruptura com a FRC.

Para Gonçalves

> Há algum tempo que os peões já vêm se reunindo com o intuito de melhorar e qualificar o rodeio brasileiro. Algumas propostas foram apresentadas a FNRC pelos peões de maior representatividade dentro do esporte. O que tentamos foi apenas conseguir fazer vigorar nossos direitos. Entre elas, uma lista com 30 nomes de peões de Cavalo e 30 de Touro para participarem do campeonato [Circuito

[10] Assassinado em 11 de outubro de 2007 durante a abertura da Festa do Peão de Boiadeiro de Novo Horizonte por outro competidor, ao contrário da maioria, Virgílio Gonçalves não possuía origens rurais. Era natural de São Paulo/SP onde manteve residência até 1995 quando se transferiu, definitivamente, para São José do Rio Preto/SP. Ainda assim é reconhecido como um dos principais nomes de toda história dessa modalidade (1956 – 2009). Iniciou sua carreira em 1988 competindo em um rodeio organizado no Parque da Água Funda em São Paulo/SP. Durante esse período como competidor (1988-2007) foi considerado pelo Arena de Ouro – prêmio organizado pela revista Rodeo Country e pela Confederação Nacional do Rodeio (CNAR) – por dois anos seguidos (2005 e 2006) o melhor peão da categoria. Foi tricampeão de Barretos (1992, 1993, 1995) e, em 1996, entrou para o *Guiness Book* como o competidor mais premiado das arenas mundiais. Em sua vasta lista de prêmios estão: 3 caminhonetes, 26 carros e 32 motos e mais de R$ 2 milhões de prêmios em dinheiro. Em 2007 integrava o restrito grupo de competidores que recebiam patrocínio da cervejaria *Crystal* para competirem no Circuito *Crystal Top Team* que abrigava as competições Cutiano, Touro, Bareback e Sela Americana. Essas duas últimas em parceria com a Pro-Horse. Uma maior aprofundamento acerca dos atuais campeonatos e Circuitos de Rodeio será adiante em momento próprio.

> Nacional de Rodeio Completo de 1998]. Não queríamos exclusividade e não descartávamos a possibilidade de haver o *qualyfight*, desde que fosse para os peões mais novos e não para nós que estamos no estradão a tanto tempo, com tantos títulos, dificuldades e principalmente desbravando esse caminho do rodeio. Em particular o Cutiano é a verdadeira raiz brasileira. Nós os peões não aceitamos que tentem modificar o único estilo que é verdadeiramente nosso e que deve ter uma regra elaborada por aqueles que dominam as características da modalidade. Todas as outras são americanas e juntamente trazem suas regras. Como fomos ridicularizados quando apresentamos nossas propostas, resolvemos criar a Confederação Brasileira de Rodeio, a fim de mostrarmos nossos valores e lutar por nossos direitos. Em Barretos, como somos uma família, não admitíamos que alguns montassem e outros ficassem de fora. Ou montavam todos ou nenhum. Imaginávamos que Barretos por ser o segundo maior rodeio do mundo [atrás somente de *Calgary*, Canadá] não tivesse à frente empresários frios e calculistas que em momento algum se preocupam com a verdadeira raiz e valores do rodeio. Empresários estes que não fazem parte dos Independentes e somente pegam carona do tão conceituado 'Clube Os Independentes'. A alegação é que somos 'criadores de caso'. Hoje em dia com a nossa união estamos mais esclarecidos e preparados. Então melhor foi dizer que estamos ultrapassados e trabalhar as cabeças mais novas e com menos experiência. Nunca descartamos a possibilidade de lutarmos juntos. O que nos interessa não é quem faz, desde que seja bem feito e não nos prejudique e nem os que estão surgindo, porque tem muito esporeador bom (Federação X Confederação, 1999, p.67).

Para o locutor Asa Branca

> A Confederação [Nacional de Rodeio] não proibiu a participação de seus integrantes nos rodeios da Federação. Essa decisão foi tomada por unanimidade entre eles. Eu também não concordo com os Amigos [Chitãozinho & Xororó, Zezé di Camargo e Luciano e Leonardo] ganharem R$ 500 mil para ser dividido por cinco, enquanto os peões que arriscam a vida levam apenas R$ 60 mil divididos por 100. É uma diferença muito grande. Nós não discriminamos a Federação [Nacional do Rodeio Completo], pelo contrário, nesse momento acho que o mais importante é a união para realizar um só trabalho. Nós que ficamos do lado de fora da festa de Barretos sentimos uma grande dor dentro do peito (Federação X Confederação, 1999, p.67).

Seja como for e mesmo que tenham sido enfatizados diferentes aspectos das tensões que envolviam a CNR e a FNR, o discurso de ambos demonstra claramente o lugar social que esses sujeitos sociais passavam a ocupar a partir daquele ano. No interior do território do rodeio, congregando os competidores de maior representatividade – detentores dos saberes de cada modalidade, a intenção da CNR era clara, ou seja, tentava fortalecer sua posição em relação à FNRC de maneira que seus integrantes pudessem fazer valer suas

propostas e serem reconhecidos como classe social. Para tanto a CNR se utilizava de seu maior trunfo para ter seu projeto político reconhecido e colocado em prática: os principais peões de Touro e Cavalo e o locutor Asa Branca[11] à frente da entidade.

Todavia, se temos a categoria classe social como ponto de partida para compreendermos a atual organização do território do Rodeio brasileiro, devemos deixar claro nosso entendimento acerca dos mecanismos de sua reprodução. A esse respeito esclarecemos que temos como pressuposto a noção de que a classe social vive a partir de uma situação antagônica que se expressa em situações de exploração e dominação, tão logo, de resistência e luta. Sendo assim, necessário se faz dar voz aos "empresários frios e calculistas que em momento algum se preocupam com a verdadeira raiz e os valores do rodeio" [12], haja vista serem esses os sujeitos sociais que compunham a classe em luta e disputa com CNR que passava a representar o projeto político dos peões de Touros e Cavalos.

Para isso, utilizamos as falas de Valdomiro Poliselli Junior, presidente da FNRC; Emílio Carlos dos Santos, Diretor de Rodeio da FNRC e membro da diretoria do Clube Os Independentes de Barretos; Marcos José Abud Wonrath, Diretor de Rodeio de Barretos e José Mendes Santana, Presidente do Cube Os Independentes de Barretos. Cada um à sua maneira, procura refutar a crise gerada com a formação da CNR bem como proporcionar legitimidade às suas práticas omitindo os objetivos de classe dominante.

Assim, para Poliselli Junior

> O que aconteceu foram algumas divergências com relação ao regulamento internacional [adotado pela FNRC desde 1998]. Os competidores, encabeçados por alguns peões, em várias reuniões conosco, não concordaram principalmente com o *mark-out*[13] que existe há 60 anos nos EUA [regra consolidada nos EUA a partir da constituição da *United Cowboys Turtle Association* (UCTA) em 1936], e há quatro no Brasil [introduzida no Brasil pela FNRC desde a realização de seu primeiro campeonato em 1996]. Em decorrência dessa sijtuação não houve concordância da Federação e os *cowboys* principalmente de cavalo [Cutiano], encabeçados por dois ou três

[11] Na época Asa Branca era, dos locutores de rodeio, aquele que maior visibilidade e representatividade possuía. Em 1996 gravou, pela Paradox Music, o CD *Asa Branca Cowboy Country*, no qual entre os intervalos de uma música e outra – dezoito ao todo – declama versos e narra montarias. Em 1998 repetiu a estratégia de 1996 e gravou o CD *Asa Branca Romântico Especial*. Os dois Cds renderam tiragem de 500 mil cópias (arquivo nosso).

[12] Conforme discurso de Virgílio Gonçalves apresentado anteriormente nesse capítulo.

[13] Para marcar a saída do brete e iniciar a montaria o peão deve, antes de tudo, posicionar as esporas entre a paleta e o pescoço do cavalo e, assim que o animal der o primeiro salto o peão inicia sua apresentação.

> competidores, tentaram montar um grupo de 30 competidores de Cutiano e 30 de touro, para somente eles participarem do campeonato da Federação. Eu acredito que uma Federação preocupada em fazer um trabalho sério não poderia fechar as portas para os novos talentos, assim não houve concordância. Foi uma opção deles em não participar do campeonato. Em nenhum momento se proibiu algum competidor de participar do nosso campeonato (Federação X Confederação, 1999, p.66).

Emílio Carlos dos Santos, o "Kaká de Barretos" é mais enfático e incisivo quanto à situação gerada pela recusa dos integrantes da CNR em participarem do Rodeio de Barretos em 1999. Em seu entendimento,

> Eles não participaram por não concordarem com as regras da Federação. Fizeram uma lista com 36 reivindicações e algumas não foram atendidas e eles não concordaram. Nessa lista havia uma relação com 30 nomes de peão de Cutano e 30 de Touro que formariam um grupo fechado para participar do campeonato. Nós não concordamos porque achamos que tudo que não é oxigenado, sem renovação, tende a acabar. Eles não concordaram com o *mark-out* no Cutiano, com pagamento da inscrição, com a regra dos oito segundos e com o repete de cavalo. Também queriam direito de arena e escolher os juízes (Federação X Confederação, 1999, p.66).

De maneira semelhante à posição assumida por Poliselli Junior, Wonrath também procura desconstruir o discurso da CNR ao mesmo tempo em que busca dar sentido ao formato do CNRC e importância à FNRC para a profissionalização do rodeio. Para ele, o volume de inscritos dificultava aos "retardatários" a sua inscrição. Além disso, sendo paga, a inscrição atrairia inevitavelmente bons competidores não havendo necessidade, portanto, da presença das "estrelas da CNR". Mesmo por que, naquele ano,

> Em Barretos tinham 120 inscrições de cavalo e 160 de touro. Todas já estavam preenchidas, os que chegaram depois ficavam em uma lista de espera e a hora que chegasse a vez, cada um era chamado para pagar a taxa e participar. Nós aumentamos algumas vagas e quem estava na lista de espera acabou entrando. Não sei porque eles não vieram fazer inscrição. O que eu acho que aconteceu foi que eles deixaram de ganhar dinheiro e participar de um monte de rodeio, inclusive Barretos. Na verdade nós cumprimos exatamente o que foi estipulado no começo do ano. Porque a partir do momento em que estamos lutando para que o rodeio seja reconhecido como esporte tem que haver regras. Antigamente as inscrições eram feitas porque o fulano [peão] trabalhava com o cicrano [tropeiro ou boiadeiro] ou com o beltrano [empresário ou grande proprietário sem relação direta com o rodeio] que comprou os camarotes, e aí esse cara era passado na frente. Hoje não existe mais isso. Ou você segue a regra ou não participa. Também não poderíamos deixar que somente 30 competidores de cada modalidade participassem dos

> rodeios, sendo que hoje existem mais de 5 mil no país (Federação X Confederação, 1999, p.66-67).

Sem negar a existência do conflito e do impasse que envolveu a FNRC e a CNR em Barretos, mas, adotando certa postura mediadora e, em razão disso, o presidente do Clube Os Independentes de Barretos – José Mendes Santana, o “Mendão” – organiza sua reflexão de maneira distinta em relação às posturas anteriores. Talvez isso seja explicado em função das três opiniões anteriores expressarem o lugar social do qual seus representantes falam, ou seja, os projetos de diretores e empresários da produção e organização dos Rodeios. Destarte, como ele mesmo explica,

> Barretos foi a oitava etapa da FNRC e eles teriam que entrar em uma lista de espera porque não poderíamos abrir indistintamente para que os peões da Confederação viessem participar simplesmente da etapa de Barretos. Afirmo que a Festa de Barretos está acima de qualquer tipo de problema. Acho que levará alguns meses para que as coisas se estabeleçam. Na festa do ano 2000 tudo estará mais claro, e podemos sim, ter num final de semana a etapa da Confederação e no outro da Federação. Tudo isso é conversável. As portas estão abertas, pois Barretos não tem portas fechadas para peão nenhum (Federação X Confederação, 1999, p.67).

De qualquer forma e sob o ângulo que tomarmos, poderemos reconhecer a luta de classes que se estabeleceu entre empresários e peões de rodeio. Assim, se por um lado, as evidências nos instrumentalizam a inferir tal condição social, por outro, a realização de uma análise mais cuidadosa acerca dos discursos tanto dos representantes da CNR quanto dos integrantes da FNRC nos possibilita reconhecer que a trama da luta de classes não envolve apenas práticas, atitudes, como também a memorização e narrativa do acontecer social. Essas, segundo Foucault (1979; 1998) também fazem parte do exercício do poder.

Entretanto, mesmo que as divergências e conflitos de poder se fizessem presentes nas relações entre a FNRC e a CNR, ainda existia uma causa que colocava os diferentes e contraditórios sujeitos sociais em diálogo e aliança: qual seria o projeto político adotado para que o Rodeio fosse reconhecido e regulamentado como esporte no Brasil? Aquele defendido pela FNRC ou aquele proposto pela CNR? Ou melhor, a quem caberia a liderança e hegemonia no interior daquele território? Aos amadores, empresários do rodeio ou aos profissionais, os peões de rodeio?

Essas eram questões de difíceis respostas naquele momento. Para melhor entender a forma “surda” que essa luta de classes (FNRC e CNR) assumiu entre a segunda metade de 1999 e primeiro trimestre de 2001, utilizamos a fala do juiz de rodeios e médico veterinário Edson Matsuda. Embora na época estivesse alinhado e fosse um dos juízes do CNRC, sua explanação acerca desse período é esclarecedora, uma vez que o mesmo considerou a formação da CNR como um movimento

> Justo, pois, foram os principais nomes do rodeio brasileiro na época que formara a Confederação [Nacional de Rodeio]. Na verdade o que a Confederação pretendia era ela [os peões] direcionar a organização das regras. E isso como eu disse, tem até certa coerência. Também não pode ser esquecido que a Confederação só se tornou possível porque o Rodeio já caminhava para a esportivização desde a formação da Federação [Nacional do Rodeio Completo] em 1996. Então o que aconteceu foi que o nosso modelo de organização e funcionamento do campeonato, do calendário e a seleção das cidades que sediariam as etapas tudo isso foi copiado pela Confederação. Então, mesmo que a Confederação tivesse suas etapas disputadas pelos 30 melhores peões de Cutiano e 30 melhores peões de Touro do Brasil no momento, eles não tinham a estrutura que a Federação possuía. É por isso que eu digo que eles não trouxeram nada de novo pro rodeio. Ah! Outra coisa que eu ia esquecendo de dizer é que, além do pessoal da Confederação ter se baseado na estrutura organizacional da Federação para criar o seu campeonato, o aumento do número de peão de Touro que foi competidor nos Estados Unidos aumentou muito mesmo entre 1991 e 1999. Isso é muito importante porque depois que eles voltavam pro Brasil queriam organizar competições no formato das norte-americanas porque lá não existem associações como tem aqui. Lá, tanto a PBR [*Professional Bull Riders*] quanto a PRCA [*Professional Rodeo Cowboys Association*] são controladas, dirigidas e administradas pelos próprios peões. Então quando eles voltavam pro Brasil e percebiam que não tinham voz nas decisões acabavam começando com um *zum-zum-zum* e deu na formação da Confederação e no campeonato dela. Mas, como eu já havia dito, acontece que já tinha a Federação que já estava desde [19]96 fazendo e organizando o Circuito Nacional [de Rodeio Completo] que já mantinha um considerável intercâmbio de informações e profissionais norte-americanos que vinham pro Brasil organizar cursos e julgar alguns rodeios. Então, se a gente olhar por esse ângulo, aí as coisas começavam a ficar mais difíceis pra nós do Rodeio porque os ambientalistas, que sempre foram nosso maior problema, estavam cada vez mais unidos e fortalecidos e, o Rodeio, por causa dessas divergências e disputas estava se dividindo e se enfraquecendo. Então depois que aconteceu aquele problema em Barretos [1999] onde até onde eu sei, parece que os peões da Confederação boicotaram a Federação e isso gerou muita polêmica inclusive provocando distanciamentos entre certos profissionais e comissões organizadoras, ficou claro que a divisão em dois campeonatos nacionais até poderia existir, mas, todos deveriam se

> unir pra fazer o Congresso regulamentar a profissão de peão de rodeio e, por conseqüência, criar uma proteção legal para os Rodeios. Aí o que aconteceu foi que foram deixadas de lado as divergências. Foi cada qual para o seu campeonato e, como tanto o campeonato da Federação quanto o da Confederação tinha em torno de oito etapas cada um, ninguém conseguiria viver com o dinheiro só daqueles eventos. Era preciso garantir a existência de uma média de, pelo menos, 40 rodeios por semana no Brasil, o que daria em torno de 1.600 rodeios por ano. Claro que essa média de 40 rodeios por semana é devido a temporada dos rodeios no Brasil ser de aproximadamente 9 meses. Como aqui existem, até onde eu sei, poucos recintos cobertos como, Presidente Prudente [SP] e Iturama [MG], por causa do período das chuvas, a temporada do rodeio começa mesmo em março e se estende até novembro. Então não havia espaço para disputas menores porque se a gente não se articulasse mesmo talvez a 'lei do peão' não tivesse sido aprovada em 2001. Talvez levasse mais um ou dois anos[14].

Com base no discurso de Matsuda podemos reconhecer que, embora a luta entre CNR e FNRC continuasse a existir, esse deveria ser um assunto a ser resolvido após a regulamentação do rodeio em nível federal. Tudo indica que a luta de classes, declarada em 1999, cedeu espaço a uma luta "surda", latente, porém, sem que perdesse ou se esvaziasse de suas contradições e objetivos distintos de cada classe. Ademais, Matsuda ao enfatizar a intensificação dos fluxos migratórios de peões brasileiros para os EUA bem como pelo aprofundamento dos intercâmbios técnicos entre as associações brasileiras de Rodeio e as empresas de Rodeio nos EUA, nos permite vislumbrar esse movimento inserido no acontecer social no qual os peões atingem o nível de consciência necessário para o *fazer-se* classe.

Com o intuito de darmos voz à CNR para que expusesse sua posição e entendimento tal como o fez a FNRC por meio de Edson Matsuda, utilizamos a colaboração do locutor Asa Branca, na época, presidente da CNR. Em seu entendimento,

> O ano de 2000 foi decisivo para a regulamentação do rodeio como esporte no Brasil. Ainda que a gente da Confederação [Nacional do Rodeio] tivesse nossas diferenças com o pessoal da Federação [Nacional do Rodeio Completo] a gente teve que dialogar e deixar de lado essas diferenças para o bem de todos que ou viviam do Rodeio ou estavam envolvidos com ele. Pra falar a verdade, a Confederação também não era essa maravilha toda não. Tinha muito quebra-pau [desavenças] entre os peões tanto de Touro em relação aos de Cutiano quanto entre eles mesmos. Você sabe, qualquer lugar ou

[14] Entrevista realizada em São José do Rio Preto/SP em 07 de abril de 2009, durante o II Seminário de Regras da PBR Brasil.

> decisão que envolva mais de uma pessoa as coisas não são fáceis de organizar. E ali, na Confederação a gente estava tentando organizar um campeonato que fosse dirigido pelos próprios peões mesmo sem a interferência das comissões e diretorias de rodeio. A nossa posição era muito clara quanto a isso. Mesmo que existissem diferenças internas na Confederação, nossa proposta era que as diretorias de clubes de rodeio, os empresários do rodeio e as comissões de festas ficassem com o que eles sabem fazer: buscar patrocínio para os eventos, contratar *shows*, vender os espaços da festa para quem quisesse montar seu *stand*, entende? Eles ficariam responsáveis por essa parte e nós com a parte do rodeio propriamente dito. Essa idéia foi sendo amadurecida desde mais ou menos 1994 quando as TVs pararam de organizar e promover os Circuitos Nacionais de Rodeio. Porque a gente começou a perceber que quem realmente fazia o rodeio era a gente: peões, locutores, salva-vidas, madrinheiros, o pessoal do som e, infelizmente só uns poucos ganhavam. E esses que ganhavam não estavam muito preocupados em ajudar os outros [risos]. Você já viu alguém criar cobra pra depois ela te picá? Então, no rodeio existia esse medo entre a peonada até mais ou menos a gente formar a Confederação. Aí quando essa idéia de fazer uma associação de peões, dirigida pelos próprios peões ficou madura, a gente formou a Confederação pra fazer frente à Federação. Acontece que isso ao contrário de fortalecer o rodeio acabava enfraquecendo e abrindo espaço para a ação da entidades protetoras dos animais 'cair matando' sobre o rodeio. Então é isso que eu estava dizendo mesmo. Em 2000 a gente e a Federação colocou de lado as nossas diferenças e colocamos uma meta para ser atingida em conjunto: a regulamentação do rodeio como esporte no Brasil. Na verdade a disputa não acabou naquele ano não. Ela só foi abafada pra ser 'ressuscitada' de uma outra forma depois de 2001.

Podemos sugerir, de tudo que foi apresentado até o presente momento que as relações de poder que se estabelecem no território do rodeio tornam-no mais tenso e conflituoso, pois envolve de um lado um grupo já consolidado e em posição hegemônica nesse campo de poder. Por outro lado, as experiências anteriores proporcionadas pelos circuitos de rodeio, por uma maior circulação de profissionais em nível mundial, associadas à questão de um maior profissionalismo das modalidades e competições geraram uma resistência por parte dos hegemoneizados.

Se as festas do peão de boiadeiro haviam sido convertidas em espaços-mercadoria, em territórios do consumo, nos quais os shows tornavam-se as principais atrações e consumiam boa parte dos recursos angariados pelas diretorias de rodeio, é inegável a emergência de uma consciência de classe, ainda que tímida. Mas, que tendeu a se fortalecer a se posicionar diante das condições impostas ao principal sujeito social do rodeio: o peão de rodeios.

5.3. Experiência, classe e poder no processo de regulamentação da profissão de peão de rodeio

A aprovação da lei federal que regulamentou o rodeio como esporte profissional no Brasil resultou de longas e intensas lutas que envolveram diferentes e divergentes sujeitos sociais em torno de posições distintas acerca do tema. Longe de ter sido um movimento linear ou evolutivo, caminhou por diferentes vias em avanços e retrocessos.

Ao que tudo indica foi direcionado e disputado por diferentes projetos políticos e resultou na emergência, de classes sociais (THOMPSON, 1979, 1997, 1998, 2010) tanto em aliança quanto em conflitos de poder. Mesmo porque, entendemos que o poder e a dominação não se localizam apenas no aparelho de Estado ou no nível do econômico, mas, existe e é exercido tanto nas relações entre classes quanto no interior das próprias classes sociais e esse é o caso do rodeio (FOUCAULT, 1979, 1998; RAFFESTIN, 1993).

O debate acerca da profissionalização do peão de rodeio, intensificado a partir de 1997, com a tramitação no Congresso Nacional de Projetos de Lei que versavam sobre o tema, colocou lado a lado políticos como Jair Meneguelli, conhecido sindicalista do ABC paulista e um dos fundadores da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Ronaldo Caiado, representante dos interesses dos empresários rurais e da União Democrática Ruralista (UDR); o agropecuarista Moreira Mendes (PFL) e o ex-professor universitário Xico Graziano (PSDB); Romeu Tuma, ex-diretor geral do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) paulista de (1977-1982) e Marcelo Fortes Barbieri, ex-diretor da União Estadual dos Estudantes (UEE) e ex-vice-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Ainda que a luta política e as alianças de poder tenham se tornado mais visíveis na transição da década de 1990 – em razão da dimensão e intensidade que tomaram – as tensões e os conflitos entre os “ambientalistas” e os “profissionais de rodeio” já ganhavam corpo e forma nos últimos anos de 1980.

Esse embate pode ser entendido por um lado como resultado do crescimento qualitativo e quantitativo pelo qual passava o rodeio e, de outro, pela promulgação da Constituição Federal de 1988 a qual dispunha no artigo 225 *caput* que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado [...] incumbindo ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo”.

Assim como é dever de todos, de acordo com o § 1°, inciso VII, do mesmo artigo, “proteger a fauna” vedando as “práticas que submetam os animais à crueldade”.

Assim, de um lado, os “ambientalistas”, simpatizantes e integrantes da União Internacional Protetora dos Animais (UIPA), da Associação Protetora dos Animais São Francisco de Assis (ASPAFA), e da Sociedade Protetora dos Animais (SPA), encontravam-se nesse período em franco processo de articulação, fortalecimento e definição de suas propostas políticas.

Conforme esclarece Costa (2003) em suas críticas aos rodeios, os “ambientalistas” denunciavam as montarias como “práticas abusivas” às quais seriam submetidos os animais. Buscavam, com isso, se não extinguir completamente as competições que envolvessem o uso de animais tanto em provas de montarias quanto nas funcionais das festas do peão de boiadeiro, ao menos provocar a mobilização social para que certas mudanças fossem realizadas naquelas competições. Para tanto, alegavam que tais competições eram verdadeiras aberrações, verdadeiros circos de horrores, nos quais eram usados “apetrechos” para forçar os animais a escaparem de momentos de tortura e dor.

Se comparado aos “ambientalistas” os “profissionais do rodeio” ainda não possuíam o mesmo poder de articulação e atuação, pois, segundo Sebastião Procópio as categorias profissionais no rodeio não eram claras e definidas. Basta lembrar a tensão existente entre peões de cutiano e de touros; tropeiros, boiadeiros, e proprietários de rodeio; isso sem mencionar a figura do locutor, palhaços de arena e salva-vidas, os quais não se enquadravam em qualquer um dos grandes grupos anteriores.

Conforme sua compreensão acerca da força e capacidade dos “profissionais do rodeio” fazerem frente aos “ambientalistas”, Procópio esclarece que:

> Até pelo menos meados de 1990 o rodeio era uma bagunça. Não existia uma separação muito clara de quem era quem no rodeio. Existia dono de tropa que era dono de boiada e também possuía a sonoplastia, as arenas, as arquibancadas e, além disso, também era peão e montava e disputava os rodeios que tinha sido contratado. Tinha peão que era juiz em um rodeio e, em outro, era peão. Tinha peão de touro que montava em cavalo. Então, como que o pessoal do rodeio poderia se organizar. Entende? Além disso, a grande maioria dos peões, salva-vidas, juízes e mesmo de tropeiros e boiadeiros era gente rude. Gente que não tinha ido à escola e, quando foi, não passou da 4ª série [atual 5º ano do Ensino Fundamental Ciclo I]. Poucos eram aqueles que como eu teve

> condições de fazer um curso de inglês, concluir o colegial [atual Ensino Médio], prestar vestibular e ingressar na faculdade [no caso, Agronomia]. Acho que além de mim eram poucos mesmo. Me recordo que na mesma situação ou até melhor que eu [risos] estava o Paulo Emílio e o Flávio Junqueira. O Paulo [Emílio] por pressão do pai – que montou uma boiada de rodeio pra ele – deixou de ser peão e fez Administração de Empresas. O Flávio [Junqueira] também começou com essa história de montar em rodeio, mas, desde o início ele era diferente dos demais. Sujeito inteligente, esperto, inovador, na verdade desde o começo ele já era dono de boiada. Além disso, também fez Direito e hoje é advogado e preside a PBR [*Professional Bull Riders*] Brasil. Então, era muito poucas as pessoas que tinham condições de saber o que estava acontecendo, o que eram as Sociedades Protetoras dos Animais [SPA] e qual era o poder delas sobre o rodeio. Acredito que isso vai passar por uma mudança – ainda que superficial – a partir de 2000. Agora, o pessoal das diretorias dos grandes rodeios brasileiros era completamente diferente da gente. Os diretores de Barretos, Jaguarina, Americana, Goiânia, Maringá, Cajamar, eram pessoas se não com curso superior, contavam com assessores tanto jurídicos quanto administrativos e publicitários. Acredito que por isso mesmo o diálogo e a aproximação entre os diretores dos grandes eventos tenha sido facilitada, entende? E, ao contrário do que o pessoal de fora do rodeio pensa, não foram os peões e outros profissionais que iniciaram a resistência às críticas dos ambientalistas, mas, os diretores dos grandes eventos e os principais tropeiros e boiadeiros. O peão veio a reboque, servindo mais como instrumento para que os grandes conseguissem fortalecer o rodeio.

Logo, o movimento de resistência e a oposição aos “ambientalistas” não partiu dos verdadeiros “trabalhadores” dos rodeios, mas, de uma classe que já possuía certa unidade e consciência de organização e, em razão disso, poderia liderar a luta pela legalização do rodeio. A respeito dessa questão Costa (2003) sugere que restava atrair para a arena da luta política – sem que as posições de domínio e poder fossem alteradas no interior do território – os demais “profissionais do rodeio”: peões, juízes, locutores, tropeiros e boiadeiros para tornar a luta legítima.

Imbuídos do discurso de “profissionalismo”, “qualidade física dos animais e peões”, “defesa dos direitos trabalhistas dos peões” e “esporte”, os “profissionais do rodeio” buscaram sua legitimidade tanto no interior do rodeio quanto junto ao conjunto maior da sociedade. Se por um lado o discurso em defesa do rodeio se amparava em um sentimento humanitário em relação ao peão, por outro omitia-se o real sentido e os objetivos dessa ação. Além do discurso de “defesa do homem do campo em contraposição ao homem da cidade” esse grupo também pautou seu discurso na dimensão econômica e financeira realizada pelo conjunto desses eventos.

Não obstante, o conflito que se estabeleceu entre os “ambientalistas” e os “profissionais do rodeio” não ficou restrito ao espaço das arenas e festas de peão, ou seja, não esteve circunscrito ao âmbito de atuação desses grupos antagônicos. A luta política que se desenrolou na década de 1990 estendeu-se, ganhou corpo, forma e intensidade incorporando outros sujeitos sociais que, de certa forma, não estavam ligados diretamente à questão da legalidade/ilegalidade dos rodeios (COSTA, 2003). Em torno da questão diferentes redes de poder foram sendo estabelecidas ao mesmo tempo em que eram colocados lado a lado ou em oposição outros sujeitos sociais como, artistas da música e televisão brasileiras até políticos de diferentes partidos e clivagens ideológicas.

No caso da música, as duplas sertanejas, Chitãozinho & Xororó e Zezé di Camargo & Luciano, colocaram-se como porta-vozes do rodeio. Em oposição aos sertanejos estava a cantora Rita Lee que se posicionou ao lado dos “ambientalistas”. No campo político, a situação não foi diferente. O debate em torno da proibição/legalização dos rodeios colocou lado a lado tanto políticos quanto os próprios partidos políticos de origens e clivagens ideológicas muito distintas como, o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o Partido da Frente Liberal (PFL), e o Partido Liberal (PL) em aliança em torno da questão (COSTA, 2003).

A razão dessa articulação estava fundada na perspectiva de que, somente por meio dela, os “profissionais do rodeio” poderiam fortalecer suas posições diante da força que os ambientalistas vinham granjeando desde os primeiros anos de 1990 e, desse feito, teriam a possibilidade de tornar o rodeio juridicamente reconhecido.

De maneira mais clara, entendemos que para compor forças e exercerem certa resistência à luta política que se desenhava com os “ambientalistas” nesse período, os “profissionais do rodeio” tenderam a lançar mão dos mais diversos artifícios e estratégias de poder (RAFFESTIN, 1993). Esse conjunto de estratégias e mecanismos de poder abrigava desde estratégias que permitissem maior visibilidade na mídia, fosse por meio do crescimento da música sertaneja, fosse por meio da propaganda.

Todavia, a partir dos primeiros meses de 1998, tal situação seria consideravelmente alterada e as posições dos diferentes sujeitos sociais reorganizadas no interior desse território. Em fevereiro desse ano foi aprovada, pelo

Congresso Nacional, a Lei Federal 9.603, a qual representou uma considerável vitória ao projeto político dos “ambientalistas”. O conteúdo dessa lei tornava "crime ambiental" toda e qualquer prática de atos de abuso, maus-tratos, mutilações ou ferimentos praticados contra os animais.

Com base nessa lei, a UIPA e demais entidades protetoras dos animais passaram a contar com instrumento jurídico capaz de fazer frente e se impor, pela legalidade, aos “profissionais do rodeio”. Conforme explica Costa (2003), essa lei deu força, armou aos “ambientalistas” e os colocou, de certa forma, em posição confortável em relação aos “profissionais do rodeio”, haja vista que:

> Vários juízes usaram essa lei para enquadrar os rodeios como atividades ‘lesivas ao meio ambiente’, porque avaliaram que os animais que participavam das montarias e das chamadas ‘provas funcionais’ eram maus tratados. O embargo de várias festas e a insegurança vivida pelas comissões organizadoras, que podiam, inclusive, ser presas sob a acusação de praticarem tal crime, exigiu uma articulação rápida e em nível nacional (COSTA, 2003, p.132).

Ainda que as maiores polêmicas girassem em torno dos grandes eventos concentrados, essencialmente, no estado de São Paulo como, Americana, Barretos, Cajamar, Jaguariuna e Presidente Prudente[15], o objetivo dos “ambientalistas” era alcançar a proibição definitiva de espetáculos de montarias e competições que envolvessem animais. Destarte, foi a partir dessa lei que os organizadores desses eventos sentiram a fragilidade e vulnerabilidade dessas competições.

Segundo Costa (2003) a aprovação da referida norma jurídica possibilitou “profissionais do rodeio” reconhecerem que em razão dos rodeios não possuírem legislação específica que os regulamentasse abria-se a possibilidade de terem eventos embargados ou mesmo de seus organizadores serem enquadrados em “crime ambiental”. Com isso, reconheceram que a única estratégia para salvaguardar seus interesses seria a união e a articulação definitiva entre os diferentes e diversos sujeitos sociais. Para tanto, as divergências entre os interesses

[15] A aprovação da Lei Federal 9603/1998 em fevereiro de 1998 funcionou como verdadeira ameaça à temporada anual de rodeios que se abre, tradicionalmente no Brasil, em março. Os organizadores dos grandes eventos passaram a defender a idéia e que essa norma jurídica deveria ser neutralizada o mais rápido possível, pois, embora existisse a possibilidade dos organizadores recorrerem às liminares, havia a probabilidade dos grandes eventos não serem realizados em suas datas tradicionais – Americana (Junho), Barretos (Agosto), Cajamar (maio), Jaguariuna (maio) e Presidente Prudente (junho).

individuais ou de classe deveriam ser neutralizadas em benefício de um “bem comum”: a regulamentação do rodeio como esporte.

Na outra frente, a de oposição, as críticas e a alegação de maus-tratos elaborada pela UIPA baseava-se tanto no manejo dos animais quanto nos instrumentos e equipamentos utilizados pelos peões, tropeiros e boiadeiros durante as montarias, no caso, as provas de laço – dupla e bezerro, o sedém[16] e as esporas. Para a Associação Protetora dos Animais São Francisco de Assis (APASFA)[17] os rodeios se assemelham aos circos romanos quanto à brutalidade e violência.

Quanto ao manejo, os “ambientalistas” alegavam que durante a ocorrência dos eventos os animais não possuíam locais adequados para permanecerem antes e após as montarias. Também afirmavam que em razão da inexistência de médicos veterinários, ou profissionais equivalentes, os animais não eram submetidos a critérios rigorosos de exame, controle e avaliação de suas condições físicas. Ainda quanto a desobrigação da presença desse profissional durante as competições declaravam que tal situação permitia que tropeiros, boiadeiros e peões lançassem mão de diversos meios violentos, como o uso de choque elétrico, tanto para direcionar os animais aos bretes quanto para torná-los mais agressivos e difíceis de montar.

Conforme posicionamento da APASFA, baseada nos princípios da UIPA, os animais do rodeio estão submetidos a:

> *Choques elétricos e mecânicos:* aplicados nas partes sensíveis do animal antes da entrada à arena.*Terebentina, pimenta e outras substâncias abrasivas*: são introduzidas no corpo do animal. *Golpes e marretadas:* na cabeça do animal, seguido de choque elétrico, costumam produzir convulsões no animal e são o método mais usado quando o animal já está velho ou cansado. São esses recursos que fazem o animal saltar descontroladamente, atingindo

[16] Espécie de cinta que se amarra na virilha do animal para provocar cócegas e fazer com que, ao tentar dela se desvencilhar, o animal torne seus pulos mais intensos e difíceis para o competidor ao jogar as patas para trás durante seus saltos. Conforme trabalho de campo e informações prestadas por colaboradores, ainda pode ser encontrado o sedém tradicional que é elaborado com pelos da crina ou do rabo de eqüinos trançados, mas, nos eventos por nós visitados o sedém utilizado era o de lã, algodão ou neopreme para as montarias em cavalos e, para as montarias em touros, desde 2001, optou-se pelo uso da “cordinha” em substituição a esse tipo de material. A justificativa para essa mudança é o bem estar do animal. Alegam, os profissionais do rodeio que o sedém, embora torne o animal mais difícil de montar em razão do mesmo ampliar seus coices e torções de ancas durante os saltos, não torna um animal “manso” em “animal de rodeio”. Para eles, existe certa “inclinação natural” que pode ser explicada geneticamente.

[17] A APASFA foi fundada em 21 de Abril de 1982 em São Paulo/SP onde mantêm sua sede.

> altura não condizente com sua estrutura, resultando em fratura de perna, pescoço e coluna, distensões, contusões, quedas, etc.[18].

No tocante aos instrumentos utilizados pelos peões e tropeiros durante as montarias as acusações eram mais incisivas. A SPA e UIPA declaravam que as esporas utilizadas pelos peões de touros e cavalos eram objetos cortantes, "verdadeiras armas" e que, invariavelmente, produziriam ferimentos nos animais durante as apresentações. Em relação ao sedém a acusação era a de que seu uso feria o sistema reprodutor do animal, pois, ao ser apertado durante a montaria, prenderia os órgãos genitais (uretra ou os testículos) tanto de cavalos quanto de touros[19], conforme esclarece a APASFA:

> *Sedem ou sedenho:* é um artefato de couro ou crina que é amarrado ao redor do corpo do animal (sobre pênis ou saco escrotal) e que é puxado com força no momento em que o animal sai à arena. Além do estímulo doloroso pode também provocar rupturas viscerais, fraturas ósseas, hemorragias subcutâneas, viscerais e internas e dependendo do tipo de manobra e do tempo em que o animal fique exposto a tais fatores, pode-se evoluir até o óbito. *Objetos pontiagudos:* pregos, pedras, alfinetes e arames em forma de anzol são colocados nos sedenhos ou sob a sela do animal. *Peiteira e sino*: consiste em outra corda ou faixa de couro amarrada e retesada ao redor do corpo, logo atrás da axila. O sino pendurado na peiteira,contitui-se em mais um fator estressante pelo barulho que produz à medida em que o animal pula. *Esporas:* às vezes pontiagudos, são aplicados pelo peão tanto na região do baixo-ventre

[18] Essas críticas foram retiradas do site oficial da APASFA acessada em 07 de novembro de 1999 às 02:30. http://www.apasfa.org/futuro/rodeios.shtml

[19] Embora cada modalidade possua um tipo específico de esporas, todas possuem a mesma configuração, pois, são compostas de quatro partes. *O garfo*: parte de metal em formato de U que se encaixa no calcanhar da bota; *o cachorro*: haste de metal que se estende do centro do garfo e abriga a roseta; *a roseta*: mecanismo de formato esférico composto por "dentes" e que fica em contato direto com o animal e, *as correias*: única parte de couro que saem do cachorro da espora e envolvem as botas tanto por cima quanto por baixo do solado dando firmeza ao equipamento e à bota e evitando que o instrumento se solte da bota durante a montaria. Mesmo que esse não seja o intuito da tese – discutir a validade das argumentações da SPA, há que considerar certa coerência em suas alegações quanto ao uso das esporas. Isso porque, mesmo que as esporas utilizadas em montarias de touros sejam de pontas grossas, a "roseta" não deve girar livremente, pois, sendo o couro do bovino "extremamente solto de seus músculos", não há como o peão se segurar em seu lombo utilizando apenas a "corda americana". Para auxiliá-lo suas esporas devem ter as "rosetas" travadas quase integralmente para que, assim, possam proporcionar maior segurança ao competidor durante a montaria. Outro indício interessante está na questão do julgamento da montaria onde a nota do peão está condicionada à sua destreza no dorso do animal. Sendo assim, para que sua nota seja alta, além de permanecer 8 segundos no lombo do animal, é necessário que ele "esporeie" seu animal. Com isso, provavelmente, algumas lesões internas sejam causadas podendo ser percebidas por meio da observação de inchaços nas regiões onde as esporas dos competidores agiram. No caso da montaria em cavalos, devemos reconhecer que as rosetas, mesmo girando livremente sem qualquer limitação, podem também provavelmente provocar lesões nos animais. Mesmo porque, a nota desta modalidade está condicionada à ação das esporas no pescoço do animal, ou seja, quanto mais o peão "bate as esporas" no pescoço do animal enquanto o mesmo salta, maior será sua nota.

> do animal como em seu pescoço, provocando lesões e perfuração do globo ocular [20].

Reconhecendo que a UIPA e a SPA possuíam um grande trunfo nas mãos e que, por meio desse instrumento jurídico, poderiam na melhor das hipóteses inviabilizarem a realização de alguns grandes rodeios, restava aos "profissionais do rodeio" organizar e promover o movimento de resistência e reação ao fortalecimento dos "ambientalistas". Nesse quadro de tensões, conflitos, alianças e jogos de poder, a saída encontrada por esse grupo foi demonstrar que o rodeio, ao contrário do que preconizavam os opositores, era uma atividade profissional com características que o aproximava dos demais esportes.

Para tanto, em março de 1998, foi organizado pela diretoria da FNRC o I Seminário de Provas. Realizado no *Rancho Big Horse* de Novo Horizonte, o encontro foi direcionado a juízes, organizadores, representantes de comissões de festas, tropeiros, peões e Sindicato dos Profissionais de Rodeio tinha o objetivo de uniformizar as regras das diversas competições. Segundo o Médico Veterinário e juiz de Rodeios Edson Matsuda:

> A maior preocupação da Federação [Nacional do Rodeio Completo] em realizar aquele Seminário era com a padronização das regras para as diversas modalidades nos rodeios, o que iria facilitar a regulamentação das competições de Rodeio como esporte. Não existiam regras claras ou unificadas para o Cutiano, principalmente. Digo principalmente porque mesmo que as outras modalidades que foram agregadas ao Circuito [Nacional do Rodeio Completo] organizado pela Federação [Nacional do Rodeio Completo] como, a Sela Americana, o *Bareback* e o *Bull Riding* [montaria em touros] já tivessem entrado no Brasil com suas próprias regras, cada rodeio ou juiz tinha uma forma de julgar e atribuir nota. Com isso o público ficava sem saber nada e, sem saber o que acontecia, dificultava a gente explicar pro público que Rodeio era esporte e profissão. Então essa diferença que existia entre eventos e visão de juízes dificultava a regulamentação do rodeio como esporte. O Laço em Bezerro, o Laço em Dupla e os Três Tambores já vieram da ABQM (Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Quarto de Milha) com suas regras e seus juizes. Então, a gente tinha que seguir o exemplo deles quanto à união para a organização e uniformização de regras. Quanto ao formato das regras, a gente tinha também que ter um referencial e, o nosso referencial foi o sistema norte-americano de regras de Rodeio utilizado pela PRCA (*Professional Rodeo Cowboys Association*). Como lá [EUA] não existia e nem existe até hoje o Cutiano – porque essa é uma modalidade que só existe no Brasil – a gente teve que se basear nas regras da Sela Americana e do

[20] Críticas retiradas do site oficial da APASFA acessada em 07 de novembro de 1999 às 02:30. http://www.apasfa.org/futuro/rodeios.shtml

> *Bareback*, onde o *cowboy* para marcar a saída deve posicionar as esporas entre a paleta e o pescoço e, por analogia, foi utilizada para criar as regras para a nossa modalidade. Me lembro que naquele ano [1998] a gente estava sofrendo muito com o fortalecimento das entidades de proteção aos animais porque logo no início da temporada dos Rodeios [fevereiro] havia sido criada uma Lei [Federal 9.603/98] que estava criminalizando os rodeios. Então a razão da luta da Federação passou a ser ainda mais a profissionalização do setor e o reconhecimento do rodeio como esporte. Para que isso pudesse acontecer, a definição e uniformização de regras era uma premissa básica. Quanto aos maus-tratos, ainda que a gente discordasse de alguns pontos propostos pelas entidades de proteção aos animais [uso de esporas e sedéns], a gente tinha e tem a maior preocupação com os animais. Talvez até mais que eles mesmos. Assim, ao contrário do que pretendia as entidades de proteção aos animais, a nossa luta pela evolução e modernização do rodeio cresceu consideravelmente desde 1998 e acabou desembocando na regulamentação do rodeio como esporte profissional no Brasil em 2001 [21].

A reação dos "profissionais do rodeio" ao fortalecimento dos ambientalistas deveria se basear em discursos e práticas que demonstrassem, ao contrário de maus-tratos, o profissionalismo e a racionalidade com que eram organizadas as competições de Rodeio. Todavia, não bastava apenas aprofundar as características esportivas do Rodeio, pois, a FNRC carecia de amparo legal ou instrumento jurídico que a protegesse frente aos "ambientalistas". Ao mesmo tempo em que seria amparada juridicamente, teria condições asseguradas para continuar operando livre e isoladamente no interior desse território. Assim, o primeiro instrumento de defesa e proteção dos rodeios partiu da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA/SP).

Por meio da Resolução SAA-18 de 31/03/98, assinada pelo então secretário de Agricultura e Abastecimento Francisco Graziano Neto, foram fixadas normas regulamentares que deveriam ser observadas durante a promoção e fiscalização da defesa sanitária animal nos rodeios. Dentre as diversas determinações, duas foram determinantes para salvaguardar os interesses dos "profissionais do rodeio": i) a obrigatoriedade da presença de um médico veterinário durante a ocorrência dos eventos para acompanhamento das condições físicas e sanitárias dos animais e, ii) a comunicação,por parte deste profissional, sobre a ocorrência de maus tratos e abusos contra os animais.

---

[21] Entrevista realizada em São José do Rio Preto/SP em 07 de abril de 2009, durante o II Seminário de Regras da PBR Brasil.

Além dessas estratégias outras também foram organizadas. Como forma de fortalecer seu discurso junto à população do interior do Estado de São Paulo e, consequentemente, granjear apoio no Congresso Nacional, em março de 1998, diferentes sujeitos sociais ligados direta ou indiretamente ao rodeio como, juízes, duplas sertanejas, comissões e empresas organizadoras de rodeio, tropeiros, boiadeiros, peões e locutores, uniram-se em torno de uma ampla campanha em prol da regulamentação do rodeio como esporte no Brasil.

Essa nova situação forçou os "profissionais do rodeio" a desenvolverem um discurso que colocava o "povo do interior em oposição ao povo da cidade"[22], muito bem expresso na fala do presidente do clube Os Independentes de Barretos, Marcos Abud Wonrath ao enfatizar que:

> Não é por que eles [os "ambientalistas"] acham que judiam dos animais. Em minha opinião – e isso eu posso dizer por que eu nasci aqu – essa opinião toda desse povo todo, não é em cima do Rodeio, do animal em si, é em cima do povo do sertão.Na verdade eles têm nojo de quem não mora na capital. Eles têm raiva de quem mora no interior, do caipira, esse é o preconceito que eles têm. Isso em minha opinião é um verdadeiro preconceito. Quando estou em São Paulo – porque eu moro e trabalho em São Paulo – ou Rio de Janeiro sempre encontro pessoas que falam pra mim que são contra os rodeios. Essas pessoas são meus próprios amigos, mesmo porque, eu tenho amigos em São Paulo e no Rio de Janeiro e eles falam isso sem nunca ter pisado na terra, no interior, no sertão. Eles acham que nós somos perdidos, que nós somos bobos, caipiras, jecas, que nós somos isso, que nós somos aquilo, mas ao passo que você traz ele aqui e mostra esse evento quando ele esta montado, eles saem daqui e passam a defender o rodeio na mesma hora. Então eu convido a quem quiser: seus professores e seus amigos da cidade que não conhecem o campo ou a lida do campo com o gado. Vem aqui com eles, eu vou mostrar o fundo dos bretes. O fundo dos bretes é onde você coloca os animais para o trabalho. Se der alguma coisa errada eu mando parar a festa na hora. Esse é um convite meu, e você pode reportar isso para eles [23].

A análise do discurso nos permite localizar claramente o lugar social ocupado pelo sujeito que o profere, no caso, Os Independentes de Barretos, um dos principais responsáveis pela mobilização em torno da regulamentação do rodeio como esporte no Brasil. Como se pode perceber, a luta política em desenvolvimento desde os primeiros anos de 1990 ingressou em uma nova fase – marcada pela

[22] Expressão utilizada por Marcos Abud Wonrath para esclarecer o significado da luta política que envolve os "ambientalistas" e os "profissionais do rodeio", conforme entrevista realizada em Barretos/SP em 03 de abril de 2007.

[23] Entrevista realizada em Barretos/SP em 03 de abril de 2007.

intensificação dos debates e atritos entre “ambientalistas” e “profissionais do rodeio” bem como por sua extensão a outros grupos sociais que não mantinham relação direta com os rodeios.

Ainda que essa não fosse uma luta recente, pois, conforme demonstrado anteriormente, as primeiras reivindicações em torno da regulamentação da profissão de peão de rodeio remontavam ao início da década de 1990, foi somente a partir de 1997 que a mesma ganhou corpo, forma, extensão e intensidade. Nesse ano existiam pelo menos três projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional que versavam sobre o assunto. Em torno da profissionalização do peão de rodeio, políticos paulistas de diferentes partidos e clivagens ideológicas se colocaram como representantes dos “profissionais do rodeio”.

Deputados Federais Jair Meneghelli (PT), Paulo Lima (PFL) e Arthur Alves Pinto (PL) apresentaram seus projetos de lei que, embora possuíssem diferenças, não divergiam em sua essência. Invariavelmente todos defendiam a regulamentação do rodeio como esporte profissional de forma que os peões tivessem todos direitos assegurados por leis previdenciárias e trabalhistas como qualquer atleta profissional.

Todavia, se por um lado, o debate em torno do tema já constituía elemento de trabalho do Congresso Nacional desde 1997, por outro, a urgência em criar mecanismos jurídicos que eliminassem completamente a fragilidade do rodeio ante a ação dos “ambientalistas” levou os “profissionais do rodeio” e políticos paulistas a uma maior aproximação. Diante da desigualdade de forças entre “ambientalistas” e “profissionais do rodeio” restava a este último grupo, encontrar ou mesmo criar mecanismos de proteção ao rodeio – e seus interesses – o mais breve possível. Portanto, ao que parece, o único caminho vislumbrado pelos “profissionais do rodeio” seria apelar para políticos da região ou representantes dos interesses “do povo do rodeio: o povo do interior” [24]. Conforme enfatiza Emílio Carlos dos Santos, membro de Os Independentes de Barretos,

> A iniciativa dos deputados vem ao encontro das necessidades de uma classe que até hoje não tinha recebido atenção dos políticos. Atualmente os deputados enxergam a realidade dos profissionais de rodeio e se sensibilizam. O rodeio é o único esporte inspirado no dia-a-dia.O que se passa na arena nada mais é que a retratação do que

[24] Expressão utilizada por Marcos Abud Wonrath para esclarecer o significado da luta política que envolve os “ambientalistas” e os “profissionais do rodeio”, conforme entrevista realizada em Barretos/SP em 03 de abril de 2007.

> acontece diariamente nas fazendas (RODEO COUNTRY, 1998, p.29).

Considerando que o Estado de São Paulo concentrava grande parte dos rodeios do BCP bem como os principais rodeios dessa região, a luta pela regulamentação do rodeio também tenderia a partir deste Estado. Conforme pudemos constatar, desde 1991, havia projeto de lei tramitando no na Assembleia Legislativa Estadual. Proposto pelo Deputado Estadual Toninho da Pamonha (PFL) o referido Projeto propunha a normatização do rodeio como esporte em São Paulo – fato que demonstra a importância deste Estado no conjunto de eventos organizados no BCP. Todavia, conforme explica o locutor Asa Branca

> Na verdade o Toninho da Pamonha foi eleito pelo pessoal ligado ao campo e ao rodeio. Então, durante a campanha eleitoral ele prometeu criar uma Lei e pressionar os outros Deputados pra regulamentar o rodeio em São Paulo. Mas porque uma lei pra São Paulo e não pro Brasil, não é mesmo? Acontece que as festas de peão de boiadeiro e os rodeios do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas [Gerais] e Paraná – com exceção de Maringá [PR], Goiânia [GO], Cuiabá [MT] e Divinópolis [MG] – não tinham a mesma dimensão, o brilhantismo e a visibilidade que os rodeios paulistas de Americana, Jaguariuna, Cajamar, Barretos, Novo Horizonte, Presidente Prudente tinham na mídia. Entende? Aí é claro que os 'ambientalistas' iriam concentrar suas ações sobre esses eventos porque, assim, poderiam desarticular todo esquema montado. Enfraquecendo os rodeios de São Paulo eles conseguiriam atingir todos os outros eventos. Então, também foi de São Paulo que a decisão de regulamentação do rodeio partiu. E como no final de 1980 a festa do peão de boiadeiro e os rodeios já tinham virado uma 'febre' de praticamente todas as cidades paulistas, para os políticos elas eram muito importantes porque nelas eles poderiam fazer as suas campanhas no período eleitoral, entende? Então na verdade foi certo toma lá – dá cá entre o pessoal que comandava o rodeio na época – tropeiros, boiadeiros e as diretorias dos grandes eventos, a peonada e outras pessoas que viviam do rodeio como, barraqueiros [vendedores ambulantes], a juizada e os locutores. Mas, como o pessoal opositor ao rodeio [ambientalistas] não possuíam nada que garantisse agir para acabar como rodeio o pessoal [profissionais do rodeio] também não se preocupou muito, entende? Na verdade a coisa ficava mais no bate-boca entre o pessoal da Sociedade Protetora dos Animais e o pessoal do rodeio. Nem um nem outro tinha condições de se impor ao outro. É claro que isso sempre preocupou a gente, mas, até a criação da Lei [Federal 9.603] que protegeu os animais não tinha muito com o que o rodeio se preocupar. Só depois que a lei foi aprovada é que a gente teve que colocar as 'barbas de molho' [risos]. Na verdade, para nós, locutores, e outros que realmente faziam do rodeio um trabalho a Lei [Federal 9.603] ameaçava acabar com nosso campo de trabalho, mas, não criminalizava a gente. Os maiores ameaçados eram as comissões, os organizadores e diretorias dos eventos que poderiam ir em 'cana'

> [presos] acusados de praticarem maus-tratos aos animais. Então, mesmo que a gente, a classe trabalhadora, sofresse com a redução dos rodeios não era a gente os mais atingidos, mas, o pessoal que controlava o rodeio [risos]. A disputa entre os ambientalistas e as diretorias dos grandes eventos estava se tornando 'briga de cachorro grande e, em briga de 'cachorro grande', 'vira-lata' não mete o bico porque sai apanhando. É como aquele ditado: 'em briga de dois touros quem paga o pato é a grama que não tem nada a ver com a briga dos dois' [risos]. Aí você começa a entender porque a aproximação com o Fernando Henrique [Cardoso] era tão importante pra nós [25].

A proibição ou embargo de rodeios em cidades paulistas como, São Paulo, Bauru, Sorocaba, Jundiai, Guarulhos, Ribeirão Preto, Itu, São Pedro, Ribeirão Bonito, Avaí, Cabreuva, Américo Brasiliense e Santa Lúcia, ocorridos após a vigência da referida Lei Federal, demonstrava o fortalecimento dos "ambientalistas" e a perda de poder por parte dos "profissionais do rodeio" no interior desse território.

Mesmo que existisse, desde maio de 1998 [26], Projeto de Lei em tramitação na assembleia Legislativa paulista propondo a regulamentação do rodeio no Estado de São Paulo e, desde março do mesmo ano a SAA/SP tivesse estabelecido normas sanitárias para a realização dos rodeios, o evento de Itu foi embargado pela promotoria do município. Essa nova situação gerou questionamentos por parte dos organizadores do evento que enfocaram a importância e o significado dos rodeios para o desenvolvimento social e econômico brasileiros, conforme argumentou um de seus organizadores após o embargo do evento:

> Ainda estamos nos questionando como é possível alguém ser impedido de exercer sua profissão, sendo que em nosso país transborda desemprego. Como é possível ficar durante horas a fio fiscalizando o boi num rodeio enquanto ao lado menores adolescentes se prostituem na beira da estrada? (Rodeo Country, n. 16, 1999, p.3).

Para os organizadores do evento a deliberação parecia incoerente e infundada. Todavia, a decisão tomada pela promotoria do município possuía como base jurídica a determinação do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (TJ-SP) que considerava, desde 1998, a edilidade como competente para legislar sobre o

[25] Entrevista realizada em Turiuba/SP, em 14 de fevereiro de 2009.

[26] A referida norma jurídica (Lei Estadual 10.359/99) será melhor analisada adiante em momento próprio.

assunto em que o interesse é a proteção do meio ambiente, especialmente a fauna[27].

Dito de outra maneira, a luta política levou os "profissionais do rodeio" a defenderem-no como, "manifestação cultural do sertão" conforme propõe Wonrath, "esporte e profissão" segundo a abordagem de Valdomiro Polisselli Junior, ou, trabalho e ocupação aos desempregados, conforme expuseram os organizadores do evento de Itu. Esse último aspecto: oportunidade de trabalho foi, segundo Wonrath, o motivo que permitiu a regulamentação do rodeio no Brasil. Segundo ele, por meio do Rodeio

> Você ta tirando da rua centenas de crianças que foram para o Rodeio e ganham a vida. Muitos têm sua vida hoje montada em cima do Rodeio. Ao passo que se ele fosse estudar, ter uma formatura e ele fosse para o mercado de trabalho, poderia estar ganhando um salário de fome ou então ter virado bandido. No Rodeio você tem o peão, tem o fabricante de calça, de chapéu, de bota, de camisa, boné, barraqueiro, algodão de parque, todas essas pessoas vivem dos eventos que são feitos pelo Brasil durante o ano todo. E é isso, foi isso essa importância do Rodeio para a geração de empregos que permitiu a regulamentação do rodeio. Então não foi baseado em mentiras ou fraudes como fazem os 'ambientalistas' que a gente teve o rodeio reconhecido como esporte profissional. De jeito nenhum. A gente sempre trabalhou com a verdade, com os números, com os dados e o volume de negócios que o rodeio movimenta no Brasil. Então, na luta que empreendemos entre 1997 e 2001 juntamente com outros clubes de rodeio para regulamentar o rodeio foi em torno dessa realidade que a gente se apoiou. Agora, imagine se o rodeio acabasse só porque um bando de pessoas das cidades grandes e desentendidas de Rodeio, baseadas em mentiras e farsas conseguissem na justiça derrubar essa festa que mostra o que é o campo, o que é o rural? Com certeza a gente mergulharia em uma profunda crise econômica. Para se ter uma idéia, só hoje [2007], são mais de 200 mil pessoas vivendo do rodeio entre empregos diretos e indiretos [28].

No interior dessa nova situação – marcada pela intensificação das tensões, disputas, ameaças e mudança nas condições de poder e posições no interior do território do Rodeio – proporcionada pela vigência Lei Federal 9.603/98,

[27] O referido Acórdão, embora sob novas adequações, continua em plena vigência servindo como instrumento de ação para que as Sociedades Protetoras dos Animais possam exercer pressão sobre as cidades que mantêm a realização dos rodeios. A esse respeito, agradecemos a contribuição do bacharel, mestre e doutor em Direito Constitucional, prof. Daniel Barile da Silveira.

[28] Entrevista realizada em Barretos/SP em 03 de abril de 2007.

restava aos “profissionais do rodeio” articular-se em torno da criação de mecanismos que os protegessem e permitissem o pleno funcionamento do Rodeio. Desse feito foi criado em maio do mesmo ano – apenas três meses após a aprovação da norma jurídica em questão – o Projeto de Lei que resultou na aprovação da Lei Estadual 10.359/98: a chamada “Lei da Liberdade”. Proposto pelo Deputado Estadual Vanderlei Magri Macris (PSDB), o Projeto de Lei tinha como base a Carta de Fundação e Princípios e o Estatuto do SINPROESP articulados aos princípios e determinações da FNRC.

Ao que parece a aprovação da referida norma estadual expressa claramente a articulação entre a classe que controlava e monopolizava o Rodeio e a classe política, pois, conforme enfatizou Marcelo Murta (1999, p.68),

> O rodeio agora é Lei. O dia 29 de agosto durante a final da 44ª Festa de Barretos foi assinada a lei que regulamenta o rodeio no estado de São Paulo pelo autor deputado e presidente da Assembléia Vanderlei Macris, foi um dia histórico com a presença do ‘Mendão’ [José Mendes Santana], presidente do Clube Os Independentes, Valdomiro Poliselli Jr, presidente da FNRC, deputados federais Jair Menegheli e Ronaldo Caiado, Beto Lahr, presidente do Clube dos Cavaleiros de Americana, Uebe Rezeck, prefeito de Barretos e autoridades. Resumindo a Rita [Lee] caiu do cavalo e desafinou na pregação mentirosa da UIPA (RODEO AGORA É LEI, 1999, p. 68).

A ironia de Murta (1999) à cantora Rita Lee deve ser entendida no contexto de tensões que envolveram “ambientalistas” e “profissionais do rodeio” a partir de 1998. De um lado, desferindo ataques aos Rodeios estava a cantora Rita Lee e, de outro, as duplas sertanejas. A respeito desse quadro de tensões, Rosa Nepomuceno (1999) explica que:

> Em maio de 1999, Rita Lee bradou contra a oficialização do rodeio como gênero esportivo e meteu no mesmo pacote de desabafos a música dos ‘sertanojos’. ‘Nem o futebol, nem o ‘roquenrou’ chegou destruindo nossa personalidade. Ao contrário, se adaptaram ao traquejo brasileiro e ficou claro ao mundo que aqui quem dava as cartas éramos nós. Rodeios fazem parte do lixo cultural da ditadura americanizada’. Barretos sentiu o golpe e na coletiva preparada em julho de 1999, para a imprensa regional, apresentou um clipe produzido pela organização, que estampou, na abertura: ‘Rita Lee, me desculpe, mas você precisa vir a Barretos. Mais de um milhão de pessoas não concordam com você. Chitãozinho, presidente do Conselho Deliberativo da Federação Nacional do Rodeio Completo, em programa da Rádio Bandeirantes FM, tentou mostrar à cantora que os bichos dos rodeios vivem melhor que gente. Alinhada com o pensamento das sociedades protetoras de animais, Rita recebeu resposta mais contundente. A informação, pelos jornais, de que não foi bem recebida, nas cidades integradas aos circuitos de rodeios, a

> campanha publicitária da Telefônica, protagonizada por ela (NEPOMUCENO, 1999, p.221).

Podemos perceber claramente que a questão em jogo não envolvia direta ou especialmente os mais frágeis sujeitos sociais do Rodeio naquela ocasião: o peão de rodeio e sua profissionalização. A essência da luta estava sustentada na proteção dos interesses daqueles que mais lucravam com o rodeio, no caso, as duplas sertanejas, os grandes empresários e organizadores de Rodeio e a classe política eleita pelo interior do Estado de São Paulo que continuaria tendo, nesses eventos, um palco e plataforma privilegiados para suas campanhas eleitorais.

Nesse sentido, utilizamos o discurso do próprio autor do Projeto de Lei para demonstrar que, ao falar, deixa claro o lugar social que ocupa. Conforme esclarece Vanderlei Macris, acerca do processo de aprovação da chamada “Lei da Liberdade”, a questão do interior e do *habitus* ruralista direcionou sua posição diante dos demais Deputados Estaduais, pois:

> Sou de Americana/SP [e] participei do Clube dos Cavaleiros. Em função das dificuldades que os Clubes de Peões de Boiadeiros em todo o Estado estavam tendo, junto com a necessidade de vários setores dessas Festas que possuíam o interesse de ter uma atividade regularizada gerou-se uma grande discussão sobre o assunto. A partir dessas conversas surgiu a idéia de apresentação de um Projeto de Lei. [...] Esse projeto deparou-se com alguns problemas dentro da Assembléia. Existiam outros Projetos proibindo a realização do Rodeio, então tivemos que iniciar um novo processo de entendimento com vários partidos políticos para mostrar que o objetivo do Projeto era dar regulamentação a essa atividade. Procurei demonstrar, ao longo do tempo, para todas essas lideranças partidárias que o Projeto na verdade tinha o objetivo principal de garantir integridade física aos animais e, por outro lado, garantir tranqüilidade aos participantes desse evento. Então, imagino que deve ter logrado êxito porque nós fomos convencendo os deputados conforme foram tomando conhecimento de maneira mais específica da Lei. A cada momento derrubávamos os argumentos daqueles que viam dificuldades na aprovação da Lei (Rodeo Country, 1999, p.34-35).

Asustentação ideológica à aprovação desta Lei Estadual foi possível pelo desenvolvimento do discurso de que, somente por meio da regulamentação do rodeio como atividade profissional, que a integridade física dos animais e a tranquilidade dos participantes desses eventos, no caso, os peões, seriam garantidas. Todavia, os maiores beneficiados foram os grandes clubes e empresas de rodeio paulistas, pois, passavam a contar com um trunfo que os garantia, pelo

menos, operar livremente no interior do território esportivo do rodeio paulista. Isso porque, quanto ao peão de rodeio, conforme o referido autor da Lei destaca:

> Não cabe à Assembléia Legislativa Estadual a regulamentação da profissão de peão em atleta. Isso cabe ao Governo Federal. Já existem alguns Projetos de Lei sendo trabalhadas nessa direção. A Lei [Estadual] é um passo importantíssimo, porque havia muita gente se movimentando para acabar com as Festa do Peão (Rodeo Country, 1999, p.35).

E mais adiante, ao descrever os principais benefícios advindos desse Ato jurídico, deixa claro outros interesses presentes por detrás da aprovação desta Lei. Segundo seu entendimento:

> Isso dará possibilidade para que muitos grupos que queiram fazer grandes investimentos, mas sempre tiveram dúvidas com relação a problemas com a fiscalização e com o Ministério Público, e que agora com a Lei possuem essa tranqüilidade. Em função disso a Festa do Peão crescerá mais ainda. [...] Anteriormente havia muitas controvérsias com promotores públicos que não aceitavam porque diziam que maltratava os animais. Essa Lei Estadual em dar um sentido de oficialidade, legalizando a atividade. [...] Até então um representante do Ministério Público possuía o poder de embargar os Rodeios. Agora não, porque agora está regulamentada. Se o Rodeio seguir os artigos da Lei ninguém poderá falar nada (Rodeo Country, 1999, p.36).

Mesmo que essa Lei tivesse alcance estadual ao ser articulada à Resolução SAA-18 de 31/03/98, os interesses dos diretores e promotores dos grandes eventos do rodeio brasileiro concentrados no Estado de São Paulo seriam protegidos, ao menos temporária e minimamente. Em outros termos o Circuito Nacional de Rodeio, organizado pela FNRC e promovido pelas principais diretorias do rodeio brasileiro, ganhava respaldo jurídico.

Portanto, por meio desse instrumento os “profissionais do rodeio” também passavam a contar com um trunfo que poderia colocá-los em situação de superioridade em relação aos “ambientalistas”. Ao mesmo tempo em que os interesses dos grandes clubes, organizadores e produtores de rodeio eram salvaguardados, a luta política não deveria ser estancada, mas, ser expandida e intensificada, atingindo e incorporando diferentes e novos sujeitos sociais fora do Estado de São Paulo. A luta deveria ser, portanto, nacional.

Sendo assim, era necessário deixar as diferenças de lado e unirem-se em torno da regulamentação do rodeio. Como resultado do aprofundamento dessa luta, novamente empresários e trabalhadores do rodeio estavam articulados e

vinculados em oposição a um inimigo comum: a UIPA e as entidades de proteção aos animais. Assim, o ano de 2000 foi caracterizado por certa acomodação das contradições internas e inerentes ao Rodeio, ou seja, ainda que as duas associações (FNRC e CNR) se negassem mutuamente, a divisão interna do Rodeio esvaziaria o sentido do movimento e, por conseguinte, enfraqueceria a luta que já se desenrolava enquanto perspectiva desde os últimos anos de 1980 e, como Projetos de Lei, desde 1991.

Até onde pudemos apreender, a posição dos integrantes da CNR era semelhante àquela tomada pela FNRC, ou seja, ainda que existissem divergências e tensões, conflitos e disputas por posições no interior desse território, essas deveriam ser, senão anuladas, ao menos colocadas de lado – pelo menos momentaneamente. Além disso, a idéia de que o ano de 2000 foi decisivo para a regulamentação do rodeio como esporte no Brasil também está presente nas duas visões. Isso nos possibilita identificar com segurança que, embora essa luta em comum tenha proporcionado avanços e retrocessos na organização e cooperação entre os diversos e diferentes sujeitos sociais presentes no interior desse território, a década de 1990 serviu como verdadeiro laboratório onde diferentes projetos políticos foram postos à prova.

Em que pese nossos colaboradores não terem enfocado a questão do aprendizado, possibilitado pelos erros e acertos que marcaram a década de 1990, podemos reconhecer claramente a importância dessa dimensão na constituição tanto das classes quanto no dimensionamento, na estruturação e no escopo alcançado pela luta empreendida por esses sujeitos sociais desde os primeiros anos da década de 1990. Entendemos que a experiência e a vivência cotidiana são e foram essenciais para o redimensionamento da luta em torno de um tema que atraía desde pipoqueiros até os grandes artistas da música brasileira.

Se por um lado, nossos colaboradores enfatizam 2000 como fundamental para a consolidação do Rodeio Moderno no Brasil, por outro, resta-nos encontrar novos e diferentes elementos que nos permitam concordar ou não com Matsuda e Asa Branca. Mas, quais seriam os indícios em que poderíamos nos apegar para vislumbrarmos – mesmo que minimamente – o movimento de orquestração das estratégias do poder, as alianças estabelecidas e a materialização da luta em ações que desembocaram na constituição do território esportivo do Rodeio no Brasil?

Em nossa concepção, quando o pesquisador entende que o acontecer histórico é construído por sujeitos históricos reais em luta, e que seu objeto está em movimento e que este movimento é por si mesmo contraditório, recusa a idéia de que o acontecer histórico obedece a uma lógica rígida. Nesse caso, adota outra lógica que dê conta do movimento da contradição, no nosso caso, a lógica histórica[29] e busca nas diferentes formas e estratégias de luta os elementos e as injunções que levaram ao acontecer histórico.

Identificar novas práticas e novos sujeitos sociais possuidores de novos projetos políticos e que passam a operar decisivamente no interior desse território torna-se, portanto, fundamental. A partir de informações proporcionadas pelas fontes orais e escritas podemos concordar com Matsuda e Asa Branca quando afirmam que 2000 foi determinante para que ocorresse um novo rearranjo de forças no interior desse território.

Dentre os novos sujeitos sociais que adentram e passam a operar decisivamente nesse território encontramos a chegada da *Corporación Interamericana de Entretenimiento* (CIE) ao Brasil em 2000. Essa corporação (*holding*) controlava, na época, 18 empresas que atuavam no ramo de espetáculos ao vivo em sete países – México, Estados Unidos, Argentina, Chile, Colômbia, Espanha e Brasil. Com investimento estimado em mais de U$ 1 milhão somente para a organização e comercialização do *Vale Rodeio Show*, realizado em São José dos Campos/SP, essa empresa representava a entrada de uma nova lógica organizacional no Rodeio brasileiro: a presença de grandes corporações internacionais na organização e comercialização dos eventos e o sistema da *joint-venture* estabelecido entre as grandes corporações internacionais e os diretores dos eventos.

Embora a organização do *Vale Rodeio Show* fosse a primeira experiência dessa empresa no segmento do Rodeio, Edward Kelley, diretor da CIE explica que

> A CIE começou a atuar no Brasil em maio de 1998, quando promoveu as apresentações dos Rolling Stones e do U2, e se instalou em São Paulo em janeiro de 1999. Durante esse intervalo nossos observadores argentinos e mexicanos fizeram várias análises do mercado de entretenimento no país, apontando o enorme potencial do Brasil no setor. Em outros países da América Latina atuamos em no máximo duas ou três localidades. No Brasil

[29] Conforme Thompson (1981).

> atuaremos em 13 cidades com mais de um milhão de habitantes. Vimos também que o rodeio deve crescer muito no Brasil e, por isso, decidimos procurar os organizadores de eventos com boa experiência no ramo. Observamos os rodeios de Barretos e do Anhembi, que na verdade não aconteceu [em razão de embargo imposto por parte do poder público municipal], e ao conhecer o Vale Rodeio Show levamos em conta, em primeiro lugar o perfil da empresa que o organiza, a Novo Vale Empreendimentos. Em apenas dois anos seus proprietários transformaram o Vale Rodeio Show no segundo maior evento country do país [...]. A CIE também trará novas possibilidades de patrocínio porque já trabalhamos com a *American Express, Visa, Coca Cola, Procter & Gamble, MasterCard, Nestlé, Johnson & Johnson, Levi's, Philip Morris, PepsiCo., Bacardi e poderá contar com outras empresas, como a UOL, Ford, Texaco*, etc. (PARCERIA DE GRANDES, 2000, p.7-8).

Quanto à plástica dos eventos, a entrada dessa *holding* no território do Rodeio brasileiro serviu para que fosse consolidada certa tendência que já vinha sendo esboçada e incorporada aos grandes eventos nacionais desde a segunda metade da década de 1990: a estrutura de megaeventos que combinam estruturas de feira agroindustrial e de serviços, *shows* musicais de variados estilos e provas de montaria e trabalho. Esse aspecto – megaevento - foi enfatizado pelo referido diretor da CIE ao considerar que, embora o rodeio deva crescer e, provavelmente, fosse reconhecido como esporte, era necessário que os organizadores tornassem as provas menos cansativas tanto para o público quanto para os competidores e dessem maior atenção aos aspectos de entretenimento. Afinal, conforme ele mesmo explica:

> Temos na CIE pessoas que conhecem rodeio há 20 anos e tanto os nossos associados como outros organizadores brasileiros não ficam atrás dos norte-americanos em termos de qualidade dos eventos. Portanto, a tendência é de continuar a investir. Mesmo porque não praticamos a política do resultado imediato. [...] Se o evento é considerado uma festa, como dizem aqui, o esporte tem de estar associado à idéia de *show*. [Se] todos os grandes rodeios de tradição no calendário são similares aos norte-americanos na qualidade dos competidores e animais, principalmente os touros, todos deveriam encarar seus eventos como grandes festas, com muitas variedades de atrações (PARCERIA DE GRANDES, 2000, p.8).

Portanto, ainda que a tendência em tornar os principais eventos em megaeventos possa ser localizada em iniciativas individuais e isoladas de diferentes diretorias e organizadores das Festas do Peão de Boiadeiro na segunda metade da década de 1990 como as paulistas Barretos, Jaguariuna, Presidente Prudente e Americana, a chegada e a atuação da CIE no segmento de organização e

comercialização dos eventos levou as empresas brasileiras de mesmo segmento tanto ao aprimoramento de suas técnicas e estratégias de atuação quanto à unirem-se diante da presença dessa gigante internacional do ramo do entretenimento.

Se por um lado as dimensões da festa com seus aspectos de diversão e entretenimento estavam ganhando novos sujeitos sociais em sua reformulação e reestruturação, por outro o Rodeio que passava por tensões e crises tanto internas quanto externas também necessitava de novos sujeitos e novas estratégias que pudessem retomar e reorientar a luta em torno da regulamentação do rodeio. Sendo assim, a dimensão que carecia ser retomada e aprofundada seria a do esporte moderno caracterizada, basicamente, pela secularização, igualdade de chances, especialização de pepéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca do *record*, (BRACHT, 2005).

Quanto à modernização e profissionalização do Rodeio, novos sujeitos sociais entraram na cena histórica. Por meio da revista *Rodeo Country,* os Srs. Roberto e Leonardo Vidal, respectivamente Diretor Presidente e Diretor Executivo da revista lançaram em 2000, o Troféu Arena de Ouro – cognominado como Oscar do Rodeio Brasileiro. Aparentemente a estratégia adotada por esse grupo de empresários em promover a eleição e a premiação dos melhores dos 44 segmentos do Rodeio brasileiro tinha como objetivo promover a união entre os diferentes e contraditórios sujeitos sociais que compunham o território do Rodeio brasileiro. Conforme esclarecem os idealizadores e organizadores do Troféu Arena de Ouro essa premiação

> Veio no sentido de premiar os melhores profissionais desse esporte. Como veículo formador de opinião, após longas pesquisas chegou a um formato que acredita ser o mais justo. Imaginou realizar uma espécie de Oscar do Rodeio, com troféu toda a pompa que a festa exige, premiando cada um dos profissionais envolvidos no esporte. Enfim, a idéia amadureceu e a revista decidiu colocar mãos à obra. [...] Nosso objetivo é o engrandecimento do rodeio como esporte (ARENA DE OURO 99, 2000, p.12).

Dessa forma, Roberto e Leonardo Vidal, por meio desse veículo formador de opinião – a revista *Rodeo Country* – passavam a operar no sentido de articular-se indistintamente a todos sujeitos sociais, haja vista que desenvolvia o discurso de engrandecer o Rodeio como esporte. Considerando que esses empresários em razão de não estarem diretamente ligados ao Rodeio em sua organização, produção ou funcionamento, mas, lucravam de forma direta com o

crescimento e fortalecimento dessa atividade, consideramos que os diretores da revista passaram a trabalhar como mediadores das tensões e dos conflitos de classe que marcaram a década de 1990: FNRC X CNR.

Mas, quais elementos nos permitem inferir tal condição histórica? Nosso entendimento está fundamentado nas informações proporcionadas por nossas fontes escritas, no caso, a própria revista *Rodeo Country*. Em reportagem específica acerca da discriminação existente no Rodeio encontramos o posicionamento dos diretores diante da crise pela qual o Rodeio brasileiro passava. Na reportagem de página inteira os diretores da revistas não economizam críticas à postura assumida tanto pelos peões quanto pelas comissões organizadores nos anos anteriores – principalmente em 1999, fato que resultou na fragmentação interna do Rodeio e, por conseguinte, no enfraquecimento do Rodeio diante das entidades de proteção aos animais.

Conforme apontado anteriormente, posicionando-se em defesa do Rodeio como um todo colocavam-se como mediadores do conflito que envolvia peões e diretores de eventos, ou melhor, a CNR e a FNRC. Nesse sentido, ao contrário de tomar partido de um ou de outro lado da luta, defendiam a necessidade de união entre os diferentes sujeitos sociais envolvidos com na defesa do "futuro do rodeio". Portanto, para que pudessem adotar essa posição mediadora e, futuramente, serem incorporados diretamente pelo rodeio os diretores da *Rodeo Country* afirmavam que

> A discriminação não vem só de fora do meio. Ela existe ainda existe dentro do próprio rodeio. [...] Por exemplo, há peões que consideram 'abeia' [peão que não está vestido adequadamente com os acessórios de montaria] o competidor que não usa o 'charrão' [espécie de calça de couro presa na altura das coxas e amarada à cintura por meio de um cinto próprio. Sua função é proporcionar maior visibilidade e beleza à montaria]. Está certo que o 'charrão' serve para identificar o profissional, mas, devemos reconhecer que, usando ou não o 'charrão' todos competidores são peões. Então porque a discriminação, sendo que muitos peões não tem condições de comprar o seu 'charrão'? Na verdade aí está o real problema da discriminação, não no Brasil, mas em todo o mundo: a discriminação daquele que tem contra aquele que não tem. Do rico contra o pobre. Do forte contra o fraco. Do bonito contra o feio. Dos que se acham melhores contra aqueles que consideram piores – e assim por diante, por milhares e milhares de exemplos afora. Inclusive a possível discriminação do profissional contra o amador e vice-versa, porque a vida é assim mesmo. Mas, usando de tolerância, podemos explicar o que esses profissionais querem dizer quanto ao uso do 'charrão': na verdade, eles só estão desejando para o rodeio brasileiro o que

> todos almejam: uma qualidade que só o profissionalismo pode proporcionar ao esporte. Quando tudo no rodeio for profissionalizado, desde o vendedor de pipoca até o organizador da festa (que também tem lá os seus problemas), provavelmente não haverá mais peão montando sem o seu 'charrão'. Por que? Porque se trata de um círculo de ações que simplesmente funciona. O profissionalismo significa investimentos. Os investimentos resultam bons espetáculos. Os bons espetáculos atraem públicos cada vez maiores. O público cada vez maior precisa de ídolos (a psicologia explica: o indivíduo no meio da multidão perde sua individualidade e a primeira providência que ele toma na tentativa de resgatá-la é identificar-se com alguém que se destaca na multidão, ou seja, o ídolo). Os grandes patrocinadores, por sua vez, também precisam deles para sustentar o sucesso. O sucesso leva os patrocinadores a investirem cada vez mais nos espetáculos. E onde há grandes patrocinadores sempre prevalece a velha máxima do mercado competitivo: só se estabelece quem tem competência. A regra básica é a seguinte: o competidor deve ser bom no que faz. Porque a discriminação contra o bom profissional pode existir, mas não o atingirá jamais. Além dessas, há muitos outros tipos de reclamações que imperam entre os competidores, mas não se pode afirmar ao certo que se trata de discriminação contra eles. Por exemplo: todo peão brasileiro que almeja se profissionalizar reclama do tratamento que recebe dos organizadores das festas. Em geral, não há apoio financeiro para as viagens e para as despesas de alojamento e alimentação. Os competidores que se deslocam para os rodeios com seus próprios carros reclamam de falta de estacionamento exclusivo nos locais dos eventos. Reclamam da proibição do ingresso de seus acompanhantes no rodeio. Reclamam da falta de um seguro contra acidentes de trabalho. Reclamam dos pagamentos. Reclamam da escolha dos salva-vidas. É claro que os outros profissionais do rodeio também têm suas reclamações a fazer. E se todos ficarem apenas nas reclamações, o que será do rodeio brasileiro? Que tal observar o modelo da poderosa PRCA norte-americana que nada mais é do que uma associação de *cowboys*? Em benefício do esporte, eles aprenderam, ao longo de mais de meio século de existência da entidade, a conviver perfeitamente com os seus dirigentes. Por que os nossos *cowboys* ainda não fizeram o mesmo no Brasil? Porque se trata de uma questão cultural. Somos paternalistas e sempre esperamos que alguém faça alguma coisa por nós. Vamos levar mais algum tempo para cegarmos ao nível deles? Vamos, e isso não importa. O que importa é começar agora a identificar os problemas coletivos do rodeio brasileiro e não apenas os problemas individuais. É impossível haver discriminação em um meio esportivo em que todos lutam pelas mesmasconquistas. A hora é de reflexão e não de discriminação. Portanto, mãos à obra. E que sobre muita boa vontade em todos os corações. O rodeio brasileiro está chegando lá. (DISCRIMINAÇÃO, NÃO!, 2000, p.14-15).

A leitura atenta do documento e a interpretação minuciosa do discurso elaborado pelos diretores da *Rodeo Country* nos possibilitam identificar que, embora esse meio de comunicação tenha sido criado em 1996 no conjunto de mudanças pelas quais o rodeio brasileiro passava com a formação da FNRC e a

organização do CNRC, seu papel inicial era ocupar o espaço deixado pela sua antecessora: a *Rodeo News,* que servia à divulgação tanto do Circuito Espora de Ouro quanto das diversas Festas do Peão de Boiadeiro realizadas no Brasil. Nesse sentido, sua criação serviria para que viesse a funcionar como instrumento de registro, narrativa e divulgação tanto dos eventos e resultados da CNRC quanto de outros eventos do gênero que ocorriam no Brasil.

Dessa forma, longe de pretenderem operar direta e decisivamente no interior do território do Rodeio brasileiro, o que os colocaria em disputa e em luta por reconhecimento, espaço e legitimidade junto aos outros sujeitos sociais já existentes – em posição de inferioridade quanto ao capital simbólico – e em conflito, tudo nos leva a crer que seus objetivos iniciais estavam calcados basicamente no estabelecimento de um canal privilegiado de comunicação que proporcionasse maior diálogo e aproximação entre os diversos sujeitos sociais presentes no interior daquele território, o público e os patrocinadores.

Compreendendo que todo e qualquer discurso expressa o lugar social ocupado por aquele que o elabora e, que esse mesmo discurso exprime interesses, objetivos e, conseqüentemente, a perspectiva de um projeto político que se deseja por em prática seja de classe seja de grupo, implica entender que os papéis sociais são improvisados e ultrapassam uma suposta racionalidade que muitas vezes o pesquisador atribui ao processo histórico. Deste modo, podemos reconhecer que os diretores da revista, ao se colocarem tanto como o “fiel da balança” entre os profissionais e os empresários do rodeio quanto como defensores da modernização e esportivização do Rodeio, passaram a incorporar e sintetizar a partir de 2000 – mesmo que minimamente – as expectativas, os objetivos, os anseios, a luta e os projetos políticos existentes e em conflitos.

Tal condição histórica torna-se mais clara quando a revista procura defender a necessidade do profissionalismo e o abandono definitivo do amadorismo e dos conflitos na organização do Rodeio brasileiro. Segundo a revista

> O rodeio brasileiro não pode deixar o ano 2000 passar em brancas nuvens. Segundo prognósticos de historiadores e cientistas sociais da atualidade, o ano deverá marcar a fase de transição entre duas épocas muito distintas: a era das experiências e a era das realizações. O rodeio brasileiro ainda vivencia muitas experiências amadoras, mas já mostra que algumas atitudes revestidas de alto espírito profissional encontram cada vez mais condições de conquistar o espaço que merecem. Aliás, do ponto de vista de mercado, espaço é o que não falta para o rodeio brasileiro crescer

quanto quiser. O fenômeno já atrai no País uma platéia estimada em 27 milhões de pessoas por ano. A levar em conta que 25% da população mora no Interior, esse público potencial pode chegar a 40 milhões de pessoas. Depois dessas cifras, a pergunta que se faz entre as pessoas que almejam a rápida profissionalização do rodeio no Brasil é a seguinte: como conquistar esse público? Independentemente de definições quantitativas que possam apontar o sucesso e público deste ou daquele evento, vamos a um exemplo concreto: um programa de esportes de uma grande emissora de TV regional apresenta uma competição de caratê. Ginásio lotado na manhã chuvosa de sábado. Marcas de patrocinadores por todos os lados. O organizador do evento, esportista de velha guarda, dá entrevista orgulhoso: 'hoje em dia não há mais esporte amador. Ou tratamos o espore com profissionalismo ou não há esporte. E o que está acontecendo hoje aqui nesse ginásio: os patrocinadores apóiam eventos bem organizados e o público paga ingresso se sente satisfeito quando vê grandes nomes participando das competições. E da parte dos competidores ocorre, conseqüentemente, uma retribuição em forma de esforço e dedicação, atitude que transforma os eventos em grandes espetáculos'. A maioria dos competidores de rodeio e demais pessoas que trabalham nas festas do gênero ainda se ressentem com o problema da falta de patrocínio e, ao ouvirem declarações como essa, é natural que pensem com desânimo na sua própria situação [e perguntam:] por quanto tempo mais seremos obrigados a assistir calados a evolução do *marketing* de outros esportes de menor público e o rodeio continua tentando tirar leite de pedra? Terá algum dia o rodeio brasileiro sua capacidade técnica reconhecida no exterior e esse reconhecimento estendido também a outros profissionais que completam o espetáculo, além dos nossos poucos ídolos? Para responder a tais perguntas é preciso, em primeiro lugar, lembrar que o processo de profissionalização do rodeio no Brasil ainda é embrionário e, como tudo que se inicia, vai fazer muita gente passar pelas agruras do aprendizado. Em segundo lugar é preciso compreender, para não apanhar muito durante essa difícil fase, que o esporte profissional vira sucesso graças à estrutura de *marketing* construída pelos organizadores e patrocinadores, tendo como elo de ligação os responsáveis pela comercialização dos eventos. Não se trata de uma fórmula mágica, mas de uma simples união de interesses entre a indústria do rodeio (área em que os brasileiros colhem elogios dos próprios norte-americanos), as empresas que comercializam esse produto e o público consumidor, ou seja, os aficcionados pelo rodeio e pelo mundo *country* em geral. Ora, os 'operários' do rodeio no Brasil, os primeiros a arregaçar as mangas em prol dessa nova indústria – melhor dizendo, os organizadores, cavaleiros, salva-vidas, tropeiros, juízes, locutores, madrinhadores, cantores e pessoal d apoio – já provaram que são gente de primeira linha, haja vista o que realizam anualmente pelo Interior afora. Vendo o esforço e persistência desses abnegados, as empresas de comercialização começam a se integrar ao processo, desvendando aos organizadores as melhores estratégias de sedução dos patrocinadores. O resultado obtido com a montagem dessa verdadeira linha de produção só pode dar em sucesso de público, o que exige dos envolvidos uma preocupação sempre maior com a plástica do evento. [Todavia], enquanto as regras não são definidas

> segundo parâmetros éticos que devem nortear essas novas ações de marketing no rodeio brasileiro (e seria prematuro se isso acontecesse agora, já que o ideal é discutir o assunto até o esgotamento de qualquer polêmica), algumas empresas já se adiantaram na idéia de ampliar o leque de patrocínio, tão necessário para o sucesso do rodeio. Além de continuar patrocinando os eventos algumas empresas já enveredaram na aposta de mais uma mídia alternativa para a exposição de sua marca: os próprios competidores, mas na verdade o leque de empresas que hoje patrocinam as mais importantes festas do peão no Brasil poderia abrir-se um pouco mais para atender outros componentes que reivindicam tratamento mais profissional. É o caso já citado, dos competidores, dos salva-vidas, locutores, juízes, tropeiros, artistas e uma infinidade de outros profissionais que podem de alguma forma levar sua marca ao público consumidor. Por exemplo: um caminhão que transporta animais para um evento pode perfeitamente levar na carroceria um *out-door* de um patrocinador (PATROCÍNIO: NOVOS HORIZONTES PARA O PROFISSIONALISMO, 2000, p.16-17).

Da mesma forma que o documento anterior expressa o projeto político que estava em constituição – e em vias de se tornar o projeto político vitorioso, também podemos reconhecer neste as novas dimensões, características e tratamento que foram sendo incorporadas, assumidas e postas em prática pelos diferentes sujeitos sociais em aliança, articulação e, por vezes, em antagonismo. Embora essa seja a realidade que passaria a caracterizar os grandes e principais eventos concentrados essencialmente no Estado de São Paulo, há que reconhecer a existência de uma multiplicidade de tempos coexistentes no interior desse território.

Enquanto um reduzido número de organizadores, promotores, e produtores de Rodeio justificavam a modernização das Festas do Peão de Boiadeiro como causa e condição para a profissionalização do Rodeio, a maioria das cidades do interior paulista e demais regiões do BCP estiveram fora do debate. A essa maioria, excluída da elaboração do projeto político, restava adotar ou não o projeto político em evidência. É nesse sentido que ao analisarmos cuidadosamente os cinco últimos documentos podemos identificar que a lógica modernizadora do Rodeio brasileiro, ao contrário de ser democrática e se fundamentar na igualdade de chances e oportunidades – como propugnam seus idealizadores, era monopolizadora, excludente e pensada de cima para baixo, ou seja, ainda que o centro do discurso estivesse amparado na defesa de direitos e garantias trabalhistas e previdenciárias essenciais aos “operários do rodeio”, na prática eram os interesses dos grandes clubes e diretorias de rodeio, da elite dos peões, locutores que estavam em jogo.

Ademais, a leitura criteriosa destes últimos cinco documentos também nos proporciona condições para reconhecer a existência e a concretização dos elementos basilares do território que são, conforme Saquet (2007, p.158): *as redes de circulação* (Circuitos e Campeonatos Nacionais de Rodeio) *e comunicação* (revistas, indústria fonográfica), *as relações de poder* – tanto internas quanto externas às classes e grupos sociais – (FNRC e CNRC), *as contradições* (multiplicidade de projetos políticos) *e a identidade* (o *fazer-se* enquanto classe).

Reconhecendo que no território, conforme explica Souza (2009), existe uma pluralidade de sujeitos em relação recíproca, contraditória e de unidade entre si, podemos aprofundar essa visão e considerar que, em razão dessa multiplicidade de sujeitos sociais o território também se define por sua multitemporalidade, ou seja, pela permanência de padrões tradicionais coexistindo seja em harmonia, complementaridade ou conflito com os novos e modernos padrões assumidos, definitivamente, pelo Rodeio brasileiro.

É nesse sentido que, ao identificarmos nos cinco últimos documentos termos que não apareciam nos discursos de décadas anteriores como, *joint-venture*, *holding*, Oscar do Rodeio Brasileiro, leis de mercado, competência, espetáculos, *marketing*, patrocínios individuais, aprendizado, indústria do rodeio, produção-comercialização-consumo, linha de produção, plástica do evento, que nos sentimos seguros em afirmar que essa é apenas uma das múltiplas dimensões e temporalidades assumidas pelo Rodeio. Em outros termos, o projeto político vitorioso que tinha a lógica modernizadora do Rodeio e a espetacularização da Festa do Peão de Boiadeiro como pressuposto básico à reprodução ampliada do capital não será o único, embora, se torne a dominante no território do Rodeio brasileiro.

Dominante não significa único ou exclusivo. Pelo contrário. Exprime o exercício de controle, dominação e direcionamento de um território. Por conseguinte, da mesma forma que o esporte-espetáculo, conforme explica Proni (1998) “não substitui e sim se sobrepõe às formas mais simples de competição esportiva; não concorre com e sim potencializa as demais formas de consumo esportivo”, consideramos que os megaeventos e o Rodeio Moderno ao contrário de substituir, extinguir ou anular formas que os precedem ou mais simples as alimentam e as potencializam ao mesmo tempo em que delas se nutrem, pois, ao colocarem-se

como exemplos e modelos de projetos políticos vitoriosos são – consciente ou inconscientemente – legitimados pelos dominados[30].

Além disso, os documentos em questão, ao objetivar a legitimação de projeto político que representa um modelo liberal de mercado baseado na organização racional, empresarial, moderna e capitalista, não consegue omitir que a ampliação da divisão social do trabalho proporcionada tanto pela dimensão tomada por esses eventos na década de 1990 quanto pela especialização de papéis incidiu na separação do entretenimento (Festa do Peão de Boiadeiro em relação ao Esporte (Rodeio).

Embora a gênese do distanciamento entre festa e esporte possa ser encontrada ainda na segunda metade da década passada (1990) essa dimensão somente se tornará mais visível no tempo presente (década de 2000) e, ao que parece, sendo um dos diversos desdobramentos advindos da regulamentação do Rodeio como esporte no Brasil.

Portanto, resta-nos nesse momento, compreender as ações de poder, as alianças, articulações e as resistências presentes nesse acontecer histórico. Para tanto, utilizamos o depoimento do locutor Asa Branca que, em razão de estar à frente da CNR e possuir visibilidade e contar com considerável rede de relacionamento, vivenciou o processo desde suas primeiras manifestações até sua consolidação em 2001.

Além disso, seu relato nos permite compreender os liames, as alianças e as práticas cotidianas como reveladoras das tensões e das contradições sociais que permeia as relações entre os indivíduos. Além disso, ao buscar esclarecer o processo de regulamentação do Rodeio no Brasil, esclarece certos motivos que levaram ao seu distanciamento em relação à diretoria de Barretos e, por conseguinte, as razões para articular a formação da CNR. Para ele, sua participação possibilitou que a luta pela regulamentação granjeasse maior apoio político ao mesmo tempo em que aumentava a rede de simpatizantes à causa do Rodeio.

---

[30] Não queremos dizer com isso que não existam ou não consideramos as resistências ou a existência de projetos políticos alternativos em relação ao projeto político dominante. Apenas sugerimos o estabelecimento de certa analogia entre o ideal de vida e o ideal dos eventos (Festa do Peão de Boiadeiro e Rodeio), pois, considerando que o ideal de vida é construído historicamente a partir de relações dialéticas estabelecidas entre dominantes e dominados no cotidiano e, nesse cotidiano os dominantes acabam exercendo considerável fascínio sobre os dominados em razão de suas roupas, veículos, jóias, moradias, regras de comportamento e consumo, podemos compreender que o projeto político dominante que orienta e estrutura tanto a Festa do Peã de Boiadeiro quanto o Rodeio exerce fascínio sobre as estruturas tradicionais.

Conforme explica nosso colaborador sua contribuição

> foi resultado do bom relacionamento que tinha com o pessoal da mídia. Tinha gravado dois CDs [1996 e 1998], participava de vários programas de TV e era muito conhecido no Brasil. Eu estava no auge [1996- 2001]. Estava muito 'bem na foto' [risos]. Aí eu tive o prazer de conhecer o Fernando Henrique Cardoso tempos antes lá em Formosa, Goiás, a gente tava fazendo o campeonato da Manchete [1992]. O que aconteceu foi que o 'seo' Walter, pai do Paulo Emílio, falou pra mim no rodeio: 'Ó, tem um senador aí na arquibancada. Agradece'. Eu agradeci, ele desceu e eu fiz uma entrevista rápida com ele. Foi aí que ele convidou a gente pra almoçar lá na fazenda dele. A finada [Ruth Cardoso] fez uma galinhada. Estava bom pra caramba. Eu peguei essa amizade. No dia em que ele foi candidato a presidente [1994], estava lá em último, ninguém acreditava né? Eu corri e tentei contato com ele. Ele me recebeu e eu falei assim: 'Eu gostaria de participar da campanha como voluntário, porque eu sei que o senhor gosta de rodeio. E eu queria que o senhor ajudasse agente a sair do sufoco, já que o rodeio é uma cultura do Brasil que não pode morrer'. Ele me disse que se fosse presidente assinaria uma lei. Aí começou a campanha e eu fui em vários comícios. Um dia estávamos em Prudente e íamos para São Paulo. Ele me chamou para ir no jato e me perguntou: 'Tem mais alguma coisa que a gente poderia fazer no rodeio, para trazer uma mídia, um negócio para alavancar [a campanha]?'. Eu falei: 'Tem o rodeio de Barretos' [em agosto]. Faltava um mês para a festa. Aí ele disse: 'Mas Barretos? Lá é PMDB. Eles que construíram o estádio. Eles estarão lá, o Quércia, a dona Íris'. O candidato era o Quércia ao governo [presidência], né? E o Fleury era governador. Eu falei: 'Eu consigo penetrar lá. Se deixar na minha mão eu faço um esquema. Nós vamos cair lá dentro e amos revirar esse placar aí'. O Lula estava disparado na frente dele com seis pontos. Aí eu cheguei em Barretos. Para uns eu falava que era o Pelé que eu ia levar. Fui no Rio de Janeiro, contratei o Joãozinho Trinta para fazer uma estátua da *Taça Jules Rimet* que o Brasil tinha ganho. Romário estava no auge. Isso em Julho, o rodeio era em agosto. Estava aquela vibração. Só dava Brasil! Aí eu fiz a Taça, entrei dentro e no dia pensei: como íamos chegar lá sem ninguém nos ver. Podia dar problema. Eles estavam com medo de dar rolo. Então eu disse que não vai dar nada. Vai ser bom para todo mundo e o homem vai ganhar e vai assinar a lei do rodeio. Aí, avisei os peões, falei co o Marcão [Abud Wonrath] também. Ele falou que não tinha problema. A hora que soltou o homem na pista, e eu fiz a abertura, eu 'botei' o Hino do Brasil e narrei o gol do Romário e acho que todo mundo batia palmas ali naquele momento. Porque eu acho que o locutor tem que sentir o povo, se está a hora, se não está. E ele chegou, peguei-o na mão, dei uma volta com ele na arena. Aí depois ele foi embora.

> E eu fiquei [coça a cabeça]. Aí o Fleury se desentendeu com os Independentes, eu vi o PMDB indo embora, aquela discussão e tal. O próprio presidente, que era o Mauri Abud [Wonrath] chorou e falou: 'Isso foi culpa do Asa Branca. Não estava programado isso aí'.Realmente não estava. Teve que devolver o dinheiro do patrocínio que o governo tinha dado. Aí veio tudo pro meu lado, né! Eu corri lá pro rancho do Henrique [Prata] e agradeço a ele por isso. A segurança queria entrar lá para me pegar e ele disse: 'Aqui ninguém entra, não! Aqui é particular'. E nisso o piloto já tava funcionando o meu 'helicopinho' [helicóptero] que era daqueles antigos, lembra? Aí pra eu montar no helicóptero demorava um pouquinho, era muito complicado. E o povo querendo invadir o rancho para me pegar. Aí eu montei, decolei lá para Miguelópolis [SP], fiquei ali pro lado de Minas, subi o 'corgo' [risos] [...] Não tenho ódio de Barretos. Muito pelo contrário! Naquele dia eu fiquei com raiva, lógico! Porque eu não terminei a festa [...], fui mandado embora [risos]. Aí teve aqueles problemas envolvendo a Confederação [Nacional de Rodeio] e a Federação [Nacional do Rodeio Completo] e as relações entre mim e o pessoal de Barretos ficou pior. Dizem que falei mal de Barreto. Na verdade eles quiseram fechar muitas portas pra mim. Na verdade falei o que pensava de Barretos: que era um festival. E não é mesmo? Tem de tudo lá. Lá você encontra o que quiser. Encontra até Rodeio [risos] E teve tempos que os rodeios ao estavam com campeões bons [fazendo referência aos anos de 1999, 2000 e 2001] [31]. Mas em 2000 a gente deixou essas pelejas de lado e a gente se uniu. Como eu era próximo do PSDB que já tinha o [Mário] Covas no governo de São Paulo desde 1994 e ele tinha sido reeleito [1998], e no governo dele já tinha sido aprovada a 'lei da liberdade' pelo Deputado Vanderlei Macris, o pessoal acabou confiando em mim para levar a nossa proposta pro Governo Federal. E foi assim. Eu tinha livre trânsito com o Fernando Henrique, com o Mário Covas e na Assembléia. Então eu vejo que se não fosse por conta dessas boas relações que eu tinha. Não só eu, outras pessoas também tinham, mas no mesmo nível não. O pessoal de Barretos tinha representação, Jaguariuna, Presidente Prudente também, mas era pelos clubes de rodeio e não pelos diretores, entende? Eles não tinham a proximidade que eu tinha. Tanto que em 2001, para as eleições de 2002, eu me candidatei pelo PSDB a Deputado Estadual por pressão do Mário Covas e do Fernando Henrique. Quando e precisava falar com um dos dois ou ter acesso a um dos secretários deles era só ligar para o telefone pessoal deles que eu era atendido. Agora, os outros não. Eles sempre falavam em nome dos clubes que eles representavam e não por eles mesmos. Então é isso que eu acho que foi a minha contribuição. Eu apoiei e fiz campanha pro Fernando Henrique e pro Covas e eles retribuíram esse favor com as leis que davam liberdade para o pessoal do Rodeio.

[31] Entrevista realizada em Turiuba/SP, em 14 de fevereiro de 2009.

A partir deste momento podemos afirmar que o território do rodeio autonomizou-se como um evento à parte em relação da festa do peão e às exposições agropecuárias em razão de conter práticas e sujeitos sociais específicos, logo, distintos daqueles. Com isso, tornou-se atividade econômica autônoma, adquirindo profissionais e animais especializados, bem como calendário regular com eventos que se retroalimentam. Em síntese, podemos considerar que enquanto a festa mantêm sua territorialidade ligada aos lugares nos quais se realiza o rodeio, em razão de uma maior divisão social do trabalho, engendrará uma nova territorialidade que o permitirá dialogar e intercambiar com a escala regional-nacional-internacional.

Importante esclarecer que ao considerarmos a existência de um novo tempo do território do rodeio não sugerimos o total desaparecimento do território original bem como de suas dimensões. Longe disso. O que propomos é considerar a emergência de uma nova territorialidade a partir de novas relações sociais que se estabelecem no interior daquele. Sugerimos, portanto, a emergência de uma nova fase do território. Um tempo que longe de destruir sua forma elementar, dela se nutre e incorpora novas dimensões e sentidos ao território a partir daquele.

Assim, se por um lado afirmamos que o território do rodeio incorpora novas dimensões tornando-o distinto do anterior, por outro, não sugerimos que o território original desapareça. Diferentemente do que pode aparentar, a forma embrionária da primeira fase do rodeio não desaparecerá por completo diluída na seguinte. Pelo contrário. Seus elementos constitutivos, ainda que superficialmente alterados, subsistirão ao tempo e, sob a forma amadorística, praticada em fazendas e periferias de pequenas e médias cidades brasileiras, nos chamados “centros de treinamento” para peões e animais, a ludicidade e o localismo permanecerão.

Propomos, portanto, compreender essa nova fase do território do rodeio a partir dos novos sentidos e significados que essas competições incorporaram nesse período. Em outros termos, da emergência de novas territorialidades construídas por novos sujeitos, com novos objetivos, logo, novas relações sociais que se estabelecem e se projetam naquele. Sugerimos, portanto, que a segunda fase do território do rodeio, além de trazer consigo novas dimensões, trará uma maior evidência da multiplicidade, coexistência e sobreposição de territórios resultantes de mudanças tanto quantitativas quanto qualitativas.

Para tanto, a abordagem relacional e diacrônica do território sugerida, dentre outros, por Raffestin (1993) e Souza (2009) combinada com a lógica histórica propugnada por Thompson (1979, 1981) permitem-nos apreender a constituição do território do rodeio em seu movimento, em sua processualidade, logo sua historicidade; ou seja, em seu devir.

CAPÍTULO VI

DA REGULAMENTAÇÃO À INTERNACIONALIZAÇÃO DO RODEIO: A QUARTA FASE DO RODEIO DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (2001-2006)

O objetivo desta parte do trabalho é abordar as condições materiais e imateriais que possibilitaram à *Professional Bull Riders* (PBR) territorializar-se no Brasil em 2005 e, em 2006, realizar seu primeiro campeonato brasileiro de montarias em touros com pontuação válida para a Final Mundial de Montarias em Touros da PBR EUA. Também se coloca como intento analisar criticamente tal movimento como nova forma de apropriação e reelaboração do território do rodeio no Brasil.

Para tanto, retomaremos e aprofundaremos algumas questões já ponderadas em momentos anteriores desta tese. Até porque, é a partir deste último capítulo que o primeiro fará maior sentido de existir para nossa reflexão. Sugerimos que ao contrário do que a leitura possa ter aparentado até o momento, o capítulo inicial – como apontado anteriormente, não se trata de curiosidade gratuita ou exercício diletante – que tem na constituição do território do rodeio nos EUA o seu tema, passa a ter plena relação com o todo deste trabalho a partir deste momento.

Em última análise consideramos necessária aquela reflexão como ponto de partida e análise comparativa sobre as temporalidades e as formas que os territórios assumem segundo a maneira e por quais sujeitos e agentes econômicos são apropriados. É sob esse entendimento que asseveramos a necessidade de uma geo-história do rodeio como meio para compreender tanto o desenvolvimento desigual quanto a forma plasmada pelo capital em homogeneizar os territórios em seu processo de expansão. Logo, é com base nesses argumentos que procuramos compreender a forma como a PBR se organizou desde sua formação bem como as estratégias de ação elaboradas e postas em prática nos territórios do rodeio em questão: EUA e BCP.

No caso do BCP, nos últimos trinta anos a montaria em touros passou à condição de modalidade hegemônica com grande visibilidade e investimentos tanto materiais quanto simbólicos nessa modalidade. Introduzida pela primeira vez em 1979, como competição amadora no rodeio de Barretos/SP, de lá para cá, sua trajetória distanciou-se sensivelmente daquela que deu origem ao rodeio profissional no Brasil: o cutiano. Ao que parece, nessas últimas três décadas,

também conhecidas como décadas da globalização, o rodeio brasileiro seguiu certo padrão de organização, funcionamento e promoção e ações que, ao que parece, não foram seguidas pela modalidade essencialmente nacional de montaria em cavalos. E, quando foram, organizaram-se tardiamente em relação à montaria em touros.

Trazido para as arenas brasileiras sob a influência e nas raias do imperialismo estadunidense o rodeio em touros desde suas primeiras exibições granjeou popularidade no BCP. Ao passo que sua posição era alterada no interior desse campo de poder – o território do rodeio do BCP – também eram intensificados os fluxos de informação e comunicação. Concomitante a esse processo o afrouxamento das fronteiras nacionais também permitiu que além de ideias, normas, e símbolos, também possibilitou que uma maior circulação de sujeitos sociais ligados a essa modalidade estabelecessem intercâmbio crescente com o centro gerador e difusor dos padrões organizacionais e competitivos: EUA.

Retomando algumas considerações a respeito dessa modalidade, reiteramos que uma de suas características é o acionamento da escala geográfica que articulará, definitivamente, o local ao global. Isso porque, conforme já mencionado, desde sua entrada no Brasil essa modalidade está assentada na potencialidade e virtualidade da internacionalização. Isso porque, contrariamente ao cutiano, a montaria em touros adentrou o território do rodeio do BCP plenamente estruturada, em diálogo e harmonia com o discurso hegemônico de modernização, urbanização e industrialização brasileiras. Dessa maneira, diferentemente da modalidade exclusivamente brasileira a montaria em touros guardou em si, mesmo incorporando certos elementos nacionais, as características fundamentais dessa competição estadunidense.

Se desde sua entrada a internacionalização era uma virtualidade, a partir de 1980 ela passa a se realizar. Seguindo o intercâmbio de pessoas, logo, de informações e conhecimentos entre Brasil e EUA, nas décadas seguintes esse processo mostrou-se e mais intenso e acelerado. Ao que tudo indica, esse movimento tanto escalar quanto dimensional pelo qual o território do rodeio passou desde a década de PBR instalasse no Brasil, uma *joint venture*, ou seja, uma sua filial. A entrada dessa empresa, ocorrida em 2005, constituía uma das partes do projeto de expansão daquela empresa em nível mundial.

Tanto é que naquele mesmo ano também receberam filiais da PBR a Austrália, o Canadá e o México. Por meio dessa ação, voltada a países que já contavam com as condições objetivas para sua entrada, a PBR concretizava a primeira etapa de seu projeto expansionista. Com isso, passaria a contar com campeonatos nacionais organizados ou chancelados por aquela empresa. Por meio dessa ação, orientada segundo os princípios de esporte de alto rendimento e espetáculos massivos que estruturam o território dos esportes nos EUA (PRONI, 1998, 2000), consolidava-se pela primeira vez a rede de eventos mundiais que serviriam como meio para a seleção dos melhores peões e mais aptos ao espetáculo nos EUA. Enfim, o que já havia ocorrido com o futebol e outros esportes brasileiros: a migração para os grandes centros, também teve início no rodeio brasileiro.

Tais ações nos remetem ao entendimento de Souza (2009, p.107) que, a partir de Haesbaert (2004) esclarece que "as relações capitalistas tendem, objetivamente a homogeneizar territórios e territorialidades, cristalizando-as em um plano: a unidimensionalidade do capital". Ou seja, incorporar novas áreas à expansão imperialista daquela empresa significaria claramente, torna-las homogêneas com vistas à reprodução ampliada do capital e sua concentração no centro de poder e de hegemonia desse campo.

Entre 1994 – ano de seu primeiro campeonato – e 2015, das vinte e uma finais mundiais realizadas pela PBR em *Las Vegas* (EUA) nove foram conquistadas por brasileiros[1]. Também passaram a figurar no topo do *rancking* de premiações onze brasileiros que amealharam até o presente momento[2] valores acima de um milhão de dólares[3]. Além disso, desde 2007, em média, três brasileiros tem conseguido se posicionar, a cada final, entre os cinco melhores pontuados no ano[4].

Por fim, também é visível que desde a entrada da PBR no país o fluxo de peões brasileiros tem aumentado ao mesmo tempo em que, também se

[1] Adriano Moraes (1994, 2001, 2006); Ednei Caminhas (2002); Guilherme Antonio Marchi (2008); Renato Nunes Rosa (2010); e Silvano Alves (2011, 2012 e 2014).

[2] Referimo-nos ao momento em que elaborávamos o presente Relatório de Qualificação (Julho de 2013).

[3] Para maiores informações ver: http://www.pbr.com/en/riders/all-time-money-earners.aspx?page=1#results. Acesso em: 22 de dezembro de 2015, às 21:15.

[4] Conforme informações obtidas em: http://pbrnow.com.br/pbr/sobre.php. Acesso em: 22 dezembro de 2015, às 12:01.

ampliou a participação desses peões nas finais mundiais. Nesse caso, em 2015, dos quarenta competidores quinze eram brasileiros. Nos anos anteriores os números foram menores. Em 2001 onze brasileiros dentre quarenta e três competidores. No ano de 2010 eram oito brasileiros entre os quarenta finalistas[5].

Se por um lado, nos vinte e um anos de campeonatos e existência da PBR (1994-2015) o aumento do fluxo de peões brasileiros aos eventos daquele país é visível, por outro, também são evidentes as transformações pelas quais o rodeio do BCP, especialmente os ocorridos no estado de São Paulo, sofreram nas últimas três décadas. Não estamos, com isso, afirmando que a PBR foi quem plasmou as mudanças que ainda se encontram em curso no rodeio, mas, estamos procurando identificar os interesses, os sujeitos e as ações objetivadas no espaço e deram origem a um território específico: o da montaria em touros.

Para tanto, estruturamos o presente capítulo em duas partes: a primeira retoma sua trajetória de formação e estruturação nos EUA e insere essa empresa no território do rodeio do BCP. A segunda parte procura localizar tanto no discurso quanto na prática desse novo sujeito social a lógica da mercadorização não somente do rodeio enquanto atividade econômica, mas, principalmente, aquela que coloca o peão e os animais de rodeio nesse processo convertendo seus corpos em mercadorias.

Por fim, necessário se reiterar que o recorte temporal aqui proposto leva em consideração os eventos ocorridos no território em questão. No caso, a regulamentação da profissão de peão de rodeio (2001) e a realização do primeiro campeonato brasileiro PBR de montarias em touros com pontuação válida para o *rancking* mundial (2006).

6.1. A PBR nos EUA: formação, desenvolvimento e expansão

Em 9 de novembro de 2003, no ginásio poliesportivo *Thomas & Mack Center*, na cidade de *Las Vegas,* em *Nevada*, EUA, o *bull rider* Chris Shivers[6]

[5] Conforme: http://bullriding.com.br/site/pbr-anuncia-os-39-classificados-para-a-final-mundial-2012/; http://bullriding.com.br/site/pbr-anuncia-os-43-classificados-para-a-final-mundial/ e http://pbrnow.com.br/pbr/noticia.php?n=2558 respectivamente 2012, 2011 e 2010. Acesso em: dezembro de 2015, às 12:10.

[6] Bi-campeão mundial pela PBR (2000 e 2003), com 30 anos de idade fechou a temporada 2008 na 5ª posição do *ranking* e continua em atividade.

recebia o prêmio de US$1.000.000 pela conquista do título de campeão da *X PBR World Championship*. Vencedor do circuito *Built Ford Tough Series* (BFTS), divisão principal da *Professional Bull Riders* (PBR), o primeiro *cowboy* a receber uma premiação naquele valor indicou em sua fala, diante de aproximadamente 18 mil espectadores presentes naquela noite, as mudanças que estavam em curso e que transformariam significativamente o rodeio em touros em nível mundial.

Mais claramente, o *cowboy* ao dizer *"I just can't get my eyes off all them zeros"*, ou ainda, "*richest eight seconds*", Shivers transmitia ao público presente e aos cerca de dois milhões de telespectadores daquela noite a idéia de que o *bull riding* se tornava, a partir daquele ano, um esporte lucrativo que poderia tornar um *cowboy* milionário em apenas oito segundos de atuação (PETER, 2005, p. 4-5)[7].

Natural de *Jonesville, Lousiana* (EUA), em apenas nove anos como competidor (1998 – 2006) pela PBR, Chris Shivers, além de ter sido o primeiro *cowboy* a receber US$1.000.000 em uma final de rodeio, também foi o primeiro a amealhar US$1.000.000 em prêmios durante as temporadas de 1998 a 2001; o primeiro a acumular US$2.000.000 (2003); e, também, o primeiro a alcançar a marca dos US$3.000.000 (2006) em prêmios recebidos. Em 2015 seus prêmios totalizavam U$3.900.00[8].

Outros dois *bull riders*, Mike Lee[9], de *Alvord, Texas* (EUA), e Justin McBride[10], de *Elk City*, *Oklahoma* (EUA), também são exemplos do novo tipo de *cowboy* milionário que a PBR estava projetando nas arenas de rodeio norte-americanas a partir daquele ano. O primeiro acumulou até 2015 mais de US$3.700.000 de competição profissional. Justin McBride, em seus dez anos (1999 – 2008) competindo pela PBR, foi o primeiro *bull rider* a ultrapassar a quantia dos US$5.000.000 em prêmios auferidos.

---

[7] Josh Peter é jornalista e procurou, em seu trabalho, esclarecer a formação da PBR e os conflitos que envolveram seus diretores, patrocinadores e sócios-proprietários. Para tanto, acompanhou as 27 etapas da temporada PBR 2004, Seu trabalho tem início em novembro de 2003, durante a *X PBR World Finals*, em *Las Vegas*, e conclusão em outubro de 2004, ao registrar a *XI PBR World Finals*.

[8] A partir desse momento todas informações a respeito dos valores acumulados pelos competidores foram obtidas em: http://www.pbr.com/en/riders/all-time-money-earners.aspx. Acesso em: 22/12/2015.

[9] Campeão mundial pela PBR (2004), com 25 anos de idade fechou a temporada 2008 na 8ª posição do *ranking* e continua em atividade.

[10] Bi-campeão mundial pela PBR (2005 e 2007), com 29 anos de idade fechou a temporada 2008 na 22ª posição do *ranking* e encerrou suas atividades como competidor naquele ano. Atualmente tem se dedicado à *country music* e exerce a função de comentarista de eventos da PBR.

Além dos atletas acima mencionados, nestes vinte e um anos de campeonatos realizados (1994 – 2015), a PBR fez com que outros vinte e oito *bull riders* também se tornassem milionários ao conseguirem acumular mais de US$ 1.000.000,00 em prêmios recebidos. Dentro dessa elite milionária de competidores, também conhecida como "novos *cowboys* milionários" e "*superstars*" dos rodeios em touros, encontram-se dez brasileiros como: Silvano Alves[11] que amealhou mais de US$5.500.000; Guilherme Marchi[12] que ultrapassou a soma dos US$4.800.00; Adriano Moraes[13] que acumulou mais de US$3.500.000; Renato Nunes que acumulou mais de US$ 2.900.000; Robson Palermo que ultrapassou os limites de US$ 2.900.000; e Valdiron de Oliveira que acumulou mais de US$ 2.000.000.

Conforme aponta Peter (2005) a trajetória ascendente dessa modalidade e sua conversão em uma possibilidade de grande negócio para os competidores vencedores somente teria início com a criação da PBR em dezembro de 1992 durante a *National Finals Rodeo* (NFR), realizada na cidade de *Las Vegas*.

Fundada naquele ano por vinte competidores em touros que romperam com a *Professional Rodeo Cowboys Association* (PRCA) – empresa que controlava e monopolizava as competições das diversas modalidades de rodeio nos Estados EUA desde 1975, Adriano Moraes, presente naquele evento como espectador, lembra-se que no primeiros dos dez dias das finais

> via muitos caubóis entrando e saindo de uma sala, trajando uma jaqueta vermelha. O meu inglês, infelizmente, não dava nem pra perguntar o que estava acontecendo. Algum tempo depois, fiquei sabendo: naquela sala, durante aquele evento, estava sendo fundada a PBR (KÜNSCH, 2007, p.173).

O empreendimento foi idealizado pelos campeões de *bull riding* pela PRCA, Tuff Hedeman e Cody Lambert, em aliança com um amigo de Hedeman, Sam Applebaum. Tal atitude teve como justificativa a alegação de que esta modalidade, apesar de ser reconhecidamente a mais perigosa aos *cowboys* e a que mais atraía a atenção dos espectadores, recebia a mesma premiação que as demais (PETER, 2005).

No ano seguinte, a PBR realizou um *tour* de apresentação com competições realizadas em algumas cidades do Meio-Oeste dos EUA. Por sua vez,

[11] Tri-campeão mundial pela PBR (2011, 2012, e 2014).

[12] Campeão mundial pela PBR (2008).

[13] Tri-campeão mundial pela PBR (1994, 2001, e 2006), Atualmente tem se exercido a função de diretor da PBR-EUA e PBR- Brasil. Também se ocupa em comentar eventos da PBR.

a trajetória meteórica desta empresa esportiva teve início em 1994, com a realização de sua primeira temporada em escala mundial: o *I PBR World Championship* [14]. Contando com apenas oito etapas, esse primeiro campeonato distribuiu um total de US$660.000 em prêmios durante a temporada, e US$275.000 na última etapa: a *I PBR World Finals*, realizada no *MGM Grand Garden Arena*, em *Las Vegas* [15].

Dois anos depois, em 1996, a temporada já contava com quinze etapas para pontuação e uma etapa final com os melhores ranqueados durante o ano. Somente nesta final, a *III PBR World Finals*, foram distribuídos mais de US$1.000.000 em prêmios nos quatro dias de competição – mais que o dobro da premiação então oferecida aos *bull riders* pela PRCA durante seus dez dias de competições da *National Finals Rodeo* (NFR) *Championships*.

Além disso, durante a etapa de *Las Vegas*, a PBR já anunciava os planos para a próxima temporada (1997): seria organizado um grande campeonato que contaria com dezoito etapas – excluindo a final – ocorridas em diferentes cidades e distribuiria mais de US$2.200.000 em prêmios durante o período. Deste modo, a PBR reduzia a atuação da PRCA na organização e controle dos rodeios em touros e a colocava como uma liga secundária e de menor importância no cenário do *bull riding* nos EUA (PETER, 2005).

No entanto, mais que provocar a ruptura na unidade do rodeio nos EUA, a PBR trabalhou intensamente na construção da imagem de seus competidores como exemplos de atletas bem sucedidos profissional e financeiramente. Para tanto, incorporou às suas etapas elementos estruturais que contribuíram para tornar o *bull riding* um esporte-espetáculo nos moldes de algumas ligas e campeonatos esportivos mais populares daquele país, como o a *National Basket Association* (NBA), a *National Football League* (NFL), *Major League Baseball* (MLB), a *Major Hockey League* (MHL) e, em especial, a *National Association for Stock Car* (NASCAR) (PETER, 2005).

Tais mudanças estruturais podem ser atribuídas à contratação, pela PBR, de Randy Bernard como Diretor Executivo daquela empresa. Ao assumir seu cargo, em 1995, Bernard direcionou sua atenção em transformar o *bull riding* em um

---

[14] O primeiro campeonato mundial realizado pela PBR foi vencido pelo brasileiro Adriano da Silva Moraes, detentor até o presente ano, do título de primeiro tricampeão pela PBR (1994, 2001, 2006).

[15] Até 1998 a final mundial foi realizada na MGM Garden Arena com capacidade para 17.100 espectadores. A partir de 1999 as finais da PBR passaram a ser realizadas no Thomas & Mack Center com capacidade para 19.500 pagantes (PETER, 2005).

segmento esportivo atraente, em especial, aos jovens e adeptos de esportes competitivos, emocionantes e radicais, como a NFL, NBA, e NASCAR. Para tanto, procurou encontrar potenciais patrocinadores para o circuito com vistas a estabelecer contratos para a temporada de 1996 (PETER, 2005).

Dessa maneira, aproximou a PBR de grandes empresas como a *Wrangler Jeans*, *Jack Daniels*, *Ford Trucks* e *Budweiser*. Essas marcas, por sua vez, disputavam espaço com suas respectivas rivais (*Cinch Jeans*, *Jim Beam*, *Dodge Trucks* e *Coors*) nos campeonatos sancionados pela PRCA. Além de abrir espaço comercial exclusivo às empresas interessadas em patrocinar os eventos, Bernard apontou para o "nascimento" de uma nova fase de organização e produção do rodeio. Um novo estágio de organização, promoção, e produção que colocaria, definitivamente, o rodeio no século XXI. Incorporando elementos de alta tecnologia, a PBR mudou as formas das aberturas e encerramentos tradicionais dos eventos tornando-os verdadeiros espetáculos de arena (PETER, 2005).

Segundo Peter (2005), a PBR desenvolveu um novo "*rodeo-style show with high-tech pyrotechnics, lasers, fire-works, and rock music*" que alterou as formas tradicionais do rodeio nos EUA. A ideia era disseminar o *marketing* do *bull riding* em esporte radical e unicamente encontrado na PBR, conforme expõem os mestres de cerimônia, instruídos por Randy Bernard, durante as aberturas: "*This isn't a rodeo. This is the one and only PBR*" (PETER, 2005, p.140) .

Seu *slogan*: "*PBR – Toughest Sport on Dirt the Planet*" sugere a atual lógica adotada pelos novos organizadores e promotores do rodeio: a de ser um esporte-espetáculo com características profissionais e de escopo mundial, tal como o basquete e o futebol (PETER, 2005, p.142).

Em boa medida, podemos considerar que a PBR reelaborou o velho formato das competições e projetou um novo tipo de rodeio. Todavia, em decorrência desse novo sentido, forma, e função, incorporados a essa modalidade, a PBR pode ser compreendida como a síntese de uma nova fase de desenvolvimento do território do rodeio que, se originando nos EUA, atingiria regiões do mundo onde a prática da montaria em touros já existia.

Esse novo modelo construído nos EUA pela PBR, e difundido para outras partes do globo, representa a gênese de um novo período histórico-social desta competição. Expressa outro momento, agora marcado por uma intensa reestruturação que tem modificado não apenas as formas de organização do rodeio,

mas, os próprios princípios que fundavam a existência de clubes, associações, bem como a forma de manifestação e ocorrência desses eventos em escala mundial. Colocado de outra maneira, a PBR representa uma nova forma de apropriação do território do rodeio tanto nos EUA quanto nas regiões aonde se territorializou.

Por seu turno, as transformações que sofreu atraíram, para essa empresa, outras fontes de receita além daquelas obtidas pela bilheteria, inscrições de competidores, auxílio financeiro por parte do poder público, ou empresas de pequeno porte locais onde os eventos aconteciam. As mudanças que se desencadearam permitiram ao rodeio esporte-espetáculo contar com subsídios provenientes de grandes patrocinadores para a promoção dos eventos e premiação dos seus competidores (PETER, 2005, p.250).

A esse movimento soma-se a produção e a veiculação do rodeio como esporte massivo que, assemelhado a outras modalidades esportivas em suas bases operacionais, aumentou consideravelmente seus ganhos. Esses, por sua vez, puderam ser revertidos em premiações milionárias aos competidores, ao mesmo tempo em que canalizava os melhores *bull riders* do mundo para seus campeonatos. Somente na última temporada, sem contabilizar os US$3.233.000 entregues na *XV PBR World Finals* de *Las Vegas* em novembro de 2008, foram distribuídos mais de US$10.000.000 em prêmios durante os campeonatos realizados nos cinco países em que a PBR se encontra territorializada (Austrália, Brasil, Canadá, Estados Unidos da América e México) [16].

Presente nesses países, a PBR realiza campeonatos nacionais com um sistema de pontos que permite, aos *cowboys* melhores pontuados no ano em seus respectivos países, participar da “Grande Final Mundial” em *Las Vegas*. A cada temporada são mais de 1.200 competidores disputando o título, e dentre esses competidores, encontram-se 300 brasileiros [17].

Contudo, em que pese a PBR proporcionar a possibilidade aos *cowboys* de touros contarem pontos em torneios realizados em seus países com vistas a disputar o campeonato mundial sem que precise competir nos EUA, esse é

---

[16] Conforme http://www.pbrnow.com.br/noticias/brasileiros dominam premiação nas finais 09/02/2009 – 13:23.

[17] Conforme http://www.pbrnow.com.br/noticias/brasileiros dominam premiação nas finais 09/02/2009 – 13:23.

um processo que hierarquiza e seleciona os “melhores” do mundo naquele momento para disputarem o campeonato do próximo ano.

Ou seja, os *cowboys* que se projetam em suas qualidades como atletas competitivos são atraídos e levados para a final mundial, mas, acabam se fixando nos EUA para disputar uma ou mais de uma das quatro divisões anuais da PBR, como são os casos de alguns brasileiros: Helton Barbosa, Rogério Ferreira, Paulo Crimber, Edinei Caminhas, Robson Palermo, Guilherme Marchi, Arnóbio Ferreira, Renato Nunes, Valdiron de Oliveira, Leonil Soares, Edimundo Gomes e Adriano Moraes.

De maneira mais precisa, os campeonatos nacionais anualmente realizados nesses cinco países[18] funcionam como uma seletiva anual de atletas em países com tradição nessa modalidade esportiva, mas, periféricos em termos de remuneração aos seus competidores. O mecanismo utilizado se fundamenta em leis de mercado, pois, conforme apontado anteriormente, quanto mais competitivo e emocionante, maior a potencialidade em atrair investimentos, patrocínios, espectadores, fãs e contratos de concessão e venda de direitos que lhe permita maior escopo mundial.

Portanto, a disputa travada entre os mais expressivos atletas de montarias em touros provenientes da Austrália, Brasil, Canadá, México e EUA tornou os campeonatos da PBR competitivos e atraentes a um segmento exclusivo de espectadores, telespectadores e fãs que tende a aumentar anualmente [19].

Se por um lado, até o advento da TV e do *marketing* esportivo, a bilheteria era basicamente a única fonte de receita para esse segmento e, por isso mesmo, as premiações eram menores, hoje a venda de bilhetes representa apenas uma parcela de suas receitas. Não obstante, tal fonte de rendimento ainda permanece fundamental, pois, somente na *PBR World Finals Las Vegas*, são angariados mais de US$1.000.000 em cada uma das sete noites de eventos[20].

Além disso, os ingressos para as demais etapas possuem preços médios que variam entre US$190, US$100, US$75, US$50, US$30, US$20 e US$10

---

[18] Desde 2015 a PBR estendeu sua base de atuação fixando-se na China.

[19] Em 20015 a PBR contava com 20.230.635 de fãs cadastrados (PBR MEDIA GUIDE 2015, p.5).

[20]Os números apontados a respeito da PBR, deste momento em diante, fazem referência à divisão principal do campeonato: *Built Ford Touch Series*, patrocinado, basicamente, pela *Ford*.

segundo a proximidade das cadeiras em relação à arena. Assim, cada etapa chega a arrecadar, em média, US$ 700.000.

Com vistas a atrair os recursos necessários ao pagamento dos prêmios de cada etapa, a PBR instituiu a premiação para as melhores montarias e animais de cada noite; desafios entre *cowboys* e touros; e títulos para os campeões (*cowboy* e animal) dos eventos. Os valores distribuídos aos competidores vitoriosos e melhores pontuados em cada etapa ultrapassam, em média, os U$100.000. Tais disputas se caracterizam pelo acirramento entre os envolvidos e tornam as etapas, divisões, e o próprio campeonato, altamente competitivos.

Em boa medida, os embates entre competidores e competidores; animais e *cowboys*; animais e animais; contribuem para que cada etapa tenha a "casa cheia", pois atraem, em números crescentes, fãs e aficionados por esse esporte "radical". De qualquer modo, contar com a "casa cheia" possibilita às empresas organizadoras e ampliar suas potencialidades em atrair investimentos sob a forma de *merchandising*, concessões, direitos de TV, e *endorsements* aos competidores.

Ainda nesse plano de reflexão, concordamos com Luís Fernando Pozzi (1998, p.80) que, analisando o *marketing* esportivo, aponta que, se "comparada com as audiências que a TV proporciona a certos eventos, a audiência ao vivo é relativamente insignificante, mas de fundamental importância para criar um ambiente de emoção e festa". Em outros termos, a transmissão televisiva do evento, caso este seja atrativo e "emocionante", provavelmente faça com que uma parte dos telespectadores seja convertida em espectadores. Essa estratégia é muito bem trabalhada pela PBR por meio de sessões de autógrafos de seus "astros", realizadas logo após a final de cada etapa do campeonato. Ou seja, é somente adquirindo ingressos e contribuindo para a visibilidade do campeonato que o fã pode alcançar proximidade e maior contato com seus ídolos.

Granjear visibilidade e dilatar o potencial de consumo em números de (tel)espectadores implica na ampliação de sua capacidade em atuar na concessão de venda de produtos aos espectadores e fãs. Também são alargadas as possibilidades de cessões de marcas e *merchandising*. Segundo Marcelo Murta (2009), durante a *PBR World Finals* 2015, o programa ("*media guide"*) da etapa custava US$40. Chaveiros, canecas, *buttons* e diversos outros *souvenirs* com a

marca PBR não eram comercializados por menos de US$7, e as camisetas mais baratas custavam US$50 ao consumidor.

Ademais, sendo competitiva, e a empresa construir “astros” e vencedores milionários, boa parte dos atletas de destaque tem estabelecido acordos com empresas que acreditam que a imagem daquele competidor, vinculada ao seu produto e sua implícita aceitação, irá aumentar diretamente suas vendas (POZZI, 1998). Para alguns desses competidores, as receitas provenientes de *endorsements* suplantam os valores em prêmios recebidos durante o ano todo [21].

A venda dos direitos de transmissão das etapas pela TV é outra fonte de rentabilidade ao mesmo tempo em que, ao serem televisionados, tendem a potencializar sua capacidade de granjear espectadores e fãs. No que se refere ao rodeio, desde 1990 a *Entertainment Sports Programming Network* (ESPN) detêm a exclusividade de transmissão das etapas dos campeonatos sancionados pela PRCA.

Logo, a exploração das arenas por meio da venda de espaços publicitários completa os mecanismos que formam as receitas do rodeio. Nesse caso, a chave para a obtenção de recursos significativos é ter o evento transmitido pela TV, cujas câmeras estarão dispostas de maneira a mostrar as marcas e os produtos expressos nas placas e *banners* de publicidade. Quanto mais próximos aos bretes [22] e porteiras, maior o preço, pois, são esses os espaços enquadrados na maior parte do tempo durante as transmissões. Além disso, ter uma placa ou *banner* expostos nas porteiras ou próximos aos bretes durante a *PBR World Finals* significa ser visto por mais de 500 milhões de potenciais consumidores no mundo.

Interessante notar que tal processo tem ocorrido e se intensificado, de fato, nos últimos vinte anos, na chamada “era da globalização”. Em outros termos, nesse período, conforme esclarece Jorge Caldeira (2002), a TV se

---

[21] Durante a realização da pesquisa de campo, bem como na revisão bibliográfica e consulta de fontes, encontramos grande dificuldade em definir valores de *endorsements* dos competidores. Os entrevistados que possuíam contratos entre eles (peões, locutores, salva-vidas, palhaços, porteireiros) e seus patrocinadores (empresas) foram unânimes em afirmar a existência de cláusulas contratuais que impediam a divulgação dos valores recebidos. Porém, esses mesmos entrevistados deixaram indícios que nos permitiram apontar para essa afirmação. Além disso, Dimas A. Kunsch (2007, p.201) aponta que, em 1993, o *cowboy* Adriano da Silva Moraes já recebia do Frigorífico Anglo de Barretos/SP cinco mil dólares por mês, seis passagens de ida e volta Brasil-EUA, e um automóvel no valor entre 11 e 12 mil dólares para uso pessoal em deslocamentos pelos EUA.

[22] Brete é um tipo de boxe onde o touro ou o cavalo são fechados para que o competidor possa montar antes de sair para a arena. Costumeiramente as arenas contam com seis bretes, podendo esse número variar entre quatro e oito.

converteu em instrumento privilegiado de expansão e principal responsável pela internacionalização do esporte, no caso, o rodeio. Isso porque a linguagem universal da TV permite que suas imagens sejam comercializadas, assimiladas e ressignificadas pelo mundo todo (BETTI, 2003).

Dessa maneira, ao tratarmos da contemporaneidade do território do rodeio como concebendo a existência de uma nova fase que se descortina, estamos considerando que a história do rodeio possui uma relativa autonomia em relação às demais modalidades esportivas. Além disso, tem seu próprio tempo; suas próprias crises e superações; em suma, sua cronologia própria.

Reconhecemos, portanto, que o rodeio em sua atual fase deve ser compreendido a partir de uma análise processual que nos permite identificar suas mudanças e permanências, ou seja, sua (des)continuidade, ou, conforme propõe Souza (2011) uma leitura que permita que o território e seus elementos constitutivos sejam revelados e explicados.

Se por um lado, a adoção desse procedimento objetiva conceber que o mesmo se desenvolveu de maneira lenta e gradual desde seus primeiros registros no século XIX nos EUA como rodeio-festa, até se configurar como esporte na segunda metade do século XX naquele país, por outro possibilita reconhecer nas mudanças estruturais e configuracionais, desencadeadas desde suas origens, e que continua(ra)m a ocorrer, a ação dos diferentes sujeitos sociais, seus objetivos e ações para a concretização de seus projetos políticos (RAFFESTIN, 1993; SOUZA, 2011).

Dessa forma, é possível reconhecer que logo nos primeiros anos do atual século nos EUA, o rodeio-esporte foi convertido em rodeio esporte-espetáculo permitindo-nos conceber uma nova fase do território do rodeio naquele país. Território esse que, guardadas as devidas ponderações em torno das tensões internas (PRCA/PBR), evidencia a elaboração e concretização de um projeto político e expansionista ávido por novas áreas e regiões que possam ser incorporadas à sua lógica reprodutiva.

Não obstante, esse reordenamento estrutural, responsável por uma nova fase do território em questão – que se explicita na introdução de novas diretrizes gerenciais e na transformação do rodeio em produto globalmente mercantilizado, possui uma cronologia própria em cada país que se realiza e pode

apresentar colorações, nuances e reações muito particulares em termos regionais e nacionais (SANTOS, 1999).

6.2. A PBR e suas estratégias no Brasil

Em 09 de novembro de 2008, diante de aproximadamente 18 mil espectadores presentes no ginásio poliesportivo *Thomas & Mack Center*, na cidade de *Las Vegas,* no Estado de *Nevada*, Estados Unidos da América (EUA), o brasileiro Guilherme Marchi conquistava o título de campeão mundial de rodeio em touros organizado pela *Professional Bull Riders* (PBR). Como vencedor do principal circuito da PBR, o *Built Ford Tough Series* (BFTS) – patrocinado pela *Ford Motor Company* e apresentado pela *Wrangler Jeans*, Marchi recebeu U$1.000.000 (um milhão de dólares) em prêmio e, como troféu, uma fivela de ouro cravejada de diamantes (*PBR Belt Buckle*) avaliada em mais de U$10.000 (PBR MEDIA GUIDE, 2009).

Mais que ter se tornado milionário “da noite para o dia”, a conquista rendeu ao competidor, à modalidade, bem como à PBR, maior visibilidade na mídia escrita e televisiva brasileira. Após seu triunfo, em 02 de dezembro daquele ano, Marchi foi entrevistado pela apresentadora Ana Maria Braga, no programa “*Mais Você*”, da Rede Globo de Televisão. Com imagens das montarias e da premiação de Marchi em *Las Vegas*, a apresentadora e o campeão discorreram a respeito da infância, da juventude, das derrotas, e do prêmio milionário recebido naquele ano.

Abordando cronologicamente sua trajetória nos rodeios brasileiros e estadunidenses, Marchi comentou sobre a “qualidade” dos campeonatos promovidos pela PBR comparando-os aos demais certames de rodeios nos EUA e no Brasil. Para o entrevistado, “ser campeão mundial é a realização de um sonho desde criança e ter realizado esse sonho nos EUA, disputando com os melhores peões do mundo, tem um grande significado na minha vida de competidor”.

Ao enfocar, em seu discurso, o “profissionalismo e a qualidade” dos campeonatos realizados pela PBR, o competidor procurava defender a posição de proeminência e hegemonia que aquela empresa exercia no território esportivo do rodeio em nível mundial. Para tanto, afirmava que a “montaria em touros passou por grandes mudanças desde a criação da PBR e trouxe possibilidades de reconhecimento para os bons peões dessa modalidade no mundo”.

Se por um lado, naquela ocasião, o *cowboy* pode expor sua trajetória vitoriosa de competidor ao mesmo tempo em que defendia a proeminência da PBR no território esportivo do rodeio mundial, por outro, a apresentadora e o programa televisivo não apontaram que Marchi era apenas um dos mais de 1.200 competidores filiados à PBR que haviam competido nos circuitos organizados, co-promovidos, ou sancionados por aquela empresa durante aquele ano nos cinco países em que realiza campeonatos.

Em outros termos, o enfoque da entrevista esteve centrado na trajetória de sucesso de um competidor e, possivelmente em razão disso, não se preocupou em demonstrar o "outro lado da moeda", ou seja, o quadro do programa não apresentou os sujeitos sociais, os interesses específicos, e as contradições internas desse território. Mais claramente, ao focalizar uma "história de sucesso", o programa televisivo não levou em conta as ações e os objetivos dos diversos sujeitos sociais que agem e operam no interior daquele território. Assim, ao apresentar o lado do sucesso individual, omitiu a submissão dos *cowboys* ao poder imposições do capital bem como aos interesses de empresários e grupos econômicos em reproduzir, de forma ampliada, seus investimentos.

Essa não foi a primeira aparição da PBR e dos peões brasileiros na mídia nacional. Em 16 de novembro daquele ano, portanto, uma semana após a confirmação de sua vitória, sob o título "Legião de peões brasileiros conquistam os Estados Unidos", o jornal Folha de São Paulo (FSP) dedicou em seu suplemento Folha Ribeirão, extensa reportagem de quatro páginas com peões brasileiros que haviam competido naquela final mundial de montaria em touros nos EUA. Na reportagem, além de Marchi que falou sobre a conquista, outros competidores como, Valdiron de Oliveira, Adriano Moraes, Edinei Caminhas, Leonil Santos, Renato Nunes, e Robson Palermo, foram entrevistados.

Os competidores, todos bem sucedidos nos EUA, discorreram sobre como era a vida dos *cowboys* brasileiros nos campeonatos da PBR naquele país. De maneira similar àquela do programa "Mais Você", a reportagem ocupava-se em apontar os prêmios acumulados pelos competidores e como os mesmos foram transformados em "celebridades", "estrelas do rodeio mundial" com "direito à fãs, sessão de autógrafos, empresários, e patrocinadores".

Assim, o artigo enfocava a face milionária, espetacular, e o brilhantismo da divisão de elite da PBR. Com isso, o veículo de comunicação

disseminava uma imagem unilateral e positiva do rodeio em touros na qual a ascensão social, o sucesso, e o reconhecimento de um competidor passam, primeiramente, pela adoção de um comportamento pautado pelo profissionalismo, pelo princípio de rendimento, por métodos racionais de treinamento, pelas qualidades individuais, e pela configuração esportiva que a modalidade assumiu. Além disso, assinalava que a "história de êxito da PBR" bem como de seus campeonatos estava fundamentado na visão "empresarial, no caráter esportivo e altamente competitivo" assumido e colocado em prática por aquela empresa.

Embora esse seja o discurso dominante, em momento algum houve qualquer inquietação em abordar quantos peões disputavam aquele título, ou seja, ao abordar o sucesso, a fama, e processo pelo qual os peões se tornam "celebridades" nos EUA, excluíam-se as contradições sociais e os interesses dos diversos sujeitos sociais naquele território esportivo eram diluídos na luz das "estrelas da montaria em touros".

Naquele mesmo dia, o programa dominical "Fantástico", da Rede Globo de Televisão, também veiculou extensa reportagem a respeito da *PBR World Finals*. Interessante que, tal como a FSP abordou o campeonato e seus competidores, a repórter Glauce Galavoti também enfatizou as "luzes, o brilho, a beleza e a ostentação" de *Las Vegas*. Destacou que, entre os "45 melhores competidores do mundo, oito eram brasileiros [...] que vieram buscar o sucesso e o conquistaram".

Do mesmo modo, as entrevistas reproduziram os discursos publicados na FSP e não trouxeram a lume outras dimensões do *bull riding*. Na oportunidade, Robson Palermo, premiado com U$250.000 por ter sido o vencedor da etapa de *Las Vegas* ressaltou que "se o *cowboy* estiver bom, sadio, montando bem, ele ganha um bom dinheiro aqui". Ednei Caminhas destacou que "aqui a gente é que nem artista mesmo. Aqui a gente tem sessão de autógrafos, é chamado pelo nome. Aonde a gente vai, é conhecido mesmo, e é valorizado".

O sucesso e o reconhecimento dos competidores também foram assunto para Valdiron de Oliveira que se disse "assustado com o tanto de fã que tenho aqui. Se você não vai no rodeio já procura: ah! Cadê fulano? Porque não tá vindo no rodeio?". Ao final da reportagem, foi Leonil dos Santos, campeão no *Barretos International Rodeo 2008*, que expressou a "emoção de competir em uma final mundial". A fala de Santos, fechando a reportagem, deu ênfase à realização do

sonho do competidor. De uma das janelas do hotel *Mandalay Bay*, olhando para a cidade de *Las Vegas*, o peão exclamou: “será que estou aqui mesmo? Me belisca”.

Quanto às aparições de Marchi na mídia, essas não terminaram em 2008. Continuaram no ano seguinte sendo motivo de notícia e reportagem da revista *Veja* na seção *Autoretrato*[23]. Semelhante aos trabalhos anteriores, a reportagem também esteve preocupada em focalizar a “trajetória de sucesso” e as conquistas do competidor. Ao ser questionado sobre “como é a vida de peão nos Estados Unidos”, Marchi foi enfático ao responder que “posso falar da minha. Já ganhei 3 milhões de dólares nos rodeios e sou um homem realizado. Tenho meu rancho, crio cavalos e uns bois de rodeio. Para diversificar os investimentos, abri um restaurante”.

Em seguida, comparando as competições norte-americanas às brasileiras, Marchi apontou que “lá [EUA] o rodeio é muito mais valorizado. O campeão ganha 1 milhão de dólares. No Brasil, o vencedor das provas mais importantes recebe, no máximo, uns 30.000 reais”. Por fim, ao ser indagado a respeito de seu retorno ao Brasil, o atual campeão mundial deixou claro que “estou em Dallas há cinco anos e nem penso em voltar. Quero que meus filhos cresçam aqui”. Mais uma vez, a “história de sucesso e o profissionalismo” serviram para ocultar e dissimular as contradições, os interesses dos diversos sujeitos sociais, e as lutas que se travam no interior desse território.

Assim, Marchi, Palermo, Caminhas, Oliveira, Moraes, e outros competidores que compõem o *top 45* da PBR são exemplos de uma elite de *cowboys* que a PBR produziu segundo suas estratégias de reposicionamento do interior do território dos esportes e do rodeio nos EUA. Sendo exemplos de sucesso e reconhecimento no interior do território do rodeio, esses competidores servem plenamente aos interesses do capital, pois, ao destacarem a glória, o estrelato, a fama, a riqueza, omitem as contradições sociais e os interesses dos diversos sujeitos envolvidos no desenvolvimento dessa modalidade.

Podemos reconhecer que uma das estratégias utilizadas pela PBR está assentada no uso e veiculação das imagens dos vencedores associadas à juventude e ao radicalismo. Todavia, importante frisar que a entrada da PBR somente pode ser realizada mediante a existência de uma base territorial propícia à sua apropriação. Estamos, com isso, sugerindo que não fossem as fases anteriores

[23] Autoretrato, **Veja**. Edição 2097, ano 42, n.4, Abril, 28 de janeiro de 2009, p.86.

e as transformações pelas quais o rodeio bem como a festa do peão passaram as condições objetivas para esse processo não estariam dadas.

Se em nossa leitura, o território somente tem sentido se tomado a partir de uma perspectiva relacional (REFFESTIN, 1993) e, essa perspectiva coloca em evidência os diferentes sujeitos e agentes econômicos em arranjos, alianças ou disputas pela hegemonia no território (SOUZA, 2011), significa dizer que não podemos nos furtar a interpretar as diferentes formas e objetivos pelos quais o rodeio do BCP foi apropriado pela lógica expansionista da PBR.

Sob esse entendimento, retomamos as análises previamente elaboradas na parte introdutória com vistas a aprofundar e esclarecer a processualidade do território a partir das transformações ocorridas tanto em seus elementos constitutivos quanto em suas dimensões.

No primeiro conjunto de reflexões é possível reconhecer que no plano simbólico, das representações sociais, a partir de 2001 o peão de rodeio, característico das duas fases anteriores, é superado pela imagem do atleta de rodeio. No plano das normas, o processo normativo estruturou-se plenamente a partir de um conjunto de regras provenientes do rodeio dos EUA, fato que explica a ressignificação do peão em atleta. No plano da identidade subjetiva, ao mesmo tempo em que se consolida o esvaziamento da imagem do peão de boiadeiro, de fazendas, ou mesmo de rodeio – os quais tornam-se elementos da cultura material e simbólica da festa do peão de boiadeiro – reforçam-se as características do *bull rider*, do *cowboy* atleta profissional dos EUA.

Por fim, todo esse processo de reelaboração dos elementos do território do rodeio passa, necessariamente, pela entrada de um novo sujeito social dotado de objetivos, estratégias, e *quantum* de poder assimétrico em relação aos demais sujeitos sociais que operam nesse território. Isso porque, diferentemente dos demais, a PBR incorporou o conhecimento elaborado pela PRCA, aglutinou os principais competidores, e buscou patrocinadores que investiram financeiramente para a concretização de seus objetivos.

6.3. Os corpos de peões e touros e sua mercantilização

Considerando que os corpos são produtos sociais, logo, resultados de tempos e espaços, procuramos compreender o processo de reelaboração e

ressignificação dos corpos de peões e animais no período em tela. Ora, se entendemos o corpo enquanto construção social, significa dizer que não podemos compreendê-lo fora do âmbito das forças que giram em torno dele e o constroem, o submetem e o fazem resistir (BOLTANSKI, 2004; CRESPO, 2000).

Desse modo, os corpos passam a ser resultado dos processos que se desenrolam nos tempos e espaços, realizando ou se apropriando do trabalho. Como produto social, os corpos internalizam e exteriorizam os elementos culturais que dão sentido, forma e função aos espaços e territórios nos quais estão inseridos.

Quanto ao entendimento da cultura como um processo social de produção, no qual o econômico e o cultural constituem uma totalidade indissolúvel, Nestor Garcia Canclini (1983, p.29-30) esclarece que "não existe produção de sentido que não esteja inserida em estruturas materiais. [Assim], a cultura [...] não pode ser estudada isoladamente [...] porque está inserida em todo fato sócio-econômico".

Desse modo, se procuramos compreender o corpo do peão de rodeio no atual momento histórico-social, temos que reconhecer primeiramente que "o corpo não pode ser entendido, teórica ou empiricamente, sem que se compreenda a globalização" (HARVEY, 2006 p.31).

Em função desse entendimento, consideramos pertinente compreender a relação existente entre corpo e globalização[24]. Não pretendemos, com isso, realizar uma história do corpo, pois, fugiria ao escopo desta pesquisa. Entretanto, procuramos compreender a história dos corpos envolvidos diretamente com a as mudanças operadas no território esportivo do rodeio: peões e animais.

Acreditamos que a história desses corpos poderá contribuir para a compreensão das relações de poder, dos usos, sentidos, e das desigualdades existentes no território. Mesmo porque, no território do rodeio é nos corpos, e por meio deles, que a reprodução ampliada do capital se realiza.

Para o competidor, disputar a etapa de qualquer campeonato de rodeio implica, necessariamente, a busca da vitória. Isso porque, ocupar as melhores posições no *ranking* de um campeonato significa incorporar valor e representação à sua imagem, no caso, a seu corpo que será mostrado, veiculado, e visto pelos (tel)espectadores. É por meio de uma vida esportiva bem sucedida que o

[24] Devemos essa idéia ao prof. Dr. Clifford Andrew Welch que, em nossa banca de qualificação (06/06/2008), sugeriu a realização desse capítulo.

atleta pode se projetar nesse território. Em razão disso, a ele são abertas novas possibilidades de renda, seja por meio de um primeiro contrato, seja pela renovação dos *endorsements*.

No outro lado da competição, encontram-se os animais: touros e cavalos. Não são apenas animais, mas, meios pelos quais a reprodução ampliada do capital também se realiza. São cavalos e touros com valores muito superiores aos de mercado. Alguns chegando a valer US$1.000.000. Outros possuem contratos de apresentação especiais com preços diferenciados em relação aos demais. Esses são alguns exemplos nos quais os empresários reproduzem seu capital de forma ampliada que é, por sua vez, proporcionada pelo bom desempenho dos animais nas competições.

Todavia, para que os corpos dos animais produzam a acumulação de capital nas mãos dos capitalistas, precisam disputar sua força e destreza com os peões. De preferência, peões que buscam projetar sua imagem no território precisam permanecer ao menos oito segundos sobre o dorso dos animais. A vitória do animal significa tornar possível a projeção de seu proprietário nesse território. Além disso, a eleição do melhor animal de cada etapa bem como nas disputas finais dos campeonatos tornou-se prática comum.

Mas, para que esses corpos sejam produtivos é necessário seu adestramento, seu treinamento (FOUCAULT, 1998). É necessário que o poder invista nos corpos para torna-los dóceis e adequados ao trabalho (FOUCAULT, 1995). Nesse sentido, a PBR exerce forte controle sobre os corpos de seus atletas, conforme procuramos demonstrar na seção abaixo:

6.4. Corpos no território. Território nos corpos

Em 07 de abril de 2009, no salão de convenções do Saint Paul Plaza Hotel, na cidade paulista de São José do Rio Preto, era realizado o II Seminário de Regras da *Professional Bull Riders* (PBR) Brasil. O seminário, ministrado pelo tri-campeão mundial em touros e diretor de regras da PBR EUA, Adriano Moraes, contou com 92 (noventa e dois) inscritos. Com exceção deste pesquisador, estiveram presentes diversos profissionais ligados direta ou indiretamente aos eventos promovidos por aquela empresa como, juízes, proprietários de touros,

fiscais de bretes, peões, locutores, comentaristas, presidentes de festas de peão de boiadeiro, e membros da PBR Brasil. Por ser um evento restrito, o valor de cada inscrição foi de R$ 250,00, gerando um montante aproximado de R$ 23.000,00, revertidos tanto para o pagamento das custas do hotel quanto pelo curso ministrado pelo tri-campeão mundial e diretor da PBR EUA.

Após a recepção dos inscritos, às 9 horas, o diretor da PBR Brasil, Sr. Flávio Junqueira, realizou a abertura do evento explicando que “há dois anos [2007] foi realizado o I curso de regras com o intuito de implantar e uniformizar as regras internacionais do rodeio em touros no Brasil”. Além disso, Junqueira também evidenciou que “devido ao sucesso do curso anterior, bem como pela ocorrência da III Copa do Mundo em Touros ser esse ano [2009] no Brasil, abriu-se a necessidade da realização do II curso, agora pensado como Seminário de Regras e com um tempo maior de duração [das 8 às 18 horas]”.

Em seguida, Adriano Moraes assumiu a palavra e explicou aos presentes as mudanças ocorridas no rodeio em touros nos últimos anos. Segundo Moraes, “a entrada da PBR no mundo do rodeio trouxe profundas transformações no modelo e formato das competições em touros” principalmente no que diz respeito ao “profissionalismo com que se organizam os campeonatos nos EUA bem como pelo reconhecimento desta modalidade como esporte e profissão” naquele país. Em seu entendimento, essas mudanças se relacionam, principalmente, à sua expansão em termos mundiais, pois, segundo ele, “hoje os eventos da PBR são assistidos por mais de um bilhão de telespectadores de 85 (oitenta e cinco) países”. Por isso mesmo, “os eventos da PBR devem seguir as normas de adequação de proteção aos animais bem como da lógica e plástica dos grandes esportes mundiais”.

O crescimento em número de consumidores deste tipo de esporte por meio das transmissões televisivas tem crescido não somente no mundo, mas, também no Brasil. O contrato estabelecido com o Canal Rural, em 2009, coloca mais de 60 milhões de telespectadores daquele canal como potenciais consumidores deste esporte no Brasil. Para tanto, o contrato reserva à PBR Brasil a transmissão de dois programas semanais com uma hora de duração cada (sábados e domingos das 12 horas e trinta minutos às 13 horas e trinta minutos). Por meio destes programas, são transmitidas as etapas e informados os resultados dos eventos nos EUA, Brasil, e demais países.

As informações transmitidas por Moraes surtiram efeito na platéia e encontrou eco na fala do médico veterinário, e juiz de rodeios, Edson Matsuda. Procurando contribuir com os dados apresentados pelo tri-campeão, o juiz de rodeios ressaltou que "realmente o rodeio hoje em dia ganhou alcance na mídia"[25]. Todavia, se por um lado, o "alcance do rodeio na mídia é positivo para aumentar o número de público e atrair bons patrocínios", por outro, "é negativo, pois, atrai ainda mais a atenção dos ambientalistas". E, questionando, concluiu Matsuda: "o que devemos fazer para diminuir a perseguição da Sociedade Protetora dos Animais [SPA] sobre os rodeios?".

A resposta de Moraes partiu primeiramente do potencial de crescimento, em termos de público doméstico bem como mundial, que o rodeio vem adquirindo junto ao conjunto de eventos esportivos. Tal crescimento atrai grandes patrocinadores tanto para os campeonatos quanto para os próprios atletas sob a forma de *endorsements*. Por isso mesmo, a maior preocupação da PBR, segundo Moraes, é "educar todos profissionais envolvidos direta ou indiretamente com o esporte". Isso porque, "somos profissionais e temos que agir como tal". Portanto, "nossa função é educar os atletas, profissionais, e boiadeiros, e acolher a SPA, pois, se formos profissionais demonstraremos que somos muito mais protetores dos animais que a própria SPA".

De acordo com Moraes, foi com o objetivo de "educar" os atletas e demais profissionais ligados aos eventos da PBR, que "contamos com o Comitê Disciplinar que institui normas de conduta e define punições para aqueles que não se enquadrarem nas regras estabelecidas no Livro Oficial de Regras 2009 da PBR Brasil". Antes mesmo de iniciar o detalhamento das regras para 2009, Moraes evidenciou que "não se trata de sugestão de comportamento, mas, de imposição de um padrão de conduta que tem por finalidade tratar o rodeio em touros como qualquer outro esporte". Sendo assim, a Junta de Diretores ou a administração da PBR "detêm o poder de multar, suspender, ou expulsar atletas que violem as Regras da PBR".

[25] Além dos programas de TV produzidos pela PBR, outros canais de TV aberta também contam com programas nesse formato, como são os casos dos programas: "Astros do Rodeio", produzido pela Liga Barretos de Rodeio e transmitido pela Rede Bandeirantes de Televisão aos domingos entre as 11 e 12 horas; "Rodeio Show", apresentado pelo locutor de rodeios Deny Costa Larga e transmitido pela TVI/SBT aos domingos entre as 10 e 11 horas; "Mundo do Rodeio", apresentado pelo locutor Buffallo Bill e transmitido pela Rede Bandeirantes de Televisão aos domingos entre as 9 horas e 30 minutos e 10 horas; "Programa de Rodeio Crystal Top Team", produzido pelo Circuito Crystal de Rodeio e transmitido pela Record News aos domingos entre as 11 e 12 horas.

Se por um lado, a PBR disciplinariza peões, juízes, e demais profissionais a ela ligados, por outro, também define o padrão dos touros e boiadas que participam de seus eventos. Segundo Moraes “touros ruins que não pulam, ou ruins de brete que atrapalham as montarias, com chifres, lesionados, ou com qualquer mancha de sangue nos corpos, serão considerados inapropriados”.

Uma análise mais cuidadosa dos discursos apresentados nos permite vislumbrar como o poder age sobre os corpos daqueles que estão ligados direta ou indiretamente à PBR. Vejamos, minuciosamente, alguns itens e subitens do “Livro Oficial de Regras 2009 PBR Brasil” que foram apresentados e esclarecidos neste seminário e que estão em vigor desde o início do “ano esportivo”.

1. Ação disciplinar e conduta.

1.1. – disciplina: todos os filiados estarão sujeitos a punições, multas, suspensão ou expulsão por violar as Regras da PBR. A Junta dos Diretores e/ou a administração da PBR determinarão se a ação disciplinar será imposta e qual será esta.

1.2. – Inadimplência com a Tesouraria: os filiados não poderão competir até que suas obrigações financeiras sejam quitadas com a PBR.

1.3. – Padrões de Vestuário: todos os filiados competindo em qualquer evento PBR, deverão usar camisa de manga longa, chapéu e botas de cowboy Quaisquer pessoas e ajudantes, que forem visíveis atrás dos bretes ou na arena deverão cumprir com essas exigências. A administração da PBR designará multas pelo não cumprimento.

1.4. – Coletes de Proteção para Montaria: o uso pelo competidor do colete de proteção para montaria é OBRIGATÓRIO nos eventos da PBR. Não será permitido ao competidor montar sem o mesmo.

1.5. – Brincadeiras de Mão: brincadeiras de mão dentro da arena resultarão em desclassificação e/ou multa. O pessoal oficial da PBR no evento determinará a penalidade apropriada (essa regra só existe no Brasil).

1.6. – Fraude: apresentar ou verbalizar qualquer informação fraudulenta à PBR ou aos representantes dos eventos resultarão em penalidades disciplinar.

1.7. – Bebidas Alcoólicas: estar sob influência de bebidas alcoólicas, drogas ou fumar na arena ou no fundo dos bretes de um evento da PBR resultarão em penalidades disciplinar.

1.8. – Trapacear: trapacear ou tentar trapacear resultarão em penalidades disciplinar.

1.9. – Greves: greves ou protestos de qualquer natureza resultarão em penalidades disciplinar;

1.10. – Detenção: ser detido ou culpado de crime maior constitui fundamentos para a revogação ou suspensão da filiação com a PBR.

1.11. – Hotel: a PBR é responsável pela hospedagem do competidor no hotel. Quaisquer outros tipos de débitos são de responsabilidade do competidor. Todos os profissionais da PBR e competidores que estiverem ali hospedados são obrigados a respeitar as normas do hotel e também as normas da PBR, que são, dentre outras, não ficar sem camisa fora dos quartos, não se aglomerar na porta do hotel, não fazer barulho, respeitar hóspedes e funcionários do hotel.

1.12. – Pagamento: o pagamento de premiações ou dos profissionais que for de responsabilidade da PBR será feito no término do evento pelo secretário da PBR ou no próximo dia útil pelo escritório da PBR.

Ao analisarmos esses primeiros pontos, podemos facilmente perceber o quanto a PBR exerce controle e adestra os corpos de seus filiados, desde peões até boiadeiros tornando-os corpos produtivos. Todavia, cabe salientar que esta fase precisa ser melhor explorada mediante outras pesquisas que tenham a PBR e a internacionalização da montaria em touros como tema.

Até porque, uma análise mais aprofundada e detida acerca da PBR extrapolaria o escopo deste trabalho. Em outros termos, esclarecemos que nosso intento nesta seção foi demonstrar os meios, as formas e as práticas adotadas pela PBR para territorializar-se em nível mundial.

Também não é redundante enfatizar que a existência de uma base pré-existente de montarias em touros no Brasil contribuiu significativamente para a concretização do projeto expansionista da PBR. Resta, portanto, maior aprofundamento e pesquisas acerca deste fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos demonstrar que desde seu evento fundador o rodeio estruturou-se como território específico, diferenciado embora ainda ligado à festa do peão. Também buscamos evidenciar as profundas transformações pelas quais passou. Transformações essas que, conforme nosso entendimento, resultaram da entrada de novos sujeitos sociais dotados de projetos diferenciados, novas práticas, novas relações sociais, novos símbolos e normas no território. Em outros termos, ao longo de sua trajetória o rodeio passou por diferenciadas formas de apropriação de seu território em razão da entrada de novos sujeitos sociais que passaram a operar em sua estruturação e funcionamento. Sujeitos esses que dotados de poder e objetivos variados imprimiram novas formas, sentidos, e funções ao rodeio permitindo que pudéssemos sugerir a existência de diferentes tempos ou fases do território do rodeio do BCP.

A partir da lógica histórica, da noção de evento proposta por Santos (1999) e de território proposta por Raffestin (1993), complementada por aquela sugerida por Souza (2009), elaboramos aquilo que entendemos como trajetória do território do rodeio em quatro fases: a primeira entre 1950 e 1970, a segunda entre 1971 e 1990, a terceira entre 1991 e 2000, e a quarta entre 2001 e 2006.

Em cada uma das fases procuramos localizar e apontar os elementos que compõem as partes constituintes do território: os sujeitos sociais e as relações sociais estabelecidas, os símbolos e suas representações, as normas que evidenciam os sentidos dos símbolos e relacionam-se com o conjunto de elementos pactuados, e a identidade construída e partilhada socialmente entre os integrantes desse território.

Reconhecendo que o tempo na Geografia é identificado com a noção de evento (SANTOS, 1999) procuramos identificar os sujeitos sociais e delimitar suas ações, as quais foram fundamentais para a existência de fases do rodeio. Por sua vez, foi a pesquisa de campo e a análise das fontes que nos permitiram identificar e localizar os eventos e sujeitos sociais responsáveis pelas mudanças no território. Com o intuito de consolidar nosso entendimento a respeito do fenômeno pesquisado, abaixo sintetizamos nosso entendimento de cada uma das diferentes fases do território do rodeio do BCP:

Tabela 3 - Fases e Elementos Constitutivos do Território do Rodeio do BCP

Fases / Elementos	1ª FASE 1950-1970	2ª FASE 1971-1990	3ª FASE 1991-2000	4ª FASE 2001-2006
Sujeitos Sociais/Relações de Poder	Proprietários Rurais, Pecuaristas, Fazendeiros, Peões de Fazenda, Comunidade	Proprietários de Companhias de Rodeio, Tropeiros, Boiadeiros, Peões de Rodeio e de Fazendas, Sindicatos Rurais, Prefeituras Municipais, Clubes de Rodeio, Locutores, Juízes	Imprensa, Federação e Confederação Nacional de Rodeio, Empresários de Rodeio, Empresas Promotoras de Eventos, Tropeiros, Boiadeiros, Peões de Rodeio, Clubes de Rodeio, Prefeituras Municipais, Patrocinadores, Juízes, Locutores	Imprensa, Empresários e Promotores de Rodeio, Empresas Internacionais Promotoras de Rodeio, Empresas de Genética Animal, Tropeiros, Boiadeiros, Peões de Rodeio, Patrocinadores, Juízes, Locutores, Comentaristas
Elementos Simbólicos /Representações	Peão de Boiada, O Transporte de Gado	Peão de Boiada, Peão de Rodeio, Cowboy de Rodeio	Peão de Cutiano; Cowboy de Touro, Bareback, Sela Americana	Atleta de Rodeio
Norma/Elementos Pactuados	Montarias e Instrumentos Semelhantes aos Utilizados no Processo de Doma em Fazendas. Ausência de Regras e Uniformidade nas Competições	Regras e Instrumentos Inspirados no Rodeio dos Estados Unidos da América, Diversidade de Sistemas de Pontuação	Regras Pactuadas e Uniformizadas por Entidades que Passam a Organizar os Circuitos e Campeonatos de Rodeio Nacionais	Regulamentação da Profissão de Peão de Rodeio, Regras Pactuadas e Uniformizadas por Circuitos e Campeonatos de Rodeio Nacionais e Internacionais
Identidade Subjetiva /Representação do Território	Busca e Reforço do Passado Agropastoril do BCP em Contraposição ao Sul (Rodeio Gaúcho) e ao Nordeste (Vaquejada)	Difusão e Modernização do Peão de Boiadeiro do BCP Mesclando-o a Elementos do Cowboy do Velho Oeste Americano	Negação da Imagem do Peão de Boiadeiro, Reforço, Difusão e Reificação do Estereótipo do Cowboy de Rodeio Profissional Norte-Americano	Esvaziamento da Imagem do Peão de Boiadeiro, Reforço e Difusão da Imagem do Cowboy Profissional Norte-Americano

Elaboração: Cesar Gomes da Silva

Tabela 4 – Fases e Sujeitos Sociais Organizadores da Festa do Peão e Rodeio

Territórios Fases	Festa do Peão	Rodeio
1ª FASE 1950-1970	Grupo de Pessoas da Comunidade (População urbana e rural)	Fazendeiros, Peões de Fazenda e de Boiada da Comunidade (População Rural)
2ª FASE 1971-1990	Grupo de Pessoas da Comunidade (População Urbana)	Proprietários de Companhias de Rodeio e/ou Tropas, Peões de Fazenda, de Boiada, e de Rodeio
3ª FASE 1991-2000	Grupos de Pessoas da Comunidade (População Urbana)	Proprietários de Companhia de Rodeio, Tropeiros, Boiadeiros, Peões de Rodeio, Empresas de Eventos
4ª FASE 2001-2010	Grupos de Pessoas da Comunidade (População Urbana) e/ou Empresas Especializadas em Eventos	Empresários de Companhias de Rodeio, Empresas de Eventos e Shows, Empresas Especializadas em Rodeio, Profissionais do Rodeio que Diversificam Suas Atividades

Elaboração: Cesar Gomes da Silva

Tabela 5 - Eventos que Demarcam as Fases do Território do Rodeio

Tempos	Evento(s)	Sujeitos Sociais
1ª FASE 1950-1970	Primeira Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (1956)	Clube “Os Independentes”
2ª FASE 1971-1990	Formalização e Uniformização das Primeiras Regras (década de 1970)	Tropeiros e Proprietários de Companhias de Rodeio
3ª FASE 1991-2000	Primeiros Circuitos Nacionais de Rodeio – Espora de Ouro (1991) e Fivela de Ouro (1991)	Organizações Globo e Grupo Bloch (TV Manchete e Revista Manchete) e Cia de Rodeio Paulo Emílio
4ª FASE 2001-2010	Peão de Rodeio equiparado a atleta profissional (2001) – Lei 10.220/2001	Diretorias de Rodeio, Deputados Federais, Artistas Sertanejos, Entidades de Classe Ligadas ao Rodeio

Elaboração: Cesar Gomes da Silva

A interpretação das informações contidas nas tabelas 3, 4 e 5 nos permite afirmar que em sua primeira fase (1950-70) o rodeio era realizado por sujeitos locais, ligados direta ou indiretamente com a pecuária, fato que colocava o peão de boiadas e de fazenda como elementos centrais de sua existência. Tão logo, tanto os elementos simbólicos quanto as normas que regulavam sua realização fundavam-se no mundo rural e pecuário da região imediata de Barretos/SP.

Os animais para as montarias, o formato das exibições bem como os objetos utilizados para as mesmas não eram estranhos ao lugar. Pelo contrário. Provinham das fazendas da região, de seus usos e práticas cotidianas. Com isso, a partir de Barretos/SP estava sendo construída certa identidade ao BCP. Identidade essa que segundo Perinelli Neto (2002) se fundava na valorização da imagem do peão de boiadas como símbolo e representante de um momento da história regional em contraposição ao vaqueiro nordestino e as vaquejadas bem como do campeiro gaúcho e os rodeios tradicionalistas.

Em seguida, a partir da década de 1970, é possível identificar que a atuação das companhias de rodeio foi fundamental para o início de uma nova fase do território do rodeio. A difusão (tabela 6) desses eventos no estado de São Paulo bem como em áreas que compõem o BCP possibilitou que novas relações sociais bem como novas formas de apropriação do território fossem engendradas.

Tabela 6 – Difusão da Festa do Peão de Boiadeiro no Estado de São Paulo

1ª FASE 1950-1970	2ª FASE 1971-1990	3ª FASE 1991-2000	4ª FASE 2001-2010	TOTAL
10	185	162	71	428

Elaboração: Cesar Gomes da Silva

Conforme demonstra a tabela 6 o crescimento numérico desses eventos foi significativo durante a segunda fase do rodeio (Mapas 1 e 2). Esse crescimento, por sua vez, significou para os peões, tropeiros,

proprietários de boiada, locutores, e juízes de rodeio uma nova oportunidade de trabalho, uma profissão ligada às competições do rodeio. Com isso, os elementos simbólicos bem como as normas que regem o território sofrerão alterações.

O peão de boiadas ou de fazendas, que eram a peça-chave da existência do rodeio e que em torno deles, toda uma rede de significados foi construída, foram substituídos pela figura do peão profissional de rodeio que, em larga medida, assumia gradativamente recortes estadunidenses tanto em sua forma de vestir quanto no formato das competições. A identidade sugerida anteriormente começava a se afastar daquela aproximando-se gradualmente do discurso e dos processos de modernização do campo, urbanização e industrialização brasileiras. O velho peão de boiadas ou fazendas bem como seus utensílios e práticas sociais seriam, dessa maneira, lentamente substituídos por outras práticas e representação sociais: a do *cowboy* e as regras dos rodeios dos EUA.

Já, entre 1991 e 2000 podemos identificar a presença de um conjunto mais amplo e heterogêneo de sujeitos sociais bem como estranhos ao rodeio. Além das companhias de rodeio, tropeiros e proprietários de boiadas, e demais profissionais já existentes e atuantes no território, a imprensa e a mídia, empresários e promotores de eventos bem como patrocinadores passam a operar ativamente nesse território. Com isso, uma nova forma de apropriação e relações de poder se materializarão no rodeio.

No caso da mídia e imprensa, esses são os casos das redes de televisão e revistas especializadas nesse segmento. No primeiro grupo as Organizações Globo e o Grupo Bloch trouxeram uma nova lógica organizacional ao rodeio. No momento em passam a operar em conjunto e sintonia com os principais clubes e profissionais de rodeio, para a realização de seus respectivos circuitos nacionais, trazem para o interior desse território uma lógica empresarial que tanto permitiria a uniformização de regras e a constituição de campeonatos nacionais quanto possibilitaria a projeção do rodeio em escala nacional.

Quanto às revistas especializadas, a Rodeio News[1], a Rodeo Life[2] e, a Rodeio Country[3], suas publicações trouxeram uma maior e melhor sistematização de regras, a formalização do sistema de pontuação, e a uniformização do formato das competições. Concomitante a esse objetivo, o de trazer maior racionalidade organizacional ao rodeio, também serviam como instrumento de ação para atingir um público urbano que não mantinha qualquer vínculo ou relação com o mundo rural ou pecuário do BCP. Mesmo porque, embora suas editoras fossem paulistas (São José do Rio Preto e São Paulo) a distribuição das revistas ocorria nos principais centros do BCP como, as capitais dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.

Embora extintos em 1994, a experiência proporcionada pela realização dos circuitos nacionais de rodeio bem como a rede de eventos construída criaram certa base e elementos organizacionais que puderam ser apropriados e acionados pelos representantes dos principais clubes de rodeio do Brasil. Assim, em 1995 é criada a Federação Nacional do Rodeio (FNR) que, em 1996, foi transformada em Federação Nacional de Rodeio Completo (FNRC). Articulada à Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Quarto de Milha (ABQM) e à Associação dos Proprietários de Touros de Rodeio (Protouro), os clubes paulistas de rodeio de Americana, Barretos, Jaguariúna e Presidente Prudente passaram a realizar seu próprio campeonato seguindo as trilhas deixadas pelos circuitos anteriores.

Embora fundada formalmente em 2000, é possível identificar certa tendência ao monopólio exercido por essas entidades de classe. Isso

---

[1] A primeira publicação da Rodeio News é de 1992. Publicada mensalmente foi produzida pela Editora Enigma de São José do Rio Preto/SP. Possuía como representante o Escriptório Central, parte das Organizações Globo e responsável pela organização e realização do Circuito espora de Ouro.

[2] Seguimento especial da Rodeio News, com publicação em eventos especiais como a festa do peão de Barretos/SP.

[3] A primeira publicação da Rodeo Country é de 1997, produzida pela Editora Artprinter de São Paulo. Seu diretor-presidente e diretores executivos são, respectivamente, Roberto Vidal, Leonardo A. Vidal e Roberta A. Vidal. Em 2001, logo após a regulamentação da profissão de peão de rodeio, o sr. Roberto Vidal foi o responsável pela criação da Confederação Nacional de Rodeio (CNAR), onde permanece até o momento de conclusão desta pesquisa.

porque, a Protouro já atuava em sintonia e complementaridade com a FNRC desde seu primeiro campeonato em 1996 uma vez que os eventos promovidos ou sancionados pela federação deveriam contar com, no mínimo, 80 por cento de animais provenientes de tropeiros filiados à entidade. Ademais, diferentemente dos campeonatos anteriores que contavam apenas com a Montaria em Touros e o Cutiano, esses passariam a contar com oito modalidades de competições (Laço em Bezerro, Laço em Dupla, *Bulldoging*, Três Tambores, Cutiano, *Bareback*, Sela Americana e Montaria em Touro), fato que demonstra a articulação e a hegemonia exercida pelos principais grupos de poder nesse território: a FNRC, a ABQM, e a Protouro.

Por sua vez, essa hegemonia foi contestada em 1999 por meio da formação da Confederação Nacional de Rodeio (CNR). Composta por peões de rodeio, clubes de rodeio de menor projeção nacional, e demais profissionais do rodeio, a CNR buscava atuar no sentido de enfrentar o monopólio exercido pela CNR e demais entidades de classe no interior do território do rodeio. Para tanto, incentivou greves de peões com vistas a questionar valores de premiações e de contratos estabelecidos entre os profissionais do rodeio e as principais diretorias de rodeio. Todavia, ao que parece, a ausência de maior experiência organizacional e combativa bem como de consciência de classe inviabilizou o projeto idealizado pelo então presidente da entidade, o locutor Asa Branca.

Dessa maneira e, em função desse novo arranjo de forças no interior do território do rodeio um novo conjunto de elementos simbólicos foi lentamente e fortemente elaborado. O rodeio caminhava para sua estandartização, uniformização, e consequente definitiva mercadorização. O peão de boiadas ou fazendas que deram origem ao peão de rodeio tornava-se um trabalhador especializado. Vendedor de sua força de trabalho, não mais pelo simples prazer de demonstrar sua destreza, mas, de buscar a sobrevivência material e acumular premiações. Agora, as modalidades definiriam as representações sociais do peão enquanto *cowboy* de touros, cutiano, *bareback*, sela americana, ou competidor de provas funcionais. Em outros termos, o peão de rodeio modernizava-se e passava a dialogar com a

cidade, com o urbano, com o campo, e com a vitória do modelo capitalista e estadunidense de produção[4].

O resultado desse processo foi a substituição definitiva de regras e formatos locais de competições por um conjunto normativo pactuado e inspirado conforme os campeonatos e entidades de rodeio dos EUA. Com isso o rodeio, antes um fenômeno local, regional, ou nacional, poderia ser internacionalizado. Isso porque, ao ter suas competições padronizadas, senão idênticas, ao menos análogas àquelas existentes nos EUA, esse novo formato do rodeio proporcionaria estabilidade e segurança aos diferentes sujeitos sociais operarem em uma nova fase e escala do território do rodeio.

A quarta e última fase, por nós analisada[5], permite identificarmos tanto a intensa heterogeneidade de sujeitos sociais presentes e agindo no território quanto a densidade técnica incorporada ao território. Quanto ao primeiro aspecto, a heterogeneidade de sujeitos sociais, importante evidenciar que a regulamentação da profissão de peão de rodeio (2001) bem como a instituição de normas técnicas e sanitárias para a realização dos rodeios (2002) proporcionou segurança e plena estabilidade para que empresários e demais direta ou indiretamente ao rodeio viessem a investir financeiramente nessas competições.

Em razão da estandartização alcançada na fase anterior é possível reconhecer clara tendência ao monopólio exercido tanto por empresas especializadas em eventos desse *metier* quanto por diretorias dos principais rodeios do BCP. Nessa fase não somente tropeiros, proprietários de boiadas e tropas, mas, também peões e demais profissionais do rodeio passarão por

---

[4] Referimo-nos tanto à crise, colapso, e desintegração da URSS quanto à consolidação do discurso hegemônico de globalização e neoliberalismo sobremaneira reforçado na década de 1990.

[5] Esclarecemos a ênfase em “por nós analisada” em razão de considerarmos que a partir da entrada da PBR no Brasil em 2005 uma nova fase do rodeio poderá ser identificada. Isso porque, com ela novas práticas e representações sociais serão impostas ao rodeio como, a intensificação da valorização da genética animal, a internacionalição das competições, e a ampliação tanto da luta quanto da organização dos sujeitos sociais ligados ao rodeio em oposição às entidades protetoras dos animais bem como às proibições do rodeio no Brasil. Com isso estamos sugerindo a necessidade de novos estudos que se ocupem, principalmente, desse período aberto com entrada da PBR no Brasil em 2005 com a realização de seu primeiro campeonato nacional em 2006.

profundos distanciamentos entre aqueles que se organizam e gerenciam suas atividades econômicas ou profissionais como empresários e atletas e aqueles que ainda mantêm suas práticas atreladas às fases anteriores.

Em outros termos, é possível reconhecer, a partir de 2006, conforme sugere Braudel (1995), a coexistência e complementaridade de diferentes tempos do território do rodeio: a vida material, expressa nas práticas cotidianas de fazendas e periferias de pequenas cidades com seus “centros de treinamento de peões e animais para o rodeio”; a economia de mercado caracterizada pela circulação de pequenos e médios tropeiros, boiadeiros e demais profissionais do rodeio; e o capitalismo, materializado nas grandes empresas tanto promotoras desses eventos quanto organizadoras de campeonatos nacionais e internacionais detentoras de grande aporte financeiro e poder de decisão no território.

Esses são os casos das principais associações e empresas de entretenimento as quais irão formatar e promover os principais campeonatos nacionais como, o Campeonato Nacional de Rodeio (CNR) e o Campeonato Aberto de Rodeio Brasileiro (CARB), ambos organizados pela Confederação Nacional de Rodeio a partir de 2002; o Circuito Crystal, o Circuito Barretos de Rodeio, e o Campeonato PBR Brasil de Montarias em Touros, iniciados em 2006.

No que tange aos elementos simbólicos difundidos pelo rodeio nessa fase podemos reconhecer que a figura do peão foi suplantada pela do atleta profissional de rodeio. Ao que parece, a representação do peão de boiadas foi deixada pelo rodeio para uso da festa do peão de boiadeiro. Assim, enquanto o rodeio busca sua legitimação enquanto uma prática esportiva, distante do folclore e da cultura popular, a festa mantêm o culto e a ritualização do peão de boiadas. Recorrendo ao discurso e à prática do ascetismo, da secularidade, da igualdade de chances, da especialização de papeis, da racionalidade normativa, da burocracia organizacional, da quantificação, e dos recordes, as principais empresas e entidades de classe buscam difundir o rodeio como um esporte moderno ao mesmo tempo em que convertem a representação do peão de rodeio em atleta profissional.

Ademais, também as normas e a identidade subjetiva anterior cedem espaço para elementos (materiais e simbólicos) e modelos internacionais. As normas, as quais possuem a qualidade de colocar “em evidência os sentidos dos símbolos” (SOUZA, 2009, p.111) são definitivamente estandartizadas conforme um conjunto de regras e procedimentos oriundos das competições de rodeio dos EUA. A identidade subjetiva é construída e difundida a partir da imagem e representação do atleta de rodeio, ou melhor, do profissional de rodeio estadunidense.

Por fim, importante frisar que tais mudanças alteraram significativamente tanto a escala geográfica quanto o caráter das relações sociais estabelecidas entre os diferentes sujeitos sociais. Também impôs novo sentido de valor ao rodeio, conforme indica a tabela 7.

Tabela 7 – As Fases e as Dimensões do Território do Rodeio do BCP

Fases **Dimensões**	**1ª FASE 1950-1970**	**2ª FASE 1971-1990**	**3ª FASE 1991-2000**	**4ª FASE 2001-2010**
Escala Geográfica de Atuação dos Sujeitos Sociais	Local	Local-Regional	Local-Regional-Nacional	Local-Regional-Nacional-Internacional
Caráter das Relações Sociais Estabelecidas Entre os Sujeitos	Lúdico	Lúdico-Laboral	Laboral-Profissional	Profissional-Esporte
Sentidos do Valor no Rodeio	Uso	Uso-Troca	Troca-Mercadoria	Mercadoria

Elaboração: Cesar Gomes da Silva

A partir das informações da tabela 7 podemos observar que em sua primeira fase o território do rodeio possui a escala local, o caráter

lúdico, e o valor de uso como elementos definidores. Nesse momento o rodeio se inscreve como esfera de realização dos sujeitos sociais, preenchendo a partir do trabalho no campo a dimensão lúdica, as ações de trabalho representadas como diversão, como brincadeira, o que efetiva o sujeito em uma completude não econômica, mas simbólica e criativa.

Na fase seguinte é possível reconhecer a movimentação escalar do rodeio bem como a gradativa mudança nos sentidos do valor e no caráter das relações sociais estabelecidas no rodeio. Quanto ao primeiro aspecto, a escala geográfica, podemos sugerir que foram os tropeiros, os proprietários de companhia de rodeio, os peões e os demais profissionais ligados diretamente ao rodeio que lograram deslocar a escala geográfica para o nível regional. Ao que tudo indica, esse deslocamento está intimamente ligado ao aumento numérico desse tipo de evento entre 1971 e 1990 (tabela 6).

Acompanhando o deslocamento escalar o caráter das relações sociais também será alterado. Embora ainda mantenha estreita relação com a festa do peão de boiadeiro, gradativamente o rodeio incorporará o sentido de trabalho, de labor. Juntamente a essa transformação o rodeio também tenderá a substituir o valor de uso pelo valor de troca de seu espaço. Isso porque é visível que a partir da segunda fase A partir da segunda fase tem início os processos mercantis e a circulação desses eventos como mercadorias.

Já, na terceira fase é possível reconhecer o acionamento e a articulação da escala nacional. Visível a partir dos primeiros anos de 1990 em razão da entrada das Organizações Globo quanto o Grupo Bloch nesse território. Conforme apontado anteriormente, esses agentes econômicos apropriaram-se dessas competições e as converteram em campeonatos nacionais de rodeio. Em seguida, a formação da FNRC consolida a escala nacional permitindo que os principais sujeitos sociais e agentes econômicos atuem e circulem nas esferas diferentes escalas geográficas: a local, a regional, e a nacional.

Durante esse período também é consolidado o caráter laboral e mercadológico dessas competições. Convertido em mercadoria ou produto vendável os rodeios distanciarem-se do caráter lúdico e do valor de uso do

território. Consolidou-se, como já mencionado, o valor de troca e o caráter de relações de trabalho entre os diferentes sujeitos sociais. Agora não somente o peão, mas, todo um conjunto multifacetado de sujeitos sociais passará a comercializar tanto seus produtos e mercadorias quanto a vender sua força de trabalho.

Por fim, na quarta fase é possível reconhecer a consolidação ou aprofundamento de processos que já se encontravam em curso nas fases anteriores. O primeiro é o acionamento e a articulação da escala internacional desses eventos. Isso porque, conforme analisado em momento anterior, a regulamentação da profissão de peão de rodeio e sua equiparação à atleta profissional ao criar plenas condições para a estandartização das competições e modalidades também contribuiu para a intensificação do intercâmbio de profissionais, ideias, capitais e empresas ligadas diretamente ao rodeio em nível internacional.

No que diz respeito ao caráter das relações sociais e aos sentidos de valor do rodeio podemos afirmar que no primeiro caso consolida-se a lógica e o caráter profissional e esportivo das modalidades. A partir de então, o peão de rodeio terá sua relação de trabalho pautada em legislação e normas trabalhistas que regulamentam a profissão de atleta profissional. Quanto ao sentido do valor esse processo ganha dimensão da efetiva circulação de mercadorias e lucro. Em outros termos, do seu sentido, escala, e caracteres das relações sociais originais, no rodeio moderno todas foram superadas. Em seus lugares, novas e adequadas dimensões e relações sociais foram elaboradas e incorporadas ao rodeio.

Acreditamos que ao concluirmos este trabalho tenhamos atingido satisfatoriamente os objetivos pretendidos pela pesquisa. A partir do objetivo geral ao qual nos propomos (proceder à elaboração de uma geografia histórica do rodeio) procuramos identificar e compreender as relações existentes entre o território do rodeio nos EUA e o território do rodeio do BCP. Em outros termos, nosso intento Mais precisamente nosso intento foi identificar a diacronia e a sincronia dos eventos que demarcam as fases e o tempo de cada território (SANTOS, 1999).

Em nossa busca por esclarecimentos pudemos reconhecer a existência não apenas de tempos e temporalidades distintas entre esses dois territórios. Mas, a concretização do desenvolvimento geográfico e desigual proporcionado, ao que parece, pela dinâmica própria de cada território, resultado esse da atuação de diferentes sujeitos sociais e possuidores de distintos objetivos no processo de constituição e transformações dos territórios em questão.

A partir do aprofundamento das leituras e reflexões sobre o tema foi possível identificar que a constituição do território do rodeio nos EUA seguiu tanto uma lógica quanto um tempo distintos daquele trilhado pelo BCP. Dessa maneira, torna-se possível reconhecer, tal como propõe Santos (1999) as diferencialidades do espaço e dos territórios. Fato que se apoia amplamente em temporalidades específicas, tanto demarcadas pelos sentidos quanto pelas formas de apropriação do território.

Ainda com relação ao objetivo geral dessa pesquisa consideramos a possibilidade de uma análise comparativa entre os territórios. Tal comparação evidenciaria a idade de cada um dos territórios. Não no sentido cronológico, mas, no sentido das técnicas (SANTOS, 1999). Nesse caso, poderíamos trabalhar com a perspectiva de que o rodeio dos EUA já encontrava-se “maduro” quando no Brasil suas primeiras formas de organização foram delineadas (1950).

Quanto aos objetivos específicos, os quais nortearam nossa caminhada, acreditamos também tê-los alcançado. Mesmo porque, uma de nossas questões a serem respondidas assentava-se na identificação e compreensão do papel da racionalidade organizativa e operacional na constituição do território do rodeio nos EUA.

Nesse caso, pudemos entender que, diferentemente do Brasil, a lógica racional, empresarial e de mercado adentrou todas as esperas da vida social desde o processo de constituição da nação, inclusive direcionando as transformações pelas quais o território do rodeio passaria ao longo de sua existência.

Aprofundando um pouco mais na questão da historicidade dos territórios afirmamos, sem receio de incorrer em erro, que o recorte temporal adotado por nós para compreender as mudanças processadas no território do rodeio do BCP pode ser dividido e interpretado em quatro fases: a primeira entre 1950 e 1970; a segunda entre 1971 e 1990; uma terceira entre 1991 e 2000; e a quarta entre 2001 e 2006.

A divisão em tempos levou em consideração, conforme ensina Santos (1999), os eventos ocorridos no território. No primeiro período é possível identificar que a festa do peão de Barretos dá início ao território propriamente dito. A segunda fase é iniciada com a atuação de diferentes agentes econômicos e sujeitos sociais na constituição de um processo normativo. A fase seguinte tem seu começo na constituição dos primeiros circuitos de rodeio coordenados e promovidos pelas Organizações Globo e Grupo Bloch. Por fim, a última fase de nosso recorte temporal se estabelece com a regulamentação da profissão de peão de rodeio.

Com vistas a desvendar as transformações operadas no território do rodeio do BCP pautamos nossas análises na compreensão do território enquanto fenômeno em sua processualidade, em seu movimento (RAFFESTIN, 1993; SOUZA, 2011). Com isso, acreditamos ter correspondido aos objetivos da pesquisa que tinham essas questões como norteadoras de nossas reflexões.

Por fim, ainda que de maneira breve, procuramos localizar no corpo do peão e do animal as marcas do território. Considerando o corpo não como algo fechado, mas, como uma entidade aberta e porosa à dinâmica sócioespacial tentamos demonstrar em que medida o poder investido sobre os mesmos os tornam produtivos e adequados à concretização dos objetivos dos diferentes sujeitos sociais que exercem a hegemonia no território.

Acreditamos que o relevante no presente trabalho reside no fato de termos procurado, de maneira inovadora, compreender um fenômeno atual, de significativa proeminência no conjunto de atividades econômicas e de lazer no BCP. Inovadora, pois tomou o rodeio e a festa enquanto eventos e

buscou compreendê-los pela perspectiva relacional do território (RAFFESTIN, 1993, SOUZA, 2011).

Compreendemos que a nossa principal contribuição tanto à história quanto à geografia do rodeio no BCP está em oferecer uma nova leitura de fatos e processos que conformam a emergência e as transformações do território do rodeio. Uma segunda contribuição de nossa parte pode ser encontrada na proposta de seccionar, a partir de eventos significativos para a história do rodeio, o processo de desenvolvimento desse território. Uma terceira contribuição reside na proposta de abordar tanto a festa do peão de boiadeiro quanto o rodeio enquanto territórios específicos. Com isso, sugerimos que seja prescindível, nas pesquisas científicas que possuem esses eventos como tema, analisar festa do peão de boiadeiro juntamente como o rodeio. Uma quarta e última contribuição coloca a questão escalar como possibilidade de análise tanto do lugar quanto da posição do lugar nas diferentes escalas geográficas.

Por fim, destacamos como nunca é demais frisar, que nossa pretensão não é esgotar, neste trabalho, possíveis abordagens sobre o tema em questão, pois, certamente nossas reflexões deixaram de responder muitas indagações que emergiram ao longo da pesquisa e redação deste trabalho. Todavia, em razão de ser este um tema amplo, diversificado e com múltiplas possibilidades de abordagem, reiteramos a necessidade de novos trabalhos que tomem o rodeio e seu território como temas. É nesse sentido que reafirmamos nossa proposta inicial: a de contribuirmos, mesmo que minimamente, para o entendimento do rodeio do BCP.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Diores S. Comunicações entre o sul de Mato Grosso e o sudoeste de São Paulo. O comércio de gado. **Revista de História**, São Paulo, n. 105, 1976, p. 191-214.

ABREU, João C. de. **Capítulos de história colonial: 1500-1800 & os caminhos antigos do povoamento do Brasil.** Brasília: Editora UNB, 1982.

ALEM, João Marcos. Caipira e country: a nova ruralidade brasileira. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Sociologia, 1996. (Tese de doutorado em Sociologia).

_____. Rodeios: a fabricação de uma identidade caipira-sertanejo-*country* no Brasil. In: **Revista USP**. São Paulo: n. 64, dezembro/fevereiro (2004-2005), p. 94-121.

ALEXANDRINO, Fabrício. Touradas no Rio de Janeiro. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, Ed. n. 14, 01 nov. 2006. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-do-documento/touradas-no-rio-de-janeiro. Acesso em: 10 julho de 2013.

ALLEN, Michael. **Rodeo cowboys in the north american imagination.** Reno: University of Nevada Press, 1998.

ALMEIDA, Aluísio de. **Vida e morte do tropeiro.** São Paulo: Martins Editora/Edusp, 1981.

AMARAL, Rita de Cássia. Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”. São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1998. (Tese de Doutorado em antropologia).

ANDRADE, Manuel C. de. **A questão do território no Brasil.** São Paulo-Recife: Hucitec/IPESP, 1995.

_____. **A terra e o homem do nordeste.** São Paulo: Brasiliense, 1973.

ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto:** música sertaneja e modernização brasileira. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ARAÚJO, Célia R. A. Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos. Campinas: Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 2002. (Dissertação de Mestrado em História Social).

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Damará, 1994.

_____. **Da revolução**. São Paulo: Ática/Brasiliense, 1988.

AVILA, Arthur Lima de. E da fronteira veio um pioneiro...: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932). Porto Alegre: Departamento de História/UFRS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

BACELAR, Carlos de Almeida Prado. O apogeu do café na Alta Mogiana. In: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhangüera**. Uma visão regional da História paulista. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 1999.

BADIE, Bertrand. **O fim dos territórios**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

_____. **O contorno:** poder e modernidade. Rio d Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro.Educação do corpo: produção e reprodução Goiânia: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiânia, 2007. (Tese de Doutorado em Educação).

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu Boi!** O negócio da Vaquejada. Teresina: EDUSPI, 2006.

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX**: cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. E.P. Thompson e a historiografia brasileira: revisões críticas e projeções. **Projeto História**. São Paulo, v. 12, 1993.

BASTOS, Ronaldo Marcos. O velódromo e o circo das touradas. In: http://www.camera2.com.br/colunista_ler.php?id=313&colunista_id=19 Acesso em 25 de março de 2012.

BATAILLE, Georges. **Theorie de la religión**. Paris: Gallimard, 1973.

BEAUVOIR, S. de. **A Força da Idade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENITES, Miguel G. **Brasil Central Pecuário:** interesses e conflitos. Presidente Prudente: Unesp/FCT, 2000.

BERNARDES, Carmo. O gado e a largueza das Gerais. **Estudos Avançados.** IEA/USP, v.9, n.23, jan./abr. 1995, p.44-45.

BESANKO, David; DRANOVE, David; SHANLEY, Mark & SCHAEFER, Scott. **A economia da estratégia**. São Paulo: Bookman, 2006.

BLOCH, Marc. **Introdução à História.** Lisboa: Europa América, 1941.

BOLT, Christine; LEE, Robert. A Nova Inglaterra na Nova Nação. In: BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard. **Introdução aos estudos americanos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1981.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BOLTON, Herbert Eugene. **The Spanish borderlands**: A chronicle of the Old Southwest and Florida. Albuquerque: University of New Mexico, 1996.

_____. The epic of a greater America. **American Historical Review.** n.35, vol.3, 1932, p.448-474.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. O mercado dos bens simbólicos. In: MICELI, Sérgio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOZZANO, Horacio. **Territorios reales, territorios pensados, territorios posibles**: aportes para uma teoria territorial Del ambiente. Buenos Aires: Espacio, 2000.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte:** uma introdução 3.ed. Ijuí: Unijuí, 2005 (Coleção educação física).

_____. Esporte, história e cultura. In: PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo de F.(Orgs.). **Esporte:** história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

BRANDÃO, Carlos R. **a cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XII-XVIII**: I. As estruturas do cotidiano. II. Os jogos da troca. III. O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 3v.

BRIOSCHI, Lucila Reis. **Entrantes o sertão do Rio Pardo:** o povoamento da freguesia de Batatais, séculos XVIII e XIX. São Paulo: CERU, 1991.

BRIOSCHI, Lucila Reis. Fazendas de criar. In: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhangüera**. Uma visão regional da História paulista. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 1999.

BROHM, Jeen-Marie. **Sociologia política del deporte.** Ciudad del México: Fondo de Cultura Econômica, 1976.

BROWN, Dee. **O faroeste.** Rio de Janeiro: Record, 1977.

CAILLOIS, Roger. **L'homme et lê sacré**. Paris: Gallimard, 1950.

CALDEIRA, Jorge. **Ronaldo:** glória e drama no futebol globalizado. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

CALDEIRA, Tereza Pires. **A política dos outros**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANO, Wilson. **Ensaios sobre a formação econômica regional do Brasil**. Campinas: Unicamp, 2002.

CARLOS, Ana F. A. A geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. **Terra Livre**. São Paulo: ano 18, vol. 1, n.18, p.161-178, jan/jun 2002.

CARVALHO FRANCO, Maria S. **Homens livres na ordem escravocrata.** 3. ed. São Paulo: Kairós, 1983.

CASCUDO, Luís C. **A vaquejada nordestina e sua origem.** Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969.

_____. **Vaqueiros e Cantadores**. Porto Alegre: Globo, 1939.

CASTRO, Iná E. **O mito da necessidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. **Estudo e região:** considerações sobre o regionalismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

CHIACHIRI FILHO, J. **Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeira, 1986.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Florianópolis, 2001.

_____. **Espaço e poder.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

COCHRAN, Thomas C. A industrialização. In: WOODWARD, C. Vann (Org.). **Ensaios comparativos sobre a história americana.** Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972.

COELHO, Teixeira. Culturas híbridas. In: _____. **Dicionário crítico de política cultural:** cultura e imaginário. São Paulo: Fapesp, Iluminuras, 1997.

COHN, Gabriel. **Sociologia da Comunicação**: Teoria e Ideologia. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE RODEIO. **Circuito nacional de rodeio**. Disponível em: <http//www.cnar.org.br/circuito nacional de rodeio/>. Acesso em: 10 jul. 2005, 09:30.

_____. **Campeonato aberto de rodeio brasileiro**. Disponível em: <http//www.cnar.org.br/campeonato aberto de rodeio brasileiro/>. Acesso em: 10 jul. 2005, 10:00.

CORRÊA, Boberto L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná E; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

COSTA, Rogério H. da. Prólogo. In _____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

COSTA, Simone Pereira da. Estrada da vida: a organização do mundo dos rodeios no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. (Tese Doutorado em Ciências Sociais).

COURTINE, Jean Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo. In: SANT’ANNA, D. B. **Políticas do corpo. São Paulo:** Estação Liberdade, 1995.

COUTINHO, L. G.; FERRAZ, J. C. Apresentação: In: _____. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Brasília: IE/UNICAMP-IEI/UFRJ-FCD-FUNCEX, 1993. (Relatório Final).

CRISTAN, Mara Lúcia. O papel do trabalho na transformação do homem em macaco: estudo sobre a disciplina do trabalho do jogador profissional do Sertãozinho F.C.. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1992. (Dissertação de Mestrado em Educação Física)

DA MATTA, Roberto. **Relativizando:** uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAOU, Ana M. Tipos e aspectos do Brasil: imagens e imagem do Brasil. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

DE PAULA, Silvana Gonçalves de. Migração e ambivalência no cenário *country.* In: COSTA, Luiz Flávio Carvalho; BRUNO, Regina; MOREIRA, Renato José (Org.). **Mundo rural e tempo presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

_____. Quando o campo se torna uma experiência urbana: o caso do estilo de vida *country* no Brasil. In: **Estudos Sociedade e Agricultura.** Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. n. 17, out/2001, p. 33-53.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRYORE. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DEMATTEIS, Giuseppe. O território: uma oportunidade para repensar a Geografia. In: SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções sobre o território.** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. (p.7-11)

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O que é Realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUMÉZIL, Georges. **Fêtes es d'été et d'autome suivi de Dix questions romaines.** Paris: Gallimard, 1975.

DURKHÉIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983.

ELIADE, Mircea. **El mito del eterno retorno.** Madrid: Alianza Editorial, 1972.

_____. **O sagrado e o profano.** A essência das religiões. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1962.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ELIAS, Norbert; Eric DUNNING. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización.** México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

FAISSOL, Speridião. O problema do desenvolvimiento agrícola do sudeste do Planalto Central do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia,** ano 19, n. 1, p. 3-66, 1957.

FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. **Revista de história**. vol.1, 1950, p.03-17.

FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura, história social. **Revista Projeto História**. São Paulo: Educ, n.4, jun/1984.

FERNANDES, Bernardo M. **MST**: formação e territorialização. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramalhete. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FREDRIKSSON, Kristine. **American rodeo:** from Buffalo Bill to big business. Second Priting. Texas: Universty Press, College Station, 1993.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos.** 5. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 25.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1995.

GALLIANO, A. Guilherme. **Introdução à Sociologia.** 2. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

GARCÍA, Angel Muñoz. La moral del Avendaño respecto a los “indios toreros”. 2006. Disponível em: http://www.serbi.luz.edu.ve/pdf/rf/n49/art_04.pdf. Acesso em 20/08/2009 às 14:30.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo F. **Esporte:** história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. (Coleção educação física e esportes).

GINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. São Paulo: Schwarcz, 1989.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Unesp/Paz e Terra, 1990.

GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento:** olhares da migração gaúcha de quem partiu e de quem ficou. Dourados, UFGD, 2008.

GOLIN, Tau. **Identidades.** Questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Méritos, 2004.

_____. **A fronteira.** Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. **A ideologia do gauchismo**, Porto Alegre, Ed. Tchê, 1983.

GOMES, Paulo C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo. C. C.; CORRÊA, Roberto. L. (orgs.). **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GONÇALVES, Andréa Firmino. A festa do peão boiadeiro de Barretos/SP como encontro de culturas. Curitiba: Departamento de Geografia/UFPR, 2013. (Dissertação de Mestrado em Geografia).

GOULART, José A. **Tropas e tropeiros na formação do Brasil.** Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

GRIFFI, Giampiero. **História da Educação Física e do Esporte.** Porto Alegre: Luzzato, 1989.

GUEDES, Claudia Maria. Corpo: tradição, valores,possibilidades do desvelar. Campinas: Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1995. (Disertação de Mestrado em Educação Física).

GUIMARÃES, Alberto P. **Quatro séculos de latifúndio.** 6. ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro: 1989.

GUIMARÃES, Dulce M. P. A celebração da modernidade: A Feira e a Festa nas Exposições Agropecuárias do Nordeste Paulista. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1996. (Tese de Doutorado em História).

GUIMARÃES, Raul B. Atores políticos, representação social e produção da escala geográfica. In: MELO, Jayro Gonçalves (org). **Espiral do espaço**. Presidente Prudente: GAsPERR, 2003.

GUINZBURG. Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GUSDORF, Georges. A interdisciplinaridade. In: **Revista de Ciências Humanas**. V. I, n. 2, jul/set. Rio de Janeiro: 1977.

GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record:** the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 1978. Columbia University Press, 1978.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos.** São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Dês-territorialização e identidade:** a rede "gaúcha" no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HALL, Michael M. História oral: os riscos da inocência. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: DPH, 1992.

HARDMAN, Francisco F. **Trem fantasma:** a modernidade na selva. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1991.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 2.edição. São Paulo: Loyola, 2006a.

_____. **A produção capitalista do espaço.** 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006b.

_____. **O novo imperialismo.** 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições. IN: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **A Era dos Extremos:** o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A Era dos Impérios 1875-1914.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio B. de. **Caminhos e fronteiras.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens.** São Paulo: Perspectiva, 1980.

IANNI, Octavio. **Imperialismo e cultura.** Petrópolis: Vozes, 1976.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. À Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia e Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona, n.35, 01 de marzo de 1999, p.32-54.

_____. A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, Programa de pós-graduação em Geografia Humana, 2001. (Tese de doutorado em Geografia).

JORDAN, Terry G.. Early Northeast Texas and the evolution of Western ranching. **Annals of the Association of American Geographers**, V. 67, n.1, Mar., 1977.

KARNAL, Leandro (at al.). **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

KHOURY, Yara Maria Aun; PEIXOTO, Maria do Rosário da cunha; VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 80 p. (Princípios, 159).

KNOBLAUCH, Kelly von. A Estruturação Sócio-Espacial do Sistema Tropeiro: o caso do caminho das tropas entre Palmas e União da Vitória (PR). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin L. **Administração de Marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

KOTLER e ARMSTRONG. **Princípios de Marketing.** 9. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2004.

KÜNSCH, Dimas A. **A minha missão é montar:** história de vida do peão de rodeio Adriano Moraes. São Paulo: Editora Canção Nova, 2007.

LAKATOS, Eva M; MARCONI, Marina de A. **Sociologia Geral**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LASCH, Watson Christopher. **A cultura do narcisismo.** São Paulo: Imago, 1983.

LAWRENCE, Elizabeth Atwood. **Rodeo: as antropologist looks at the wild and the tame.** Chicago: Universidade Chicago Press, 1984.

LeCOMTE, Mary Lou. The hispanic influence on the history of rodeo, 1823-1922. **Journal of Sport History**, vol. 12, n.1, 1985.

_____. **Cowgirls of the rodeo:** pioneer professional athletes.Illinois: University of Illinois Press, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação**: o abastecimento da Corte da formação política do Brasil (1808-1842). 2.ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.

LESSA, Barbosa. **Gaúcho, o campeiro do Brasil.** Florianópolis: Letras Brasileiras, 2006.

LEWIS, W. David. O reformador como conservador: a contra-subversão protestante na república primitiva. In: COBEN, Stanley; RATNER, Lorman. **O**

desenvolvimento da cultura norte-americana. Rio de Janeiro: Editora Anima, 1985.

LÓPEZ CANTOS, Ángel. **Juegos, Fiestas y diversiones en la América Española**. Madrid: Mapfre, 1992.

MACIEL, Maria E. de S. “Marcas”. In. GONZAGA, Sérgius; FISCHER, Luiz A.; BISSÓN, Carlos A. **Nós, os gaúchos 2.** Porto Alegre: EDUFRGS, 1994.

MADEIRA FILHO, Magno de Lara. A Festa de Peão de Boiadeiro: espaço-mercadoria, indústria cultural e consumo. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas/Unesp, 2011 (Dissertação de Mestrado em Geografia).

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo na sociedade de massas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, J. G. C. Antropologia e Educação Física. In: CARVALHO, Y. M.; RÚBIO, K. **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposição sobre festas brasileiras. IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MAIA, Doralice Sátyro. Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa. São Paulo: Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2000 (Tese de Doutorado em Geografia Humana).

MAMIGONIAN, A. Notas sobre os frigoríficos do Brasil central pecuário. In: **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n.51, jun, 1976, p.10-14.

MANDELL, Richard. **Historia cultural del deporte**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2006.

MANKIW, N. G. **Introdução à Economia**: Princípios de Micro e de Macroeconomia. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MANTECÓN, María del Carmen Vásquez. Origens y devenir de los juegos com caballos y toros em el México campirano: la diversión del coleadero. In: **Históricas**. México, Boletín del Instituto de Investigaciones Históricas, n. 83, 2008, p.2-13. Disponível em: http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/boletin/pdf/bol83/bol8301.pdf Acesso em 12/07/2015.

MARCHI JR, Wanderley. "Sacando" o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). Campinas: Faculdade de Educação Física/Unicamp, 2001 (Tese de Doutorado em Educação Física).

_____. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo F. **Esporte:** história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. (Coleção educação física e esportes).

MARKOVITS, Andrei S.; HELLERMAN, Steven L. **Offside:** soccer and american exceptionalism. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001.

MARTINS, José de S. **O poder do atraso:** Ensaios de Sociologia da História Lenta. São Paulo: HUCITEC, 1994.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Espetáculo e participação: festas barrocas nos "30 pueblos e las misiones". In: https://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/3cb/documentos/096f.pdf. Acesso em 13/07/2015.

MARTINS, Roberto D. A construção do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão. Barcelona: Universitat Politécnica de Catalunya. Escola Técnica Superior D'Arquitectura. Departament de Composició Arquitectônica, 2001. (Tese Doutorado em Arquitetura).

MARX. Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **O capital:** crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1983. (vol. I).

_____. **O 18 Brumário e cartas a Kugelmann.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EPU/EDUNESP, 1974.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henry. Essai sur la nature et la fonction du sacrifice. In: MAUSS, Marcel. **Oeuvres**. Paris: Editions de Minuit, 1968.

MEIHY, José C. S. B. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Os desclassificados do ouro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

MELO, Jayro G. **Cotidiano e verdade:** ser livre é saber demolir miitos. São Paulo: Giz Editorial, 2013.

MELO, Victor Andrade. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade (ORG.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Edunesp, 2009.

_____. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil.** São Paulo: Ibrasa, 2004.

MENASCHE, Renata. Gauchismo: tradição inventada. **Estudos Sociedade e Agricultura**. 1, novembro de 1993, p.22-30.

MILITÃO, Maria de Lourdes Nunes. Ser peão, tornar cowboy: um estudo antropológico acerca da construção de identidade na festa do peão de boiadeiro. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

MILLIET, Sergio. **Roteiro do café e outros ensaios**. São Paulo/Brasília: Hucitec/INL, 1982.

MILLS, Charles Wright. **A nova classe media**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

MÍNGUEZ, Víctor. La cerimônia de jura em la Nueva España: proclamaciones fernandinas en 1747 y 1808. **Varia Historia.** Belo Horizonte, vol. 23, n.38: p.273-292, jul/dez 2007.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MONTES, Maria Lúcia; MEYER, Marlyse. **Redescobrindo o Brasil**: a festa na política. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1985.

MOREIRA, Ruy. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. **Encontros com a civilização brasileira.** Rio de Janeiro: n.16, 1979, (p.143-170).

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org). **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. 2.ed. Porto Alegre: Sulina; EdiPUC/RS, 2000.

MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1970.

MOSES, Lester G. **Wild West Shows and the images of american indians, 1883-1933.** Albuquerque: Universty of New Mexico Press, 1996.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira:** da roça ao rodeio. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEVES, D. P. O desenvolvimento de uma outra agricultura: o papel dos mediadores sociais. In. Damasceno, A. D. & Brandenburg, A. (org). **Para pensar uma outra agricultura.** Curitiba: Editora UFPR, 1998.

NOGUEIRA, Néia. **Festa do peão de boiadeiro**: onde o Brasil se encontra. São Paulo: Ícone, 1989.

NORA, P. Apresentação. In: CHAUNU, P. **Ensaios de ego-história**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: ed. 70, 1987.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

OLIVEIRA, Lélio Luiz de. As transformações da riqueza em Franca no século XIX. Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social/UNESP, 1995. (Tese de Doutorado em História).

_____. A população do Nordeste Paulista e a chegada da cafeicultura (1890-1920). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15, 2006, Caxambu. **Anais.** Campinas: ABEP, 2006

OLIVEN, Ruben. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** 6 (15), 2001. (p.40-52).

_____. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. A polêmica identidade gaúcha. **Cadernos de Antropologia** n. 4.Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, 1992a.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** 9. Reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

PADOIN, Maria Medianeira. Cultura Rio-Grandense: o gaúcho e a identidade regional. In. **Rio Grande do Sul:** quatro séculos de História. QUEVEDO, Júlio (org.). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

PAIVA, Paiva. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PALADINO, Fructuoso R. **O espaço Rio-Grandense na Bacia do Prata**. São Paulo: FTD, 1994.

PALHETA DA SILVA, João Márcio. Poder Governo e Território em Carajás. Presidente Prudente: Departamento de Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia/Unesp, 2004. (Tese de Doutorado em Geografia).

PALOMAR, Cristina. El papel de la charreria como fenômeno cultural en la construcción del Occidente de México. **Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe.** N. 76, abril de 2004 (p.83-98).

PARKER, S. A sociologia do lazer. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PERKINS, Willian. **Three Years in California** : William Perkins' Journal of Life at Sonora, 1849 – 1852. University of California, 1964.

PASSERON, Jean-Claude. **O raciocínio sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEIRANO, Mariza. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica (Prefácio). In: _____ (Org.). **O dito e o feito:** Ensaios de Antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Damará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. vol. 12 (p.3-11).

PERINELLI NETO, Humberto. A construção da paisagem do sertão no Brasil moderno: investigando e interpretando a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (1956-1972). Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Programa de Pós-Graduação em História, 2002. (Dissertação Mestrado em História).

_____. Nos quintais do Brasil: homem, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854/1931). Franca/UNESP, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2009. (Tese Doutorado em História).

PIMENTA, Thiago F. F.. A constituição de um sub-campo do esporte: o caso do Taekwondo. Curitiba: Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2007. (Dissertação de Mestrado em Sociologia).

PIMENTEL, Sidney Valadares. **O chão é o limite**: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

PORTER, M.E. **Estratégia competitiva:** técnicas para análise de indústrias e da concorrência. Campus: Rio de Janeiro, 1991.

POSSAS,M. L. **Estruturas de Mercado em Oligopólio**. São Paulo: Hucitec, 1985.

PRADO JR. Caio. **Formação do Brasil contemporâneo:** colônia. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. **História econômica do Brasil.** 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRONI, Marcelo W. **A metamorfose do futebol.** Campinas: Unicamp/IE, 2000.

_____. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Campinas: Unicamp/Faculdade de Educação Física, 1998. (Tese de Doutorado em Educação Física).

_____. História do esporte: a contribuição de Ricahrd Mandell. In: **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**. Universidade Estadual de Londrina. Londrina: Anpuh, 2005.

PROJETO HISTÓRIA. **Diálogos com E.P. Thompson**. São Paulo, v. 12, 1995.

QUAINI, Massimo. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Hugo de C. **Tropas e boiadas.** Goiânia: UFG, 2001.

RAMOS, Victor Moreno. **El deporte nacional en Aguascalientes y la Villa charra "Profr. J. Refugio Esparza Reyes.** Gobierno del Estado de Aguascalientes, 2004.

RECLUS, Élisée. **O homem e a Terra, A Indústria e o Comércio.** São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2011.

RIBEIRO, José Hamilton. **Música caipira:** as 270 maiores modas de todos os tempos. São Paulo: Globo, 2006.

RIBEIRO, Júlio Cézar. A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico. Niterói: Departamento de Geografia do Instituto de Geociências/UFF, 2006. (Tese de Doutorado em Geografia).

RIGAMONTE, Rosane C. Nordestinos contemporâneos entre a metrópole e o sertão. São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1997. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

RIGAUER, Bero. **Sport and work.** New York: Columbia University Press, 1981.

RIO, G. A. P. Organizações empresariais, trajetórias espaciais e racionalidade: espaço e tempo de uma empresa de celulose. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano V, n. 8, p.101-119, jan./jun., 2000.

RIVERA, Octavio. Fiestas por los Austrias en la Ciudad de Mexico, siglo XVI. **Destiempos.com.** México, Distrito Federal, marzo-abril 2008, año 3, n.14 (p.250-261).

RODRIGUES LOPEZ, Emílio Carlos. **Festas públicas, memória e representação**: um estudo sobre manifestações políticas na Corte do Rio de Janeiro, 1808-1822. São Paulo: Humanitas/FFCL/USP, 2004.

ROSENTHAL, M. **O método dialético marxista.** Rio de Janeiro: Vitória, 1951.

ROSSETTI, José P. **Introdução à Economia.** 19ª ed., São Paulo: Atlas, 2000.

SÁ, Celso P. **Núcleo central das representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1996.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena:** experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980). 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SANTOS, Boaventura de S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS. Eloína Prati dos. A riqueza cultural e mitológica do Oeste estadunidense. **Literatura em debate**: literatura e mito. v.2, n.3, 2008. http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/449. Acesso em 12 de abril de 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo: razão e emoção. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Alguns problemas atuais da contribuição marxista à Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira.** 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Técnica, espaço e tempo:** globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Editora Hucitec,1988.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A. A. de; SILVEIRA, Maria L. (org). **Território**: globalização e fragmentação. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções sobre o território.** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e nada:** ensaio de ontologia fenomênica. Petrópolis, Vozes, 2007.

_____. **As palavras**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SCHOULTZ, Lara. **Estados Unidos.** Poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2000.

SERRA, Rhodes. **Rodeio:** uma paixão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

SILVA, Alberto. **A cidade do Salvador:** aspectos seculares. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

SILVA, Álvaro Pequeno da. A festa do peão de boiadeiro de Barretos: manifestação cultural que virou negócio. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000. (Dissertação de mestrado em Administração).

_____. O peão da “festa do peão de boiadeiro”: herói ou vítima em mais do que oito segundos. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais).

SILVA, Cesar Gomes da. As exposições agropecuárias e o poder local em Araçatuba/SP. Presidente Prudente: Departamento de Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia/Unesp, 2003. (Dissertação de Mestrado em Geografia).

SILVA, Janice Theodoro da. **Descobrimentos e colonização**. São Paulo: Ática, 1987.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do Dinheiro.** João Pessoa: GREM, 2002.

SIMÕES, Maria Carolina de Miranda. Desenvolvimento local na cidade de Cassilândia: a festa do peão de boiadeiro e a construção da identidade e do sentimento de pertença. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2007. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local).

SKEWES, Juan Carlos. El rodeo, uma metáfora del tiempo viejo. **Revista Austral de Ciencias Sociales.** Valdivia, Chile: Universidad Austral del Chile, n.2, 1998. (p.69-80).

SMITH, Waldemar R. **El Sistema de Fiestas y el Cambio Económico**. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

SOARES, Priscila Gonçalves. Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora/MG: o discurso do jornal O Pharol (1876-1915). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. (Dissertação de Mestrado em Educação).

SOJA, Edward. A dialética sócio-espacial. In: **Geografias pós-modernas.** A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, José Gilberto de. Limites do território. **Agrária**. São Paulo: n. 10/11, 2009, pp. 99-130.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O planejamento e a gestão das cidades em uma perspectiva autonomista. **Território**. n. 8, Rio de Janeiro: Laget/UFRJ, 2000.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo. C. C.; CORRÊA, Roberto. L. (orgs.). **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. Os orçamentos participativos e sua espacialidade: uma agenda de pesquisa. In: **Terra Livre**. São Paulo: Ano 1, n. 1, 1986 (p.39-58).

STONE, Gregory. P. Relaciones semánticas del deporte en la sociedad de masas(através del ejemplo del deporte americano). In: LUSCHEN, G.; WEIS, K. (org.) **Sociologia del deporte**. Barcelona: Miñon, 1979.

STRATTON, W.K. **Chasing the rodeo:** on wild rides and big dreams, broken hearts and broken bones, and one man's search for the west. Orlando: Harcourt, 2006.

TEIXEIRA, Sergio Alves. **Os recados das festas**: representações e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.

THOMAZ JR, Antonio. Em defesa da teoria no trabalho de campo. In: **Caderno Prudentino de Geografia.** Presidente Prudente, n.13, 1991.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** 3ª reimpressão. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em comum:** estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A formação da classe operária inglesa:** a árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, Vol. I.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Tradicion, revuelta e consciência de classe**: estudios sobre la crisis de la sociedade preindustrial. Barcelona: Cutia:1979.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TINHORÃO, José R. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

TONON, Adriana Pedroso**.** Interações do Vício: prostituição feminina e exposições agropecuárias em Barretos (1945-1960). Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social/Unesp, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).

TOSI, Pedro Geraldo. Capitais no Interior: Franca e a História da indústria coureiro-calçadista (1860-1945). Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 1998. (Tese de Doutorado em Economia).

TRILLO, Mauricio Tenorio; BENDER, Thomas; THELEN, David. Caminhando para a "desestadunização" da história dos Estados Unidos: um diálogo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, 2001, (p. 1-21).

TRINDADE, Jaelson B. **Tropeiros.** São Paulo: Editoração Publicações e Comunicação Ltda, 1992.

VANCE, Patricia de S. & ANGELO, Cláudio F. de. Fixação de preços em lojas de conveniência: estudo da influência da concentração varejista. **Revista de Administração da USP**, v. 38, n. 1, p. 25-36, São Paulo, janeiro/março, 2003.

VAUGHAN, Alden T. As origens da cultura norte-americana no século XVII. In: COBEN, Stanley; RATNER, Lorman. **O desenvolvimento da cultura norte-americana.** Rio de Janeiro: Editora Anima, 1985.

VIEIRA, Pedro Cosme da Costa. **Introdução à teoria do consumidor.** Porto: Faculdade de Economia do Porto, 2004.

VINNAI, G. **El futebol como ideología**. 7. ed. Madri: Siglo Veinteuno, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel M. **Capitalismo histórico e civilização capitalista.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2005.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1993.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria J. C. de M. **Formação do Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

WESTERMEIER, Clifford P. **Man, Beast, Dust:** the history of rodeo. Lincoln: University of Nebraska Press, 1987.

WOODEN, Wayne S.; EHRINGER, Gavin. **Rodeo in America:** Wranglers, Roughstock, & Paydirt. Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 1996.

ZEMELLA, Mafalda. **O abastecimento das Minas Gerais no século XVIII**, 2ª ed., São Paulo: Hucitec/Edusp, 1990.

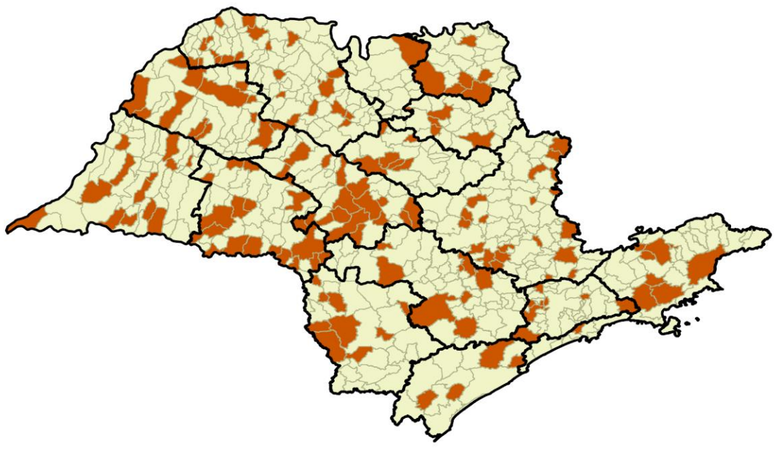
APÊNDICES

EXPANSÃO DAS FESTAS DO PEÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO POR PERÍODOS

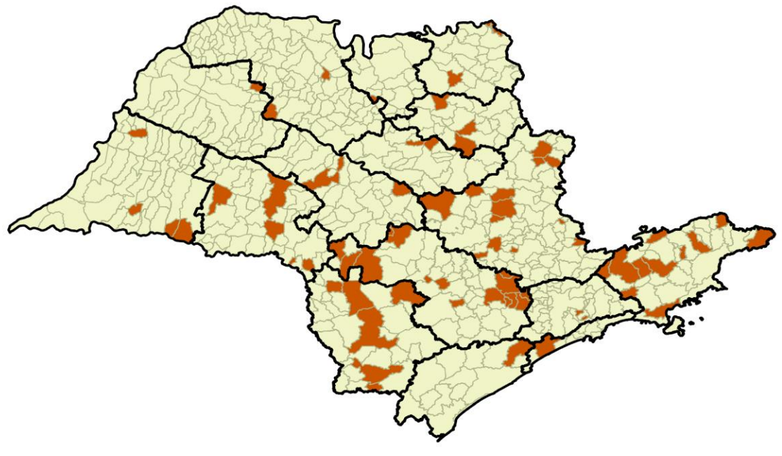
1950 - 1970

1971 - 1990

1991 - 2000



2001 - 2006



Legenda

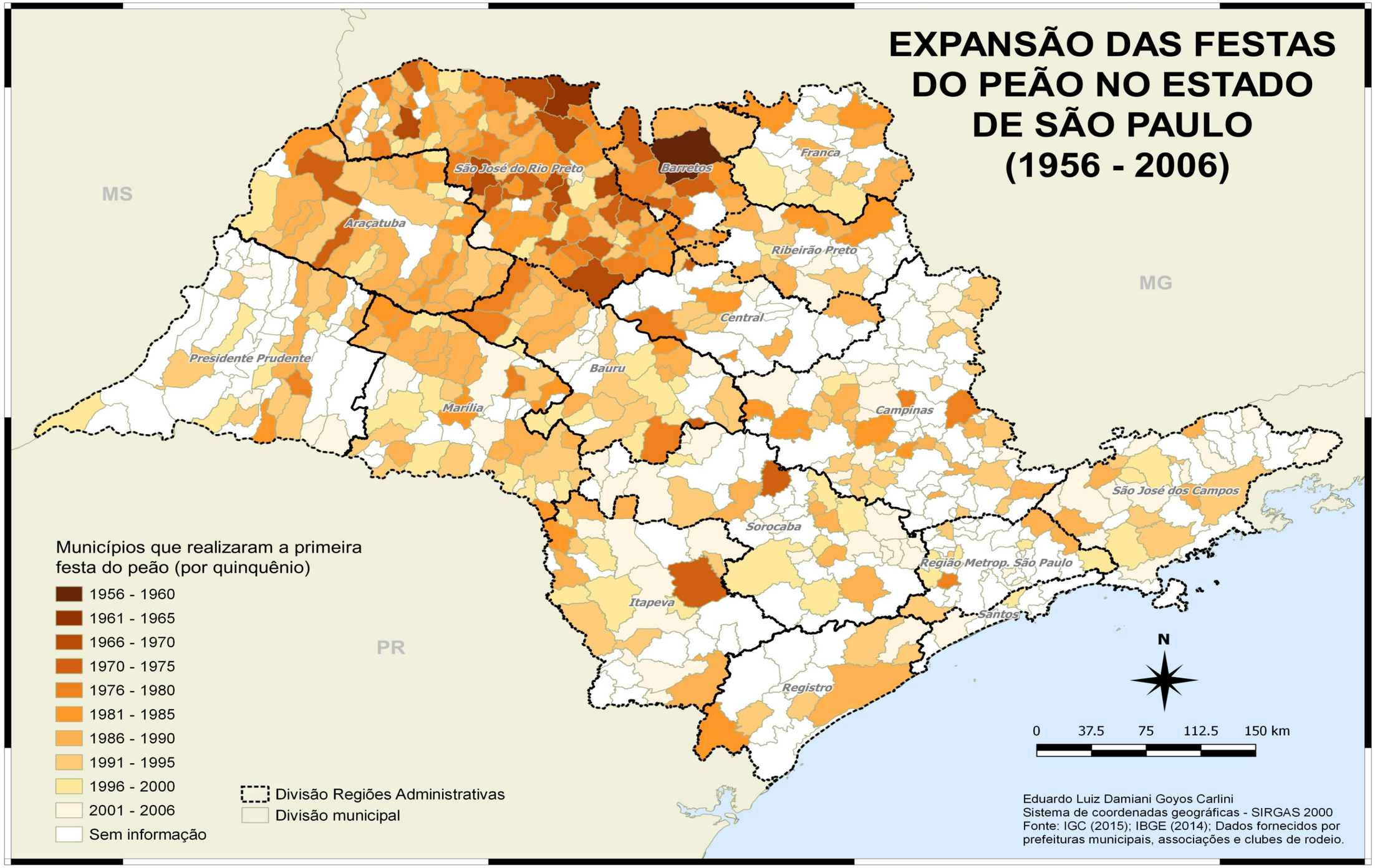
- Municípios que realizaram a primeira festa do peão
- Divisão minicipal
- Divisão regiões administrativas

N

75 0 75 150 225 300 km

Eduardo Luiz Damiani Goyos Carlini
Sistema de coordenadas geográficas - SIRGAS 2000
Fonte: IGC (2015); Dados fornecidos por prefeituras municipais, associações e clubes de rodeios.

EXPANSÃO DAS FESTAS DO PEÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO (1956 - 2006)



Municípios que realizaram a primeira festa do peão (por quinquênio)

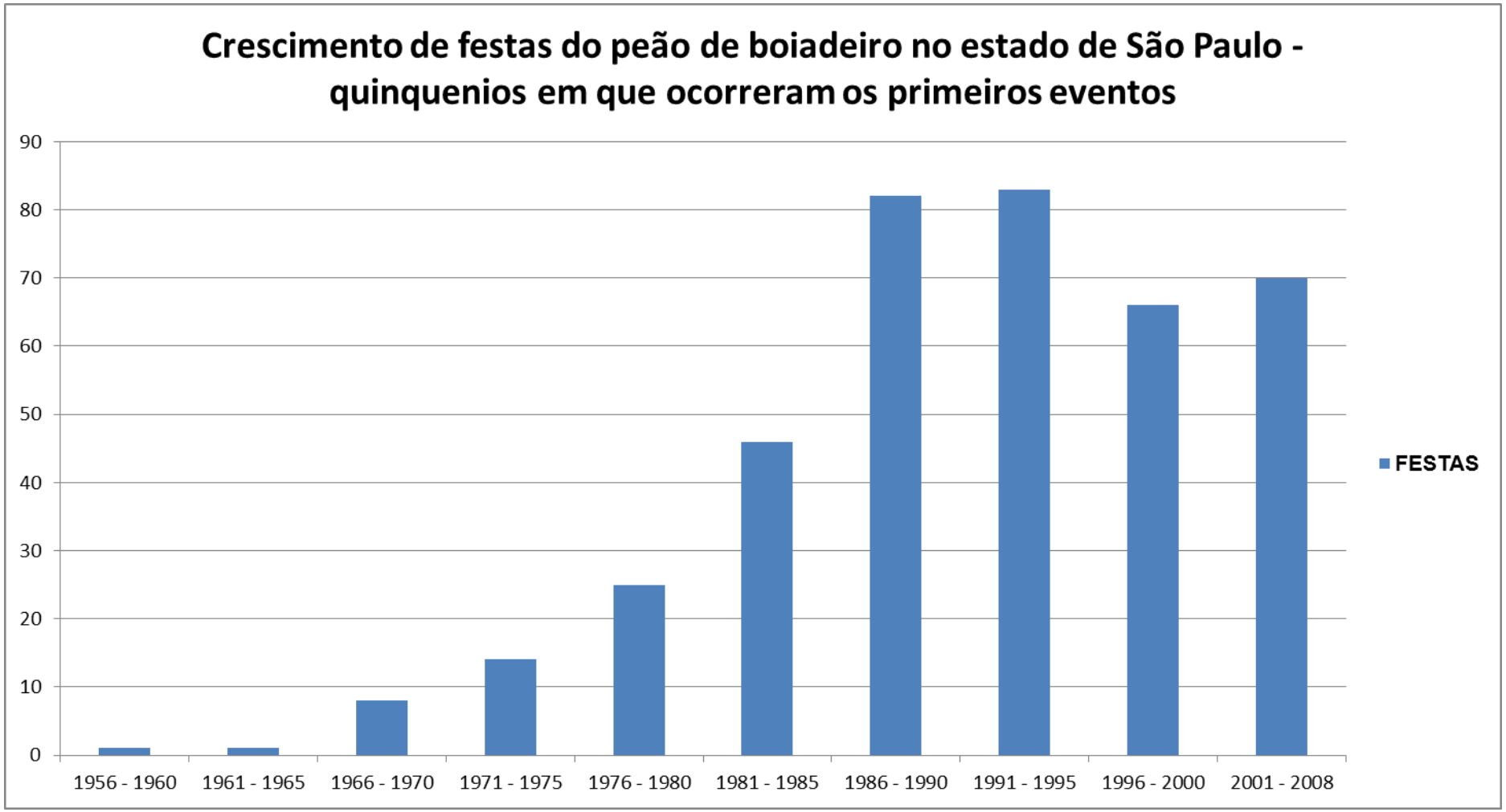
- 1956 - 1960
- 1961 - 1965
- 1966 - 1970
- 1970 - 1975
- 1976 - 1980
- 1981 - 1985
- 1986 - 1990
- 1991 - 1995
- 1996 - 2000
- 2001 - 2006
- Sem informação

- Divisão Regiões Administrativas
- Divisão municipal

Eduardo Luiz Damiani Goyos Carlini
Sistema de coordenadas geográficas - SIRGAS 2000
Fonte: IGC (2015); IBGE (2014); Dados fornecidos por prefeituras municipais, associações e clubes de rodeio.

Total e festas do peão – 645 municípios paulistas – Quinquênio em que ocorreu o primeiro evento

Região Administrativa	1956 1960	1961 1965	1966 1970	1971 1975	1976 1980	1981 1985	1986 1990	1991 1995	1996 2000	2001 2006
Araçatuba				2		5	18	8	7	1
Barretos	1			2	4	3	6	1		1
Marília					1	4	9	10	10	5
São José do Rio Preto		1	8	6	14	20	15	13	11	1
Presidente Prudente							2	5	3	4
Central				1		2	3	6	1	2
Ribeirão Preto						2	6	3	2	3
Registro						1	1	3	1	1
Santos									1	1
Sorocaba				2		2	9	7	9	22
São José dos Campos							4	5	3	11
Franca						2	4	4	3	2
Bauru				1	3		7	9	8	2
Campinas					2	5	7	16	3	13
Metropolitana de São Paulo					1		1	3	4	1
TOTAL GERAL – 326 FESTAS	1	1	8	14	25	46	82	83	66	70


Crescimento de festas do peão de boiadeiro no estado de São Paulo - quinquenios em que ocorreram os primeiros eventos
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
1956 - 1960
1961 - 1965
1966 - 1970
1971 - 1975
1976 - 1980
1981 - 1985
1986 - 1990
1991 - 1995
1996 - 2000
2001 - 2008
FESTAS